

"A LITERATURA POLICIAL GANHA UM NOVO ESCRITOR."  
- TOMO LITERÁRIO

# TEU PE CA DO



WELLINGTON BUDIM





COPYRIGHT © by Editora Skull 2019  
COPYRIGHT © 2019 – Wellington Budim

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação, ou quaisquer outros, sem autorização prévia, por escrito, da editora. Esta é uma obra de ficção

**Capa**  
Marcus Pallas

**Finalização de Capa**  
Alice Prince

**Revisão**  
Regina Vasconcelos

**Diagramação**  
Rafael Sales

**CIP-Brasil. Catalogação na Fonte.**

**(FICHA CATALOGRÁFICA FEITA PELA EDITORA)**

BUDIM, Wellington

Teu Pecado | 2ª Ed.

São Paulo – SP, 2019

ISBN: 978-85-53037-55-1

1. Literatura brasileira 2. Terror 3. Suspense I. Título

Todos os direitos reservados, incluindo os direitos de reprodução integral ou em qualquer forma.

EDITORA SKULL  
Rua Tosca, 356, casa 4  
Jardim Brasil  
São Paulo – SP CEP: 02210-010 — Tel: (11)95885-3264  
[www.skulleditora.com.br](http://www.skulleditora.com.br)

**TEU  
PE  
CA  
DO**

**WELLINGTON BUDIM**

*Para os meus pais Cristina e Luís,  
Com todo o meu amor.*



PARTE UM

# RASTROS DE MENTIRA

# PRE FÁ CIO

# Prefácio



Quem nunca pecou, que atire a primeira pedra. É com essa premissa que Wellington Budim nos apresenta este livro que chega a sua segunda edição.

Paulistano, Budim conquistou o Brasil com sua trama e sua escrita. Ao receber o convite para prefaciar tal obra, fiquei não apenas lisonjeada, mas também honrada, pois entendo que o prefácio de um livro, principalmente deste, que recebeu diversos prêmios, deva ser redigido por um crítico ou alguém que tenha uma grande bagagem literária, classes nas quais não me vejo encaixada, contudo, se não possuo tais títulos e sou tratada como se os possuísse, sinto que tenho lugar de importância na vida daquele que me convidou para desempenhar essa nobre tarefa.

Teu Pecado é um livro completo, que mescla morte, mentira, paixão, medo, intriga, inveja... Aos poucos vamos sendo apresentados às personagens e à trama policial, digna de mestre. Com maestria, Wellington Budim vai conduzindo o leitor pelas diversas facetas do pecado, mostrando que ninguém está livre deste, ainda que, na sua concepção, por uma causa nobre.

Teu pecado é um livro eletrizante, daqueles que não conseguimos parar de ler até chegar, sem fôlego, ao ponto final.

Para finalizar, deixo aqui duas frases do livro, que o resumem muito bem:

“E o que é viver se não mentir, omitir e colecionar pecados?”

“Depois da primeira mentira, toda verdade se torna uma dúvida.”

Venha, embarque comigo nessa história, mas não sem antes responder à pergunta crucial do livro: qual o teu pecado?

**Renata Maggesi**



*Autora de O Enterro dos Ossos*

# PRÓ LO GO

# Prólogo



Ao som de gritos e assovios vindo de um aglomerado de homens bêbados e sedentos por sexo barato, uma luz se acendeu iluminando o palco, da ultrajante casa de *strippers* da Rua Augusta, o *Babylon Night Club*.

Uma claridade anêmica, que permitia apenas a visão facciosa de uma silhueta feminina. Os contornos delineados se moviam provocantemente ao ritmo da música, que excedia a excitação manifestada, realizando uma apresentação de dança insinuante, com a qual era capaz de incitar os anseios do público masculino.

A dança levava-os ao ápice da excitação, fazendo-os ter a necessidade incontrolável de posse, de ser, ainda que apenas por aquela noite, o único homem capaz de amar aquela bela mulher.

Naquele instante, princípios, respeito e família eram esquecidos e deixados do lado de fora do estabelecimento e só o prazer e o desejo sexual sustentavam-se do lado de dentro.

A pluralidade dos frequentadores também era algo notório, fosse pela faixa etária, classe social ou grupo de relacionamento.

Em sua maioria, os frequentadores do clube não se classificavam como homens solteiros ou descompromissados. Eram os casados que mais procuravam por prazer e diversão. Também não eram somente os menos favorecidos financeiramente que marcavam presença todas as noites, havia um grande número de empresários, banqueiros e magnatas, que pareciam manter certo fetiche pelo lugar decadente.

A verdade, é que o *Babylon Night Club* era uma casa de *strippers* no centro da cidade, que apesar da precariedade física, recebia célebres frequentadores, os quais pareciam ter a cobiça desbravando suas mentes, a luxúria queimando seus corpos, transcendendo a necessidade de submissão. Tratava-se apenas da busca por satisfação pessoal, experimentar aquilo que nunca possuíram, o novo e o desconhecido;

realizando os desejos que aquelas dançarinas estimulavam em suas mentes pervertidas.

Por falar em dançarina, lá estava ela, imponente e insinuante em cima do deteriorado palco de madeira rústica cheirando a mofo, oferecendo um espetáculo de dança e beleza que pouco seria apreciado. Na verdade, o que todos aqueles homens consideravam, não eram os passos minuciosamente ensaiados, era apenas o momento em que todas as roupas seriam retiradas e a nudez, enfim revelada.

Seu nome foi anunciado em voz grave e firme: Amanda Fortes, a única *stripper* a se apresentar naquele clube, usando seu nome de registro. As demais haviam escolhido um pseudônimo. O palco recebeu uma iluminação favorável, abandonando a meia luz que exibia apenas a silhueta e revelando uma jovialidade que as sombras escondiam. Um alvoroço ainda maior se formou entre os presentes.

Amanda ainda era uma garota. Talvez, se tivesse optado por dançar em um lugar respeitado, encontrasse o reconhecimento que desejava. Naquele lugar não. Ali, tudo o que conseguia eram mãos atrevidas ousando tocá-la, percorrendo seu corpo, roçando a pele e rasgando o pudor, violando princípios e deixando no lugar, apenas notas de um dinheiro de valor irrelevante. Uma humilhação diária que ela mesma não sabia responder o porquê aceitava. Simplesmente deixava que estranhos a reprimissem com gestos, palavras e ações, quando na verdade sua única vontade, era desaparecer daquele lugar. Virou-se de frente para aqueles que a assistiam. Um momento corriqueiro em que, em meio à dança e a dublagem da música, o olhar percorria por todo o salão, estudando cada um daqueles rostos, tentando decifrar as mais ousadas fantasias.

Aproximou-se mais da beirada do palco, inclinando-se sobre eles, balançando os seios e provocando-os. A excitação como reação foi perceptível e mais uma vez incontrolável. Mãos balançavam notas pelo ar. Mãos que já não possuíam a firmeza necessária para segurar o copo de cerveja e que agora acenavam descontroladas, gesticulando, ofertando a recompensa, para que apressasse a realização de suas vontades: A nudez.

Era isso o que buscavam no *Babylon*, era essa promiscuidade que os faziam voltar diversas noites por semana, sendo assim, não restava outra coisa a Amanda Fortes, senão atendê-los.

Levou as mãos às costas e desamarrou o corpete, revelando uma nudez parcial e juvenil, que acabou com qualquer autocontrole que aqueles

senhores ainda possuíam. Tinham diante de seus olhos a bela visão dos seios rosados, firmes e saltitantes ritmados às batidas da música, o que os enlouquecia ainda mais. Gritos, assovios e aplausos juntaram-se as batidas frenéticas da música, causando uma desordem descomunal.

Em meio a toda aquela euforia, ela não percebeu que um olhar a seguia em especial. Um olhar compenetrado, totalmente contrário a todos os outros. Entre aqueles homens, estava *Ele*; tão confiante de si como nenhum outro estaria.

A confiança em seus propósitos era o que o mantinha sóbrio; a certeza de que por mais que todos desejassem, cobiçassem e ofertassem as mais significativas quantias a Amanda Fortes, jamais a teriam naquela noite.

Aquela seria a sua última apresentação no *Babylon*, o fim do desejo de se tornar uma dançarina reconhecida. Os sonhos se dissipariam em poucos minutos, e a vida não seria mais a mesma na manhã seguinte.

Aquele homem que a observava sem fazer alarde, se tornaria o grande responsável por todas essas mudanças. Mas ele mantinha-se imperceptível demais para que ela desconfiasse do que estava prestes a acontecer.

Continuou a dança. Mãos impetuosas tocaram os seios, acariciaram, deslizaram pelo corpo e tentaram arrancar o que ainda restava da roupa.

— Ora, garota! Pra que tudo isso? — indagou um dos clientes afoitos em despi-la. — Se quiséssemos ver mulheres vestidas teríamos ido ao convento.

Gargalhadas grosseiras ecoaram pelo salão.

— Vamos gracinha... — Outro frequentador pegou carona nos gracejos do anterior. — Vem aqui que eu vou dar o que está precisando... Vai conhecer um homem de verdade.

A música parou. Talvez fosse coincidência acabar justamente naquele momento incômodo, porém só o que se pôde ouvir foram gritos de contestação. Amanda deixou o palco e as cortinas se fecharam na sequência, encerrando as apresentações daquela noite.

Entrou afoita no claustrofóbico cômodo o qual chamavam de camarim. O ocorrido a irritou de tal forma, que desejava o quanto antes abandonar o lugar. Queria voltar para casa, tomar um longo banho e dormir sem hora para acordar. Apenas uma garota estava presente, sentada em frente a um espelho, empenhada na árdua tarefa de remoção da maquiagem.

— Malditos! — Amanda praguejou. — São todos uns malditos filhos da puta! — Chamou a atenção da garota para si. — Velhos escrotos e

nojentos!

— O que foi que aconteceu? — Seu nome de registro era Alice Jardim e seu pseudônimo Linda Star. Estava surpresa por conta do nervosismo que acometera a amiga. — Eu nunca te vi desse jeito.

— É porque você nunca está aqui quando termino de me apresentar. Eu odeio todos eles, porcos pervertidos, que acham que são meus donos só porque pagam uma miséria para entrar nesse lugar e porque arremessaram algumas notas. — Amanda sentou-se à frente do espelho também. — Estou começando a me cansar, sabia? Está batendo o arrependimento de ter insistido por uma vaga...

E naquele momento percebeu algo que até então havia passado despercebido. Em cima do balcão que amparava todos os acessórios de maquiagem, havia um grande ramallete de rosas vermelhas.

— Uau! — exclamou extasiada, transformando o nervosismo em excitação. — Recebendo flores?

— Flores? Eu? — Alice riu. — Querida, pobre só recebe flores quando morre. As flores são pra você.

A informação a pegou desprevenida. Jamais havia recebido flores antes. Não sabia como agir; sentia-se confusa e extasiada ao mesmo tempo. Talvez nem todos os homens daquele lugar fossem insensíveis. Quem sabe não havia um, capaz de nutrir sentimentos admiráveis.

— Vamos garota — Alice a apressou. — Abra logo esse cartão e acaba com esse mistério, quero saber quem é o tão apaixonado.

Esforçando-se para derreter o gelo que a congelava e recobrar os movimentos, tomou o ramallete de rosas nos braços e puxou o envelope com o cartão. Leu em silêncio.

— Não tem assinatura. — Uma pitada de decepção tornou-se perceptível em seu rosto. — Quem manda flores caras para uma mulher e não se identifica?

Alice puxou o papel de suas mãos sem a menor cerimônia e começou a ler em voz alta:

*Amanda,*

*Escolhi rosas por serem as que mais se assemelham a sua formosura e delicadeza. E vermelhas simplesmente por carregarem a cor do amor, da paixão e do desejo. Sentimentos que foram enraizados em mim desde o primeiro momento em que meus olhos cruzaram os teus.*

*Aguardo ansioso por sua companhia em um agradável jantar hoje, logo após a sua apresentação. Estarei nos fundos do Babylon.*  
*Apaixonado como sempre.*



A porta dos fundos do *Babylon* abriu-se para uma escuridão assoladora. Somente a insuficiente claridade de um poste a alguns metros de distância impediam que o lugar se transformasse em um breu veemente. Uma brisa fria soprou o rosto de Amanda Fortes, despenteando os cabelos recém-escovados e causando um incômodo calafrio. Se a mãe estivesse ali, diria certamente que se tratava de um presságio de que algo ruim iria acontecer. E ela não estaria errada.

“*Aguardo ansioso por sua companhia em um agradável jantar.*” A surpresa instigada através das flores, e da delicadeza das palavras descritas no cartão, havia despertado comoção na dançarina. “*Hoje. Logo após a sua apresentação.*” Talvez fosse esse o fator crucial que a fez decidir ir ao seu encontro. Entre todos aqueles homens banais, havia alguém que despertava curiosidade, que havia escondido a identidade criando um mistério apazante. “*Estarei nos fundos do Babylon.*” Mas agora, do lado de fora do clube, sozinha e desprotegida do frio e da escuridão, arrependeu-se da decisão que havia tomado.

Pensou em entrar novamente, mas não teve tempo para isso. Antes que as mãos tocassem a maçaneta da porta para destravá-la, uma voz grave e ativa a deteve. O coração disparou, e as pernas fraquejaram. O admirador havia se materializado em sua frente de maneira tão despercebida, que ela chegou a se perguntar se ele estava o tempo todo ali, observando-a, feito um caçador latente à espreita do momento certo para atacar sua presa. Ela era a presa.

Os olhos dele permaneciam inertes, compenetrados exatamente como estavam minutos atrás, enquanto ela se apresentava no palco.

— Você? — perguntou confusa.

Se ainda havia controle em seu corpo, esvaiu-se naquele momento. Esperava encontrar qualquer pessoa, menos aquele homem. Ele não poderia ser o seu admirador.

“*Apaixonado como sempre.*” “Que merda! Não pode! Você não pode nutrir esse tipo de sentimento... Seria um pecado!”, pensou ela em seu momento de perturbação.

— Boa noite, Amanda! — desejou, afastando seus inquietantes pensamentos. — Amanda Fortes... É um nome marcante, forte — riu, achando graça do trocadilho.

A garota não sorriu. Mostrava-se confusa e assustada.

— O q-que você quer? — Gaguejou.

— Você parece nervosa, minha querida. O que foi? Achou que eu não sabia sobre você, sua profissão e esse lugar imundo? Não seja tola. Nenhum pecado é encoberto por tanto tempo. — Ele se aproximou, com o sorriso sarcástico tatuado em seu rosto. — Acho que temos muito que conversar.

— Não tenho nada pra falar... Não com você. — A garota virou-se e fez menção de entrar no *Night Club*.

Sentiu a mão do homem se fechar sobre seu braço e um puxão brusco os colocou frente a frente. Poucos centímetros separando seu corpo do dele.

— Por que tanta pressa, Amanda? Calma... Eu não vou te machucar!

A garota tentou gritar, mas sentiu uma das mãos sendo pressionada em sua boca, calando-a, enquanto a outra pressionava um tecido úmido em suas narinas.

“Socorro!”, pensou em gritar, mas nenhum som escapou de seus lábios.

Os sentidos foram sumindo, a visão ficando turva e o corpo perdendo a firmeza em se manter em pé. Tombou desfalecida entre os braços do falso admirador.



# Capítulo Um

## ELE



Acordei como acordam os tolos: confuso e sem qualquer conceito de localização. Perguntava-me onde estava e por quanto tempo havia adormecido. A confusão presente em minha mente era tão devastadora, que impossibilitava o desenvolver de uma possível resposta, por mais simples ou objetiva que fosse. A lucidez da qual eu tanto me orgulhava, por uma fração de segundos me faltou, como se a razão escapasse de meu controle. Uma breve amnésia que me deixou plenamente assustado.

Um homem sem memórias é um homem sentenciado a viver no abismo da inexistência; e isso era a última coisa que eu desejava que acontecesse. Um homem como eu, que foi dentre muitos o escolhido, não pode nunca aceitar passar por esse mundo e jamais ser lembrado.

É claro que a amnésia foi passageira, apenas o resultado de uma mente fatigada.

Em poucos minutos a nuvem de abobamento dissipou-se e toda a consciência ressurgiu como água no dilúvio; forte, veemente e abundante.

Encontrava-me na sala da minha casa, deitado sobre o sofá, banhado pela escassa claridade que provinha do velho televisor sobre o móvel de madeira rústica desgastada pelo tempo. Tão desgastada quanto o meu coração. Este, há tempos havia se tornado um deserto inalcançável, um terreno baldio inabitável. Eu costumo dizer que se fossemos desenhar fielmente o meu coração, o resultado seria algo inacreditável de se ver, com cores monocromáticas e traços fortes que revelariam ao fim, um círculo pequeno, comprimido e inferiorizado em todos os sentidos; como este círculo manchado pelo café, imprimindo o fundo da xícara sobre a mesinha de centro. Mas não pense você que sempre foi assim, não! Durante muitos anos, o amor foi o meu mais fiel companheiro, o pigmento natural que dava cor a essa vida hoje tão desbotada. Até que um dia, para minha surpresa, o que eu conhecia por amor desapareceu, partiu sem a

menor possibilidade de despedida, e eu me tornei esse homem deprimente e solitário.

Não fosse por uma missão a qual fui designado, eu acho que não estaria mais aqui falando sobre mim. Teria encontrado uma maneira prática e definitiva de acabar de uma vez por todas com o sofrimento que a ausência do amor provocou.

Deslizei as pernas para fora do sofá, forçando-me a sentar. Não sabia ao certo por quanto tempo havia adormecido, mas poderia supor que fora tempo suficiente para anoitecer. Duas evidências me trouxeram essa certeza; a escuridão que sucumbia o ambiente e a transmissão do jornal na TV.

O abobamento já não era mais um problema, eu já sabia onde estava, com quem estava e o que deveria fazer. Só precisava, antes de qualquer coisa, de uma xícara de um café forte e revigorante, capaz de espantar a sonolência e devolver-me a disposição. Caminhei até a cozinha e me coloquei a prepará-lo enquanto planejava mentalmente as tarefas para aquela noite.

Tirei a água do fogo e coloquei o pó no coador. Já estava despejando a água fervente quando um barulho vindo do porão, chamou-me a atenção. Um som análogo a um gemido. Eu sabia o que era, e por isso não me dei ao trabalho de ir até lá.

Voltei para a sala carregando a xícara em uma das mãos e acomodei-me no sofá. Tateei a minha volta à procura do controle remoto e quando o encontrei, aumentei o volume do televisor. O noticiário ainda estava sendo transmitido. Notícias sobre o aumento do dólar, greve no setor público, corrupção na política, descaso com a educação... Embora todas aquelas notícias não me soassem como algo novo, houve uma em especial que despertou o meu interesse; uma jovem dançarina com não mais que vinte anos, desaparecida misteriosamente.

Na tela da TV, uma mulher de meia idade, enfraquecida pela situação, emocionalmente debilitada e sem a menor vaidade ou preocupação com a aparência, pronunciava entre soluços e lágrimas, um apelo comovente:

“Pelo amor de Deus! Por tudo o que é mais sagrado, ajude a encontrar a minha menina...” A mulher cedeu lugar a um jovem de terno, gravata e cabelos negros que retomou a narrativa do ocorrido: “Já são três dias de sofrimento... Em frente à casa onde mora com a mãe, o padrasto e mais três irmãs, parentes e amigos esperam aflitos por notícias; Amanda Fortes,

de 19 anos, desapareceu na noite de terça-feira, quando deixava a casa noturna em que trabalhava como dançarina, o *Babylon Night Club*.

A mãe, ao perceber que a filha não havia voltado para casa, procurou a ajuda da polícia... “Até o momento nenhuma notícia foi dada sobre o seu paradeiro, e as buscas continuam por toda a cidade de São Paulo.”

A imagem da mãe retornou ao televisor, ela chorava copiosamente:

“Eu peço para que quem estiver com a minha filha, ou me assistindo neste momento, que tenha um pouco de compaixão, que se coloque no meu lugar de mãe e tente imaginar o quanto estou sofrendo... Meu Deus! Ela é uma menina boa, nunca fez mal a ninguém... não merece estar passando por isso. Por favor! Devolvam a minha filha, eu peço, imploro a quem estiver com ela, me dê a chance de ter a minha garotinha de volta. Nenhuma mãe merece essa angústia, essa incerteza. Sem saber se sua filha está bem, se está comendo, se está... viva.”

As últimas palavras da mulher não passaram de um sussurro. Ela ficou em silêncio por um instante, limpou as lágrimas e prosseguiu:

“Se você está com medo da polícia, de ser identificado, por favor, deixe-a em alguma estrada, solte-a, eu só a quero de volta. E se... que Deus não permita, mas se alguma coisa tenha acontecido, me dê ao menos a oportunidade de dar um enterro decente ao corpo da minha filha.” Uma foto de Amanda Fortes apareceu na tela, enquanto uma voz encerrava a notícia: “Qualquer informação pode ser dada através do telefone do disk denúncia, 181...”

Desliguei a TV. Os pensamentos vagando na escuridão que agora não só havia sucumbido a sala como também a minha alma. As palavras daquela mãe desesperada repetindo em minha mente, feito um disco de vinil arranhado. “Por favor... devolvam a minha filha... a minha garotinha...” A música de seu suplício se reproduzindo. “Se coloque em meu lugar...” Tocando e tocando-me. “Dê-me ao menos a oportunidade de dar um enterro decente ao corpo da minha filha.”

Um novo barulho vindo do porão pôs fim aos meus pensamentos. Desta vez decidi ir até lá.



Girei a chave na fechadura da porta com a certeza do que iria encontrar lá embaixo. Aquele barulho, aquele gemido não era desconhecido por mim, eu sabia perfeitamente do que se tratava. Abri a porta e o ranger das dobradiças enferrujadas ecoou por toda a cozinha, rompendo o silêncio. À minha frente, uma luz amarelada iluminava os degraus da escada de madeira que rangiam a cada novo passo e que me conduziam a um abismo negro e assolador.

Ao fim da escada, minhas mãos percorreram a parede em busca do interruptor. Encontrei-o. Uma segunda lâmpada se acendeu espalhando claridade por todo o ambiente. Ao meu redor havia uma quantidade excessiva e desnecessária de móveis e objetos usados, caixas e mais caixas de papelão com livros e papéis, que há muito tempo já deveriam ter sido descartados, garrafas de vinhos empoeiradas e esquecidas.

Mas foi o que estava à minha frente, a causa dos barulhos, o que me levou até aquele porão.

Olhei por alguns segundos para aquela figura amordaçada de mãos e pés atados a uma coluna de sustentação antes de sentenciá-la, seus olhos assustados se arregalaram ainda mais em um esforço de se adaptar à luz. Fitei-a nos olhos por um segundo e pude ver sua alma assustada refletida em sua pupila.

— Chegou a hora de voltar para casa, Amanda Fortes! — Pude perceber uma satisfação ingênua e esperançosa transparecendo em seu rosto.

Sem pressa, aproximei-me e me agachei à sua frente, contemplando embevecido sua expressão mista de medo e esperança.

— Antes eu só preciso de uma coisa... — sussurrei em seu ouvido. — O teu pecado!

## Capítulo Dois



O celular sobre a mesa de cabeceira tocava insistentemente, interrompendo o sonho que Vitória Sá Marques estava tendo naquela manhã. O som agudo e estridente penetrava em seus ouvidos tal qual uma dezena de agulhas afiadas a lhe perfurar o tímpano, incomodando, irritando, destruindo a nuvem de lembranças que há tão pouco tempo havia se formado em seu sonho, trazendo-a de encontro a uma realidade, que mesmo ainda desconhecida, a surpreenderia em questão de minutos.

Esticou o braço sobre a cama, ainda sonolenta, e com dificuldade desligou o celular, bocejando. Espreguiçando-se lentamente, alongou cada músculo do corpo, despertando para um novo dia, mal sabia ela que seria o princípio de seu declínio. Paradoxalmente dizendo, o começo do fim.

Demorou certo tempo para acostumar os sedutores olhos castanhos amendoados à claridade anêmica da manhã. Claridade esta que banhava todo o quarto, penetrando as janelas deixadas abertas propositalmente no intuito de vencer o calor escaldante da noite anterior e afastando qualquer possibilidade de dar continuidade ao sono e ao sonho. Seu corpo ainda teimava em permanecer repousado sobre a cama, mas havia naquele dia responsabilidades inadiáveis e intransferíveis que a obrigavam a se levantar naquele momento.

Consultou as horas no celular, seis e trinta e cinco. Era a hora de aprontar a filha para o colégio e preparar o café da manhã para o marido que já deveria estar voltando de sua corrida matinal. Benjamin trabalhava no departamento de investigação da polícia de São Paulo e sentia a necessidade de estar em forma.

Vitória admirava toda essa disposição de forma que nunca deixou transparecer a sua carência em acordar todas as manhãs e deparar com a cama vazia. Era algo que a entristecia sim, seria tolice negar, mas que já havia trabalhado em sua cabeça.

Enquanto caminhava na direção do roupeiro, em busca de algo para vestir, viu seu reflexo no espelho ao lado e parou para apreciá-lo. A mulher refletida chamava a atenção por causa de seus cabelos lisos e negros esparramados na altura dos ombros, a pele clara suave como veludo, os lábios delineadamente ressaltados e toda a sensualidade que conseguia esbanjar através de um corpo torneado.

No auge de seus trinta e cinco anos de idade, já havia conquistado todos os ideais que um dia fora capaz de desejar, escolhera um homem atencioso, afetivo e apaixonado para seu marido e ele contribuía com a concretização de todos os seus caprichos. Mantinha o casamento perfeito e uma união primorosa, o que resultou no nascimento de uma filha, a pequena Rosalie.

Aos olhos de todos, eram o modelo da família perfeita e o real significado da palavra felicidade.

Afastando-se do espelho após escovar os cabelos e os prender em um rabo de cavalo, vestiu o hobby de cetim vermelho e seguiu até o quarto da filha para acordá-la. Abriu as cortinas, deixando os raios de sol cruzarem a vidraça e traçarem riscos de luminosidade no ar. A menina continuava aprofundada em seu sono, tanto que nem mesmo a luz, ou a presença da mãe foram capazes de despertá-la.

Vitória carinhosamente beijou-lhe a face e a menina gemeu descontente, revirando-se e tentando impedir que o sono dispersasse. Foi preciso um segundo beijo para despertá-la por completo.

Rosalie era o que se pode chamar de uma miniatura idêntica da mãe. Com apenas seis anos, já denunciava que havia herdado toda a sua beleza e encanto. Herdara também a sua indisposição para acordar cedo.

— Acorde, fadinha, já está na hora! — A voz de Vitória soou afável e carregada de ternura.

— Ah! Mamãe, eu estou tão cansadinha.

Na noite anterior, a menina havia ficado na companhia do pai até tarde assistindo TV.

— Está vendo agora por que eu insisto para que vá dormir mais cedo?

— Vitória abriu o roupeiro, tirou o uniforme escolar e o trouxe até ela. — Mas o seu pai faz todas as suas vontades, não é mesmo?

Rosalie deu um sorriso travesso em resposta, artimanha que usava sempre que recebia alguma advertência, sabia que não resistiriam a sua meiguice, mesmo que intencional.

— Vamos, filha, é só hoje. Amanhã é sábado, você vai poder dormir até tarde.

— Amanhã é sábado? — perguntou animada, sentando-se na cama.

— É.

— Vamos poder ir ao parque andar de bicicleta?

— Só se você prometer que vai levantar e se arrumar direitinho.

A resposta foi proferida no mesmo instante:

— Prometo.

— E que não vai voltar a dormir assim que eu virar as costas e descer.

— Palavra de fadinha!

A garota mantinha certo fascínio por fadas e princesas, e prometer qualquer coisa usando a palavra de uma fada, era como atingir o limite máximo da verdade, o juramento inquebrável.

O sono então desapareceu, dando lugar à euforia. A garota saltou da cama e no mesmo instante começou a vestir o uniforme escolar enquanto a mãe, satisfeita com seu poder de persuasão, deixava o quarto. Manter-se firme tornava-se uma tarefa impossível diante da meiguice da filha. Rosalie era uma garota com uma inteligência muito além de seus seis anos de idade, algumas de suas atitudes deixavam os pais com a sensação de que haviam gerado uma garota prodígio.



Apressada, Vitória descia os degraus da escada da sala de estar quando ouviu o rangido da porta principal se abrindo; o marido retornava.

— Bom dia querido! — Desejou ao mesmo tempo em que o presenteou com um beijo. — Voltou mais cedo hoje... algum problema?

Benjamin tirou os óculos escuros e os deixou sobre o móvel aparador.

— O parque estava fechado, corri um pouco no quarteirão e resolvi voltar.

— Viciados novamente? — indagou preocupada.

— Pode ser. Vi policiais bloqueando a entrada, mas não conversei com nenhum... — disse ele com um tom de voz sério demais e em seguida

emendou um tanto mais brando. — Cedo demais para começar a trabalhar, não acha?

Vitória desvencilhou-se do abraço do marido e o acompanhou até a escada. Por um momento o observou orgulhosa por ter sido agraciada com o seu amor. Benjamin possuía uma beleza bruta indescritível, talvez fossem os cabelos cacheados quase sempre bagunçados e a barba por fazer que dessem a ele um aspecto másculo que ela tanto admirava. Embora não aparentasse, era dez anos mais velho. Esbanjava vitalidade através de um semblante jovial; o mesmo semblante de quando se conheceram oito anos antes, quando Vitória entrou na delegacia para dar queixa de um roubo e Benjamin, atendeu-a. O sentimento que a subjugou naquele momento ainda era o mesmo que os mantinham juntos, com a mesma intensidade e surpresa do novo, do começo.

— Ben, vamos ter que conversar sobre a nossa filha... — anunciou enquanto o marido subia a escada ao se lembrar do episódio penoso de acordar a criança.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou apreensivo.

— Ela não queria se levantar outra vez. E adivinha por quê?

— Porque ficamos assistindo TV... — Vitória nem precisou concordar, ele já conhecia perfeitamente o motivo. — Está bem, querida, eu prometo não me intrometer quando você achar que é a hora de ir para a cama.

— Não é intrometer, Ben, é ter um pouco mais de responsabilidade.

— Terei...

— Ela só tem seis anos. Não podemos permitir que nos alicie cada vez que tiver uma vontade.

— Tudo bem — concordou, coçando o cabelo de forma despreocupada.

— Você me faz parecer uma megera, sabia?

— Sim, mas é uma megera que me deixa louco! — Benjamin desceu os poucos degraus que havia subido e abraçou novamente a esposa, beijando-a em seguida. — Vem tomar banho comigo?

— Não posso, ainda não preparei o café, e a Lílíe deve descer a qualquer momento.

— Oh, vida!

— Sem dramas, bonitão, e não demore porque hoje é o seu dia de levá-la para o colégio. — Ele fez uma careta de desagrado. — Vou para o hospital mais cedo hoje, é o meu plantão.

— Isso quer dizer que não a teremos para o jantar esta noite?



— Isso quer dizer que você terá que cozinhar. — Os dois riram. — E quando digo cozinhar não estou me referindo a macarrão instantâneo, comida congelada ou ligar para o *disk* pizza, certo?

— Certo. Algo mais?

— Acredito que o resto você já sabe, nada de sorvete, chocolate ou doces antes do jantar, e, por favor, coloque essa menina na cama cedo.

— Sim, senhora megera. — Benjamin riu enfatizando a brincadeira.

— Ben, eu falo sério — Vitória o repreendeu.

— Ok, eu prometo fazer tudo direito.

— Por que será que eu nunca consigo sentir firmeza em suas promessas?

— Dessa vez você pode, querida! Serei um pai que te deixará orgulhosa.

Vitória esperou que o marido subisse todos os degraus da escada para deixar a sala. O coração comprimido por culpa. Não gostava de bancar a ranzinza, como havia acontecido naquele momento, mas Benjamin era o pai que tudo permitia, que não sabia impor limites e que acabava comprometendo a boa educação da filha.

Na cozinha, deu início a sua atividade matinal; colocou água e as cápsulas de café na cafeteira, preparou torradas e iogurte com cereais. Ajeitou a toalha na mesa e distribuiu as xícaras e talheres em seus respectivos lugares. Terminava de arrumar a mesa quando ouviu um helicóptero sobrevoando os arredores de sua casa. “Deve ser por causa do ocorrido no parque”, pensou. “Ben disse que o parque estava cheio de policiais. Mas se há helicópteros, então foi algo mais sério do que viciados ou vândalos... O que pode ter acontecido?” Caminhou até a porta da cozinha e berrou:

— Lílíe, vamos logo, filha! Você vai chegar atrasada na escolinha!

Ainda pensando no que poderia ter acontecido no parque, ligou a TV fixada na parede ao lado do refrigerador em busca de informação, no mesmo instante teve a resposta para a sua curiosidade, o jornal da manhã noticiava o ocorrido: “E voltamos com mais informações sobre o corpo de uma mulher encontrado nesta manhã boiando sobre o lago do parque do Ibirapuera, na Zona Sul de São Paulo. De acordo com a polícia militar, o corpo que estava próximo às margens e pode ter sido deixado nesta madrugada, foi encontrado por guardas civis metropolitanos que faziam a fiscalização do local. Ainda não foi possível realizar a identificação

formal da vítima devido aos inúmeros ferimentos em seu rosto, mas tudo indica que pode ser uma moradora deste mesmo bairro que se encontra desaparecida há quatro dias, segundo familiares. A equipe de resgate junto aos bombeiros está presente no local providenciando a remoção do corpo para o Instituto Médico Legal onde os legistas poderão afirmar a causa da morte e a identidade desta jovem...”

Uma foto da suposta vítima apareceu na TV e, ao observá-la, Vitória não conseguiu ouvir mais nada do que a repórter falava. Nervosa, deixou a bandeja com as xícaras caírem ao chão, espalhando cacos de vidro por toda a cozinha. Depois de um tempo, ainda atônita, abaixou-se para recolhê-los, mas a única coisa que conseguiu foi pensar na notícia que acabara de ouvir.

“Não pode ser! A Amanda, coitada! Boiando naquele lago...”, lamuriou em pensamento e então meneou a cabeça negativamente. “Não era ela! Claro que não! Estou enganada, devo ter me confundido...” tentou se convencer disso, mas a imagem continuava a vir em sua mente e as semelhanças eram demais para estar tão enganada. Vitória se repreendia por sua tolice em pensar que era a amiga e estava tão absorta em seus pensamentos, que se distraiu enquanto juntava os cacos, o que resultou em um corte no dedo.

— Mas que droga! — gritou.

A voz da filha, que estava parada à porta da cozinha, trouxe-a de volta à realidade. A garota tinha os olhos fixos no televisor e o semblante alarmado.

— Mamãe, olha! É a tia Amanda na TV!

Se havia alguma dúvida quanto a identidade da mulher encontrada no lago, deixou de existir naquele mesmo instante. A filha também a reconheceu.

Vitória levantou apressada do chão, apertando o dedo machucado para conter o sangue. Rosalíe, que só então percebeu que a mãe havia se ferido, correu ao seu encontro.

— Você se machucou, mamãe!

— Não foi nada, filha! Um pequeno corte apenas.

O corte no dedo era o que menos a preocupava. O fato de a menina ter visto a reportagem lhe despertou um terror entorpecido, deixando-a ainda mais alarmada.

Rosalie ainda falava, mas Vitória estava incapacitada de ouvir. Amanda estava morta. E isso representava muito mais do que a perda de uma amiga, representava o seu fim. A quebra de um sigilo, o rompimento de segredos que durante anos permaneceram guardados e protegidos. Toda a sua vida, o seu casamento e o seu mundo poderiam ruir por conta daquele assassinato.

“Como explicar quem é Amanda Fortes?”, indagou-se, engolindo em seco.

Rapidamente tentou desconversar e esconder da filha o que estava acontecendo, mas a garota era inteligente demais para aceitar a mentira.

— Muito parecida, não é mesmo, fadinha? A mamãe também chegou a confundir.

— Não... Mamãe... Por que tá falando assim?

— Assim como querida?

— Mentindo! Você sempre diz que é feio mentir... É ela sim, eu sei que é... — Insistiu.

Agora foi a vez de Benjamin entrar na cozinha. Ao ouvir o final da conversa, desejou saber o que estava acontecendo.

— É ela quem, querida? — perguntou para a filha, curioso.

Vitória, a fim de se esquivar, jogou sobre a lata de lixo os cacos de vidro que havia recolhido do chão, lavou o dedo ensanguentado e foi pegar o kit de primeiros socorros no armário do banheiro. Ainda voltou a tempo de ouvir parte da resposta:

— Eu tenho certeza, papai. A foto na TV! Mamãe diz que não, mas eu sei que é... A mulher do lago é a tia Amanda.

“Mulher do lago.” Vitória repetiu as palavras da filha em sua mente, inconformada com o apelido. “Uma vida inteira de sofrimento e lutas para acabar dessa forma, sendo chamada de mulher do lago!”

Sem entender direito o que estava acontecendo, Benjamin questionou a esposa:

— Amanda? Quem é Amanda? E de que mulher do lago ela está falando?

Vitória corou. Não possuía explicações. Ao menos não as que ele buscava. Como contar como se conheceram, e qual o segredo que as unia? Qualquer que fosse a sua explicação, ele jamais entenderia, tão pouco aceitaria. O melhor a fazer naquele momento era mentir. Mais uma vez

mentir. Existem verdades que precisam permanecer escondidas, essa era uma delas.

— É aquela minha amiga do hospital, Ben... Já falamos sobre ela antes, não lembra? Lílie está confundindo. — Vitória desligou a TV. — De qualquer forma, isso não é o tipo de coisa para criança ver!

— Concordo com a sua mãe — Benjamin anunciou, piscando para a esposa. Ele estava enfatizando a sua promessa de não mais contrariar suas decisões em relação à educação da filha. — Você é muito pequena para essas coisas, *duendezinha*.

— É fadinha, pai! — corrigiu, censurando-o. — Fadinha!

— Está bem, fadinha, agora vamos tomar café porque sua mãe não está nada feliz com essa enrolação toda!

— Não estou mesmo!

Terminaram o desjejum. Benjamin e Rosalie levantaram da mesa, beijaram Vitória, que sequer havia tocado em sua xícara de café e saíram, deixando-a pensativa.

A notícia da possível morte de Amanda Fortes ainda comprometia sua tranquilidade. Enquanto balançava a colher de um lado a outro da xícara, questionava-se sobre o que havia acontecido. Seria realmente a amiga? E se fosse, quem poderia ter cometido tal atrocidade? Por quê? Que motivos teriam para assassiná-la? Não era o tipo de garota que se envolvia com drogas ou práticas ilegais, tinha uma vida centrada, uma história construída à base de honestidade e caráter. Era absurdo acreditar que tivesse terminado seus dias daquela maneira.

Impaciente, Vitória tirou o celular do bolso da calça e acessou a internet em busca de informações mais abrangentes que pudessem tranquilizá-la, colocando um fim a sua desconfiança. Precisava de respostas, precisava de toda a verdade.

Na página online do canal de TV onde havia tomado conhecimento sobre o ocorrido, encontrou um vídeo com a segunda parte da reportagem. Agora era um jornalista alto, moreno e com voz rouca que concedia a notícia: “O delegado Mallony Brandão, responsável pelo caso que chocou os moradores de São Paulo nesta manhã de sexta-feira, disse que ainda não se pode informar que a mulher encontrada no lago do parque é mesmo a moradora desaparecida há dois dias, Amanda Fortes. Quem quer que a tenha assassinado, retirou parte da pele de seus dedos, dificultando para a polícia uma análise de impressões digitais. Nenhum documento, joia,

roupa ou pertence foi encontrado junto ao corpo, pode-se dizer que houve um cuidado excessivo em dificultar a identificação da vítima, resta saber por qual razão. Eu sou Pablo Arruda, para o jornal...”

Com as mãos trêmulas de nervoso, fechou a página a qual estava acessando e discou o número de Amanda. Precisava acabar de uma vez por todas com a dúvida que a consumia. Certamente a amiga atenderia a ligação e toda aquela aflição chegaria ao fim.

O telefone começou a chamar, uma, duas, três vezes.

— Vamos, atende! — O descontrole da situação havia tomado conta de seu corpo. — Atende pelo amor de Deus!

O telefone parou de chamar e ela ouviu uma voz feminina, por um momento encheu-se de esperanças acreditando ser a amiga.

— *Sua chamada está sendo encaminhada para a caixa postal* — anunciou a secretária eletrônica. — *Após o sinal, deixe...*

Vitória desligou o telefone e vencida pelo desespero, deixou-se cair sobre uma cadeira.

— Oh, Deus! Não pode ser verdade — lamentou ofegante, sentindo o coração bater descompassado. — Com a Amanda não!

# Capítulo Três

## ELE



Eu não sou um monstro! Ao menos, não esse monstro que Amanda Fortes me acusa ser. Não esse monstro que os jornais e a TV delataram. Primeiro porque se levássemos ao pé da letra o significado desta palavra, teríamos o conceito de que monstro é tudo aquilo o que é contra a ordem regular da natureza. E foi justamente por seguir a ordem regular da natureza, que minhas ações se tornaram necessárias. E segundo, relacionado a pessoas, monstro é a crueldade, a ferocidade desumana e perversa. Nenhum dos tais adjetivos se aplica a mim, pois tudo o que fiz, tudo a que fui designado, foi a purificação, a dissolução do pecado.

Julgue-me os que acharem no direito, mas agirá erroneamente. Talvez entendam melhor depois que lhes contar o que realmente aconteceu. Não fiz nada que não necessitasse ser feito. Não agi por mim, Deus sempre esteve ao meu lado.

Estávamos no porão de minha casa. Deus, eu e ela.

Por um momento, observei-a em silêncio, amordaçada, as mãos amarradas em uma coluna de sustentação e o rosto carregando as marcas do medo e do sofrimento. Enchi-me de satisfação por constatar que minha função se cumpria e que os resultados começavam a aparecer. Amanda oferecia-me aquilo que eu tanto buscava, o seu sofrimento. Sim, porque o sofrimento é o primeiro passo para a libertação espiritual. Ela já começava a se libertar.

Por toda a minha volta havia objetos deixados e esquecidos naquele lugar há anos, e entre eles tinha um toca-discos que pertencera aos meus pais. Um modelo antigo e ultrapassado, mas que ainda exercia a sua função. Levantei a base de acrílico transparente que protegia o prato giratório e arrastei o braço com a cápsula fonocaptora e a agulha para a borda externa do prato, onde um vinil jamais era retirado ou trocado, e o repousei sobre ele. O prato começou a girar no sentido horário e com a

leitura dos microsulcos do vinil, o silêncio quase angustiante do lugar foi tomado pelo Noturno op. 9 N° 2 de Chopin.

A cada nota tocada, uma gota de excitação e alegria transbordava meu coração. Excedia-me de prazer. Um momento único, indescritível em que eu deixava de ser o mortal para se tornar a mão de Deus na terra. O escolhido dos justos para sentenciar e salvar o pecador.

Os acordes conseguiam tocá-la profundamente. Eu sei que conseguiam. As lágrimas que escorriam de seus olhos evidenciavam isso. Eu estava conseguindo que Amanda usasse a música como via condutora do arrependimento.

— Chegou a hora de voltar para casa, Amanda Fortes! — repeti com a excitação vibrando em minha voz.

Seus olhos radiaram vida. Um resquício de esperança que ainda queimava em seu peito. Uma excitação por ouvir as palavras que tanto ansiava.

Passei por ela e parei às suas costas. Desatei os nós das cordas que atavam suas mãos com a delicadeza necessária para não a machucar e em seguida tirei a mordaca que cobria sua boca. Embora estivesse livre para falar, Amanda optou por nada dizer. Parecia não acreditar no que estava acontecendo.

A música alcançava o ápice da excitação e eu já me encontrava totalmente entregue a emoção. Meu coração estava aos pulos dentro do peito e por diversas vezes a firmeza das mãos me faltou. A melodia elevava-se, sobrepunha-se, transportava-me do terreno ao etéreo, do plano físico ao plano espiritual. O Divino, o Justo, o Senhor de tudo e de todos agia em mim naquele momento.

Amanda observava-me em silêncio, o semblante denunciando a confusão que anuviava sua mente. Quando decidiu falar, tinha a respiração ofegante, as pernas sem firmeza e a voz completamente falha.

— Por... fa-favor, deixe-me ir.

Nossos olhares se cruzaram. Um sorriso estampou meu rosto. Um sorriso amistoso, terno, comovido pela canção que adentrava nossos ouvidos e pela benção que nossos olhos estavam prestes a presenciar.

— Vou deixar você ir, mas antes preciso que me faça um favor. — Tirei um pedaço de papel e uma caneta do bolso e entreguei a ela.

— Só preciso que escreva uma letra e dois números e então você pode partir em paz.

A garota pareceu desconfiada, mas não se permitiu contestar. Ditei a letra e os números e sua mão dançou uma caneta trêmula sobre o papel, com uma caligrafia irregular, que evidenciava a pressa com a qual fora escrita.

— Você acaba de assinar nesse papel, a sua redenção. Você foi agraciada, garota! Acaba de receber a chance de se redimir por todos os seus pecados. Estou te salvando da condenação eterna. Deveria me agradecer por isso! — Tomei o papel de suas mãos e o guardei novamente em meu bolso.

— Acabou, Amanda! Você está livre.

Amanda foi tomada por uma excitação que serviu de combustível e força para tentar abandonar o seu cativeiro, afastar-se de mim e de minhas pretensões.

Com suas limitações, tentou correr até a escada de saída do porão, mas minhas mãos tocaram seu braço, impedindo-a.

— Eu acho que não me expressei direito... A liberdade da alma é o que tenho a oferecer. — Tomei seu corpo de encontro ao meu, afastei os cabelos que cobriam o rosto e aproximei meus lábios de seu ouvido. — Ouça a música! — Minhas mãos a prenderam contra meu peito. — Sinta a melodia!

Minha voz sussurrava as palavras que o Onipotente ditava em minha mente.

— Deixe que ela toque o seu coração!

Amanda tentava inutilmente se livrar de meus braços. — Que ela se aposse de seu corpo contaminado pelo pecado. — Debatia-se, gritava, dava socos no ar. — E extermine tudo aquilo o que está enraizado e a conduz para o caminho da perdição.

Pressionei minha mão em seu rosto, cobrindo sua boca e narinas. Ela se debatia, grunhia e tentava desesperadamente se libertar, enquanto apenas o som vindo da velha vitrola tomava a minha atenção.

As forças esvaíram-se. A música acabou. Seu corpo desfalecido tombou sobre meu peito. Na vitrola, o prato giratório com o vinil parou de girar e o braço com a cápsula e a agulha voltou lentamente ao seu lugar inicial.

Amanda estava salva.



## Capítulo Quatro



— CINCO MINUTOS! — anunciou rispidamente o proprietário do *Babylon Night Club* à formosa e atraente mulher de olhos castanhos e cabelos loiros encaracolados que estava sentada em frente ao espelho, maquiando-se.

— Você tem cinco minutos para subir naquele palco e mostrar o seu melhor... E nem pense em me contrariar!

Incrédula com o que ouvia, deixou o estojo de maquiagem de lado e o encarou, decidida a argumentar e a contestar a ordem recebida. Qualquer pessoa capaz de sentir a menor compaixão ao próximo, certamente se recusaria a se apresentar naquela noite. O que ela havia se esquecido era de que aquele homem à sua frente não era qualquer pessoa, e que compaixão era um sentimento que ele desconhecia.

— Mas... — Sua tentativa de argumentar acabou sendo inútil.

— Nem mais e nem menos, não vou ouvir de você uma reclamação que seja, Maria... Há dezenas de pessoas lá fora que pagaram para vê-la dançar, portanto não os decepcione e não as deixem esperar também! — Caminhou até a porta, mas antes mesmo de sair do camarim, voltou-se para ela e acrescentou. — Agora só restam três minutos e cinquenta e dois segundos, acho melhor se apressar.

O *Babylon Night Club* era uma das casas noturnas mais antigas da cidade de São Paulo. Havia sido inaugurada a cerca de sessenta anos, pelo milionário Roberto Sales Ferman. Com o decorrer dos anos, perdeu toda a beleza e luxúria que esbanjava, desde o primeiro dia em que suas portas foram abertas pela primeira vez. Dessa época restou apenas a ousadia e a nudez de algumas dançarinas não sucedidas profissionalmente que buscavam através de seus números obscenos, o reconhecimento de seu trabalho.

Após o falecimento do Sr. Ferman, a casa passou a ser administrada por seu único filho, Onório Ferman. Um homem de mais ou menos quarenta

anos de idade que desperdiçou toda a juventude na companhia do pai, trancafiado entre aquelas paredes sujas e mofadas. Não aprendeu a lição ensinada gradativamente, e por consequência de sua irresponsabilidade somada a uma dose elevada de incompetência, tornou-se o grande responsável pelo fracasso e pela decadência do lugar. Sonhava com as noites de glória, de intenso sucesso em que vivera e desejava, ainda que incapacitado de realizar, que a casa voltasse a ser a grande sensação do momento, como fora na década de cinquenta. Hoje, se havia quem ocupasse as velhas cadeiras de madeira e lotasse o salão de piso gasto, devia-se aos shows apresentados, que em nenhum outro canto da cidade, pagava-se tão pouco para ver tantas mulheres sem roupa.

Embora Onório não esquecesse a glória do passado, estava sendo forçado a enfrentar um presente frustrante. Jamais conseguiria reestabelecer aquele lugar, faltava a determinação que o pai esbanjava. Por mais difícil que fosse admitir, seu pai estava certo em nunca lhe confiar em vida a direção do *Night Club*, talvez o conhecesse suficientemente bem para prever sua incapacidade de administração. Vivera os melhores anos de sua vida naquele lugar, era como se suas raízes fossem fixadas ao chão, cada objeto, cada retrato pendurado nas paredes contavam a sua história. Nem sempre histórias boas de serem recordadas, mas ainda assim, sua história. Ver a destruição era assistir sua própria decadência, presenciar inerte sua vida aproximando-se do fim.

Naquela noite, mais uma vez mostrava-se disposto a manter o seu falso papel de administrador competente, determinado a contornar mais um problema que se apresentava; uma de suas dançarinas, por motivos ainda desconhecidos, se recusava a se apresentar. Onório a encarou com desdém e anunciou em seu rádio comunicador:

— Pedro, está na escuta? Três minutos e ela começa a se apresentar... Câmbio. Desligo.

Maria fixou os olhos rasos d'água no homem imponente, truculento e irredutível à sua frente e desatou a chorar. Tinha a mão sobre o rosto, e as lágrimas borravam toda a maquiagem que levava tempo retocando. Já não importava mais o quanto havia ficado em frente ao espelho, tudo o que desejava era que aquele homem tomasse conhecimento e respeitasse o seu sofrimento.

Há um ano dançava quatro noites por semana naquela casa de shows, tinha inteira consciência das suas obrigações com o lugar e com o público,

e jamais demonstrou alguma falta de interesse pelo trabalho. Ao menos até então, quando a ideia de subir ao palco cercado de homens bêbados e inconscientes, que na maioria das vezes lançavam sobre ela elogios e gracejos do mais baixo nível, atormentava-a. “Não esta noite. Não depois do que ocorreu.”

Por mais que tentasse se tranquilizar, tornava-se uma tarefa impossível, só de imaginar o que havia acontecido à Amanda Fortes, já lhe despertava um pavor incontornável. Amanda era a única pessoa com quem Maria tinha um laço forte de amizade naquele lugar, as outras garotas pareciam a ela fúteis demais para que tentasse uma possível aproximação.

Haviam se conhecido durante uma noite fria e chuvosa de inverno, Maria encerrava mais uma apresentação e voltava ansiosa para o camarim desejando trocar de roupa e seguir para casa, a primeira coisa que viu ao entrar foi uma jovem de pele alva e olhos tão negros como a noite. Olhos vibrantes, porém, manchados por uma tristeza devastadora. Uma tristeza que evidenciava que algo de muito grave havia acontecido.

Puxou uma cadeira e sentou-se à sua frente.

— Não sei quem você é, mas é evidente que existe algo a afligindo.

As palavras foram sucumbidas pelo descontrole. A jovem desabou a chorar, e sem saber o que fazer, Maria a abraçou tentando acalmá-la.

— Tudo bem... Seja o que for que a deixou neste estado, ficou lá fora... Aqui dentro você está protegida. — Levantou e foi até a mesa onde fazia suas refeições entre o intervalo de um show e outro, havia uma jarra de vidro com água, encheu um copo e trouxe para a desconhecida. — Tome! Vai se sentir melhor. Minha mãe costumava dizer que o melhor remédio para um ataque de choro é a água. Não há componente ou substâncias calmantes, mas o simples fato de ter que parar de chorar, respirar e bebê-la já é tranquilizante.

Amanda agarrou o copo com as duas mãos e bebeu em silêncio, somente quando todo o conteúdo foi ingerido, voltou a falar; o tom de voz ainda trêmulo pelo descontrole emocional.

— Por favor... Não me deixe voltar! Sei que não sabe nada a meu respeito, mas eu imploro, não me deixe voltar para casa.

Ao mesmo tempo, dois sentimentos tomaram conta de Maria; sentia-se confusa com tudo o que estava acontecendo e comovida pelo desespero da garota. Quem era ela? Do que estava fugindo? E como conseguira chegar até o seu camarim? Como poderia ajudá-la? Fossem quais fossem os seus

receios e os seus medos, como poderia dissipá-los? Onde encontraria condições para isso?

— Tudo o que mais quero é poder ajudá-la, mas nada poderei fazer se não souber o que está acontecendo, nem ao menos o seu nome eu sei.

— Amanda — respondeu de imediato. — Amanda Fortes.

— Muito bem, Amanda, o que posso fazer por você? E como chegou até mim? Você não me parece o tipo de garota que frequenta esse lugar.

Ao contrário do que Maria imaginava, Amanda frequentava. Não como cliente, não com o interesse no que aquele lugar pudesse ofertar, mas frequentava.

— Já estive aqui algumas outras vezes e a vi dançando... — Amanda apressou-se em explicar. — Meu padrasto, ele é frequentador e por diversas vezes precisei vir buscá-lo... Problemas com bebida.

Amanda parou de falar e baixou a cabeça, como se estivesse envergonhada em prosseguir. Maria tentou encorajá-la.

— Não estou aqui para julgá-la, querida, muito menos condenar os vícios de seu padrasto. Só quero entender o que está acontecendo e onde a minha ajuda pode ser útil, afinal de contas tudo isso é novo para mim, essa abordagem, a sua resistência em voltar para casa..., mas se não se sente confortável em falar, eu respeito.

— Eu fui violentada!

A revelação surtiu o efeito de uma granada sendo arremessada de encontro à Maria. Uma explosão furtiva, arrasadora que destruiu qualquer resistência que ainda pudesse haver em relação àquela garota, rompeu a barreira do desconhecido, decorrendo um sentimento de compaixão que ultrapassou a afinidade entre elas e chegou ao nível máximo da indignação. A violação da mulher é a atitude mais sórdida, desleal e imperdoável que um homem pode cometer. É um crime hediondo, doloso, um atentado contra a moral, contra a individualidade, ao íntimo e ao pudor. É rasgar bruscamente sua integridade e expor de forma horrenda suas descências, é infringir um direito de escolha, é profanar o respeito, a moral e o decoro.

Coagir uma mulher é arrancar uma parte, ainda que abstrata, que jamais será refeita. É ferir, machucar, marcá-la perpetuamente feito ferro em brasa. É, entre todas, a pior covardia. A última conclusão de que o ser humano talvez não seja tão humano assim.

— Você está querendo me dizer que... — Maria sentiu dificuldades para falar, o espanto provocava tremor em sua voz.

— Hoje... ele estava alterado, muito agressivo — novamente começou a chorar. — Eu juro que tentei impedir, lutei contra isso, mas ele é bem mais forte do que eu... Não tive culpa... — Amanda soluçava entre uma palavra e outra. — Eu juro! Não tive culpa.

Maria a abraçou, solidária ao seu sofrimento.

— Não, claro que não!

Tão dolorido quanto ter passado por tudo aquilo, estava sendo recordar. Ao compreender o seu sofrimento, Maria tentou contê-la.

— Oh! Minha querida, você não precisa lembrar o que passou.

Embora não o conhecesse, Maria sentiu uma enorme repulsa por aquele homem. Amanda ainda era uma menina. Não poderia enfrentar um momento tão difícil sozinha, sem a ajuda de uma amiga ou um parente que pudesse oferecer carinho.

— E sua mãe nessa história toda? — quis saber. — Você contou sobre o ocorrido?

— Ela não acreditou, disse que eu só estava querendo chamar a atenção. Caluniar mais uma vez o pobre coitado do meu padrasto... Foi então que me lembrei de você, do quanto a admiro. Algumas vezes enquanto eu o buscava aqui, eu a via dançar, e não hesitei em vir pedir ajuda.

— Não pensou em denunciá-lo? — A pergunta soou com um tom encorajador.

Amanda não havia pensado. Denunciar o padrasto significava expor a mais alguém o que havia acontecido, significava ter que contar detalhes, sucumbir-se a exames físicos para comprovar a veracidade da violência sofrida.

— Denunciá-lo? — perguntou, demonstrando certa surpresa. — Para a polícia?

— Amanda, o que aconteceu é uma coisa muito séria!

— Eu sei — consentiu balançando a cabeça. — Mas eu não me sinto preparada. Ainda não.

Maria a observou durante um tempo, em silêncio.

— Você pediu a minha ajuda, Amanda e tudo o que posso fazer é te acompanhar nesse processo de denúncia. Mas se você se calar e dar ao seu padrasto a chance de repetir essas atitudes sórdidas, eu não tenho mais o que fazer. Desculpa, mas não terei como ajudá-la.

— Um emprego! — A garota arrematou sem rodeios. — Quando falei em ajuda, estava me referindo a um emprego.

Maria ficou pensativa. Por um momento pensou em sua própria situação. Sua vida, seu emprego naquele lugar deplorável. Como poderia ser referência a alguém?

— Ah, Amanda! Como eu queria ter essa possibilidade de ajudá-la, de poder oferecer não somente um emprego digno e satisfatório como também um lugar onde você pudesse viver, de preferência bem longe dele. Mas se fossemos levar em consideração, a única coisa que eu poderia ofertar é uma vaga como dançarina neste lugar — Amanda arregalou os olhos diante da fala da mulher. — Mas eu mesmo a aconselharia a não aceitar.

Amanda levantou-se bruscamente, e encarou Maria antes de voltar a falar.

— Não, isso não! — bradou. — Desculpe... Eu não devia ter vindo... Foi um erro! — E saiu apressada, deixando Maria com o sentimento de culpa.

A garota acabara de sofrer um abuso e sua insensibilidade a fez ofertar um emprego no *Night Club*. Sequer teve compaixão aos seus sentimentos, não pensou que talvez ainda estivesse traumatizada, precisando de um apoio e não de um passaporte para mais promiscuidade.

Uma semana se passou até que Amanda voltasse a procurá-la. O semblante transparecendo uma tristeza ainda maior do que a existente na primeira vez em que haviam se falado. Antes que Maria dissesse qualquer coisa, a garota adiantou-se:

— Eu não posso mais conviver debaixo do mesmo teto que aquele homem... Qualquer outro lugar será menos humilhante. Eu preciso de um lugar para ficar, e de um trabalho para me sustentar. — Segurou as mãos da dançarina, como se suplicasse. — Eu aceito dançar no *Night Club*.

Maria intercedeu por ela, e na noite seguinte, Amanda já estava dançando profissionalmente.

“E agora ela está morta”, pensou Maria, sentindo a garganta trancada por conta das lembranças que tinha se apossado de sua mente.

O noticiário da TV havia confirmado minutos atrás que a mulher encontrada no lago do Ibirapuera era mesmo a jovem dançarina desaparecida, Amanda Fortes. E mesmo tendo conhecimento do ocorrido, Onório Ferman a obrigava a subir no palco e se apresentar, como se aquele

fosse um dia qualquer. “Não, eu não posso fazer isso”, protestou em seu íntimo. Dessa vez de forma mais enérgica.

Enchendo-se de coragem, saiu apressada do camarim, caminhou por um corredor estreito e mal iluminado por uma luz fraca, amarelada, projetada por um lustre empoeirado pendente do teto. Passou despercebida pelos pôsteres de atrizes, cantoras e dançarinas que decoravam as paredes de pintura suja e descascada como se não os houvesse enxergado, rompendo assim uma tradição que se iniciara no primeiro dia em que chegara ali. Sentia-se nervosa demais para parar e apreciá-los como fazia todos os dias antes de suas apresentações.

Ao final do corredor, avistou uma porta entreaberta de onde se esvaía uma vasta claridade, empurrou-a, e no silêncio, ecoou-se o ranger da madeira envelhecida e das dobradiças enferrujadas. Do lado de dentro, além da mesa de madeira rústica com tampo de vidro tomada por papéis e portas-canetas, da estante de mogno adornada com livros de diversos assuntos, e uma pequena mesa de centro amparando um cinzeiro abarrotado de bituca, ela avistou sentado em uma poltrona velha e manchada, repleta de queimaduras de cigarro, um homem obeso que deveria medir pouco mais de um metro e cinquenta. Em suas rechonchudas mãos, havia uma garrafa de cerveja e uma travessa de bacon e presunto que ele levava à boca freneticamente em um movimento desesperado, como se a comida estivesse prestes a ser arrancada de seus domínios.

Ao avistar a mulher à porta, Onório Ferman limpou a boca engordurada com a manga da camisa e mostrando a travessa, ofereceu-lhe o petisco pronunciando algumas palavras de boca cheia que nem mesmo ele conseguiu entender. Ficou esperando por uma resposta que acabou não vindo.

— Sente-se! — Os olhos fixaram-se no relógio em seu pulso e seu semblante alarmou no mesmo instante em que constatou o horário. — Você não deveria estar...

Maria continuou a pergunta.

— Em cima daquele palco? Não, eu não posso, Ferman!

— Mas que merda! Como assim não pode? Eu achei que já tivéssemos acertado tudo quando conversamos há poucos minutos, temos um contrato, garota!

Ela acomodou-se na cadeira.

— Eu sei que temos um contrato — respondeu. —, você não me deixa esquecer.

— Sua teimosia me obriga a lembrar.

— E sua insensibilidade me faz teimar. Venho cumprindo com as minhas obrigações até então.

— Até ontem, você quer dizer, não é? Porque hoje você se recusa a dançar.

— E tenho um motivo para isso. Não acredito que não esteja nem um pouco abalado com o que aconteceu a uma de suas dançarinas.

Onório Ferman serviu-se de mais um gole de cerveja e um pedaço de bacon antes de voltar a falar.

— Mas vejamos se eu entendi perfeitamente, está me dizendo que não vai trabalhar hoje porque o jornal noticiou a morte daquela jovem que você trouxe para cá há dois anos? É isso?

A naturalidade com que reproduzia as palavras a deixou transtornada. Falavam de uma vida que fora destruída de uma forma brutal e monstruosa e ele agia como se não se importasse.

— Acho que o mínimo que devíamos fazer, era respeitar...

— Fechando a casa? É essa a sua sugestão? Sua manifestação de respeito? — desdenhou. — Desculpe desapontá-la, mas nem mesmo no dia da morte do meu pai deixamos de trabalhar, não será agora por causa de uma simples dançarina... — Onório interrompeu sua fala e deixou de lado a cerveja e a comida, havia perdido o apetite. Coisa muito rara de se acontecer. — Além do mais, quem vai pagar as contas no final do mês? O seu salário, por exemplo? Sua comoção vai nos render algum dinheiro? Há quatro dias essa garota não aparece por aqui, você não acha que já tive prejuízo o suficiente?

— Não pode ser tão indiferente assim! — Maria insistiu. — Não acredito que aí dentro — apontou para o peito dele. —, não exista um coração. Amanda está morta, Ferman! E nós sabemos porquê.

Onório Ferman deu um pulo na poltrona como se houvesse levado um choque. “Nós sabemos por quê.” Aquela frase o abalou. Todo controle e segurança desapareceram em questão de segundos. O homem perseverante que parecia não se importar com a morte de Amanda, agora não existia mais, havia dado lugar a um homem assustado e deliberadamente incomodado.

— Você enlouqueceu, garota? Eu não sei de nada do que está falando.



— Sabe perfeitamente. Nós dois somos as únicas pessoas que conhecem a história dela. Podemos ajudar de alguma maneira.

— Não estou entendendo aonde quer chegar.

— Não entende porque não quer, você sabe perfeitamente quem pode ter...

Onório parecia desconfortável com a conversa, mexia-se compulsivamente em seu assento como se o incômodo viesse dali.

— Você não pode estar falando sério. Claro que não, está abalada com a morte da sua amiga e não está falando coisa com coisa.

— Nunca falei tão sério em toda a minha vida.

Um breve silêncio tomou conta da sala. Onório ficou ainda mais assustado por perceber que Maria não estava brincando.

— Você está insinuando que quem a matou foi o padrasto?

— E quem mais teria motivos para isso? Ele já a havia violentado, vivia a perseguindo. Você mesmo os surpreendeu diversas vezes em meio a discussões.

— Sim, mas isso não o faz um assassino — disse o homem, atordoado.

— Como não? Amanda vivia assombrada, tinha um medo incontrollável dele.

Onório levantou-se e caminhou, com a dificuldade que sua obesidade proporcionava, de um lado para outro da sala. Ganhando tempo enquanto sua mente processava e digeriria cada palavra absolvida.

— Então vai lá — desafiou. —, procure a polícia e conte tudo o que sabe.

Agora foi a vez de Maria se assustar ao ouvir a palavra polícia.

— O que foi? Tremeu por quê? Tem medo, não é?

— Você não sabe o que diz!

Onório riu.

— Aí é que você se engana. Eu tô “sacando” qual é a sua e não é de hoje, garota! Posso até me fingir de desentendido, mas bobo eu não sou. Já identifiquei há muito tempo o seu telhado de vidro... — Maria não proferiu resposta. — Parece que não sou o único aqui a temer a polícia.

— Você está delirando, Ferman!

— Delírio ou não, o fato é que nós dois temos algo a esconder; por isso te aconselho a esquecer toda essa história, a única coisa que quero, é que suba naquele palco e faça aqueles babacas soltarem a grana. — Onório sentou-se novamente, de frente à comida. A fome estava voltando. —

Agora, se quer minha opinião, você está negando a se apresentar esta noite não por respeito ou comoção à morte da sua amiguinha, está é com medo de subir naquele palco e ter algum policial na plateia. É, porque com a notícia nos jornais de que essa infeliz dançava aqui, não vai demorar muito para que eles batam à nossa porta nos fazendo perguntas. Já pensou nisso?

Não, ela não havia pensado e sentiu-se ainda mais assustada com a possibilidade. Maria perdeu a cor. “Polícia não! Não posso deixar que me vejam aqui!”, desesperou-se.

— Ferman, você sabe que... — Maria parou de falar e levantou-se para deixar a sala. — Tudo bem, eu danço, mas você tem que me ajudar com a polícia.

— Eu sabia que acabaríamos nos entendendo, docinho, agora vá, dê o seu melhor naquele palco, e depois do show tenho uma hora extra para você. — Onório deu uma piscadinha mal-intencionada. — Mais um daqueles empresários solitários buscando acompanhantes para essa noite fria.

## Capítulo Cinco



Na manhã seguinte, Vitória Sá Marques chegou em casa exausta após uma noite desgastante de trabalho. Enquanto atravessava a sala de estar em direção ao andar superior, abandonou o molho de chaves em uma mesa aparadora e a bolsa sobre o sofá, de forma quase automática. O cansaço era tanto que se desvencilhar dos pertences pelo meio do caminho davam a sensação desejada de liberdade, proporcionando um alívio imediato. Já se aproximava do primeiro degrau da escada quando um ruído estridente vindo da cozinha a deteve.

“Não pode ser o Ben!”, pensou, estática. Conhecendo a rotina do marido, sua pré-disposição em acordar cedo e sua obsessão por atividade física, concluiu que se tratava de um horário contraditório a seus hábitos; “A não ser que tenha acontecido algo com a Lílie”, alarmou-se.

Tomada pela preocupação, deixou a sala apressada e seguiu em direção à cozinha. Em seu interior, um misto de sentimentos se formava e se confrontavam. Sentia-se receosa em encontrar o marido, ou constatar sua suspeita de que algo havia acontecido com a filha. Nem de longe uma terceira hipótese surgiu em sua mente. E foi essa terceira hipótese que se confirmou quando cruzou a porta da cozinha. A figura de um homem de costas parado em frente ao fogão trouxe a certeza de que suas suposições eram infundadas. Embora a estrutura física assemelhasse-se a de Benjamin, não era o marido quem despejava a água quente de uma chaleira sobre o filtro de café, também não era nenhum desconhecido invadindo sua residência. Os cabelos com suas longas mechas grisalhas, os ombros levemente envergados para frente como se carregassem sobre eles o peso da idade não deixaram dúvidas quanto a sua identidade.

— Pai! — surpreendeu-se. — O que faz aqui?

Rômulo Candeias de Sá, viúvo há quase cinco anos e completando sessenta e três anos de vida naquele mês, morava do outro lado da cidade,

em uma pequena casa de onde pouco se ausentava. Desde a morte da esposa, foram poucas as vezes em que a filha o visitou, ou vice-versa.

A relação que mantinham podia ser denominada como uma relação conturbada. Havia algo em Vitória que o incomodava, embora ela nunca soubesse o que era, e havia algo nele que a distanciava, embora ele jamais desconfiasse.

Calmamente, Rômulo deu as costas para o fogão, ficando frente a frente com a filha. Em uma de suas mãos, trazia o recipiente de vidro onde havia coado o café e calmamente descansou-o sobre a mesa, agindo naturalmente.

— Bom dia para você também, Vitória! — Desejou sentando-se em uma cadeira e enchendo uma das xícaras.

— Desculpe! Bom dia, pai... É que eu não esperava encontrá-lo aqui.

Agora ele enchia uma segunda xícara.

— Eu também não planejava vir.

Vitória lançou um olhar confuso, não entendia o que acontecia. Era incapaz de imaginar que motivos o haviam trazido até sua casa. Rômulo parecia mais preocupado com o café do que em oferecer explicações.

— Há de concordar comigo que o ver em minha cozinha não é uma cena habitual — Vitória insistiu.

— Não.

— E então?

Colocando um fim em todo aquele mistério, Rômulo explicou-se.

— Seu marido me ligou ontem à noite e pediu para que eu ficasse com a menina. — O semblante encheu-se de alegria ao lembrar-se da neta. — Então ficou tarde para ir embora, acabei dormindo aqui.

A revelação causou um choque em Vitória. “Como assim ficar com Lílie? E Ben? Ele estava em casa quando saí para o hospital!”, empertigou-se com a notícia.

— Aconteceu alguma coisa com ela? — perguntou apreensiva e mais uma vez deixando o medo a invadir.

Rômulo deslizou uma das xícaras de café pela mesa oferecendo-a, ainda que em silêncio, à filha.

— Não aconteceu nada com a menina, seu marido é que precisou trabalhar, e você não estava em casa.

Vitória ignorou a gentileza, a única coisa que havia prendido sua atenção era a forma irônica com que o pai havia pronunciado sua última

frase: “*você não estava em casa.*” Essa era uma de suas atitudes que tanto a irritava.

— Estava trabalhando, pai!

— Durante toda a noite?

— Meu plantão no hospital! Mas por que isso agora?

Antes de continuar a conversa, Rômulo saboreou pausadamente o seu café, degustando com prazer cada gole e, conseqüentemente, deixando a filha ainda mais impaciente. Quando voltou a falar, tinha pela primeira vez — desde que haviam se encontrado há minutos atrás — um semblante comprometido por uma espécie de indignação e censura ao seu comportamento.

— Acha que está certo isso? Você e seu marido fora de casa à noite toda?

— Não sei o que aconteceu com o Ben, mas posso responder por mim; não escolho horário, pai, não posso fazer só o que me agrada ou me favorece.

— Mas deveria.

Vitória bufou cética com o que ouvia.

— Os anos passam e continua o mesmo egoísta de sempre, não é mesmo? Querendo que o mundo e as pessoas se curvem às suas vontades.

— Você chama de egoísmo o comprometimento com a família? A presença constante de uma mãe durante a formação e criação de uma criança? Porque é só isso o que questionei até agora. A sua participação com a minha neta.

Pressupondo que a conversa seria longa, Vitória, que ainda permanecia à porta da cozinha, resolveu sentar-se à mesa. O cansaço latejava em suas pernas.

— Nada do que eu faça o deixa feliz, não é?

— Você nem tocou no seu café — Rômulo proclamou, desviando a conversa.

— Não vou tomar. Preciso dormir, e café me faz perder o sono.

— Deveria experimentar, está forte como você gosta.

“Então ele ainda se lembra dos meus gostos.” Vitória sentiu-se feliz por isso, por saber que o pai ainda se importava com algo a seu respeito.

— Não sou eu que você deve fazer feliz — Rômulo deixou a xícara de lado e só então a respondeu. — Só acho que deveria dar mais importância à sua família.

Uma sucessão de lembranças veio à memória de Vitória. Lembrou-se de suas atividades diárias, do seu desempenho como dona de casa e principalmente como mãe e esposa. No entanto, o pai pedia que desse mais atenção à família, ele que desde o dia em que enviuvou manteve-se recluso, que pouco participou da criação da neta. Era inadmissível aquele pedido. Mas também não estava propensa a levar adiante uma discussão, o cansaço a acometia demais para que desperdiçasse as poucas forças que lhe restavam em uma discussão que certamente não a levaria a lugar algum, em um duelo medíocre de palavras e provocações. Fosse qual fosse sua opinião, o pai jamais concordaria. Eram controversos, diferentes e avessos.

— Está bem, pai, eu não me encontro em condições para arrastar o assunto. Prometo que vou pensar e considerar os seus conselhos, só que mais tarde, pode ser? Porque agora preciso de um bom banho, do meu marido e da minha cama.

— Benjamin não está — informou ele, ácido. — Foi correr.

Por um momento Vitória se esqueceu da rotina do marido.

— Então só me resta o banho e a cama.

Levantou-se da cadeira e fez menção de deixar a cozinha.

— Eu também vou embora — Rômulo anunciou.

Vitória o encarou por um momento em silêncio, examinando-o. Era impressionante como o tempo em que ficaram sem se ver havia deixado marcas visíveis em seu rosto. Havia agora rugas e olheiras que ela não conhecia, e que davam ao pai um aspecto cansado e abatido.

— Não precisa ir se não quiser — acrescentou.

— Eu quero.

— Certo... Espere ao menos até o Ben voltar, ele pode deixá-lo em casa.

— Obrigado, mas posso pegar um táxi aqui em frete. Seu marido não dormiu ainda, deve estar exausto, não quero ser um incômodo.

Vitória pensou em censurá-lo, mas não o fez.

— De qualquer forma, obrigado por ter ficado com a Lillie, pai!

— Fiz pela menina, ela não tem culpa da vida que você escolheu levar.

Enquanto Rômulo terminava de tomar o café, ela fez mais uma vez menção de deixar a cozinha, mas parou à porta e indagou:

— Por que tem que ser assim, pai? Palavras evasivas, diálogos forçados, troca de farpas... É como se fôssemos dois desconhecidos ocupando o mesmo espaço. Queria tanto que as coisas se acertassem entre

nós, que pudéssemos ter uma relação saudável e normal como todo mundo.

Rômulo levantou em silêncio, lavou as duas xícaras e em seguida passou pela filha, beijando-a no rosto.

— Tenha um bom dia, Vitória!



Vitória despiu-se rapidamente, deixando as roupas caírem sobre o chão do quarto. Caminhou até a suíte e acomodou-se na banheira de hidromassagem, sentindo o alívio instantâneo tomar conta de seu corpo. A água quente foi indispensável para que conseguisse obter o relaxamento que tanto almejava.

Embora estivesse cingida por um silêncio crescente, em sua mente, seus pensamentos gritavam. Gritavam por respostas, gritavam por justiça, gritavam por medo. Agora não era mais as palavras do pai em desacordo ao seu trabalho que a perturbavam, ao contrário, aquele assunto ela havia deixado do lado de fora do quarto, na cozinha. O que teimava em acompanhá-la desde as primeiras horas daquele dia e havia se fixado em sua mente feito tatuagem, era o ainda inexplicável assassinato de Amanda Fortes.

Nada fora esclarecido. A única certeza que carregava era a confirmação de que a jovem encontrada no lago era realmente Amanda. A notícia de sua morte repetia incansavelmente em sua memória desde o momento em que viu no noticiário da TV. Recusava-se a acreditar que fosse verdade e tampouco aceitava que algo tão monstruoso pudesse ter acontecido com aquela garota.

Desde que se conheceram, não houve uma única vez em que Vitória identificou felicidade no semblante dela, por detrás de todo sorriso havia sempre uma tristeza camuflada, uma inquietude que muitas vezes tentou sem sucesso dissipar, e que Amanda se sentia pouco confortável em compartilhar. Era uma garota silenciosa, que não costumava reclamar de

seus problemas, na maioria das vezes tentava enfrentá-los sem que a existência fosse perceptível.

Amanda poderia se calar, disfarçar seus tormentos, mas jamais conseguiria evitar que Vitória tomasse conhecimento. Não foram uma nem duas vezes em que fora surpreendida chorando escondida e em que o pranto foi maior que a capacidade de contê-lo. Também não foi preciso explicar-se, Vitória sabia que o abuso do padrasto e a ausência da mãe e das irmãs menores eram, sem dúvida, a causa de todo o sofrimento. E tanto em uma causa, quanto na outra, não havia nada que pudesse fazer para ajudar. A única solução chamava-se tempo, “e esse tempo Amanda Fortes não tem mais!”, constatou, pesarosa. Amanda estava morta.

Vitória saiu da banheira ainda com os pensamentos fervilhando, a água relaxante não foi capaz de aquietar sua mente. Enrolou-se na toalha e após se enxugar, vestiu a camisola de cetim, sentindo a leveza do tecido deslizar sobre seu corpo. Solto os cabelos que estavam presos e protegidos pela touca de banho e balançou a cabeça de um lado a outro para ajeitá-los. Estava pronta para dormir.

Voltando ao quarto, avistou o marido parado em frente ao espelho lutando para conseguir dar um nó na gravata. O beijou antes de ajudá-lo.

— Não ouvi você chegar, querido! Estava te esperando na banheira.

— Eu imaginei mesmo... — ele disse sorrindo. — Perguntei de você para a Lílie quando cheguei... Confesso que fugi de você.

— Fugiu de mim?

— Tomei banho no quarto dela... Estou atrasado e se bem conheço a minha mulher, ela não ia me deixar sair tão cedo daquela banheira.

Vitória terminou o nó na gravata e a ajeitou antes de ajudá-lo a vestir o paletó.

— Mas você nem dormiu, querido! Tem mesmo que voltar ao trabalho?

— Não tenho escolha... O dever me chama!

— Meu pai me disse que precisaram dele durante a noite.

— Sim, ele foi muito gentil aceitando vir...

Vitória o interrompeu.

— Por que ele, Ben? Poderia ter pagado uma babá.

Benjamin caminhou pelo quarto, apanhou sua carteira, chave do carro e maço de cigarros que havia deixado em cima do criado-mudo enquanto se arrumava e só então respondeu:



— Porque ele é o avô dela — respondeu como se fosse óbvio. — E sente falta de estar com a menina. É importante para os dois essa convivência, não acha? Também liguei porque achei que era tarde demais para conseguir uma babá.

— Tudo bem. Na verdade, ele me pregou aquele sermão sobre trabalhar durante a noite toda, deixar minha família de lado, enfim, você conhece o meu pai.

Benjamin sorriu.

— É um homem bom, querida. Ele se preocupa com você e com a nossa filha, é normal.

— Preocupação sem propósito, as convicções dele me sufocam às vezes. Mas vamos esquecer isso. Quer que eu desça e prepare a sua vitamina?

— De jeito nenhum! Quero que deite nessa cama e descanse, você trabalhou a noite toda também.

Essa preocupação do marido com o seu bem-estar a deixava enaltecida. Benjamin tomou as mãos da esposa.

— Vem aqui... Sente-se — apontou para a cama. —, tem uma coisa que preciso contar.

Vitória obedeceu. Podia reconhecer uma pitada de preocupação comprometendo o semblante do marido. E por mais assustador que lhe parecesse, podia jurar que conhecia o motivo. “*Amanda Fortes.*”

— Você está me assustando, Ben.

— É sobre aquela garota que foi encontrada ontem pela manhã no lago do Ibirapuera...

“Bingo.” Vitória sentiu uma pontada de nervosismo tomando conta do seu corpo. O tom de voz do marido era um prenúncio de que algo ruim estava por vir.

— O que tem ela? — perguntou tentando camuflar seu descontrole.

— Vou assumir o caso... — Antes que ele terminasse de falar, a esposa o interrompeu.

— Mas por quê? O local do assassinato não pertence a sua jurisdição!

— Eu sei...

— Além do mais, você mora a alguns quarteirões do parque — nova interrupção. — O local onde o corpo foi encontrado, isso pode ser perigoso. Você já parou para pensar se de repente o assassino for alguém

aqui do bairro? E se descobrir onde você mora? Tiver informações sobre nossa família? Ben, querido, recuse esse caso.

— Calma! — pediu ele. — Eu não posso recusar, meu amor. Fui chamado pessoalmente pelo detetive Mallony Brandão para substituí-lo nessa investigação. Ele acredita no meu potencial, teve acesso aos meus casos anteriores e me escolheu. Você tem ideia do que isso representa? O melhor detetive de São Paulo precisou se ausentar do caso e escolheu a mim...

— Por favor!

Vitória lutava contra a incapacidade explícita de controle sobre o nervosismo, que no momento já a dominava por completo. Estava pálida, tremia, e gaguejava em quatro de cinco palavras proferidas. Quando deveria mostrar-se alheia a tudo o que estava acontecendo, escancarava aos olhos do marido o seu descontrole com a situação. Quando seu comportamento deveria ser a peça principal para que todos os seus segredos continuassem naufragados, hesitava e comprometia-se com a possibilidade de revelar tudo aquilo o que há anos tentava esconder.

Não era somente o fato de Benjamin assumir a investigação de um caso nos arredores de sua residência e com isso correr o risco de ter a segurança de toda a família comprometida que a preocupava, era o fato de que na ânsia por solucionar o caso, Benjamin buscasse respostas, remoesse passados, desvendasse segredos e chegasse a uma verdade que jamais deveria ser descoberta.

— Fica tranquila, querida. Não vai acontecer nada. — Benjamin prometeu ao perceber o quanto a esposa estava abalada. — A garota parece que nem vivia mais por aqui, morava nos fundos de uma casa de show no centro da cidade. Acho que o lago foi apenas um lugar usado pelo assassino para descartar o corpo.

Ele parou de falar, encarou a esposa com compaixão.

— Você sabe que a garota morta é realmente Amanda Fortes, não sabe?

Vitória sabia. Ah, como sabia!

— No hospital não se falava outra coisa.

— Quando a Lílie a reconheceu na TV esta manhã, você negou, por quê?

Se ainda existia um resquício de autocontrole em Vitória, esvaiu-se no momento em que foi questionada.

A pergunta direta, incisiva e proposital a deixou ainda mais nervosa. Trouxe a certeza de que seu castelo de areia entrava em ruínas, de que o seu baú de segredos, naufragado durante anos, agora emergia das profundezas, atracava em uma praia qualquer, correndo o risco de ser encontrado, revirado e descoberto por ninguém mais, ninguém menos que o marido.

“Eu não disse que ele começaria a fazer perguntas? Olha aí a primeira, desconfiança surgindo.”

— Ah, Ben! Eu não queria que ela ficasse impressionada — mentiu, em uma agilidade de raciocínio impressionante. — Lílíe é uma criança ainda para lidar com esse tipo de situação. Ela gostava muito da Amanda e receber a notícia de sua morte, dessa forma pode ser traumatizante.

— Mais uma vez minha insensibilidade paternal falando mais alto. Você tem toda razão em me criticar por não saber educá-la... — Benjamin parou de falar, olhou mais uma vez para a esposa com o olhar transparecendo dúvida. — Mas eu poderia afirmar que você contou que ela era sua amiga do hospital, que trabalhava lá com você, no entanto, ontem descobri que ela era dançarina de uma boate de quinta categoria.

“Meu Deus! Segunda desconfiança.” Vitória levantou-se da cama e foi em direção a janela do quarto, de costas para o marido, pois não podia encará-lo naquele momento.

— É, na-na ve-verdade — Vitória gaguejou. — Eu a conheci no hospital mesmo, ela vendia produtos de beleza para as enfermeiras, mas eu não sabia sobre essa outra atividade — mentiu outra vez.

“Mas que droga! Estou me tornando especialista na arte de mentir.”

Benjamin levantou também e foi ao seu encontro, tomando-a em seus braços.

— Você ficou abalada, não é mesmo?

— E tem como não ficar? Uma coisa é você ligar a TV e ouvir uma notícia como essa, outra coisa bem diferente é saber que aconteceu com alguém que você conhece. — Agora foi a vez de Vitória fazer uma pausa e encarar o marido com o olhar transparecendo súplica. — Eu quero vê-la!

— Claro, minha querida! Vou com você ao velório, assim que soubermos...

— Você não entendeu, eu preciso vê-la agora!

— Agora? Mas não posso...

— Ben, por favor!

— O que espera que eu faça? — Indagou, confuso.

— Você me falou a poucos minutos que está assumindo a investigação...

— Sim, estou, mas...

— E certamente acompanhará a autópsia.

— Onde está querendo chegar, Vitória?

— Ao necrotério! Quero estar presente durante a autópsia, por favor, consiga isso para mim, Ben?

Benjamin repensou sobre o pedido. A esposa o fazia de forma tão natural e inquietante como se fosse a filha Rosalíe pedindo por um novo brinquedo.

— Vou ver o que consigo, mas agora eu preciso ir e você precisa dormir. Eu a vejo a noite?

— Tenho plantão novamente.

Ele a beijou.

— Tudo bem... Eu ligo mais tarde se conseguir permissão para levá-la à autópsia. — Benjamin já estava saindo do quarto quando acrescentou. — E depois vou querer que me conte tudo o que sabe a respeito de Amanda Fortes, qualquer detalhe sobre a vida pessoal dessa garota pode ser fundamental na investigação.



Sozinha em sua cama, Vitória sentiu o coração bater cada vez mais acelerado. Chegava a ser uma dor física, incomodante. Benjamin à frente da investigação seria o mesmo que ter uma atenção totalmente voltada para ela. Todas as desconfianças, todos os julgamentos.

“Ele está a um passo da verdade!”, pensou. “O que será de mim agora?”

Bruscamente, levantou-se e correu até o roupeiro. Assim que o abriu, começou a remexer o seu interior até encontrar uma caixa de cedro de aproximadamente dois palmos com uma fechadura dourada. Revirou uma das gavetas à procura da chave que a destrancaria, e em seguida voltou para a cama, carregando-a em suas mãos. Abriu lentamente como se

pudesse estar prestes a libertar um animal peçonhento, faminto, aprisionado há anos. O coração aos pulos dava-lhe a sensação de querer se libertar, tanto quanto o conteúdo da caixa.

Respirou fundo, ao mesmo tempo em que cerrou seus olhos em lágrimas. Vitória se esqueceu do mundo à sua volta, por um momento sua única atenção estava voltada para o objeto em suas mãos. Existia uma ironia agarrada a ele que começava a preocupá-la. A sua vida, seu casamento e seus valores, estavam interligados e comprometidos por aquela pequena caixa de madeira. Recusava-se a imaginar o que poderia acontecer, caso o marido tomasse conhecimento de sua existência. “O que não está muito longe de acontecer”, ironizou mentalmente.

Lembrou-se da maneira como o conteúdo da caixa foi parar em suas mãos, um pedido irrecusável de Amanda Fortes.

— *Aqui dentro, Vitória, está a minha história, tudo o que tenho de mais precioso nesta vida está guardado aqui. Quero que fique com você!*

Vitória afastou a nuvem de lembrança proferindo algumas palavras para si mesma: “Não posso mais continuar com isso. Perdoe-me, Amanda, mas tenho que me livrar o quanto antes.” Levantou-se, caminhou até a porta do quarto e começou a gritar pelo nome da empregada.

Não demorou muito tempo até que a mulher aparecesse, a respiração ofegante por ter subido apressada os degraus da escada.

— Carmela, eu preciso de um favor seu — adiantou-se.

Vitória encarava a mulher com o semblante túrbido, enquanto se questionava se seria mesmo uma boa ideia confiar a ela aquela tarefa.

— Há quanto tempo nos conhecemos? — perguntou, desviando o rumo da conversa.

— Ah! Acho que um ano ou pouco mais... — Por uma fração de segundo, Carmela ficou pensativa. — Mas por que essa pergunta agora?

Vitória apertou a caixa entre as mãos, como se desejasse protegê-la.

— Eu preciso que saiba que tenho em você uma confiança inatingível e preciso ter a certeza de que não estou errada.

— Deus é mais! Nunca, Dona Vitória...

— Porque o que vou pedir é algo muito sério, Carmela! Você precisa me prometer que minhas palavras jamais sairão deste quarto. Vou confiar a você uma tarefa e é muito importante que ninguém saiba sobre ela.

— Por tudo o que é mais sagrado, falo nada não.

— Eu quero que você leve essa caixa para o lugar mais longe que conseguir, e dê um sumiço nela. Destrua, queime, faça qualquer coisa; mas ninguém, você está entendendo? Ninguém pode encontrá-la.

— Sim senhora.

Vitória ficou observando a mulher deixar o quarto com o propósito único de cumprir o que lhe foi pedido. Carmela desceu as escadas, atravessou a sala de estar, passou pela porta principal e deixou a casa o mais depressa que conseguiu. A caixa debaixo do braço. As recomendações repetiam-se incansavelmente em sua memória: *“leve essa caixa para o lugar mais longe que conseguir. Destrua, queime... Ninguém pode encontrá-la.”*

A alguns quarteirões dali, parou. Respirou fundo para recuperar o fôlego comprometido com os passos acelerados. O olhar percorreu de um lado a outro da rua, como se receasse que alguém pudesse observá-la. Em seguida, tirou o celular do bolso e fez uma ligação.

Uma voz masculina indagou do outro lado da linha:

— Alô?

— Sou eu, Carmela! — Houve um breve silêncio. — Estou fazendo exatamente como me pediu, observando cada passo que a Dona Vitória dá...

— E então? — interrompeu.

— Ela me pediu uma coisa um tanto quanto estranha. Tenho algo comigo que talvez lhe interesse.

## Capítulo Seis



O pequeno café da Rua Aurora, no centro da cidade, era o que Maria chamava de um lugar perdido no tempo, esquecido pela modernidade e conservador em sua decoração retrógrada e ancestral. Mesas e cadeiras de madeira trabalhada em estilo colonial, dividiam o espaço com toalhas de renda branca e louças de porcelana alva talhadas em alto relevo. As paredes exibiam fotografias emolduradas de celebridades tão esquecidas no passado quanto tudo ali dentro.

Embora fosse ultrapassado e sem luxo, não se podia dizer que o Gran Café não era um local agradável e aconchegante, ao contrário, era perfeito para longas conversas enquanto se apreciava o que havia de melhor em doces, bolos e tortas. O cardápio era, sem sombra de dúvida, o deleite dos assíduos frequentadores. Entre eles, Maria, que costumava passar por ali todos os dias antes ou depois de se apresentar no *Night Club*, em busca de uma boa xícara de café, que pudesse afugentar o sono, e um pouco de silêncio para aquietar todas as humilhações sofridas em cima do palco.

Às três horas da tarde, Maria sentou-se a uma mesa afastada dos outros clientes. Era um daqueles dias em que aspirava paz e tranquilidade para poder reorganizar seus inquietantes pensamentos. Fez sinal para o homem atrás do balcão e ele já compreendeu qual seria o pedido: "o mesmo de sempre." Esperou cerca de cinco minutos até que fosse servida de café puro e uma fatia de torta de maçã. Um fio de fumaça branca, ocasionada pela temperatura elevada da bebida, desenhava linhas sinuosas e adversas no ar, prendendo sua atenção e contribuindo para que se distraísse. Os dedos atravessavam a fumaça, um movimento de vai e vem que interrompiam a construção do desenho, dissolvendo-a no ar.

De repente, o café, a torta, nada mais parecia prender sua atenção. Sua mente estava tomada por uma sucessão de lembranças que remetiam a uma única pessoa: a doce e encantadora Amanda Fortes. Amiga e confidente, conselheira e cúmplice que conseguiu com sua simplicidade de

espírito, conquistar admiração e adoração, que chegou em sua vida de maneira inesperada e em pouco tempo tornou-se essencial. A notícia de sua morte ressoava na mente de Maria feito um incômodo alarme de incêndio, latejando, pulsando, oprimindo uma realidade que se recusava a acreditar: Amanda estava morta. E a pergunta que não conseguia calar, era quem seria capaz de assassiná-la de forma tão vil e desumana?

Estremeceu da cabeça aos pés ao encontrar a resposta fixada a uma lembrança de um ocorrido, semanas após conhecer Amanda e conseguir que trabalhasse no *Night Club*. Passava das dez horas da noite e estava em seu camarim removendo a maquiagem, depois de mais uma de suas apresentações, quando Onório Ferman, o proprietário do clube entrou apressado, o rosto se enchendo de satisfação ao avistá-la.

Adiantou-se em dizer que havia um servicinho extra para ela. Um cliente solicitando algumas horas a mais de diversão e privacidade e Maria não recusou ao saber que ele pagará o dobro do valor. Em questão de minutos estava parada em frente ao quarto. Encostou a mão na fechadura e a porta se abriu. Por um momento hesitou parada do lado de fora, tomada por uma sensação nova e descontrolada, um arrepio frio na espinha que a fez questionar se deveria ou não entrar.

Entrou. O ambiente estava iluminado apenas pela claridade proporcionada por dois abajures ao redor da cama. Automaticamente bateu a parede à procura do interruptor para acender a luz, mas a voz firme e ativa de Alberto Dillon a deteve.

— Não! Está ótimo assim.

Maria o avistou sentado em uma poltrona à frente da cama. Um homem forte, aparentemente na casa dos quarenta anos, bem apresentável, que vestia calça preta com jaqueta de couro e tinha cabelos impecavelmente penteados e assentados. Ela lembrou no mesmo instante de já o ter visto várias vezes no *Night Club*, bebendo e assistindo suas apresentações, mas nunca como seu cliente. Isso talvez explicasse sua insistência em escolhê-la naquela noite. “Carne nova.”

Usando de toda sensualidade possível, ela se aproximou levando uma das mãos até os botões da blusa e começou a desabotoá-los, provocantemente, tentando o levar a excitação.

— Bem, você tem... — Ela olhou para o papel onde constava o endereço do hotel e o tempo combinado para o programa. — Meia hora!?



— perguntou surpresa. — Tem certeza de que não quer ficar mais tempo? É só pagar a diferença e...

— Não será preciso, meia hora é suficiente para o que eu quero de você.

O último botão foi desabotoado, e a blusa arremessada contra a cama.

— Já vi que é daqueles que não gosta de perder tempo.

Alberto permanecia rijo, em silêncio, apenas observando cautelosamente os seus movimentos.

— Então vamos direto ao assunto. Onório avisou que meus serviços consistem apenas em dançar e sensualizar, não avisou? — Um forte empurrão a fez tombar para trás. Alarmada, levantou-se do chão com rapidez. — O que foi isso? — um semblante confuso estampou-se em seu rosto e ela acabou se sentando na cama para processar a situação.

— Não sei se é o que você quer, mas vou avisando que não curto violência.

— Eu só quero conversar.

Maria sentou-se na beirada da cama, confusa. Ao longo do tempo em que trabalhava no *Night Club* como dançarina e como stripper particular, conhecera muitos homens com os mais diversos desejos sexuais possíveis, havia sempre quem tentasse avançar o sinal, ir além do limite que ela permitia, mas nenhum até então a havia contratado para conversar.

— Entendi, você gosta de uma boa conversa antes de começar, não é? Por mim tudo bem, eu só acho que em meia hora...

— Achou mesmo que eu fosse querer alguma coisa com você, sua vaca? — perguntou de forma rude, interrompendo-a.

Ofendida, levantou-se bruscamente da cama.

— Hei, hei... Cadê o respeito, meu amigo?

— Respeito? Olha para você e me diz se merece respeito.

— Opa! Agora a coisa está ficando séria!

Maria pegou a blusa que havia jogado sobre a cama e a vestiu apressada. O nervosismo era tanto que não conseguia abotoá-la. Nunca antes havia passado por uma situação como aquela. Nunca antes fora condenada daquela forma. Quem era aquele homem para tratá-la daquele jeito?

— Desculpe, mas não trabalho dessa forma — fez menção de sair. — Você ligou para o *Babylon* solicitando uma das dançarinas para lhe fazer companhia e exigiu que essa garota fosse eu, certamente recebeu as regras

do meu trabalho. Eu aceito dançar, seduzir, realizar fantasias e provocar excitação ao cliente. Aceito tudo dentro da brincadeira, menos estupidez e grosseria... Vou embora, e você terá tempo de contratar outra garota que atenda às suas exigências.

Alberto levantou e caminhou na direção de Maria. Segurou o seu braço impedindo que deixasse o quarto.

— Você não sabe quem eu sou, não é mesmo? — Ela puxou o braço, livrando-se dele.

— Deveria saber?

— Alberto Dillon, o padrasto de Amanda Fortes. — Maria caiu sentada na cama mais uma vez. — A garota que você levou para aquele antro e ofereceu uma vida perdida e vulgar. Acho que temos um acerto de contas para essa noite.

Por um momento, Maria perdeu os sentidos. O quarto inteiro girou à sua volta, a visão ficou turva, as mãos trêmulas e os ouvidos tiniam enquanto que a mente repetia as últimas palavras que surtiram o efeito de uma bomba.

*Alberto Dillon. O padrasto. Amanda Fortes.*



Maria balançou a cabeça de um lado para outro tentando afugentar a nuvem de lembranças que a encobria. Gotas de suor frio formavam-se em sua testa. Esfregou o dorso de uma das mãos para secá-las enquanto a outra procurava no bolso da calça jeans algumas notas para pagar a conta, havia perdido o interesse pelo café e pela torta de maçã. Recordar o encontro com o padrasto de Amanda deixou um nó em seu estômago, que dificilmente seria dissolvido e que a deixaria nauseada por muito tempo.

Levantou-se apressada, os pensamentos borbulhando feito água fervente, uma desconfiança gritante inquietando e cobrando atitudes. Algo precisava ser feito. Não poderia conviver pacificamente com a dúvida deixada por aquela recordação. Precisava de respostas, e de respostas que talvez não fossem agradáveis. Encontrá-las seria o mesmo que contribuir

para a ruína de todos os pilares que sustentavam a falsa história de sua vida. O mesmo que escancarar a quem interessasse os seus mais ocultos segredos. Revelar toda a verdade escondida.

Deixou o café e atravessou a rua para pegar o carro estacionado em frente. Remexeu em sua bolsa à procura da chave, e claro, não poderia ser diferente desta vez, não a encontrou. Havia tantas coisas ali dentro que procurar pela chave seria o mesmo que encontrar uma agulha no palheiro. Decidiu ir caminhando.

Atravessou a praça, desviando-se das crianças a brincar e em meio aos outros transeuntes, uma pessoa lhe chamou a atenção. Um homem negro, alto, vestindo camisa e calça social e com um livro nas mãos que Maria logo identificou como a Bíblia. O homem caminhava de um lado para outro, levantando uma das mãos para o céu e gritando pregações que, segundo ele, seriam palavras de Deus transmitidas através de sua boca.

— E quando Jesus morreu na cruz, não simplesmente só derramou o seu sangue, como também derramou perdão, amor, aceitação... Pagou por todos os nossos pecados.

Maria desacelerou os passos enquanto se perguntava há quanto tempo não ia a uma igreja. Desconhecia a resposta.

— Um preço muito alto por cada um de nós — o homem caminhava e balançava no ar a bíblia enquanto falava. — E ele não pediu nada em troca, simplesmente nos amou. Olha como isso é maravilhoso! Simplesmente nos amou.

O homem parou de falar, seu olhar conectou-se ao de Maria e de repente parecia que todas as pessoas à sua volta haviam desaparecido. Como se só estivesse ele e ela na praça. A distância entre os dois desapareceu sem que Maria tomasse conhecimento e quando percebeu, o pregador já estava à sua frente, a um palmo de distância. Sua mão foi tocada. A Bíblia agora estava embaixo do braço e as duas mãos, fortes e ásperas, estavam livres para acolher as suas. O homem a apertava com firmeza. Maria pensou em puxar a mão e sair dali, mas por qualquer razão desconhecida, não o fez. Então ele sorriu e afavelmente rompeu o silêncio que havia se formado, como se soubesse algo sobre ela:

— Deus diz: eu não aceito o pecado, mas amo o pecador.

Maria corou. A vergonha queimando em seu rosto. Puxou as mãos dentre as dele e saiu correndo, sem olhar para trás.



A casa era humilde. Nada diferente do que Maria esperava encontrar. Conhecendo toda a história de vida de Amanda Fortes, sua dificuldade financeira e a aversão ao trabalho de seu padrasto, não poderia esperar encontrar outra coisa senão aquela velha casa com quintal de cimento batido e portão de madeira deteriorada devido a exposição ao sol e à chuva, ao frio e ao calor. Uma casa triste, sem vida, sem o menor resquício de que algum dia a felicidade tivesse residido ali.

Sentiu o coração se comprimir diante daquela visão. Uma comoção ao sofrimento alheio. Uma compaixão por todos aqueles anos de privação. “Eu não aceito o pecado, mas amo o pecador.” A lembrança das palavras do pregador da praça veio à tona em sua mente. “Ama o pecador? Ama? Que espécie de amor é esse que não acolhe na necessidade?! Que permite e admite uma vida precária, injusta e cruel? Olha para a Amanda! Tanto sofrimento, tanta dor! Sucumbida a um final trágico e monstruoso.”

Seus pensamentos conflitantes dissiparam-se no momento em que teve sua atenção voltada para a garotinha que acenava freneticamente do lado de dentro do portão. Aproximou-se. O que pôde constatar foi uma menina de no máximo seis anos de idade sentada no chão do quintal, brincando com uma boneca despida e despenteada, pressupôs tratar-se de uma das irmãs de Amanda Fortes.

Por um momento ficou observando-a, sentindo o coração se comprimir novamente, dessa vez com a terrível hipótese de que aquela criança viesse a ter naquela casa o mesmo destino que a irmã. Olhou novamente para a criança e os olhares se cruzaram. Foi presenteada com um sorriso tímido e ingênuo.

A garota deixou as bonecas, levantou-se e foi ao seu encontro no portão.

— Oi — cumprimentou sem o menor acanhamento. — Tudo bem, moça bonita?

Maria sorriu com o elogio.

— Tudo. E com você, garota bonita?

— Tudo também — expressou um semblante pensativo. — Eu conheço você?

— Acredito que não... Eu vim falar com o seu pai...

— Ele não está — respondeu antes que Maria concluísse. — Vou chamar a mamãe. — E saiu correndo para o interior da casa.

Algum tempo depois voltou, a satisfação de antes já não existia mais.

— Ela disse que está muito ocupada, e que não quer comprar nada não.

A decepção transpassou o rosto de Maria. Pensou em ir embora. Estava ali para falar com o padasto de Amanda Fortes, ele não estava, nada mais tinha a fazer, mas não se afastou do portão, era como se alguma coisa atasse seus pés ao chão, fixando-os. Fechou os olhos e ouviu mentalmente a voz de Amanda, uma mistura de choro e desabafo: “Minhas irmãs lá, sozinhas e rendidas àquele monstro.”

— Não estou vendendo nada, meu bem — insistiu. — Sou apenas uma amiga de Amanda...

Ao final da pronúncia do nome, uma mulher de estatura mediana, magra e com um semblante abatido apareceu à porta. Não se mostrava amigável ou disposta a receber visitas.

— Quem é você? — perguntou sem rodeios. — E o que quer com minha filha? Não sei de nenhuma outra amiga de Amanda a não ser a filha dos Norton, nossos vizinhos da direita.

— A senhora não me conhece — Maria não desistiu. — Só queria conversar um pouco sobre ela.

A mulher deu um passo à frente, revelando todo o corpo através da porta. Parecia ainda mais magra e esquelética.

— O que ela fez agora? — indagou ativa e até certo ponto incomodada.

Suas palavras causaram certo desconforto em Maria. Verbos conjugados no presente que davam a sensação de que desconhecia o que havia acontecido à filha.

— Se a senhora pudesse me deixar entrar...

— Eu nem lhe conheço! — censurou a mulher. — E estou com panelas no fogo, não tenho tempo a perder.

Maria franziu a testa desapontada. “O que está acontecendo comigo? Estou perdendo a autoconfiança? Cadê a rigidez necessária em situações como esta?”

Ficou observando-a caminhar em direção à filha, que agora tinha as duas mãozinhas agarradas no portão. A mulher passou a puxar a criança

em direção ao interior da casa, dando por encerrada a conversa.

— E se eu dissesse que também tenho algo a falar sobre o seu marido?  
— Maria acometeu uma última tentativa.

A mulher parou, soltou o braço da criança e virou-se, encarando Maria com toda a ira transbordando em seus olhos.

— Entre... o portão está destrancado.



Dentro da casa, Maria encontrou mais duas meninas menores, brincando no chão da sala em meio a uma bagunça interminável de brinquedos, roupas e calçados. A bagunça, Maria veio a saber, fora provocada pelas meninas: Ana e Anabel, as garotas menores e gêmeas, e Angelita, a menina que brincava no quintal.

A mãe, ainda com o semblante cerrado, colocou-se a recolher as roupas esparramadas sobre o sofá e ajeitou as almofadas, liberando espaço para que a visitante pudesse sentar-se. Maria, por sua vez, sentia-se constrangida. Se a fachada precária e o portão deteriorado já a haviam impressionado, o interior da casa mostrou-se ainda mais impactante. Ali a escassez era notada em cada canto; nos estofados gastos e rasgados, nas paredes mofadas de tijolos à mostra e nos móveis consumidos pelo tempo.

— Você releve a desordem, porque cuidar de quatro filhas... — novamente referia-se a Amanda como se ainda estivesse viva. — Ainda cuidar da casa, marido... nem sempre eu consigo dar conta.

Seu tom de voz carregava sempre uma rispidez, uma austeridade que Maria não entendia o motivo. Como se sua presença representasse algum tipo de ameaça e a mulher tentasse se proteger, feito um animal arisco, indevidamente acuado.

— Eu ainda vim assim, sem avisar...

— E em uma hora errada também. Tenho que terminar o almoço, essas bocas que você está vendo são insaciáveis e impacientes quando o assunto é fome. Mas tenho certeza que não vai demorar, não é mesmo?

Aquela era uma pergunta direcionada a uma única resposta:

— Não.

— Ótimo. Porque você viu que tenho mais o que fazer e não acho que tenha algo para falar que demore tanto tempo assim.

Maria não respondeu dessa vez. Por um momento ficou observando as três crianças brincando inocentemente, enquanto seus pensamentos repetitivos eram tomados por suposições que a assombravam. “Meu Deus! Três meninas vivendo sob o mesmo teto que aquele homem!”

— Três meninas! — Acabou, sem perceber, proferindo em voz alta.

— Na verdade quatro! — a mãe corrigiu. — Amanda não é irmã delas por parte de pai, mas é minha filha também. — Outra frase proferida no presente. — Mas você não veio até aqui para contar minhas gestações, correto?

Maria ajeitou-se no sofá. O olhar alternando entre a mãe e as filhas.

— Bem, eu não sei o seu nome.

— Ihhhhhh, por que tantos rodeios?

“Porque eu não sei como contar que sua filha está morta!”, respondeu mentalmente.

— Desculpe, prometo tentar ser mais direta.

— Meu nome é Berta... Roberta.

Impaciente, a mulher se colocou a dobrar as roupas que havia juntado em um canto do sofá. Uma agilidade incômoda e desassossegada.

— Veja bem garota — Roberta chamou a atenção de Maria. — Você veio até minha casa, eu a atendi. Pediu para entrar, mesmo sem conhecê-la eu a recebi, falou das minhas filhas, da minha menina Amanda e eu aqui ouvindo tudo, mas até agora o que realmente precisava você não disse. A que veio? Fale!

A firmeza nas palavras não deixou alternativa a Maria senão falar a verdade. A verdade que se enraizou em sua garganta e mantinha-se presa ali. A verdade que doeria tanto em ser pronunciada quanto em ser absolvida. A verdade da qual jamais desejou ser portadora.

— Eu vi o noticiário da TV onde a senhora e seu marido faziam um apelo para que quem estivesse com sua filha, devolvesse-a... — começou rodeando o assunto. O semblante da mulher continuava imutável, nenhuma alteração de expressão. — Não sei se sabe..., mas ela apareceu.

Berta estremeceu como se levasse um choque, e no mesmo instante seu semblante anuviou-se. O autocontrole desapareceu e o que restou foi

pavor. Ignorando as palavras de Maria, virou-se para as filhas que continuavam sentadas no chão da sala distraídas com suas bonecas e começou a gritar, euforicamente:

— Já chega! Vamos, meninas... As três! Juntem todos esses brinquedos e vão lá pra dentro — apontou para a mais velha, a que recebeu Maria no portão. — Angelita, minha filha, leve suas irmãs para o quarto e cuide delas até que eu termine o almoço. — A menina não se mexeu, parecia confusa. — Vamos, garota! Agora!

Assustada, a menina levantou, pegou as duas irmãs pelas mãos e as conduziu por um corredor à direita que as levariam até o quarto. Por um momento, fez-se um silêncio inquietante e desconfortável na sala. Por fim, Roberta encarou a visitante e proferiu com o tom de voz carregado de emoção:

— Não quero que minhas filhas saibam — disse, referindo-se ao fato de tê-las retirado da sala. — Ao menos não agora, não assim quando todas as nossas perguntas ainda não encontraram respostas.

— Sinto muito — Maria desculpou-se. — Por um momento não pensei nelas.

— Três crianças ingênuas! O que sabem sobre a vida? — Roberta perguntou enquanto os olhos cerravam-se em lágrimas. — Sobre a maldade que pode consumir as pessoas? — As mãos ampararam o rosto enquanto o pranto tornava-se impossível de ser contido. — Como posso contar a elas que a irmã está morta?

“Então ela sabe!” Maria sentiu compaixão. Embora também fosse mãe, era incapaz de imaginar a dor da perda de um filho. Apenas presumia o quanto poderia ser destrutiva.

— Elas amavam a irmã. — Pela primeira vez suas palavras passaram a ser pronunciadas no passado. — A respeitavam muito mais do que a mim que sou a mãe, dá pra acreditar? Eu chegava até a me sentir enciumada — levou a mão ao rosto e tentou conter o pranto. — E me sentia feliz também, orgulhosa do amor que as unia. — Fez uma pausa para recuperar o fôlego. — Sabe, se me dissessem que Amanda teria esse fim, eu jamais acreditaria. Uma jovem bonita, inteligente, poderia ter o futuro que quisesse, e foi escolher o quê? Aquela imundice, aquela promiscuidade em que vivia.

Maria sentiu o sangue manchando seu rosto de vergonha.

— Por favor, Dona Berta, a senhora...



— É verdade — a mulher a interrompeu. — Eu cuidei até onde pude, protegi, fui conselheira, amiga, mas na primeira oportunidade ela colocou as asinhas de fora. Pior, ainda me aprontou uma dessa. Manchou o nome da nossa família com o suor da imoralidade. — À medida que as palavras eram jogadas para fora, os olhos da mãe trocavam o sofrimento por ira e rancor. — Não pensou em mim, no padrasto, meu Deus, nem nas irmãs ela pensou. Simplesmente nos obrigou a conviver com essa vergonha, esfregou em nossos olhos o pecado.

Maria estremeceu. Era a segunda pessoa em menos de uma hora que pronunciava a palavra pecado de forma tão incisiva e condenável, como se estivesse em julgamento por suas atividades no *Night Club*. Por outro lado, a mulher a sua frente parecia desconsiderar todos os acontecimentos que fizeram Amanda chegar até o *Babylon*, atribuindo a culpa somente a filha, como consequência única de suas escolhas.

— A senhora me desculpe por opinar em um assunto tão íntimo e familiar, mas pelo que sei, sua filha não teve muitas alternativas a não ser aquele emprego.

Diante da desaprovação da mulher, Maria achou melhor não falar, ao menos não ainda, que também era uma das dançarinas do *Night Club*. Fora até aquela casa com o objetivo de buscar respostas para suas suspeitas, a identidade do assassino, e confrontar os familiares de Amanda não ajudaria a encontrá-las.

— E o que é que você sabe? Como você mesmo disse isso é um assunto íntimo e familiar.

— Amanda me contou sobre algumas desavenças com o padrasto... — Maria achou por bem não apressar as palavras. — Não suportava a ideia de conviver com ele sob o mesmo teto.

De repente, o semblante abatido e consternado da mulher radiou-se. E no lugar da tristeza, brotou o riso, alto, esbrachado e descontrolado.

— Foi essa a justificativa dela? — Mais risadas. — O que mais ela contou? Falou do abuso também?

Foi impossível Maria não se sentir confusa. O comportamento da mulher a sua frente era algo incompreensível, o papel de mãe dedicada que vinha desempenhando até o momento parecia não existir mais. Em seu lugar, havia uma frieza, uma ausência de sentimentos tão grande que a fez sentir medo. Aquela risada, carregada de descontrole emocional, a falta de sensibilidade com que falava da filha davam a entender que um grande

mal-entendido se fazia presente, onde Amanda passava da classificação de vítima para culpada em um piscar de olhos.

— Eu não consigo imaginar o que nessa história absurda a faz rir tanto — comentou.

— Sua ingenuidade.

— Não entendi.

— Entendeu sim, você só não quer admitir que foi enganada.

“O único engano nessa história foi ter vindo até esta casa.”

— Amanda foi violentada pelo seu marido, e no entanto, a senhora parece fechar os olhos para isso.

— Você viu? Ela mostrou alguma evidência do estupro?

— Não, mas...

— E você está tirando conclusões baseadas em quê? Suposições? Mentiras?

A memória de Maria foi tomada pela lembrança da conversa que tivera na primeira vez em que avistou Amanda. Ela estava assustada, em prantos e abalada. Mas por outro lado, recusou-se a denunciá-lo, não aceitou procurar a polícia e submeter-se à exames que comprovariam o abuso.

— Não! — respondeu, rompendo o devaneio. — Ela não mentiria para mim... — Contudo, sua voz vacilou nas últimas sílabas, demonstrando uma dúvida que até então nunca tivera.

“Amanda parecia tão convincente. Impossível que tudo tenha sido mentira...”

— Ah, não? E por que tem tanta certeza assim?

— Éramos amigas.

A mulher novamente riu alto.

— Desde quando? Uma ou duas horas antes dela te contar toda essa história absurda? Bem, dá para ver que você não conhecia a minha filha. Amanda não era amiga de ninguém. Só gostava dela mesmo. Era egoísta, manipuladora. Você ainda não conseguiu enxergar a razão de toda essa história inventada, não é mesmo? Não percebe o que ela queria?

Maria não teve resposta.

— Então, tenho que admitir que você não é tão esperta quanto eu imaginei. Você veio até aqui procurando pelo meu marido, está este tempo todo me analisando, julgando, quem sabe até condenando as minhas atitudes, mas não teve coragem o suficiente para se apresentar, para dizer quem você é realmente. Por quê? Medo, arrependimento ou culpa?

A conversa tomava um rumo que não estava agradando a visitante.

— Eu não sei do que a senhora está falando. Juro que não sei, mas também não estou nenhum pouco interessada em...

— Não sabe mesmo, Maria? Ou achou que eu não sabia o seu nome?

Pela primeira vez desde que entrara naquela casa, Maria sentiu arrependimento por sua ideia irresponsável e precipitada de procurar aquela família. Levantou do sofá apressada com a intenção de deixar o lugar.

— Aonde você vai? Embora assim tão cedo? Ah! Mas eu nem ofereci um café, uma água ou um suco para a amiga da minha filha. Para a mulher que foi tão generosa com a minha garotinha, que a acolheu e a recebeu de braços abertos... Até ofereceu um emprego... EM UMA BOATE DE STRIPPER! — Roberta gritou a última frase descontrolada. A raiva saltando de sua boca junto às gotas de saliva. — ACHOU QUE EU NÃO SOUBESSE QUEM VOCÊ É?

Maria tentou passar pela mulher e seguir em direção à porta, mas a mesma havia se posicionado de forma a bloquear a saída.

— Me deixe ir! Quando estiver mais calma continuamos a conversa.

— Quando eu estiver calma? Acredita mesmo que algum dia eu ainda possa ficar calma? HEIN? RESPONDA! — bradou a mulher em cólera.

— Por favor, Dona Berta...

— Quando eu bati os meus olhos em você naquele portão, eu já sabia quem era. Está se perguntando neste momento por que mesmo assim a deixei entrar, não é? Eu respondo, porque há muito tempo tenho algumas coisas para falar a você, mas que acabaram ficando paradas na minha garganta. Coisas que eu estou guardando desde a primeira vez que vi Amanda naquele antro de perdição, e adivinha com quem? COM VOCÊ! — A mulher caminhava de um lado para outro da sala, impaciente. — Eu a segui várias vezes, queria saber o que estava acontecendo com ela, porque de um dia para outro estava chegando em casa com dinheiro, com roupas novas, presentes... Que mãe não se preocuparia com o filho nessas condições? Até a menos zelosa seria capaz de perceber que alguma coisa não estava certa. Dinheiro não cai do céu. Muito menos uma quantidade como aquela.

Maria começou a chorar. As lágrimas vertiam de seu rosto incontrolavelmente. Estava confusa, assustada e arrependida. Não deveria

ter se envolvido naquela história, procurado o padrasto, conversado com a mãe, e, principalmente, não deveria ter ajudado Amanda naquele dia.

— Eu passei e segui-la todas as noites, procurando saber para onde ia, ficava horas do lado de fora daquele lugar imoral imaginando o que poderia estar acontecendo do lado de dentro. Eu não tinha coragem de entrar, ou talvez não estivesse preparada para ver a verdade com os meus próprios olhos. Quando você ouviu pela boca de outra pessoa, a dor parece menor. Sim, porque foi por um desconhecido que eu fiquei sabendo, um bêbado, certo dia, saiu lá de dentro exibindo fotos da minha filha em seu celular. A minha menininha, em cima de um palco, só de roupa íntima e com um bando de homens pervertidos e pecadores tentando alcançá-la com suas mãos nojentas. Daí não foi difícil descobrir o restante da história, conversei com um segurança aqui, um garçom ali, e todos contaram que Amanda era a mais nova contratada, e adivinha quem intermediou essa contratação?

Maria baixou a cabeça envergonhada.

— Eu não tive escolhas. Ela me implorou, acabei agindo por impulso.

— E por esse mesmo impulso, você agora nos procurou. Eu sei o motivo. As mentiras de Amanda a trouxeram até aqui, não é mesmo? Você queria encontrar um culpado pela morte dela. Achou que o encontraria aqui. Ou vai negar que você está acusando o meu marido?

Maria não podia negar. O tempo todo era isso. Desde o momento em que soube o que havia acontecido, desde o momento no café da Rua Aurora quando recordou seu encontro violento com o padrasto de Amanda, ela o responsabilizava. O abuso sexual, os maus tratos, a possessividade não deixavam dúvidas.

A mãe deixou-se cair no sofá. O corpo exausto, cansado.

— Amanda enganou a todos nós. O padrasto nunca tocou um dedo nela. Foi tudo mentira, tudo fantasia de sua cabeça doentia. E sabe por quê? Porque ela queria estar naquele lugar. Ela escolheu aquela vida. O desejo, a luxúria, o sexo, a perversão, era isso o que a encantava. Você foi apenas a escada para que ela os alcançasse. Ela te usou, Maria. Ela mentiu, fingiu e te enganou para conseguir o que queria... Viver no pecado.

## Capítulo Sete



Entrou em casa impaciente. Em uma das mãos segurava o telefone celular, na outra o telefone fixo sem fio. O olhar seguia de um aparelho para outro constantemente, desejando que tocassem. Permanecia nessa ansiedade por mais de uma hora e já começava a prever que não receberia a tão esperada ligação, e que o seu pedido não seria atendido.

Benjamin, o marido, havia prometido tentar conseguir a autorização para que ela o acompanhasse durante a autópsia do corpo de Amanda, mas a julgar pela demora da resposta, Vitória entendia que não havia obtido sucesso.

Desde quando soube da morte da garota, sua calma e sua tranquilidade de espírito tinham desaparecido. No lugar restava apenas sentimentos incômodos que se alternavam da compaixão ao medo. Compaixão pela perda de uma amiga tão generosa e presente e medo de que todo o segredo que as envolviam, agora fosse descoberto.

“Eles irão investigar, farão perguntas até encontrar a verdade! Não! Não encontrarão nada. Não existe evidência sobre o que escondemos”, conversava consigo mesma em um monólogo interior.

“A caixa! Não existe mais! Eu mesma vi quando Carmela a levou para destruí-la. E a destruiu? Claro que sim, ela jamais se recusou a atender um pedido meu. Tenho que me acalmar. Tudo está sob controle.”

Vitória não entendia esse seu desejo substancial por querer assistir a autópsia da amiga. Como enfermeira, sabia que não se tratava de um ritual agradável de ver, mas sentia a necessidade de estar presente. De ver pela última vez a amiga, de poder se despedir e ajudar no preparo do corpo para o velório. Mas o telefone não tocou. E sua vontade certamente não seria realizada.

Afastando os pensamentos, Vitória então direcionou o olhar para a filha, como se só então tivesse tomado conhecimento de sua presença na sala, a menina estava sentada no sofá, distraída brincando com suas

bonecas. Pensou o quanto a garota era feliz por ainda ser uma criança, por carregar a inocência e a ingenuidade que os adultos abandonavam em algum momento de suas vidas e por ainda conseguir ver a vida com lentes coloridas e o mundo como um lugar perfeito de se viver.

— Lílie querida, está na hora de juntar os brinquedos e tomar banho.

A garota fez uma careta.

— Ah, mamãe...

— Sem reclamar, fadinha.

Rosalie largou as bonecas, desceu do sofá e caminhou até a mãe, parando à sua frente e colocando as duas mãozinhas na cintura em um gesto de protesto.

— Bem agora que o bruxo mal prendeu a fadinha no porão do castelo?

— Sim... Se a mamãe tiver que sair, quero ir com a certeza de que está de banho tomado e se possível na cama. — A garota torceu o nariz, contrariada. — E além do mais, o bruxo mal pode esperar até amanhã para libertar a fada.

A garota fez um silêncio, pensando antes de responder.

— Se a senhora, mamãe, estivesse presa em um castelo horroroso, ameaçada por um bruxo ainda mais horroroso, ia querer esperar até amanhã?

Vitoria riu. A rapidez da filha para encontrar justificativas a impressionava.

— Não tente me ludibriar, mocinha.

— Lu... o quê?

— Ludibriar, enganar... Por favor, filha, você vai acabar atrasando a mamãe.

— Vai trabalhar hoje?

— Vou.

Lílie encheu-se de satisfação.

— E o vovô vai vir ficar comigo de novo?

— Não, meu bem, hoje não.

— Por quê?

— Ora, porque o vovô tem a vida dele, filha, tem outros compromissos.

Novamente fez-se silêncio.

— Mamãe... o que é gênio ruim?

A pergunta pegou Vitória de surpresa.

— Gênio ruim? Bem, é tendência ou atitudes de uma pessoa má, querida. É alguém com quem seja difícil de conviver. Mas onde foi que você ouviu isso?

— Ah... Ontem o vovô disse que você é gênio ruim.

Vitória sentiu a ira queimando sua face. Então seu pai ficava apenas um dia com a neta e já aprontava mais uma das suas, criando situações constrangedoras, com assuntos que não cabiam a uma criança.

— Já chega de papo! — deliberou. — Para o chuveiro agora.

“Isso não pode ficar assim. Vou telefonar e ter uma conversa com ele. Temos que resolver de uma vez por todas essas nossas diferenças.”

O telefone celular em sua mão vibrou, assustando-a. Olhou ansiosa para o visor, identificando a chamada. “Salvo pelo gongo, papai! Nossa conversa terá que esperar mais um pouco.”

— Alô!? — atendeu.

Era Benjamin do outro lado da linha.

— Vitória, querida... A necropsia começa em meia hora, consegue chegar a tempo?



A sala estava fria. Não somente em relação a temperatura que naquela tarde deveria marcar em torno dos 14 graus. Era fria em exterioridade, em acolhimento. Talvez fosse as paredes anêmicas e a mobília hospitalar composta de uma gaveta aparadora, onde dispunha-se uma bandeja de aço com alguns instrumentos cirúrgicos e uma mesa de necropsia com uma pia embutida. Ou até mesmo a ausência de cores onde a brancura tornava-se deprimente.

Um ambiente impactante onde o esmorecimento prevalecia. Onde a cessação completa da vida era o centro de toda a atenção e o cheiro da morte misturado a formol era o odor que saturava o ar. O lugar onde o silêncio e o respeito se excediam, e a desigualdade racial, religiosa ou sexual deixavam de existir. Ali dentro tudo se igualava. Naquela sala onde a morte reinava, não existia rico, pobre, bem-sucedido ou desfavorecido,

havia apenas a matéria, o corpo, esperando para ser interpretado, decifrado e entendido.

A frieza incisiva do lugar era impregnante. Vitória sentiu-se tomada por ela ao cruzar a porta dupla vai e vem e adentrar a sala. Encontrou o marido cercado por três homens altos, corpulentos, vestidos com equipamentos de proteção que consistiam em jaleco branco, touca de cabelo, máscara facial e protetores para os sapatos. Tratava-se do médico legista, seu assistente e um policial que acompanhava Benjamin. Enquanto terminava de se aprontar, igualmente a eles, avistou um dos homens que acabou chamando-lhe a atenção; o mais velho e aparentemente o que conduzia a situação. Seu semblante não era estranho, o que resultava naquela incomoda sensação de já o conhecer, embora não se lembrasse.

O marido a avistou e apressou em ir ao seu encontro. Beijou-lhe o rosto e passando o braço por suas costas, comentou em um tom de voz quase sussurrado:

— Você demorou. Achei que não fosse chegar a tempo.

— E quase não chego... fiquei presa no trânsito.

— Eu tentei segurá-los o máximo que pude, mas o Dr. Rufino, médico legista, estava iniciando os procedimentos.

“Dr. Ernesto Rufino. Claro. Como eu não havia lembrado antes?”

— Você lembra dele Vitória? — ela lembrava. — Ele me disse que vocês trabalharam juntos no hospital Pérola Prado.

“Sim. No Pérola Prado. Antes de tudo acontecer. Antes do episódio que mudou a minha vida e me fez conviver com um segredo que me perturba a cada dia”, pensou ela, olhando para o homem por alguns instantes em silêncio.

— Claro! — ofereceu a mão para cumprimentá-lo, o médico retribuiu cordialmente. — Como vai, doutor?

Antes que respondesse, Benjamin adiantou-se:

— Agradeça a ele por estar aqui agora. Foi o Dr. Rufino, depois de saber que eu era casado com a enfermeira Vitória Sá Marques, quem conseguiu permissão para que assistisse a necropsia.

Vitória sorriu lisonjeada. O médico calçou um par de luvas de procedimento e fez sinal com a cabeça para o seu assistente.

— Vamos começar.

— Sim, senhor! — O assistente Willian concordou. — O corpo já foi medido, pesado e lavado.



O legista e seu assistente abriram caminho e só então Vitória teve a visão absoluta da mesa de necropsia. E do que havia sobre ela. O corpo de Amanda prostrava-se rijo e desnudo. Exposto e acometido pela quebra da intimidade, visível para qualquer um que adentrasse aquela sala. “É impressionante como o respeito à individualidade íntima se acaba no exato momento em que a vida se extingue.”

O Doutor Rufino tirou um pequeno gravador do bolso de seu jaleco, ligou-o e começou sua descrição:

— Sábado, cinco de novembro de dois mil e dezesseis, dezoito horas e quarenta e três minutos. Início do preâmbulo da autópsia. A vítima é do sexo feminino, de nome Amanda Fortes, entre dezenove e vinte anos, pele clara, cabelos loiros, aproximadamente 1,70 metros de altura. Assassinada na data de quatro de novembro de dois mil e dezesseis, o horário da morte ainda impreciso. A princípio podemos supor um tempo aproximado que não excede 48 horas, de acordo com a sujeição do corpo aos eventos letais dos fenômenos consecutivos, tais como a rigidez total. — Respirou fundo e continuou. — A vítima não dispõe de tatuagem, piercing ou qualquer outro adereço, documentos ou objetos. Fora encontrada desnuda boiando sobre as águas do lago do Parque do Ibirapuera. O corpo não apresenta marcas de escoriações ou perfuração por bala, mas apresenta o rosto desfigurado com ferimentos certamente provocados por arma branca, o que o deixou totalmente irreconhecível, também se constatou que todas as digitais dos dez dedos foram arrancadas.

Ernesto Rufino fez uma breve pausa como se desejasse certificar que todos os expectadores reagiam normalmente a todas as informações. Se nenhum apresentava indisposição com o lugar e a situação.

Vitória, Benjamin e o policial Sérgio Trajano mantinham-se firmes.

— Uma marca de nascença no ombro direito em formato de círculo facilitou para os familiares a identificação da vítima. — Ernesto Rufino continuou. — Ainda se aguardam os resultados da análise da arcada dentária. Putrefação ausente. O que se conclui que o corpo fora descartado no lago pouco tempo antes de ser encontrado. A vítima apresenta cianose facial.

Benjamin trocou com a esposa um olhar confuso.

— Cianose facial — Vitória sussurrou explicando. — É essa coloração arroxeada nos lábios e nas narinas.

— Também encontramos equimose da mucosa em grande proporção. — O médico seguia a descrição, ignorando o cochicho. — Eu poderia afirmar com precisão a causa da morte, mas prefiro esperar até a conclusão de toda a autópsia. A caixa craniana visivelmente apresenta-se em perfeito estado. — Parou de falar, desligou o gravador e direcionou-se para o seu assistente. — Willian, por favor, as radiografias.

O jovem caminhou até uma caixa de luz fixada à parede e prendeu a ela duas chapas. A imagem de frente e de perfil do crânio de Amanda Fortes foi iluminada. O médico a estudou em silêncio por alguns minutos. Quando ele acenou, Willian substituiu as chapas do crânio pela do tórax e do pescoço, depois das mãos, braços, pernas e pés.

Concluída a análise, o Dr. Fontana desligou a luz da caixa de radiografias e voltou para a mesa de dissecação, religou o gravador e continuou a descrição do que havia observado:

— Nenhuma fratura, ou lesão apresentada. Nenhuma evidência exposta da causa da morte. Procedemos então com o exame interno.

Benjamin e Vitória entreolharam-se. Embora não tivessem pronunciado uma única palavra, sabiam que estavam precedendo um momento de desconforto.

O legista estendeu o braço na direção do assistente e o jovem colocou um bisturi sobre suas mãos. Gotículas de suor se formavam na testa de Vitória. Não estava impressionada. Atividades como aquela eram corriqueiras no dia a dia de uma emergência hospitalar. O que a deixava nervosa era a quem pertencia o corpo prestes a ser rasgado.

O bisturi foi pressionado na pele. Na altura do pescoço. O sangue eclodiu através da incisão.

— Hummm! — Um gemido ecoou por toda a sala.

Os olhares voltaram-se para o emissor e puderam avistar o semblante pálido e assustado do policial Trajano. Estava acometido pelo pavor.

O Dr. Rufino parou a incisão e mostrou-se solidário.

— Você não precisa permanecer aqui dentro se não quiser, policial. É totalmente compreensível.

O homem respirou fundo para conseguir responder:

— Não! Está tudo bem.

— Posso prosseguir então? — o legista perguntou. Um tom de impaciência denunciado em sua voz.

Todos consentiram. Novamente pressionou o bisturi sobre a incisão recém-iniciada e lacerou toda a pele da altura do pescoço até a púbis, em formato de um Y. Na sequência, com a ajuda do assistente e de dois ganchos de aço, abriram o corte, deixando à mostra a caixa torácica e todos os órgãos internos.

Um som estridente os assustou. O policial Trajano tombou desmaiado.



Meia hora havia se passado. O policial fora socorrido e dispensado de suas atividades naquele dia. O legista Ernesto Rufino, seu assistente Willian, o delegado Benjamin Marques e sua esposa Vitória estavam de volta à sala de necropsia, esperançosos de que nenhuma interrupção acontecesse novamente.

— Alguém mais se sente incomodado ou nauseado? — perguntou ao casal. — Não quero ser responsável por mais nenhum mal súbito.

— Fique tranquilo que não ocorrerá — Benjamin assegurou. Suas mãos acariciaram as da esposa.

O médico retirou um a um os órgãos, e os depositou na bandeja de uma balança, conferindo o peso e os estudando minuciosamente por um longo tempo. Paciente. Analítico.

Vitória assistia a tudo firme e otimista de que a qualquer momento suas perguntas encontrariam as devidas respostas. A principal delas: como Amanda fora assassinada?

Conseguir as respostas não traria a amiga de volta, mas certamente proporcionariam um pouco mais de aquietação ao seu coração tão inconformado. Queria acreditar que a morte não trouxera grande sofrimento, que suas dores pudessem ter sido poupadas por seu assassino e que toda aquela monstruosidade cometida com seu corpo ocorrera posterior ao seu óbito.

Como se pudesse ler o seu pensamento, o Dr. Rufino forneceu o que almejava. Após recolocar os órgãos novamente à caixa torácica, voltou ao gravador.

— O exame interno denunciou sangue escuro e líquido, equimoses viscerais e equimoses puntiformes dos pulmões. Conclui-se que o óbito se deu por obstrução das vias aéreas.

— Asfixia! — Vitória concluiu.

O legista desligou o gravador e agradeceu ao assistente, que retirou suas luvas e as jogou em um cesto de lixo, abandonando a sala.

— Sua amiga morreu asfixiada. Se a tranquiliza, o sofrimento foi menor do que imaginávamos. A retirada de tecido dos dedos, os cortes superficiais da face ocorreram quando ela já estava em óbito.

— Isso me tranquiliza de certa forma.

Vitória então se viu tomada por uma desconfiança. Um pensamento que a inquietou; Amanda contara sobre o padrasto, sobre todos os seus desentendimentos e sobre o estupro. Era evidente para Vitória que ele poderia ser o seu assassino. Talvez a tivesse violentado mais uma vez, e na ânsia por contê-la, por abafar seus gritos, acabou excedendo-se e a asfixiando. O coração disparou com a suposição.

Virou-se para o médico e o viu se preparar para suturar a incisão torácica.

— Dr. Ernesto, não sei como explicar, mas acabo de ter uma desconfiança que Amanda possa ter sido violentada... O senhor não falou nada sobre isso durante a autópsia. Atentou a esse detalhe?

— Sim, fiz isso antes da sua chegada e aparentemente constatei as genitálias normais, sem indícios de lesões ou secreções.

No mesmo instante a porta da sala se abriu bruscamente e o assistente Willian passou por ela apressado.

— Vocês precisam ver isso! — anunciou. — Essa radiografia ficou esquecida na sala de raio-x, recebi agora e quando fui checá-la, vejam, — Fixou na caixa onde há pouco estive as demais, e acendeu a luz. — A radiografia abrange toda a pélvis.

Todos os olhares direcionaram-se para a imagem iluminada.

— Mas que diabo é isso? — o Dr. Ernesto Rufino perguntou, aproximando-se. — Isso muda tudo o que acabei de lhe dizer, Vitória.

— O que está acontecendo, doutor? — Benjamin mostrou-se impaciente.

O legista deixou a caixa de luz e voltou à mesa de necropsia onde o corpo de Amanda continuava exposto.

— Pinça. — Pediu. No mesmo instante foi atendido pelo jovem assistente. — Ajude-me com as pernas, por favor, Willian.

Um clima de tensão havia se instalado na sala. Benjamin e Vitória tentavam entender o descontrole do médico.

— Doutor? — chamou o delegado. — Explique o que viu naquela chapa.

— Não ficou evidente a vocês?

Benjamin e Vitória olharam novamente para a caixa de luz. A radiografia revelava uma junção de quatro ossos; o ílio, o ísquio, o púbis e o sacro que formavam o quadril de Amanda. Havia também uma espécie de quinto osso entre o púbis; roliço, de tamanho inferior e aparentemente desprendido.

— Ora, delegado! Creio que o seu homem seja um tanto quanto gozador...

— Por que diz isso?

— O assassino introduziu algo na genitália desta moça. — Ernesto acabou com a confusão que havia se formado entre o casal. — Esse cara parece muito mais neurótico do que eu suponha.

Willian mantinha as pernas de Amanda abertas enquanto o legista, com a ajuda da pinça, puxou para fora o objeto introduzido.

O silêncio era assolador. A atenção estava voltada para o que pendia em suas mãos. A curiosidade excedendo a todos.

— Vejam isso. Ele parece querer brincar com a polícia... é só um canudo de papel.

Com todo cuidado, o médico o desenrolou, e nele estava escrito uma letra e dois números: R67.

## Capítulo Oito

**ELE**



Havia anoitecido. Eu permanecia recluso e totalmente entregue ao sofá. O controle remoto em uma das mãos e o olhar indesejável no televisor. Sapeava os canais em busca de notícias de Amanda Fortes e nada encontrava. Não falavam mais sobre ela. Sua morte fora esquecida no tempo, como tantas outras. A roda do sensacionalismo havia girado rápido demais desta vez. O assassinato da jovem dançarina do *Babylon* já não estava mais no centro das atenções.

Eu, em minha incalculável bondade, atendi aos apelos de sua mãe, devolvi-a depois de purificá-la para que pudessem enterrá-la, e, no entanto, ninguém se deu ao trabalho de ao menos noticiar minha boa vontade.

A única informação que eu tinha era de que fariam a autópsia do corpo de Amanda, certamente na tarde daquele dia.

Em meus questionamentos, eu me perguntava se realmente havia ocorrido como planejado, quem estivera presente, e se haviam encontrado o presentinho que eu havia deixado para eles.

O delegado encarregado do caso, Benjamin Marques, parecia ser um homem competente, não me restavam dúvidas quanto ao seu profissionalismo e sua competência em decifrar a “charada”. Eu só não podia permitir que fosse inteligente demais, capaz de se tornar superior a mim, e acabar descobrindo-me.

Não estava jogando com a polícia. Não era tolo. Aquele presentinho deixado em Amanda, o papel com a letra e os números — R67 — não passava de uma tentativa ainda que indireta de justificar e os tornar conhecedores de meus atos.

Eu ainda tinha o perfume de Amanda em minhas mãos. As mesmas mãos que interpelaram seu último fôlego de vida. Que ofereceram redenção.

Ainda tinha acesa em minha memória a brasa da lembrança daquele momento tão íntimo e libertador; como também tinha em meu coração, a paz e a tranquilidade por mais uma vez ter atendido aos pedidos do meu Senhor e por não ter fraquejado. Do alto de minha insignificância, havia conseguido agradar a Deus, cumprindo sua vontade.

O som da campainha ecoou por toda a sala, assustando-me. Por mais que eu soubesse quem estava do lado de fora, o medo de que a polícia pudesse bater na minha porta me assombrava.

Caminhei até a entrada e abri a porta sem cerimônia. A mulher de pele alva, meia idade e cabelos castanhos despenteados pelo vento sorriu para mim.

Não era a polícia, como eu temia.

—Entre! — apressei em convidá-la. — É melhor que ninguém a veja aqui.

Do lado de dentro, percebi que trazia algo em suas mãos, e parecia bastante empenhada em proteger o objeto.

— Tem certeza de que não foi seguida?

— Absoluta! — ela me respondeu.

— Ótimo! Eu só aceitei que viesse porque você me disse se tratar de algo urgente. Não acho seguro nos encontrarmos pessoalmente. Aquele celular que te dei é a melhor maneira para nos comunicarmos. — Olhei para o que trazia em suas mãos. — E então, Carmela?

Como se tivesse levado um choque, ela apressou-se em me entregar a pequena caixa de madeira.

— Vitória me pediu que destruísse, disse que jamais qualquer pessoa poderia saber o que há aqui dentro, mas eu achei que você ia gostar de ver o que é... a caixa é sua!

## Capítulo Nove



— R67...

Do lado de fora do necrotério, Vitória repetia confusa a letra e os números do pedaço de papel introduzido pelo assassino na genitália de Amanda. Ainda se sentia transtornada com tamanha falta de respeito e decência.

— Você faz ideia do que significa isso? — perguntou ao marido.

Benjamin destrancou a porta do seu sedan preto e direcionou o olhar à esposa.

— A letra e os números? — Ela concordou. — Desconheço o significado, mas a intenção me parece única e bastante evidente. Mas ainda é cedo demais para suposições. — Abrindo a porta do carro, acresceu. — Onde quer que eu a deixe? Em casa? Eu pretendo voltar para a delegacia.

Vitória consultou o relógio antes de responder.

— Não! Já é tarde. Acho que vou direto para o hospital.

— Posso deixá-la lá então.

— Não! — apressou-se em responder. — O hospital fica a duas quadras daqui. Posso ir caminhando. Vai ser bom para colocar os pensamentos em ordem.

Benjamin foi até a esposa e a beijou, despedindo-se. Entrou no carro e partiu, deixando-a sozinha no estacionamento, inerte e pensativa.

Havia algo a mais a inquietando e o motivo ressoou em sua mente. “Dr. Rufino, médico legista... Você lembra dele Vitória? Ele me disse que vocês trabalharam juntos no hospital Pérola Prado.” É claro que ela se lembrava. Ernesto Rufino era tão participante de seus segredos quanto Amanda Fortes.

Vitória fechou os olhos e foi como se tivesse sido transportada por um túnel do tempo a uma sala pequena e claustrofóbica, onde o homem a sua frente tentava acalmá-la:



— Veja bem, minha querida, o caos já está instalado, agora só cabe a você decidir de que forma pretende se libertar. Eu acredito em você, mas sou eu contra todos eles.

Perturbada, abriu os olhos tentando afugentar as lembranças e deparou-se mais uma vez com os fantasmas de seu passado.



Dr. Ernesto Rufino estava de volta à mesa de necropsia terminando a suturação no tórax de Amanda Fortes quando três batidas à porta antecederam a entrada de seu assistente. Entreolharam-se antes que o rapaz anunciasse:

— Aquela mulher voltou... o senhor tem tempo para atendê-la?

Antes que uma resposta fosse proferida, a imagem de Vitória Sá Marques cruzou a porta e adentrou a sala. Os dois se entreolharam por alguns segundos.

— Tudo bem, Willian! Pode ir, eu já estava mesmo acabando por aqui.

O rapaz deixou a sala e Vitória caminhou até o centro dela, aproximando-se do médico; teve novamente a visão do corpo rijo da amiga.

— Por que será que eu já esperava pela sua volta? — O legista transbordava sarcasmo em suas palavras. — Eu só estava me perguntando quantos minutos levaria para despistar o seu marido e chegar até aqui... Você foi rápida.

Vitória ignorou a provocação.

— Eu precisava lhe agradecer.

O médico levantou-se da cadeira a qual estava sentado, retirou o par de luvas de látex e as jogou no lixo. Ela observava cada um dos seus movimentos.

— Não vejo motivos para me agradecer. Se estiver se referindo à sua amiga — apontou para o corpo sobre a mesa. — Eu apenas fiz o meu trabalho.

— Mais uma vez com extrema competência e conhecimento — elogiou. — Mas não estou falando de Amanda.

— Não? — Ela negou com um movimento de cabeça. — E fala sobre o que então?

— O passado. — Vitória percebeu o semblante do médico se anuviar de desconforto e incômodo. — O senhor melhor que ninguém sabe a minha história e, no entanto, ateve-se em deixá-la adormecida.

— Admiro a escolha de suas metáforas, mas acredito que não se adequam ao ocorrido. Não tive o poder ou a escolha de acordar ou não o seu passado.

— O senhor esteve na presença do meu marido, que nada sabe... — Vitória hesitou. — O que quero dizer é que teve a oportunidade de contar tudo a ele, e não o fez.

O canto direito dos lábios do legista inclinou-se em um leve e sutil sorriso.

— Não se tratava de contar ou não contar alguma coisa, mas sim de bom senso, Vitória.

— Ainda assim, senti-me na obrigação de agradecer. Por um momento, quando cruzei aquela porta — apontou — e o reconheci, pensei que seria o meu fim, que Benjamin já tivesse tomado conhecimento de tudo o que escondo. Mas o senhor foi delicado o bastante para poupá-lo.

— E voltou para agradecer ou me pedir segredo? — O médico a encarou com uma seriedade repentina. — Não sou eu que tenho que contar. Você deve saber o que está fazendo. É inteligente o bastante para escolher por qual caminho quer percorrer e se mantém a mentira mesmo conhecendo as consequências, é porque se julga capaz de suportá-las. Agora se me dá licença, vou providenciar a documentação para a liberação do corpo. Você pode ficar mais alguns minutos com ela. — Havia certa ironia na pronúncia das palavras, Vitória identificou de imediato. — Tenho certeza de que vai te fazer bem.

Sozinha na sala de necropsia, de frente para a mesa de aço onde jazia o corpo de Amanda, Vitória a observava com o coração comprimindo-se de dor e desalento. Desde o momento em que recebera a notícia da morte, não havia ainda parado e a absolvido. Ao contrário, estava sempre tentando negar acreditar, que tudo não se passava de um engano. Um terrível pesadelo.

Mas agora, ali, frente a frente com ela, não havia mais dúvida, falsas esperanças, ou negação. Somente a certeza assolando sua alma. A morte certa e devastadora.

Vitória então chorou. Deu vazão aos sentimentos e deixou que as lágrimas escorressem livremente, demonstrando toda a saudade, a dor e o arrependimento. Perder Amanda tinha sido um golpe doloroso. Ninguém iria sentir aquela perda como Vitória estava sentindo.

Ninguém.

## Capítulo Dez



Do auto de seu pedestal improvisado nos fundos do salão do *Babylon*, Onório Ferman possuía visão ampla e descomprometida do palco. Dali assistia atento as apresentações das dançarinas e cuidava para que nada de errado acontecesse a elas. Caso um daqueles homens ultrapassasse o limite permitido a qualquer frequentador da casa, bastava um sinal seu, que imediatamente um dos seguranças se encarregava de mostrar, nem sempre amistosamente, a saída para o desordeiro. Nada passava despercebido de sua visão de águia. Se um alfinete se soltasse da roupa enquanto se apresentavam, ele era capaz de enxergar.

Tocou sua cintura alcançando o rádio *walkie-talkie*. Trouxe de encontro a boca e indagou:

— Câmbio, na escuta?

Houve um incômodo chiado e a resposta na sequência.

— Sim, Sr. Ferman, pode falar. — Onório percorreu o olhar entre o palco vazio e o aglomerado de homens à sua volta.

— Hora do show! Câmbio desligo.

Todas as luzes da *Babylon* se apagaram. Agitando a multidão que se apressava em aproximar-se ainda mais do palco, presumindo o que estava prestes a acontecer. A batida de uma música sucumbiu os gritos e assovios.

— Atenção... — Onório voltara ao rádio comunicador. — Pedro, solte a fumaça.

No mesmo instante o ar encheu-se de uma nuvem branca e um perfume agradável e doce, semelhante a goma de mascar.

— Sílvio, as luzes.

O palco foi iluminado por uma luz branca. A fumaça formava uma manta alva que cobriam todo o assoalho. Porém, o palco estava vazio no momento em que as cortinas se abriram.

— Por Deus! Onde está essa garota?

Onório pareceu furioso. A casa poderia ser ultrapassada, os clientes em sua maioria, degenerados, mas o seu trabalho ali, os shows apresentados precisavam ser perfeitos. Não aceitava imprevistos e não permitia ser um fracasso. As dançarinas eram a única coisa que ainda mantinha as portas do *Babylon* abertas.

— Câmbio, é a vez da Angel. Onde ela se meteu?

Antes mesmo de obter uma resposta, avistou Angel entrar no palco. Surgindo majestosamente entre nuvens artificiais, o corpo coberto com um fino tecido branco que evidenciava e transparecia sua nudez. Das costas saíam duas asas enormes que completavam a fantasia e faziam alusão ao seu nome. O anjo do *Babylon*.

Dançava transparecendo uma inocência que alimentava o fetiche daqueles homens, arrancando-os de seu estado normal e os transportando à euforia. Todos queriam ter o prazer de corromper a falsa pureza. Todos queriam despertar seu lado menos angelical e mais pervertido. Angel se envaidecia com aquilo.

Onório assistia a tudo atento. O olhar vagou do palco para a multidão, da multidão para a equipe técnica encarregada de todos os efeitos utilizados no show, e por fim retornou para o palco.

— Pedro, chega de fumaça — anunciou. — Sílvio, atenção para a mudança de luz.

“Agora vocês terão o que tanto desejam”, pensou, referindo-se ao público.

O palco foi iluminado por uma luz vermelha. A projeção de céu com nuvens já não existia mais. Angel em um movimento brusco e ensaiado arrancou suas asas. Tirou o tecido que a envolvia e mostrou-se maravilhosamente desnuda, levando o público ao delírio.

— Desce aqui anjinha... — gritou um cliente exaltado. — Eu prometo levá-la ao paraíso.

A representação do anjo desapareceu. Em seu lugar havia a luxúria, o prazer, o pecado. Angel dançava provocantemente enquanto entre um movimento e outro se abaixava para recolher as notas arremessadas em sua direção.

— Vinte segundos e pode encerrar a música, Jorge — Onório anunciou. — Pedro, avise a Maria que ela será a próxima.

Vinte segundos depois, Angel deixava o palco e todo o ritual de produção se repetia. Luzes se apagaram, uma nova música tocou e um jogo

de luzes coloridas alternava-se.

— Maria pode entrar... Pedro, o ventilador agora!

Um trapézio foi baixando lentamente do alto do palco e nele estava Maria, sentada, pernas cruzadas, os cabelos e o vestido esvoaçantes. A iluminação agora a favorecia e a imagem avistada era algo proeminente, impetuosa.

Embora em seu interior a dor e a tristeza de todos os últimos acontecimentos a estivessem dilacerando, por fora Maria sorria. Sorria involuntariamente, por obrigação ao cumprimento de seu trabalho. Aqueles homens não tinham culpa do que acontecera a Amanda, do inquietante encontro com sua mãe e das suposições que foram implantadas em sua mente.

A euforia agora ultrapassava a normalidade. A beleza da apresentação mexia com a libido daqueles homens, excitava-os, transformando-os em animais irracionais no cio. Gritavam, urravam, explodiam em desejo e prazer.

O trapézio parou de descer. Maria descruzou as pernas lentamente em um movimento ensaiado e proposital, incitando-os. Tal movimento arrancou aplausos e assovios. Ela sabia que quanto maior o seu empenho em seduzi-los, maior seria a quantia e o valor das notas arremessadas.

Onório Ferman observava atento e satisfeito. A reação do público era o termômetro que media o nível de satisfação. A euforia não deixava dúvida de que Maria estava agradando. E quanto maior a aceitação, maior seria sua recompensa no final. De todo o dinheiro arrecadado em cada apresentação, ele ficava com uma porcentagem significativa.

— Jorge, a Maria está agradando — informou. — Deixa a música tocando e aumenta o tempo da apresentação.

Maria realmente agradava, mas pouco parecia se importar com isso. Embora reproduzisse com destreza cada um dos passos ensaiados, sua atenção parecia vagar além daquele palco, mais precisamente, no meio de seu público. Procurava em meio a todos aqueles um único homem que, para seu desapontamento, parecia não ter comparecido naquela noite.

A dança agora era apenas movimentos repetitivos, automáticos e ensaiados. O corpo permanecia em cima daquele palco cada vez mais despido e exposto, mas a mente vagava incansável e relutante por dimensões remetidas ao passado. A justiça precisava ser feita a qualquer preço.

Algumas notas foram arremessadas em sua direção, mas Maria estava tão absorta em seus pensamentos que não tomou conhecimento de nenhuma, sequer abaixou-se para recolhê-las.

Sua distração alarmou Onório Ferman que a observava confuso do alto de seu pedestal.

— Mas que merda está acontecendo com essa garota? — perguntou furioso. — Pedro, faça alguma coisa, ela precisa recolher esse dinheiro antes que peguem de volta.

O assistente discretamente fez sinal para que Maria recolhesse as notas. Quando ela o viu, foi como se tivesse levado um choque. Maria despertou de sua falta de atenção e rapidamente apossou-se do dinheiro.

Onório respirou aliviado.



Após a apresentação, Maria abandonou o palco e entrou desapontada no camarim. Deixou-se cair sobre a cadeira em frente ao espelho e ficou observando seu rosto refletido nele sem a menor disposição em remover a maquiagem, que agora já não mais exibia a perfeição inicial; gotículas de suor haviam se formado em sua testa e escorrido por sua face, borrando-a. Sentia-se frustrada, toda a expectativa criada para aquela noite parecia ter desaparecido com a ausência do tal homem que ela procurava. Deus era testemunha do quanto havia se empenhado procurando-o em meio à multidão, e nada.

A porta do camarim se abriu. Através do espelho, ela pode constatar o semblante austero e confuso de Onório Ferman.

— Puta que pariu! Você pode me dizer o que está acontecendo, Maria? — questionou enfurecido. — Sim, porque você estava em todos os lugares, menos na porra daquele palco! Você até que começou bem, é sério. Todos aqueles homens estavam incontroláveis e deslumbrados, mas de repente você parecia ter saído de órbita. Que merda foi aquela?

Maria desviou o olhar do espelho e passou a encará-lo frente a frente.

— Ah! Por favor, Onório, hoje não. Estou explodindo de dor de cabeça.

— É só isso o que você tem para me falar? Você estraga a merda do meu show e me fala apenas que está com dor de cabeça? — Pausa para uma resposta que acabou não acontecendo. — Essa dor de cabeça tem nome?

— Tem... Tem vários nomes. Tem o seu também que fica aí todo confiante transparecendo essa indiferença irritante e não faz nada para mudar a situação.

A confusão foi inevitável na cabeça do homem.

— Do que você está falando? Eu posso saber?

Maria pensou no padrasto de Amanda e no assassino, a suspeita de que os dois fossem a mesma pessoa ainda pairava em sua mente, e a indiferença de Onório perante tudo aquilo a irritava.

— Esquece. Eu vou pra casa que é melhor.

— Como assim vai pra casa? Tenho cliente pra você.

— Hoje eu não atendo ninguém, quem eu queria não veio, então...

Onório levantou involuntariamente uma de suas sobrancelhas.

— É quem eu estou pensando?

Maria balançou a cabeça consentindo.

— Eu devo estar maluco de estar contando isso, mas realmente ele não veio, apenas ligou solicitando uma das meninas. Passei o serviço para a Angel...

Uma pontada de decepção formou-se no semblante de Maria.

— O quê? Por que para ela?

— Ele não pediu por você, Maria!

— Faz tempo que ela saiu?

— Cinco minutos no máximo. Foi se encontrar com ele no...

Maria levantou-se da cadeira onde estava sentada e deixou o camarim apressada. Se havia algo em si de que podia se orgulhar era a sua persistência.





Angel já estava com metade do corpo do lado de dentro do táxi quando ouviu alguém chamar por seu nome. Deteve-se e avistou Maria saindo apressada pela porta dos fundos do *Babylon*.

Angel trabalhava no *Night Club* há um ano e podia contar nos dedos da mão direita quantas vezes trocaram alguma palavra. Ainda assim, o pouco que conversaram, limitou-se a: “boa noite”, “Você pode me emprestar um batom? Esqueci o meu...”, ou “Hoje estarei fantasiada de enfermeira. Por favor, não use nada parecido.” Havia certa desavença entre as dançarinas. Muitas vezes uma demonstração de inveja e ciúme. Portanto, quando Maria gritou por Angel, ela não pôde manifestar outra reação senão de surpresa.

— Angel, espere! — Maria insistiu.

A garota recuou, mas manteve a porta do carro aberta, impedindo-o de partir.

— Como que é dona? Vai entrar ou vai sair? — o motorista perguntou irritado. — Não tenho a noite toda não, e para sua informação o taxímetro está rodando.

— Você ouviu, não é, Maria? Vai me atrasar... O que você quer?

Maria aproximou-se.

— Exatamente sobre isso que eu quero falar com você, o Onório me contou com quem você vai se encontrar.

Angel mostrou-se ainda mais admirada.

— E qual o problema?

— O problema é que ocorreu um imprevisto. Eu diria que o seu cliente resolveu ficar um pouco mais exigente e trocou de acompanhante.

Onde havia surpresa agora existia ódio.

— Que brincadeira é essa, Maria? Eu falei com o Onório, está tudo certo...

— Mudanças de plano, querida. Sinto muito. — Maria passou por Angel e entrou no carro. — A propósito, obrigada pelo táxi.

O carro partiu. Na calçada do *Babylon*, uma mulher incrédula e sem reação sentia a raiva corroer seu coração.

— Isso não vai ficar assim! Ah, não vai mesmo!



Maria desceu do táxi em frente ao hotel. Por um momento permaneceu parada na calçada com o olhar vagando por toda a fachada. Já estivera naquele lugar outra vez, em um momento não muito agradável de lembrar. Nada ali parecia já ter sido limpo, bonito ou atraente um dia. Tudo transmitia a incômoda sensação de abandono, de descaso e ruína.

O coração de Maria não estava tão diferente assim daquele lugar. Na verdade, estava tão semelhante ou ainda pior. Mas era preciso que encontrasse forças, sabe-se lá de onde, e adentrasse. Antes de qualquer coisa, tinha uma tarefa a cumprir. Uma tarefa que pareceu não agradar nenhum pouco o recepcionista. Ao avistá-la cruzar a porta de entrada, o semblante do homem anuviou-se. Ele a reconheceu no mesmo instante. Não seria nenhuma tarefa difícil. Poucas mulheres com aquela beleza passavam por aquele lugar diariamente. Ele seria capaz de reconhecê-la a metros de distância, mesmo dentro de um estádio de futebol em dia de final de campeonato.

— Então você teve a cara de pau de voltar aqui... Escuta bem o que eu vou te falar: se você arrumar confusão de novo no meu hotel, eu juro que dessa vez a mando para a cadeia. — Cada palavra transbordava uma ira assustadora. — Quarto 27, segundo andar. Ele está aguardando.

Maria subiu dois lances de escadas e parou em frente à porta do quarto. Levou a mão ao bolso do sobretudo e retirou de dentro dele uma máscara branca. No mesmo instante as orientações de Onório para aquele encontro, dadas pelo celular enquanto estava no táxi, repercutiram em sua mente: “Você saiu com tanta pressa que eu não tive tempo de explicar. Passei esse cliente para a Angel porque ele pediu pacote completo, coisa que você não fazia, mas se faz tanta questão assim de atendê-lo, não vou me opor. Se entendam vocês duas depois... Agora se der alguma merda será por sua conta e responsabilidade... O cliente estará esperando à meia noite naquela boca de lixo da Major Sertório que você sabe qual é. Quer algo especial, algo novo, pediu para ser surpreendido.”

Maria sacudiu a cabeça tentando afastar a lembrança. Sexo era algo que aquele homem não teria, mas não poderia negar que o surpreenderia.

“Ele quer ser surpreendido?”, pensou. “Tenho certeza de que jamais se esquecerá dessa noite.”

# Capítulo Onze

## ELE



Ela media pouco mais de vinte centímetros. Era feita de cedro rosa. E eu a conhecia perfeitamente. Poderia contar, sem qualquer receio de errar, a quem realmente pertenceu e quando aquela pequena caixa de madeira fora comprada. Mas essa não era a questão. O que realmente importava era que se encontrava em meus cuidados agora. Pertencia a mim, como também todos os segredos guardados em seu interior. Segredos até então desconhecidos, mas que estavam prestes a ser desbravados.

Eu estava sentado em uma cadeira da cozinha há um bom tempo, observando-a em silêncio, pensativo, protelando aquele momento de descoberta. A caixa ainda trancada repousava sobre a mesa. Meus olhos fixos a ela, absortos e atenciosos.

O momento da revelação se aproximava. O que quer que Vitória Sá Marques escondesse do marido, da família e dos amigos, agora por mim seria descoberto. E certamente também por mim seria cobrado.

Enfiei a ponta de uma faca sobre a fechadura da caixa e pressionei diversas vezes até que a trava cedeu. Com as duas mãos, levantei calmamente a tampa. Um odor pacífico de perfume feminino invadiu minhas narinas. Um perfume adocicado, desses que você compra com facilidade em qualquer loja de departamentos.

Fiquei surpreso ao avistar de onde vinha aquele odor. Eu poderia esperar encontrar qualquer coisa naquela caixa, nunca o que realmente encontrei; um velho diário de capa dura vermelha, um pouco deteriorada por conta do manuseio. Um diário juvenil, onde qualquer adolescente registra as futilidades de sua puberdade. Um diário que para minha surpresa não pertencia a Vitória, que era quem estava de posse da caixa, mas sim a Amanda Fortes. A garota do *Babylon* que eu, em minha infinita bondade, salvei.

Embora estivesse decepcionado por encontrar ali um diário ao invés de qualquer outra coisa que comprometesse Vitória Sá Marques, eu sentia que havia encontrado o possível fio de toda a meada. A peça chave que daria sentido ao quebra-cabeça. Qual a ligação dessas duas mulheres? O que escondiam?

Com cuidado, tomei o diário em minhas mãos com a expectativa de que lendo suas anotações, pudesse encontrar as respostas cabíveis as minhas perguntas. Ao levantá-lo, uma foto desprendeu-se de seu interior e caiu sobre a mesa. Uma foto de Amanda Fortes abraçada a uma mulher. O letreiro de neon azul e vermelho atrás delas denunciava o lugar em que estavam; na entrada do *Babylon Night Club*.

Fixei o olhar na mulher ao lado da garota, identificando-a no mesmo instante. Eu mal conseguia acreditar no que via e com isso dissipava toda a minha certeza de que perguntas seriam elucidadas com aquele diário. Ao contrário, uma nova começava a se formar. “Que diabos está acontecendo?”

Atrás da foto havia uma anotação à caneta: “Minha primeira apresentação”. Olhei novamente a foto. Eu me recordava. Estava presente quando Amanda iniciou no *Night Club*.

Para minha indignação, ao reconhecer a mulher na foto abraçada à Amanda, pude constatar que era Vitória Sá Marques.

Precisei de alguns minutos para chegar a conclusão do que deveria ser feito; compartilhar aquela informação. Não havia dúvidas de que essa era a decisão correta. Alguém mais precisava saber sobre aquela foto; alguém que assim como eu, também ficaria confuso e curioso para entender o que estava acontecendo. Alguém que poderia encontrar a resposta que eu não encontrava.

Fui até o meu quarto carregando comigo a foto, abri a porta do roupeiro e retirei de dentro dele uma sacola plástica onde eu havia guardado os pertences de Amanda Fortes. Entre as roupas, encontrei o seu celular. Liguei-o. Para minha sorte não havia uma senha de bloqueio.

Tudo o que precisei fazer foi deletar todas as imagens, mensagens e áudios. Em seguida, liguei a câmera e reproduzi a foto das duas mulheres.

Perfeito! Agora só precisava encontrar uma maneira para que esse celular chegasse até o delegado Benjamin Marques.

## Capítulo Doze



O quarto estava tomado por uma escuridão quase constante. Apenas a luz de um pequeno abajur ao lado da cama iluminava o ambiente. Sombras se projetavam nas paredes. Sombras dançantes que se originavam do homem impaciente deitado sobre a cama.

Maria amarrou a máscara em volta do pescoço, cobrindo todo o rosto e deixando apenas os olhos à mostra, entrou no quarto. Caminhou em silêncio até a cama. Embora soubesse o que fazer e como fazer, estava nervosa. Um passo em falso, um deslize e tudo poderia ruir. Ele jamais a deixaria sair dali impune.

O homem avistou a silhueta contra a luz e sentiu-se ansioso com sua presença. A máscara e a pouca claridade impedindo que a reconhecesse. O desconhecido, o incerto era algo que o excitava.

Maria desabotoou lentamente o casaco, revelando a lingerie branca rendada. Deixou que a peça escorregasse por seu corpo e se amontoasse no chão. Exatamente como aquele homem deveria ficar: caído aos seus pés.

Maria sabia que não poderia falar. Ao menos não naquele momento. Deixou que os pensamentos então gritassem por ela.

“Vai começar a brincadeira, Sr. Alberto Dillon.”



— Claro que não é uma brincadeira — Onório Ferman respondeu irritado para a garota que invadira sua sala enfurecida. — Como eu já te disse, Angel, não coloquei a Maria em seu lugar. Falei para que se acertasse com você. Não tenho culpa se...

— O cliente era meu! Aquela vagabunda tomou a minha vez e você não vai fazer nada?

Angel nunca simpatizara com a colega de profissão. Havia algo nela que não a agradava. Uma autoconfiança que a invejava e que questionava também. Maria parecia perfeita demais. Era como se alguma coisa ali não fosse verdade. Como se toda a perfeição fosse apenas uma casca fina criada para esconder a verdadeira identidade. Agora, após o episódio do roubo do cliente, sua única vontade era partir em mil pedaços aquela casca protetora.

— O que você quer que eu faça? — Onório perguntou esquivando-se de qualquer culpa. — Não fui eu que a coloquei naquele táxi, você deveria a ter impedido.

— Ela me enganou. Disse que você ordenou a troca. Ah, mas isso não vai ficar assim não! Não vai mesmo.

Onório deixou o pote de sorvete o qual estava devorando sobre a mesa e vociferou:

— Mas por que diabos esse interesse todo por aquele homem? Ele é tão bom assim no que faz?

— Não é o homem! É a Maria, você jamais entenderá essa competitividade.

Angel saiu da sala tão explosiva quanto uma dinamite.



Por um instante, Maria congelou seus movimentos. Havia algemado o homem na cama como parte da fantasia e agora vagava em lembranças. Mais precisamente lembranças da primeira vez em que esteve naquele hotel com Alberto Dillon. Fora atraída até aquele quarto acreditando tratar-se de mais um cliente, mas para sua surpresa ele estava interessado em um acerto de contas.

— VAGABUNDA! — Alberto gritava, acusando-a. — Você destruiu a reputação da minha enteada — referia-se a Amanda Fortes. — Você a corrompeu com a sua imoralidade. — O tom de voz cuspiu ira e ódio sobre

ela. — Por Deus, Amanda era ainda uma menina... — Alberto avançou para cima dela e a segurou pelo braço.

— Você está me machucando — advertiu.

Ele a segurou com mais força.

— E vou machucá-la ainda mais. Ou você pensa que pode destruir a minha família e sair impune?

Maria era sacudida com tanta força que sentiu o medo a dominar. O homem parecia descontrolado emocionalmente.

Ele a soltou, o que proporcionou um rápido e ilusório alívio. Foi esbofeteada com tanta violência que seu corpo rodopiou e caiu sobre a cama. Alberto foi até ela e a puxou pelo braço, colocando-a em pé. Maria tinha o medo impresso em seus olhos. Pensou em gritar por socorro, mas antes que tivesse tempo, foi arremessada contra a parede. O espelho atrás de suas costas desprendeu-se e caiu, espatifando-se no chão. Não satisfeito, ele ainda arremessou alguns objetos em sua direção. Destruindo o quarto.

— Espero que isso te sirva de lição. Nunca mais cruze o meu caminho.

E, no entanto, lá estava ela de novo, no mesmo hotel barato com o padrasto de Amanda Fortes, movida por um sentimento de justiça e tomada por uma vingança que acreditava ser necessária. Embora ele ainda não tivesse conseguido identificá-la, por conta da máscara que usava e da pouca clareza, Maria sentia o medo chegando de mansinho e se enraizando em seu corpo. Ela o havia algemado na cama. Mas será que aquela algema comprada em um *sexy shop* da Avenida São João seria resistente o bastante para conter a fúria no momento em que a identificasse? Ou será que toda a história se repetiria? Os apertões em seus braços, as bofetadas, o quarto destruído, a violência, os gritos e as ofensas.

Maria não sabia se suportaria viver toda aquela humilhação outra vez, mas sabia que precisava continuar com o que havia começado. Não havia retirado o cliente de Angel para chegar até ali e desistir. Não o havia procurado todos esses dias no *Babylon*, até mesmo em sua própria casa por nada. Não era certo. Não era justo. Já diziam seus avós: “*os fracos desistem, mas os fortes insistem ainda que seja por uma batalha perdida*”.

Descobrir o assassino de Amanda Fortes e vingá-la era algo necessário. Tão necessário quanto o ar que respirava naquele momento. Maria sentia que devia isso a ela, em nome da cumplicidade que as unia ou quem sabe até mesmo por culpa. Foi ela quem a recebeu naquela noite fatídica. Foi



ela quem tentou acalmá-la de seu descontrole emocional, quem tentou apagar de sua memória a terrível imagem do abuso. E foi ela também quem conseguiu uma vaga no *Night Club*.

Ainda que Maria tivesse dificuldades em admitir, Alberto Dillon estava certo. Era parcialmente culpada pela morte de Amanda. Embora conviver com a culpa fosse um castigo perpétuo, encontrar o assassino e o colocar atrás das grades era a única forma de tornar o castigo menos árduo de se conviver.

E ela já o havia encontrado. Mesmo Onório a considerando insana por suas conclusões, mesmo depois de todas as justificativas oferecidas pela senhora Fortes durante a visita em sua casa, não lhe restavam dúvidas; o padrasto era culpado.

A possível confissão dessa culpa foi o motivo crucial para que voltasse a ficar frente a frente com aquele homem. A confissão que seria arrancada a qualquer custo.

Maria aproximou-se da cama. O coração aos pulos. Encarou o homem deitado. Inerte. Pés e mãos algemadas. A ereção involuntária começando a aparecer.

Preso em sua cinta liga, na altura da coxa, havia um chicote de couro. Maria o tomou nas mãos, agitou-o no ar e o pousou no meio das pernas dele. No lugar em que sua rigidez se tornava evidente.

— Pronto para começarmos a brincadeira? — perguntou, tentando omitir o nervosismo de seu tom de voz.

Alberto apenas gemeu de prazer.

Maria deslizou o chicote por todo o peito, dançando-o de um lado a outro em uma espécie de carícia sexual que pareceu agradá-lo.

Alberto sorria e pedia mais.

Foi então que ela levantou o chicote no ar, munida de toda a sua força e o açoitou no tórax desnudo. O som do couro confrontando-se com a carne junto a um grito de dor rompeu o silêncio que pairava sobre o quarto. Os olhos de Alberto arregalaram-se de espanto, enquanto um sorriso malicioso se formava por detrás da máscara branca. Maria a arrancou. Os olhos arregalados de Alberto petrificaram ao reconhecê-la.

— Você?

— Feliz em me ver, sr. Dillon?

Felicidade era a última coisa que ele conseguia sentir naquele momento. Ao menos, não depois de descobrir que a mulher por trás de

toda aquela fantasia erótica era Maria. Não depois de tomar consciência de que havia caído em sua armadilha. Não depois de concluir que aquele açoite era apenas o primeiro de muitos que estariam por vir.

Em um súbito momento de desespero, pôs-se a se mexer compulsivamente na cama, tentando livrar suas mãos e seus pés das algemas.

— O que você quer comigo? — perguntou dividido entre a dúvida e o medo.

Maria ainda deslizava o chicote sobre o corpo dele, embora a excitação, a rigidez houvesse desaparecido.

— Ora, mas por que tanta pressa? Tudo em seu tempo, meu querido. — A naturalidade das palavras o preocupou.

Só havia um significado para ela e certamente era, que a sessão tortura se prolongaria por muito tempo ainda. Pensou em gritar por socorro, mas concluiu que de nada adiantaria. Em lugares como aquele, outros clientes ou até mesmo os funcionários pouco se importavam com o que acontecia do lado de dentro do quarto.

— Diga-me, por que está fazendo isso? — Havia súplica em seu tom de voz. — É dinheiro o que você quer? Porque se for, eu não tenho muito, mas posso...

Sem dar a mínima para o que Alberto falava, Maria prosseguiu.

— Sabe, Alberto, existe um provérbio chinês que diz assim: *se você não mudar a direção, terminará exatamente de onde partiu*". E veja só, creio que foi o que nos aconteceu. Acabamos aqui, no ponto de partida. — O olhar assustado do homem alternava de Maria para o chicote deslizando em seu peito. — No mesmo quarto de hotel, com a mesma mulher que foi humilhada, agredida física e moralmente por você. Voltamos ao ponto de partida de nossas diferenças. Foi aqui que o meu ódio foi gerado. Foi aqui que a minha opinião a seu respeito foi firmada.

— Se está se referindo ao dia em que... — Alberto parou de falar e engoliu seco. — Se tudo isso for por causa do meu descontrole, eu peço que me perdoe.

Maria conseguiu perceber o medo presente no tom de voz dele e isso a deixou satisfeita.

— Você chama de descontrole a sua covardia? Desculpe, mas vou me descontrolar também.

O chicote subiu e desceu com tanta força em seu peito, que Alberto soltou um grito afoito e falho no momento em que o açoite lhe feriu a carne. A dor o havia tornado ofegante e marejado seus olhos de lágrimas.

— É vingança o que você quer? — perguntou desafiador. — Vamos lá, vá em frente.

— Estou vendo que não é tão inteligente quanto eu imaginava. Não vim até aqui em busca de vingança. Se a quisesse já teria feito há muito tempo, o que me trouxe, o que tem me movido todos os dias a procurá-lo é a verdade. É só isso o que quero de você, a verdade.

Alberto respirou fundo. “*Diga a verdade e a verdade vos libertará.*” Lembrou-se da citação do pastor e amigo Júlio Assunção durante uma de suas conversas sobre religião. “*A verdade vos libertará.*” Não dessa vez. Não naquela situação. Talvez a sua verdade não fosse a que Maria procurava. A que desejava ouvir.

— Quando me trouxe para esse hotel aquela noite — Maria retomou a narrativa. — Você acusou-me de ter destruído a reputação de sua enteada Amanda, de tê-la introduzido em um mundo de promiscuidade e perversão. Você só não admitiu a sua parte de culpa em tudo isso. A sua atitude imunda e desumana.

Alberto agitou-se nervoso, e o corpo mais uma vez sacudindo-se, na tentativa inútil de se livrar das algemas.

— E não satisfeito você a assassinou.

Outra chicotada.

— Você está louca! — A voz de Alberto soava carregada de dor.

— Louca ou não, eu jurei encontrar o responsável por sua morte. — Maria subiu na cama. Ficando em pé no espaço entre as pernas dele. — E não sairemos desse quarto enquanto você não me der a confissão que procuro. Haja como homem uma única vez em sua vida, Alberto e confesse. Por que prolongar o sofrimento? Tudo pode acabar agora mesmo, basta você cooperar.

Alberto começou a chorar feito uma criança.

— Por Deus, você enlouqueceu! — acusou.

— Pare de me chamar de louca! — Uma nova chicotada, ainda mais violenta que as anteriores, o acertou de jeito no abdômen. — Eu quero sua confissão.

— Eu não fiz nada, eu juro.

Chicotada.

— A verdade.

Alberto desesperou-se ao perceber que sangue vertia de seu corpo.

— Pelo amor de Deus. Acredite em mim... — suplicou. — Socorroooooooooooooo!

— Está apavorado por estar sangrando? Posso fazer muito pior. Não tenho nenhuma aversão a sangue.

— Eu juro, eu sou inocente!

— Estou cansando dessa ladainha. Acho melhor fazer o que estou pedindo.

— Por tudo o que é mais sagrado, acredite em mim!

Contrariada, Maria largou o chicote e levantou o pé na direção da virilha. O homem sentiu o medo ainda mais presente. Seus olhos arregalaram-se de pavor.

Sem o menor resquício de piedade, Maria baixou o pé, pisando com o salto agulha em suas genitais. O que se ouviu na sequência foi muito além de um grito de dor, foi o ápice do desespero. Um urro animalesco e assustador.



Maria vestiu-se com toda a paciência do mundo enquanto, impiedosa, observava o homem na cama revirar-se e gemer de dor. Convencida de que não conseguiria o que procurava, concluiu que não havia mais nada a fazer ali. Alberto mostrara-se suscetível a dor e jamais confessaria ser o assassino de Amanda.

“Como posso ter sido tão ingênua em acreditar que arrancaria a confissão?”, perguntou-se enquanto desligava o celular que estava gravando áudio o qual trazia junto ao corpo, preso no elástico da cinta liga. Fora uma tentativa em vão. Sua ingenuidade agora se tornava vergonhosa. Tão vergonhosa quanto o ato do qual acusava aquele homem.

Estava prestes a deixar o quarto quando a voz falha e compelida de Alberto a deteve:

— Es-espere!

Virou-se e o encarou. Todo o desespero e a súplica que transbordavam ali não foi capaz de comovê-la. A figura do homem abusivo ainda se mantinha presente em sua percepção.

— O que quer agora? Já não ficou satisfeito? Ainda tenho criatividade suficiente para mais torturas, se desejar.

Alberto gemeu só de imaginar quais seriam. Seu olhar moveu-se na direção das mãos e dos pés.

— As al-algemas.

Maria não pôde conter um sorriso.

— Pode ficar com elas — ironizou. — Eu não vou mais precisar.

— Não! — Alberto mostrava-se desesperado. — Você precisa me soltar.

— Preciso? E por quê?

O padrasto de Amanda, tão altivo, agora parecia uma criança acuada.

— Não posso ficar aqui...

— Realmente não pode.

Maria caminhou até o canto do quarto onde ele havia deixado as roupas caídas no chão, quando chegara ao hotel, abaixou e pegou sua calça. Do bolso dela, tirou o aparelho celular e procurou na agenda de contatos um número de telefone. Encontrou. No mesmo instante fez a ligação. Apertou o botão do viva voz e colocou o telefone em seu peito, em cima das cicatrizes causadas pelos açoites. A voz de Roberta Fortes Dilon soou, alarmando-o.

— Alô!?

O homem ficou pasmo.

— Sua esposa poderá ajudá-lo, Alberto.



Ao passar pela recepção do hotel, Maria aproximou-se do recepcionista e o informou sorridente:

— O meu cliente do quarto 27 está com muita disposição hoje, se é que você me entende. — Ele entendeu. — E vai receber outra mulher. Quando

ela chegar, por favor, deixe que suba direto, sem ser anunciada, exatamente como faz comigo.

## Capítulo Treze



Sentado à mesa da cozinha, ele observava incrédulo e desencorajado a pia repleta de louças sujas. “Eu vou lavar. Mas não hoje, não agora.” Consultou o relógio fixado na parede. Meia noite e quarenta e cinco. “É tarde. Amanhã eu faço isso.”

Levantou-se da cadeira com todas as dificuldades que a idade propiciava e caminhou até o quarto. Rômulo Candeias de Sá não era mais um jovem que esbanjava disposição e vitalidade, havia completado 63 anos naquele mês.

O pensamento ainda preso à louça sobre a pia.

“Meu Deus, o que eu estou fazendo com a minha casa e com a minha vida?”. Sentou-se na beirada da cama.

*“Como costumam dizer: um homem sozinho é um trem em desalinho.”*

Foi então que a solução para os problemas pareceu se projetar diante dos seus olhos. O velho computador sobre a mesa de cabeceira. Tão velho quanto o dito popular, mas ainda assim, a solução para que o trem em desalinho voltasse aos trilhos. O computador seria o seu portal entre a vida solitária que levava até então e a vida a dois, por tanto tempo desejada.

Rômulo foi casado durante quarenta anos com aquela que foi sua primeira namorada e seu único grande amor. Após enviuvar fechou-se para o amor e não se permitiu mais ter outra pessoa em sua vida. Depois de cinco anos, após ter tomado tal decisão, sentia as consequências se evidenciando cada vez mais. Fosse pela desordem da casa, que nunca conseguia arrumar, fosse nas horas de solidão em que desejava ardentemente ter com quem conversar.

Talvez se não tivesse sido tão irredutível, tão avesso à ideia de reconstruir a vida sentimental, hoje não precisasse conviver com aquela dor que abria crateras em seu coração. Hoje não estivesse apostando todas as suas fichas e expectativas de mudança em um computador ultrapassado, que lentamente conectava-se à internet. Talvez, se não tivesse sido tão

persistente na ideia de nunca mais se permitir amar, hoje não precisasse criar expectativas em um site de relacionamento; acreditando que nele estaria o antídoto para o seu coração doente.

A página de um site de busca apareceu na tela do computador. Com a dificuldade de quem não estava familiarizado com a disposição das letras no teclado, digitou pausadamente as palavras ALMA GÊMEA. Instantaneamente o site de relacionamento substituiu a página do site de busca. Era um daqueles sites que se efetuava um cadastro e, baseando-se nas especificações desejadas, o site cruzava informações e oferecia perfis de pessoas que se identificavam.

“É ridículo isso”, pensou. “Eu sei que é. Um homem na minha idade..., mas ridículo também é viver infeliz... E a propaganda na TV dizia ser a solução para o meu problema de solidão.”

A tela inicial pedia que se *logasse*. “Ah! Se não fosse aquele curso chinfrim que eu fiz o ano passado... Ao menos está me servindo de alguma coisa.”

Digitou o e-mail, a senha, novamente a senha, confirmou e pronto, primeira etapa do cadastro concluída. Uma nova página deu lugar a anterior exibindo a descrição: INFORMAÇÕES PESSOAIS.

Rômulo sentiu suas imaginárias e incontáveis borboletas eufóricas batendo asas em seu estômago. Aquela sensação o acompanhava em momentos de ansiedade.

NOME OU APELIDO:

“Hum... Não posso colocar o meu nome! Imagine se alguém me identifica? Vou ser motivo de chacota o resto da vida, o velhote à perigo.”

Por um momento, Rômulo sentiu o rosto queimando de vergonha e afastou-se do computador.

“Que idiota! Como posso ter sido tão tolo a esse ponto? Em me submeter a uma vergonha sem tamanho?”

Sentou-se novamente na beirada da cama afastando-se do computador e o observando de longe. “Confiar uma decisão tão séria como a escolha de uma parceira a uma máquina? Onde eu estava com a cabeça? Mas tantas pessoas fazem isso.” Os pensamentos entraram em conflito. “Já ouvi tantos depoimentos de histórias que deram certo. É só não usar o meu nome verdadeiro.”

Voltou apressado ao computador. Desta vez um pouco mais confiante.

NOME OU APELIDO:



Digitou: Mensageiro do amor.

“Cafona! Cafoníssimo. Que mensagem eu posso passar? E que amor se nem nos conhecemos ainda?”, apagou o apelido e se pôs a pensar.

Coroa carente.

“Não. Além de denunciar a minha idade avançada ainda contém um apelo sexual que me faz parecer subir pelas paredes.”

Galanteador Impulsivo

“Eu teria que rejuvenescer uns trinta anos para caber a esse papel.”

Devorador insaciável.

“Não! Não! Pelo amor de Deus, eu estou procurando uma companheira não um pote de creme de avelã.”

Cavalheiro solitário

“Cavalheiro solitário! Taí. Esse eu gostei.”

Preencheu o apelido e partiu para a próxima pergunta.

IDADE:

“E agora mais essa! Se eu coloco 63, o único encontro que vão me arrumar vai ser com a morte.”

Bastante experiente, respondeu no lugar da idade.

PROCURA POR HOMEM OU MULHER?

“Valha-me Deus, agora vão questionar a minha sexualidade. É claro que procuro por mulher.” Rômulo conversava com o computador enquanto digitava, como se ele pudesse entendê-lo.

PERFIL DA MULHER DESEJADA.

“Perfil? Hum... Não sei. Qualquer uma...”

IDADE DA MULHER DESEJADA.

“A idade não importa, desde que ela não venha com bengala, andador ou fralda geriátrica.”

ADICIONAR FOTO DE PERFIL

“Como eu faço isso?” Rômulo, impaciente, ainda demorou cerca de meia hora para descobrir como colocar foto no perfil e terminar o cadastro. Quando o fez, sentiu-se ansioso demais.

“A sorte está lançada. Agora é esperar para ver se alguém se interessa.”

Desligou o computador e foi para a cama, mas não conseguiu dormir aquela noite.



Benjamin entrou em casa por volta das duas horas da manhã depois de um dia exaustivo e pouco produtivo. Sentia o cansaço latejando em seu corpo, implorando por um descanso. Não conseguia separar o trabalho da vida particular. Não conseguia esquecer um, quando o outro se fazia presente.

Passou pelo quarto de Rosalíe para ver a filha antes de se deitar. A garota dormia serena e tranquila. Curvou-se sobre a cama e beijou-lhe a face carinhosamente.

Já em seu quarto, despiu-se e esparramou-se nu por toda a cama. Sentindo o cansaço sendo amparado pelo conforto. Era justamente isso o que estava precisando: a paz e a comodidade do lar. Pena a esposa não estar em casa também.

Fechou os olhos e tentou adormecer, mas não conseguiu. Os pensamentos agitavam-se em sua mente com tanta velocidade que chegavam a doer. Espantavam o sono. As investigações pareciam não progredir e isso não era bom. Era preocupante. Quanto mais tempo demandasse, mais chance daria ao assassino de cometer um novo assassinato.

Aquele bilhete ainda não decifrado possuía uma representação muito grande. Poderia ser alguma espécie de aviso do culpado para quem investigasse o caso, uma demarcação da vítima, ou até mesmo uma assinatura. Uma prévia revelação do seu *modus operandi*.

Sentou-se na cama. Acendeu a luz da mesa de cabeceira e pegou o celular. Abriu a galeria de imagem e a foto de uma jovem loira sobre a mesa de necropsia foi exibida. Ficou observando cauteloso, como se a chave para todo aquele mistério que o inquietava pudesse estar naquela foto, escondida em algum lugar despercebido. Deslizou o dedo sobre a tela do celular e a foto mudou-se para um pedaço de papel onde estava escrito uma letra e dois números: R67.

Seria um código? Uma senha? Uma charada? Uma assinatura? Ou apenas uma maneira de distrair a atenção da polícia?

“Talvez não signifique nada, e o nosso homem só esteja querendo nos manter ocupados. Brincando com a gente.”

“Ah! Amanda, o que foi que aconteceu a você? Quem realmente você é? O que quer dizer R67? E quem foi o monstro que roubou sua vida?”

Deslizou o dedo na tela do celular mais uma vez. Agora a foto era um close do rosto desfigurado da garota morta. A imagem seria impactante não estivesse ele tão familiarizado a presenciar cenas como aquela.

— Vou encontrar quem fez isso e o farei apodrecer atrás das grades. Eu não sei nada sobre você, mas eu prometo que toda a verdade virá à tona. Nenhum segredo permanecerá submerso.

## Capítulo Quatorze



A mulher que adentrou o hotel mostrava-se apreensiva demais para parar à recepção e se identificar como qualquer outro hóspede faria. A certeza de onde deveria ir, somada à preocupação constante que a movia naquele momento, fez com que seguisse direto para o andar superior.

Encontrou a porta do quarto entreaberta e não hesitou em atravessá-la. O desconhecido a assombrava tanto quanto a certeza do que estava prestes a encontrar. A ligação recebida à cerca de meia hora antes fora rápida e preocupante: “Por favor, me ajude... Você precisa me tirar deste lugar!”

Cruzou a antessala. O nervosismo percorria seu corpo por inteiro como um choque elétrico. Aproximou-se da cama, o coração muito mais rítmico do que a bateria de uma escola de samba, o medo elevando sua tensão arterial. Não tinha certeza se estava preparada emocionalmente para tamanha decepção.

A cena diante de seus olhos era muito mais assustadora do que fora capaz de imaginar. Alberto Dillon, seu marido, encontrava-se deitado sobre a cama com as mãos e os pés algemados, exibindo o peitoral ferido e com incisões que não deixavam dúvidas de que havia sido açoitado.

— Virgem santíssima, o que aconteceu aqui? — indagou incrédula.

No mesmo instante, arrependeu-se da pergunta. O que quer que tivesse acontecido, não queria mais saber. A verdade às vezes machuca muito mais do que uma lâmina afiada. Rasga a pele, perfura a alma e estilhaça sentimentos. Em casos como aquele, refrear as palavras podia ser a única solução para seguir em frente.

Não restavam dúvidas de que havia uma mulher antes de sua chegada. A traição estava óbvia, assim como a humilhação. Contudo, Roberta recusava-se a ouvir a confirmação na voz do marido. Já se sentia envergonhada demais.

Ao avistar a esposa, o padrasto de Amanda começou a chorar, o rosto manchado pela vergonha.

— Berta! Por favor... Perdoe-me... — Antecipou-se em se justificar.

— Onde estão as chaves? — a esposa perguntou, apontando para as algemas e ignorando a situação.

— Eu não sei!

Roberta pôs-se a revirar o quarto à procura das chaves. Remexendo almofadas, travesseiros, lençóis esparramados pelo chão do quarto, sempre os segurando com as pontas dos dedos, como se tudo naquele lugar despertasse repulsa, provocasse nojo ou pudesse contaminá-la. Quando não havia mais onde procurar, sentou-se na beirada de uma poltrona e ficou observando-o tão consternada com a situação que acabou sucumbida pelo silêncio que se propagou.

Não necessitava das justificativas que o marido certamente estava disposto a oferecer. Qualquer sentimento de amor e consideração que ela pudesse um dia ter nutrido, acabou naquela noite pisoteado e espezinhado pelo desejo sexual que o havia conduzido até aquele quarto de hotel. Não pensou na esposa, nas filhas, no casamento que se estendia há doze longos anos. Não pensou em nada.

A vontade que sucumbia Roberta era passar novamente por aquela porta, por onde entrara há pouco e deixá-lo preso à cama, até que alguém tivesse compaixão e o ajudasse. Mas não podia assim fazer; não agora quando enterraria o corpo de sua filha na manhã seguinte, não agora quando mais precisava de alguém ao seu lado fortalecendo-a. Mesmo que infiel, Alberto era a única pessoa com quem poderia dividir o fardo pesado que o luto ocasionava.

Levantou tencionando ligar na recepção e solicitar a ajuda de um chaveiro quando ouviu o ruído de metal chocando-se contra o piso de cerâmica. Uma chave.

Em pouco tempo, Alberto estava livre.

— Eu posso explicar tudo — prometeu envergonhado. — Não tive culpa!

A esposa mostrava-se desconfortável.

— Por favor, Alberto! Agora não.

— Mas você deve estar imaginando que...

— Eu falei que agora não!

Caminharam para fora do quarto, cruzaram o corredor, desceram a escada e deixaram o hotel sem que um olhasse nos olhos do outro. O clima era um misto de vergonha e decepção.

— Foi ela. — Alberto rompeu o silêncio insistindo em relatar o ocorrido. — Foi aquela mulher.

Roberta congelou os passos e o encarou sobressaltada. Os olhos agora pareciam duas grandes jabuticabas negras e brilhantes.

Ela sabia de quem o marido estava falando.

— Você está querendo dizer que a verdadeira... Tem certeza disso?

— Sim! A princípio eu não a reconheci, mas depois reparei naqueles olhos, no tom de voz, os gestos são tão semelhantes, Roberta. Eu não tive dúvida.

A esposa parecia muito mais assustada agora do que no momento em que avistou o marido desnudo e preso à cama do hotel.

— E você disse alguma coisa a ela sobre a Amanda?

— Ela já sabia sobre a morte dela.

— Eu me refiro a... você sabe do que estou falando.

— Não. Sobre isso eu não disse nada.

— Isso é muito grave, Alberto! — A traição havia ficado no esquecimento, a preocupação imediata era a identidade da mulher. — Se ela te procurou, e o machucou desta forma, — apontou para o sangramento em seu peito — então ela já sabe de tudo.

— Não! Claro que não, Berta. A mulher é louca, colocou na cabeça que precisa encontrar o culpado pela morte da Amanda e saiu pelas ruas agindo como uma justiceira. Ela acredita que eu matei a garota.

Houve um novo silêncio que Roberta aproveitou para refletir as palavras do marido.

— Talvez devêssemos procurá-la e contar quem era a Amanda. — Roberta sugeriu. — Ela está morta mesmo, não faz mais diferença alguma.

— Você quer dizer revelar o segredo que você esconde todos esses anos? Assim? Fácil desse jeito? Sem ganhar nada com isso? Não mesmo!

— Não faz mais sentido esconder, Alberto! Amanda se foi.

Um ônibus se aproximava do ponto onde estavam e Roberta fez sinal para pará-lo. Quando já estavam do lado de dentro, Alberto continuou a conversa:

— Não! Não... mil vezes não, Roberta! Antes que essa mulher conheça toda a verdade, eu quero que ela pague pela humilhação que me fez passar hoje. — Tocou o peito por cima da camisa e sentiu uma dor aguda, ao mesmo tempo em que o sangue manchou o tecido. — Sei quem ela é. — A

esposa lançou sobre ele um olhar indagativo. — E não vou medir forças para destruí-la.

## Capítulo Quinze



Vitória entrou em casa depois de mais uma noite de trabalho e foi direto para o quarto. Encontrou o marido adormecido em sua cama, o celular em seu colo exibindo na tela a foto do corpo de Amanda Fortes.

Por uma fração de segundos permaneceu inerte à porta observando-o dormir serenamente. Uma visão apreciativa e encantadora, tão contraditória à imagem impactante da tela do celular. Tinha-se ali uma realidade dividida em duas partes: amor e dor.

Velar o sono do marido trazia à tona a certeza do amor incondicional e rever as fotos da amiga morta ressaltava a dor de sua perda.

Adentrou o quarto e aproximou-se da cama. Com cuidado para não o despertar, desligou o celular e o deixou sobre a gaveta do criado mudo. Carinhosamente tocou o ombro do marido e sussurrou em seu ouvido.

— Ben, querido, deita direito na cama. Você vai acabar com um torcicolo.

Sonolento, Benjamin esparramou o corpo sobre a cama, acomodando-se melhor. Algumas palavras escaparam de seus lábios.

— Eu juro, Amanda Fortes, vou descobrir toda a verdade!

Vitória estremeceu de medo.



O odor do café recém-coado inebriou toda a cozinha, proporcionando uma sensação agradável. Rômulo estava sentado à mesa, uma xícara a sua frente e uma colher dançando de um lado para outro, agitando a bebida. Os pensamentos o haviam transportado mentalmente por lugares distantes e saudosos. Era impressionante como depois de certa idade o saudosismo



acabava se tornando uma virtude. A cada dia, viver só se tornava ainda mais angustiante e o saudosismo a única forma de preencher as lacunas que a solidão podia provocar. Costumava dizer que a solidão era como aquela doença que um dia o separou de sua esposa, aquela à qual não gostava de pronunciar o nome; aquela incurável que chegou silenciosa, imperceptível e acabou devastando-a.

Uma vez havia lido uma frase que dizia que: *“quem tem medo da solidão, não tem o dom de apreciar a própria companhia*. Hoje era esse o ensinamento que tentava colocar em prática. Destemer o isolamento e se tornar uma essencial companhia.

Por vezes, chegava a fraquejar, a desacreditar que conseguiria conviver com esse mal e acabava cometendo loucuras como a que cometera na noite anterior, quando tomado por uma solidão angustiante, criou um perfil em um site de relacionamento em busca de uma cara metade.

Agora se sentia um tolo, arrependido e envergonhado. “Eu precisaria ter no mínimo cinquenta anos a menos para que alguém se interessasse.”

Parou de balançar a colher. Os pensamentos vertendo em sua mente feito água na nascente. A vergonha fluindo com a mesma intensidade que as lembranças da última vez em que consultara o site de relacionamento, minutos atrás.

*VOCÊ NÃO TEM NENHUMA MENSAGEM.*

— Já chega! — Gritou como se houvesse alguém ali para escutá-lo. — É vergonha demais para uma única pessoa... Vou acabar com essa palhaçada.

Levantou-se tomado pela certeza do que deveria ser feito e deixou a cozinha seguindo em direção ao quarto. O velho computador ainda permanecia ligado. Sentou-se em frente a ele e digitou o endereço do site de relacionamento com o intuito de excluir seu cadastro.

Foi então que avistou uma mensagem e toda sua determinação desabou: “VOCÊ TEM UMA COMBINAÇÃO. Digite sua senha para ler a mensagem recebida.”

O coração acelerou. Alguém havia respondido o seu perfil.

“Não! Eu vim aqui para deletar e acabar com tudo isso de uma vez.” Uma combinação significava que alguém dentro de suas exigências havia se interessado por ele. “Deletar! É só isso o que devo fazer.”

Então pensou que se fizesse isso, iria passar o resto da vida sem saber o que estava escrito naquela mensagem, o que o fez fraquejar de novo. Ficou

ainda alguns minutos olhando para a tela. Rômulo travava uma batalha interior entre o que considerava certo e o que considerava vergonhoso. Para sua surpresa, não foi o certo que venceu. Digitou sua senha, deu um *enter* e clicou com o *mouse* em cima da mensagem. O texto apareceu no mesmo instante na tela:

*A solidão é uma doença que só o amor pode curar. Gostaria de conhecê-lo melhor.*

*Ass. Enfermeira do Amor.*

“Pronto. Mensagem lida. Agora é só deletar.” Ao invés de deletar, contrariou o impulso que o levara até ali e digitou uma resposta:

*Hoje à noite. Às nove horas, no Piazza Ristorant. Estarei com um paletó xadrez, um lenço branco na lapela e uma exaltação incontrolável em meu coração.*

*Ass.: Cavaleiro solitário.*



Vitória revirava-se inquieta de um lado a outro da cama sem conseguir dormir. O motivo de seu desconforto ainda martelava sua mente; as palavras pronunciadas pelo marido enquanto dormia: “Eu juro, Amanda fortes, vou descobrir toda a verdade!” Sentia medo, Benjamin estava cada vez mais perto dessa verdade. Pressupor o que poderia acontecer com a descoberta, imaginar situações como consequência ou até mesmo punições por seus erros, a mantiveram acordada por quase toda a madrugada. Ainda bem que havia conseguido se livrar da caixa com os pertences de Amanda Fortes antes que ele tomasse conhecimento de sua existência. Um problema a menos para se preocupar.

A porta do quarto se abriu e Benjamin entrou, ajeitando a gola da camisa e abotoando os botões do colarinho.

— Bom dia, meu amor. — Desejou ao constatar que a esposa não dormia. — Eu nem a vi chegar ontem à noite.

— Você estava mergulhado em um sono tão profundo que não quis acordá-lo.

Ele caminhou em sua direção e a beijou. Vitória retribuiu.

— Hoje terei um dia daqueles na delegacia e logo mais queria passar no cemitério.

“O enterro. Claro! É hoje.”

— Você vai?

A pergunta pegou Vitória de surpresa. Havia prometido à memória de Amanda que se encarregaria de providenciar o sepultamento que ela merecia, que cuidaria pessoalmente de todos os detalhes, mas como poderia assim o fazer? Como? Com o marido cada vez mais se aproximando da verdade, uma aproximação desta magnitude poderia ser o fator terminante para a sua desgraça.

— É... Eu... Eu não sei!

“Não posso! Eu não posso ir, me perdoe, Amanda!”

Benjamin sentou-se ao seu lado na cama.

— O que foi, meu amor? Qual o problema?

“Eu estou dando bandeira. Desse jeito não vai ser nada difícil para ele descobrir o que fiz...”

— Não há problema algum, Ben. Eu só estou confusa se realmente quero vê-la dentro de um caixão. Acho que já vi o suficiente ontem à tarde naquele necrotério.

Agora Vitória não mentia. Por mais que carregasse em si toda a frieza e impassibilidade que a profissão de enfermeira exigia em ocasiões como aquela, ver Amanda Fortes deitada à mesa de necropsia a deixou emocionalmente abalada.

— Entendi. Se está desconfortável, é melhor não ir mesmo. — Ele levantou. — Jantamos hoje à noite?

— Estou em plantão no hospital novamente, querido. Mas amanhã é minha folga, prometo cozinhar para você e para a Lílie como nos velhos tempos.

No mesmo instante, Benjamin sentiu seu celular vibrar no bolso da calça. Tomando-o em suas mãos, constatou tratar-se de uma ligação de Agatha Manfred. Desligou no mesmo instante. Certamente a esposa o questionaria se atendesse, e não estava disposto a explicar quem era aquela mulher. Jogou um beijo para a esposa e saiu apressado. Já em seu carro, Benjamin recebeu novamente uma ligação de Agatha Manfred, desta vez ele a atendeu.

— Bom dia, minha querida! Que horas devo buscá-la no aeroporto?

# Capítulo Dezesseis

## ELE



O diário de Amanda Fortes era o que eu poderia chamar de futilidade juvenil. Além da foto, nada mais parecia ter sentido para mim. Nada mais parecia oferecer as respostas que eu desejava. Minha última esperança era que o celular chegasse aos domínios do delegado Benjamin Marques. Eu o havia limpado minuciosamente e depois jogado nos arredores do parque, não tão escondido para que logo fosse encontrado.

Enquanto isso, eu seguia com minha busca por respostas para tentar entender a foto encontrada no interior do diário. Eu o havia começado a ler e estava bastante fatigado com a leitura. Um conjunto de descrições irrelevantes que nada me acrescentava. Narrativas de um primeiro dia de aula, uma troca de olhares com o garoto mais bonito da sala, festas nos finais de semana, brigas familiares, mas nada que me explicasse a relação que Amanda mantinha com Vitória Sá Marques. As duas haviam sido fotografadas juntas, sorridentes, na porta do *Babylon Night Club* em um momento descontraído. Compartilhavam de uma excitação e uma alegria que só reafirmava o quanto eram amigas, e presentes uma na vida da outra.

Somado a tudo isso, ainda havia o pedido de Vitória a sua empregada para que destruísse a caixa, conseqüentemente o diário. Por quê? O que havia nele que a assustava? Uma foto com uma dançarina e *stripper*? Se fosse somente isso, poderia ter rasgado ou queimado a foto e teria o problema resolvido. Não. Havia algo mais ali. Mas até o momento, nada do que eu havia lido a comprometia, ao contrário, sequer havia sido citada. Não havia nenhuma outra referência ligando as duas mulheres, além daquela foto.

Quando ouvi a voz do nosso Senhor, quando finalmente aceitei e entendi o que ele queria de mim, qual seria a minha missão, eu pensei que tudo se resumiria a Amanda Fortes. Eu apenas teria que encontrá-la, atraí-la e redimi-la de seus pecados. Pronto. Assim o fiz. Mas agora a missão

estava se protelando, Amanda parecia ser muito mais pecadora do que eu imaginava, e outra pessoa parecia conhecer e partilhar do seu pecado; Vitória Sá Marques.

Esposa, mãe, e o quê mais? Que segredos mais poderia esconder? Onde conhecera Amanda? Que relação mantinham? E por que estavam juntas no *Babylon* aquela noite?

Antes de proporcionar a purificação de Amanda, eu havia frequentado o *Night Club* diversas vezes, mas em nenhuma delas Vitória estava presente. Nem mesmo neste dia em que a foto foi tirada. A casa não estava lotada, seria totalmente perceptível a presença de uma mulher.

A foto foi tirada do lado de fora do clube, o que me fez concluir que Vitória foi até lá com Amanda, mas não entrou. Talvez tenha dado uma carona, tenha ido até lá e desistido de entrar. Por quê? Não sabia... Suposições, era só o que eu tinha.

Peguei novamente a foto encontrada no interior do diário e fiquei observando por um longo tempo. Era como se a resposta estivesse escondida ali, em qualquer canto e acabava passando despercebida. Alguma coisa me dizia que um fato ainda desconhecido unia Amanda e Vitória. Um segredo talvez. Não um segredo qualquer, mas algo grandioso, destrutível.

Estava na hora de descobrir o que era.

Estava na hora de voltar ao *Babylon Night Club*.

## Capítulo Dezessete



Amanda Fortes foi enterrada às duas horas da tarde daquele dia acinzentado e chuvoso. O pastor Júlio Assunção, que conduziu a cerimônia fúnebre, alegou que o céu chorava aquela perda, solidário a todos os familiares e amigos. Uma cerimônia simples, marcada pela dor e consternação que só o luto é capaz de proporcionar.

— “O Senhor nos deu, o Senhor nos tirou... Meus queridos irmãos, estamos aqui reunidos em um ato não somente de despedida como também de união e fortalecimento aos parentes e amigos da nossa querida Amanda Fortes. Em Apocalipse, capítulo 21, versículo 4 está escrito: e Deus limpará de seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor” ...

Roberta Fortes, mãe de Amanda, não conteve a emoção e desmanchou-se em lágrimas, emitindo um grito desesperador.

A alguns metros do local onde a cerimônia transcorria, Vitória Sá Marques chorava a sua dor. Escondida por detrás de um espesso tronco de árvore, a roupa molhada e colada ao corpo. Assistia a tudo tomada pela emoção e o pesar da despedida. Havia mentido para o marido dizendo que não compareceria ao enterro por receio de se juntar àquelas pessoas. O mesmo receio que a fazia se esconder atrás das árvores, o medo de ficar frente a frente com os pais de Amanda Fortes. Preferia assistir aquele ritual tão simples e pouco representado à distância.

“Ah, Deus! Amanda foi em vida muito maior do que isso aqui. Merecia muito mais do que meia dúzia de pessoas chorando a sua morte.”

Havia prometido a si mesma que seria forte. Mas naquele momento, lágrimas jorravam de seus olhos com a mesma precisão e intensidade que a chuva caía sobre seu corpo. Lágrimas contidas há dias. Carregadas de arrependimentos e de culpa.

A cerimônia chegou ao fim. As poucas pessoas ali presentes, uma a uma foram deixando o cemitério. Vitória ficou sozinha.

Certa de que ninguém notaria sua presença, caminhou até o jazigo onde haviam sepultado o corpo de Amanda e colocou sobre ele a rosa branca que trazia no bolso do casaco. Ajoelhou-se sobre a terra molhada e recém-mexida e entregou-se deliberadamente ao pranto, sem perceber que estava sendo observada.

De longe, Benjamin observava confuso e atento o comportamento da esposa.



*“Hoje à noite. No Piazza Ristorante. Estarei com um terno xadrez, um lenço branco na lapela, e uma exaltação incontrolável em meu coração. Cavaleiro solitário.”*

Rômulo perdera a noção de quantas vezes releu sua mensagem, ansioso por uma resposta. Os olhos permaneciam tão presos à tela do computador, quanto as marcas do tempo em seu rosto. Já se passara meia hora desde que a enviara e não havia uma resposta. A espera só contribuía para o seu nervosismo.

A campainha soou, interrompendo seus pensamentos. Rômulo deixou o quarto e caminhou apressado até a sala, a insistência do toque anunciava que havia no mundo alguém mais ansioso e impaciente do que ele.

Abriu a porta e surpreendeu-se com a figura que seus olhos avistaram. Antes que dissessem qualquer coisa, os olhares se cruzaram e mantiveram-se assim; fixos, congelados, inquisitivos por um longo espaço de tempo. Por mais que se esforçasse, ele não conseguia se lembrar quando tinha sido a última vez que a filha Vitória o visitara em sua casa. Fora há tantos anos que acabara se tornando uma lembrança distante e esquecida.

No entanto agora, ela batia a sua porta. Aparentemente frágil, desarmada de fúria, ressentimento ou qualquer outra coisa.

— Vitória! — exclamou ainda incrédulo.

Embora houvesse uma quantidade enorme de coisas a serem ditas, Vitória só conseguiu proferir uma única palavra:

— Pai! — Ela soou como uma súplica.

Rômulo pareceu tão confuso quanto desconfortável com a situação. As diferenças e a ausência forçada da filha não só o distanciaram como havia criado uma barreira intransponível, que acabara os tornando estranhos um ao outro. A cumplicidade, o carinho de pai e filha se perdeu no tempo.

No entanto, agora Vitória batia à sua porta. Por um momento pensou em abraçá-la, fechar seus braços e envolvê-la da mesma forma que fazia quando ainda era criança. Sentiu vontade de deslizar sua mão por seus cabelos e tranquilizá-la, mas não o fez. Por orgulho? Quem sabe por receio? Talvez, o fato é que não o fez. Permaneceu inerte entre a sala e a varanda, sem qualquer reação, a porta tão escancarada quanto suas feridas e seus ressentimentos.

— Talvez fosse melhor você entrar. — Por fim, sugeriu.

Quando deixara o cemitério, minutos atrás, Vitória sentia-se desolada demais para voltar para casa e enfrentar a solidão do lugar. Benjamin trabalhando, Rosalie na escolinha e Carmela de folga, não teria com quem dividir a angústia que teimava em consumi-la. Não teria com quem dividir suas verdades. Sentia-se desolada e totalmente carente de conforto e acalanto. Foi então que decidiu para onde ir.

Era certo que não mantinham uma relação exemplar de pai e filha, que por muitas vezes as diferenças ideológicas os mantiveram afastados, que anos se passaram desde a última vez em que cruzara aquela porta, contudo não havia nenhum outro lugar onde pudesse ir naquele momento. Não havia ninguém mais que já conhecesse a sua história, ou pelo menos parte dela, com quem pudesse conversar. O pai era o único consolo que lhe restava.

— Entre — Rômulo insistiu. — Não sou muito adepto de dramas e plateias — referia-se à vizinhança.

O pai segurava a porta impaciente, como se esperasse que uma decisão fosse tomada; “ou entra ou vai embora”. Entrou.

À medida que se aproximava do interior da casa, a sensação que a acometia era a de que adentrava em um túnel do tempo. Onde os anos regrediam e todas as suas lembranças juvenis vividas naquele lugar renasciam vigorosamente em sua memória. Lembranças que permaneciam afixadas e impressas em cada um dos objetos, todos eles permaneciam exatamente como da última vez que estivera ali, até mesmo a disposição dos móveis não fora modificada. A casa, a arrumação, os bibelôs, tudo pareciam seguir a mesma ordem deixada por sua mãe antes de falecer. Era



como se a qualquer momento ela pudesse cruzar uma daquelas portas e encontrar tudo em seu devido lugar.

Houvera essa preocupação por parte do pai, em não efetuar mudanças ou substituições e Vitória conseguia perceber isso. Estava ali diante dos seus olhos. O velho piano no canto direito da sala ainda acolhia os retratos da época em que formavam uma família perfeita, de uma época em que aquela casa transmitia felicidade e não odor de poeira e mofo. A pequena mesa de centro ainda expunha as revistas de culinárias preferidas, hoje amareladas devido ao tempo em que estiveram expostas. Sobre os sofás, as mesmas almofadas vestidas com capas de crochê. Era como se o tempo ali dentro não tivesse passado. Havia congelado. Da mesma forma que havia congelado os sentimentos de carinho, de respeito e de amor que um dia foram capazes de sentir.

— Você, por favor, não repare a bagunça da casa porquê... — Rômulo pediu ao perceber o olhar da filha percorrendo todo o lugar.

— Pai.

— Não tenho sido um bom exemplo de organização...

— Pai! Não foi por isso que vim. Não estou preocupada com seus desempenhos domésticos.

Rômulo ajustou as almofadas no sofá e fez menção para que a filha se sentasse. A princípio ela pensou em recusar, sua vontade era caminhar por toda a casa, rever cada canto, cada objeto, reviver cada lembrança, mas não o fez. Não aquele dia quando toda sua estrutura emocional se encontrava abalada. Não aquele dia onde buscava forças e não mais tristezas.

Sentou-se.

— Eu não queria ter vindo assim, sem avisar, mas estava tão perdida, tão incerta de como agir.

— Olha, Vitória, se você veio até aqui por conta ainda daquela noite que fui ficar com a minha neta, eu já adianto que vai ser perda de tempo querer discutir...

Vitória lembrou-se da noite em que estava trabalhando e o marido Benjamin foi chamado para o caso da morte de Amanda. O pai foi quem tomou conta de Rosalie. Lembrou-se também sobre o questionamento da filha, no dia seguinte: “Mamãe... o que é gênio ruim? O vovô disse que você é gênio ruim.” E que havia prometido procurá-lo para tirar satisfações. Mas agora eram águas passadas. Qualquer que tenha sido a

intenção do pai, agora parecia insignificante, perto da dor que ela estava sentindo.

— Não é isso. Não vim para brigar!

Rômulo acomodou-se em uma poltrona, ficando frente a frente com a filha.

— Cinco anos, Vitória! — expressiu com um sorriso contido, quase irônico. — Cinco anos se passaram desde a última vez que você esteve aqui, foi no dia que aquela doença nos arrancou a sua mãe, jamais esquecerei. Desde então o que define a nossa relação de pai e filha é um telefonema no meu aniversário, um cartão no natal e o que mais? Ah, claro! A cesta básica que você me manda todos os meses. Como posso esquecer assim de tanta gentileza?

— Está sendo sarcástico sem necessidade, pai! Como eu disse, não vim para brigar.

— Então veio por quê?

A pergunta direta pareceu perturbá-la. Ao invés de responder, Vitória refez a pergunta para si mesma: “Por que vim até ele? Será que foi por que estou me sentindo acuada? Com medo? Sozinha? Por que estou vendo o meu passado ressurgindo a cada dia e trazendo com ele os meus erros? Por que escondo coisas que não tenho a quem confiar? Que o meu coração se deflagrou no exato momento em que vi pela TV a notícia da morte de Amanda? Será que vim por que estar no cemitério me deu a certeza do que até então eu recusava? De que Amanda realmente está morta! De que ela se foi e eu por egoísmo ou por fraqueza a privei de ouvir o que ela sempre quis ouvir de mim? Será que vim por que não consigo voltar para casa, me olhar no espelho e me encarar de verdade? Por que me sinto culpada por tudo o que está acontecendo? Por que tenho mentido todos esses anos para o meu marido, para minha filha, para mim mesma? Será que o que me trouxe até aqui não foi a necessidade excessiva de um abraço, de um apoio, de um conselho?”

— Não sei! — respondeu confusa. — Não sei por que vim! Eu fui até o cemitério...

Vitória parou de falar e ficou pensativa, como se estudasse cada palavra na tentativa de saber se deveria ou não falar com o pai sobre Amanda.

— Cemitério? — ele perguntou alarmado. — Alguém que eu conheça?

— Não! Não mesmo... Uma amiga do hospital — mentiu. — Eu estava lá observando aquelas pessoas, a comoção delas, o luto, a despedida e de

repente eu percebi o quanto isso tudo é deprimente, é superficial.

Rômulo encarava a filha sem entender onde ela pretendia chegar.

— Você se refere à morte? Acha mesmo que é superficial?

— Não... falo da nossa vida, das coisas que damos importância sem realmente merecer. Falo das escolhas que fazemos e dos caminhos que essas escolhas nos obrigam a seguir. É só olhar para nós, pai, e perceber que as escolhas que fizemos não foram corretas.

O pai mostrou-se ainda mais confuso.

— Espera, Vitória, me deixa ver se entendi. Você foi ao enterro de uma colega de trabalho, comoveu-se, ficou complacente, emotiva e então resolveu me procurar e compensar a sua ausência de todos esses anos com discursos moralistas e palavras difíceis? É isso?

“Talvez, pai, se você soubesse quem é Amanda Fortes, você me entenderia!”

— Não pensei em compensação, mas confesso que a situação me deixou incomodada com as nossas atitudes. Por que tem que ser assim? Por que temos sempre que nos estranhar? Nos sabotar? Eu entendo que temos vidas distintas, que sustentamos opiniões contrárias, mas por que não damos uma trégua? Deixamos o passado lá atrás, esquecido, respeitamos nossas escolhas e nossos defeitos e tentamos conviver amistosamente? Eu sinto falta disso... e sei que seria importante para a Lílie também. Ela ainda é uma criança, pai! Faz questionamentos, sente a falta da presença do avô.

— Eu nunca quis me afastar da minha neta. — Rômulo levantou-se da poltrona e começou a caminhar pela sala, inquieto. — Sabe, toda essa sua consciência tardia de que viver em desalinho é pura perda de tempo, eu também tive, diversas vezes me senti assim como você. Essa mesma carência, essa mesma necessidade abundante de correr de encontro à minha família e sentir proteção. Só que ao contrário de você, eu não tinha para onde ir, porque a vida havia me tirado a minha companheira e a minha filha, a única que restava, virava-me as costas, simplesmente porque fui contrário a algumas de suas escolhas, e porque um dia, por ignorância ou egoísmo, errei com ela.

Rômulo aproximou-se do velho piano com a mão esquerda apoiada na parte superior onde ficavam dispostos os porta-retratos, e com a mão direita sobre o teclado, dedilhou algumas notas que não somente revelavam sua paixão musical como também denunciavam a angústia e a

tristeza que queimavam seu coração. Há quem diga que música é a arte de combinar sons e silêncio. E era exatamente isso o que Rômulo fazia naquele momento. Combinava os sons de suas contrariedades com o silêncio de suas palavras, como se toda a mágoa contida durante os anos pudesse se materializar através da música, desprendendo-se de seu interior e ganhando liberdade através de seus dedos.

Vitória sentiu os olhos lacrimejarem. Levantou-se e foi até ele. Ao seu lado sentiu-se tentada a dividir aquele momento, como fizeram tantas outras vezes. Conhecia aquela música. Cada nota harmoniosamente ainda presente em suas lembranças. Mas o receio a impediu. Rômulo puxou a banqueta e sentou-se, o olhar convidativo, quase implorava para que a filha fizesse o mesmo. Para sua felicidade, o convite foi entendido e Vitória ocupou o lugar oferecido.

Lado a lado, pai e filha tocaram juntos. Lágrimas jorraram dos olhos de Vitória com a mesma intensidade que o som eclodiu das cordas do piano. Seu coração, sobrecarregado de emoção, transbordava. Quando poderia imaginar que momentos como aquele fossem se repetir? Uma trégua para todo sofrimento, para todo desentendimento. Um minuto de paz.

A música terminou. Vitória retirou as duas mãos do teclado e as apoiou em seu colo, o olhar direcionado a elas sem a coragem devida para encarar o pai.

— Você ainda se lembra! — ele exclamou surpreso.

— Todos esses anos eu a tocava mentalmente, lembrando de quando me ensinou. Me perguntando se um dia teria a oportunidade de repetir... Eu senti tanto a sua falta, pai!

Tomada por uma emoção incontrolável, Vitória o abraçou, despida de ressentimentos ou qualquer outra mágoa que durante anos a acompanhou. Abraçou-o com vontade, com saudade, com a necessidade de sentir-se amparada.



— R67...

Em sua claustrofóbica sala de paredes sujas e mobílias escassas, Benjamin encontrava-se sentado à sua mesa com o olhar fixo à tela do computador que exibia a foto do papel encontrado nas genitálias de Amanda Fortes durante a autópsia, e repetia em voz alta para si mesmo aquela letra e números descritos nele, que pareciam um enigma longe de uma possível solução.

“Mas que diabos é isso?” Por mais que se esforçasse a decifrar, havia algo muito mais importante em sua mente, perturbando-o e comprometendo sua capacidade de raciocínio. “Vitória mentiu!”

Quando a deixou naquela manhã, a esposa havia garantido que não compareceria ao enterro por razões que ele entendia; não querer ver a amiga dentro de um caixão era algo aceitável. No entanto, lá estava ela. Ele mesmo a havia avistado escondida entre os troncos de árvores. Distante, como se não desejasse ser notada. O que quer que representasse essa sua atitude, Vitória teria que se explicar quando chegasse em casa, à noite. Agora, precisava afugentar de sua mente qualquer desconforto que aquela situação havia lhe causado e deveria focar naquele recado que o assassino de Amanda deixara.

— R67... Isso não faz sentido!

A porta se abriu abruptamente e o policial Trajano passou por ela. O mesmo policial que havia acompanhado Benjamin e Vitória durante a sessão de autópsia.

— Falando sozinho, chefe?

Benjamin ignorou a pergunta e continuou com o olhar preso à foto no computador.

— Trajano, se você fosse um psicopata que sai por aí atacando jovens mulheres...

O policial o interrompeu antes mesmo que concluísse seu raciocínio:

— Houve mais alguma morte? Você disse jovens, no plural!

— Força de expressão. Mas vou retificar; você é psicopata e assassina uma jovem de 20 anos, dançarina e stripper de uma casa noturna no centro da cidade, por motivos até então desconhecidos...

— Dançarina, stripper e garota de programa. Ao menos é o que os outros caras estão comentando aqui na delegacia.

Benjamin apertou uma tecla do computador e a foto mudou-se para o corpo de Amanda na mesa de necropsia.

— Que seja! Dançarina, stripper, garota de programa ou qualquer outra coisa que essa jovem tenha feito de sua vida, o que eu quero entender é por que introduzir um papel em sua cavidade vaginal escrito apenas R67?

Trajano pensou por um tempo.

— Uma assinatura?

— Sem ter cometido outros crimes? Acho pouco provável. Não há nenhum outro caso semelhante a esse no nosso banco de informações.

— Um recado, talvez?

— Pensei nessa possibilidade também, do assassino querer se comunicar, mandar uma mensagem a alguém..., mas a quem? Falei com a mãe e o padrasto dela hoje após o enterro. Aliás, mãe adotiva. Ela me contou que Amanda foi deixada em sua porta com dias de vida. Cresceu sem saber que era adotada, fez poucas amizades e a mãe desconhecia a existência de possíveis inimigos ou desavenças.

— A garota perfeita! — O policial Trajano ironizou.

— Não fosse pela profissão escolhida, não é mesmo? A mãe e o padrasto pareciam reprovar a maneira que a garota encontrou para sustentá-los.

— Mas isso não seria motivo suficiente para que eles a matassem.

— Não! Não... Pude perceber que a garota teria muito mais utilidade viva do que morta. Afinal de contas era dela que vinha o dinheiro para as contas e as despesas do mês. A mãe vive de uma faxina aqui, uma roupa lavada ali, nada que seja suficiente para sustentar as outras três filhas e principalmente os vícios do marido. Este parece não ser adepto ao trabalho e tudo o que conseguia de dinheiro com a esposa e com a enteada era gasto com bebidas e olha que coincidência — agora foi Benjamin quem ironizou. —, com mulheres do *Babylon Night Club*, o mesmo lugar onde Amanda trabalhava.

— Parece que tudo está ligado a esse lugar, não é?

— É o que eu pensei, Trajano.

“Se ao menos Agatha estivesse aqui comigo, quem sabe me ajudaria a resolver esse mistério. Mas como ela mesma disse em sua ligação, só vai chegar ao Brasil à noite, e conhecendo-a como conheço, já deve estar repleta de compromissos.”

— Talvez devêssemos ir até lá, chefe...

— Eu já tinha pensado nisso, e vamos resolver isso logo mais. Mas agora me diga, o que o fez entrar afoito?

O policial olhou para o saco plástico para provas em sua mão antes de responder.

— Ah, sim! Claro, eu já ia me esquecendo. Tenho aqui comigo uma coisa que vai te deixar bastante esperançoso. Um casal de namorados que passeava pela orla do lago do Ibirapuera encontrou isso aqui. — Levantou o saco plástico na altura dos olhos do delegado. — A princípio pensaram em ficar com ele, mas quando descobriram a quem pertencia, sentiram medo e resolveram entregar aos seguranças do parque. — Os olhos do policial Trajano brilhavam de satisfação à medida em que falava. — Encontramos o celular de Amanda Fortes.



— Tome! — Rômulo voltou da cozinha e entregou uma xícara de café à filha. — Acho que vai acalmá-la.

Vitória enxugou as lágrimas com o dorso das mãos antes de receber a xícara e dar um primeiro gole.

— Desculpa! A última coisa que eu queria era vir até aqui e provocar uma cena melodramática. Eu só estava me sentindo perdida. — Outro gole. — Tantas coisas acontecendo ao mesmo tempo e eu sem saber como agir, sem poder contar com o Benjamin.

Rômulo ouvia a filha em silêncio. Temia que qualquer palavra inadequada utilizada para manifestar sua opinião, colocasse um ponto final na amabilidade que havia conquistado e comprometesse a tentativa de ambos terem uma convivência pacífica e respeitosa. Ainda mantinha toda a sua recusa para concordar com suas escolhas, mas ao menos por enquanto, ao menos naquele momento, estava disposto a ofertar uma trégua.

— Eu estava no cemitério, vendo aquelas pessoas manifestarem o luto, cada um à sua maneira, a chuva caindo sobre nossas cabeças, o dia acinzentado, era a representação perfeita da devastação sentimental. Parece que só então, ali, eu me dei conta do que realmente havia acontecido. Nem mesmo quando avistei Amanda deitada na mesa de

necropsia sendo estudada por um desconhecido, eu tive essa sensação, de que nada mais fazia sentido. Foi ali, no silêncio daquele lugar que eu tive a certeza de que a havia perdido. Que viver não fazia mais o menor sentido. E insistir em desavenças como a nossa, pai, não passava de uma grande besteira. — A xícara de café tremia involuntariamente em suas mãos. — Quando a minha mãe se foi, ela me pediu que promettesse que seria muito feliz, me pediu para refazer o meu passado, a atitude insana e impensada que eu havia cometido na adolescência, e o que foi que eu fiz? Cometi inúmeros outros erros. Um atrás do outro.

Vitória descansou a xícara sobre a mesinha de centro como prevenção de um possível acidente. Não se encontrava mais em condições de a segurar com a firmeza necessária. Esperava que no intervalo de sua lamúria, o pai pudesse dizer alguma coisa e não somente manter-se em silêncio, como vinha fazendo. O que acabou não acontecendo.

— Não precisamos nos falar, pai. Você não precisa conversar se não quiser. Mas eu preciso disso aqui, preciso estar presente, estar em contato com o que um dia foi o meu mundo, você entende?

Rômulo rompeu o silêncio.

— E por que só agora se deu conta disso? Você teve cinco longos anos para fazer isso e não fez. Por que só agora chegou à conclusão de que eu, essa casa e essa história são indispensáveis a você?

Agora foi a vez de Vitória levantar e caminhar impaciente pela sala.

— Por tudo o que tem acontecido.

— Tudo o que tem acontecido... — Rômulo repetiu acompanhando com o olhar os passos que ela dava à sua volta. — Você fala interceptando as palavras, por códigos, é quase uma charada que não sei desvendar.

Vitória parou de andar. Apoiou as duas mãos nas costas da poltrona e o encarou.

— Você sabe o que fiz no passado. Aliás, para ser justa, o que fizemos.

— Sei... Sei sim. Acho até que sou a única pessoa além de você a saber. Mas é o seu presente que me deixa uma grande e inquietante incógnita. Não sei nada sobre você hoje. Não sei o que significa esse “tudo o que tem acontecido” a qual você se refere. Não sei o que pode ter acontecido, no enterro da sua amiga para mostrar-se tão debilitada e provida de arrependimentos.

Era chegada a hora da verdade. Vitória sabia que não tinha mais como fugir.



— Amanda Fortes, aquela garota assassinada e encontrada boiando no lago do Parque do Ibirapuera não era minha amiga! — disparou.

Rômulo pareceu confuso.

— Espere! O enterro que você foi hoje é daquela garota que tem aparecido nos noticiários?

— Isso.

— E você está me dizendo que não a conhecia? Mas foi você mesma quem disse ao chegar aqui que acabava de sepultar uma amiga.

— Você não me entendeu, pai! Amanda Fortes não era minha amiga... era a criança que eu, com a sua determinação e ajuda, abandonei na porta de uma desconhecida, há vinte anos. Minha filha, sua neta.

Com a notícia, Rômulo caiu desfalecido no sofá.



— O celular de Amanda Fortes! — Benjamin repetiu extasiado. — Mas isso é uma ótima notícia!

O policial Trajano sorriu.

— Eu sabia que ia gostar de saber, delegado. Tanto que vim direto te mostrar, antes mesmo de mandar para a perícia.

Benjamin pegou o saco de provas de sua mão e por um momento ficou observando o aparelho em seu interior.

— Impressões digitais certamente estão comprometidas. Você disse que um casal o encontrou...

— Exatamente.

— Mais ainda podemos obter muitas informações. Peça para rastrear as ligações feitas nos dias antecedentes ao desaparecimento, mensagem de voz, conversas em redes sociais, fotos, tudo o que houver nesse celular pode ser uma pista para encontrarmos o nosso homem.

— Certo chefe.

O delegado levantou-se e entregou o saco plástico ao policial.

— Agora eu preciso ir resolver uma coisa, Trajano.

— É o que estou pensando?

— É... Está na hora de conhecer o *Babylon Night Club*.

## Capítulo Dezoito



— Um, dois, três, quatro... vira! — Sentado em uma cadeira de madeira à frente do palco do *Babylon Night Club*, Onório Ferman gritava enquanto estalava os dedos e movimentava uma das mãos da esquerda para a direita seguindo o ritmo da contagem. — Cinco, seis, sete, oito... Mãos no quadril. Nove, dez... inclina os seios para frente, olhar penetrante, muita sedução, garota... Lembra que é a sua capacidade de seduzir, que vai definir a quantidade de notas que serão arremessadas em sua direção.

No palco, a jovem de não mais que dezenove anos transparecia uma timidez involuntária que não combinava com o lugar. Alice já se apresentava há mais de um ano, mas cada vez que subia no palco, o nervosismo era o de uma iniciante. Talvez fosse a infundável vergonha que sentia de estar fazendo aquilo. O preconceito por sua profissão enfrentado a cada novo dia. A ausência dos pais em sua vida por não compartilharem de suas escolhas. O fato era que embora estivesse trabalhando naquele lugar todo esse tempo, ainda se sentia insatisfeita com o que fazia.

— Vamos, garota! — Onório gritou, assustando-a. — Quero ver mais sensualidade em você. Eu sei que pode muito mais do que isso... Vamos recomeçar. — Levantou a mão e fez sinal para o DJ. — Jorge, inicie novamente a música. — Um, dois, três, quatro, vira...

Alice caminhava em passos lentos e carregados de movimentos provocativos. O olhar fixo aos do dono do *Night Club*, tentando provocar toda a sedução cobrada.

— Cinco, seis, sete, oito... Isso, o olhar está perfeito... Desliza as mãos sobre os seios... Comece a se despir lentamente, brincando com o momento...

Cada orientação era seguida com precisão. Alice não somente se libertava de suas roupas, como também da vergonha que há pouco a acometia. Era como se outra pessoa estivesse no palco agora, alguém mais comprometida e desinibida.

— Perfeito! Perfeito, garota! Se continuar assim vai arrancar toda a grana que aqueles otários trouxeram. Estou pensando até em começar a deixar uma máquina de cartão presa à cinta liga de vocês — ironizou. —, assim não terá mais a desculpa de que o dinheiro acabou.

Levantou novamente a mão e fez outro sinal, dessa vez para o técnico da iluminação.

— Silvio, pode acender as luzes! Vamos fazer uma pausa de dez minutos para usar o banheiro e depois continuamos. Avisa a Angel que ela é a próxima... — Já estava deixando o lugar onde estava sentado quando se lembrou. — Ah! E chama aquela garota nova também, a que contratei para ficar no lugar da que morreu. Quero ver se ela é mesmo tudo o que diz ser.

Deixou o salão e passou apressado pelo extenso corredor que o conduzia até a sua sala. Cada rosto a sua volta parecia encará-lo com reprovação. Cada uma daquelas personalidades emolduradas, pareciam saber o que ele faria, e pareciam acusá-lo por isso. Não foi para usar o banheiro que pedira um intervalo nos ensaios, foi para fazer algo que o deixava envergonhado. Algo que resultava em culpa, mas que havia se tornado uma atividade corriqueira.

Entrou na sala e trancou a porta a suas costas. Aliviado, estava inatingível agora, não mais corria o risco de que olhares, fossem dos funcionários da Babylon ou dos artistas presos aos inúmeros quadros decorativos, o censurassem. Se o pai ainda vivesse, certamente também se juntaria ao grupo de repressores. Lembrando a cada minuto que suas escolhas o envergonhavam.

— Dane-se você e sua opinião! — Onório rebateu seus pensamentos em voz alta, como se o pai pudesse escutá-lo. — Você não está mais aqui... Cometeu a estupidez de morrer e me deixar nessa porcaria de vida, por que eu ainda devo me preocupar com o que acha certo ou errado? Para o inferno você! Já sou suficientemente capaz de escolher o que é melhor para mim.

Aproximou-se de sua mesa com os olhos radiando de excitação. Parecia uma criança ansiosa por receber um presente. Tirou do bolso da calça uma chave e destrancou a primeira gaveta. Abriu com pressa e suspirou satisfeito ao avistar o seu conteúdo. A gaveta estava repleta de comida.

De tudo o que havia ali, escolheu três potes plásticos que continham bacon frito, presunto e queijo. Destampou o primeiro pote e o cheiro exalado fez com que salivasse de tanta vontade. Sentou-se em sua cadeira

com toda a fome e desejo que sua gula permitia. Ao levar o primeiro pedaço de bacon à boca, desviou o olhar para o pequeno televisor sobre a mesa e uma imagem captada através das câmeras de segurança dos portões da *Babylon* o fez praguejar irritado.

— Mas que merda! O que é isso agora?

Na imagem, avistou dois policiais descendo da viatura e tocando o interfone do *Night Club*.



— Eu não quero parecer grosseiro, mas creio que os senhores chegaram um pouco cedo demais. A casa só abre as vinte e duas horas.

Depois de guardar novamente a comida em sua gaveta e ter recebido, ainda que contrariado, os dois policiais em sua sala, Onório Ferman mostrava-se incomodado com a visita.

— Não viemos até aqui em busca de diversão, Sr. Ferman! — Benjamin respondeu austeramente. — Temos algumas perguntas a lhe fazer e já aviso de antemão que tem todo o direito de se recusar a respondê-las. Ao menos agora, neste primeiro momento, porque se me obrigar a expedir uma intimação judicial, aí então não terá escapatória.

Onório arregalou os olhos assustado.

— Não! Não será necessário. Respondo o que os senhores quiserem.

— Ótimo! Assim você poupa o meu tempo e o seu também... Eu sou o delegado Benjamin Marques — estendeu a mão para cumprimentá-lo. — E esse é o meu parceiro, policial Sérgio Trajano.

Onório os cumprimentou cordialmente, apontando as cadeiras à frente de sua mesa para que se acomodassem. Pensar no motivo que trouxera aqueles dois homens a sua casa noturna o inquietava.

“Eu sabia! Com a morte daquela maldita garota, a polícia acabaria batendo em nossa porta. Maldita hora em que eu a deixei trabalhar aqui.”

— Os senhores bebem alguma coisa?

— Estamos a trabalho, Sr. Ferman.

Onório transpareceu um sorriso forçado, carregado de escárnio.

— Estão a trabalho, não vieram em busca de diversão... Posso ao menos saber o que está acontecendo, senhores? Eu estava no meio de um ensaio...

O policial Sérgio Trajano entrevistou.

— Não queremos deixá-lo alarmado, Sr. Ferman, mas existem coisas muito mais importantes acontecendo do que a interrupção do seu ensaio.

Não querer deixá-lo alarmado não era bem uma definição correta para o que estava acontecendo naquela sala. Onório Ferman já se encontrava alarmado. E não era difícil perceber isso. Se os olhos realmente são o espelho da alma, os seus refletiam toda a angústia que o consumia.

— Como deve saber — Benjamin tomou as rédeas da conversa. — Uma de suas dançarinas foi assassinada...

— Amanda Fortes — Onório completou.

“Aquela ordinariazinha até depois de morta vai me criar problemas.”

— Pensamos que talvez o senhor nos dê informações que possam ajudar a...

— Eu? — Onório colocou-se em pé abruptamente. — Por que eu? Eu não sei nada a respeito dela. Não a conhecia, pouco nos falamos... Não posso ajudar. Amanda era uma garota muito reservada, pouco sociável, acho que nesse tempo todo que trabalhou aqui só ouvi sua voz umas duas vezes.

— Quanto seria esse "tempo todo" a que se refere? — Trajano indagou.

— Um ano, eu acho. Não mais que isso.

— Ainda assim é tempo suficiente — Benjamin concluiu. — É difícil acreditar que não possa nos contar nada sobre ela. Com quem se relacionava, se estava saindo com algum cliente, se tinha desavenças... Qualquer coisa, Sr. Ferman, pode ter uma importância tão grande para nós que o senhor nem faz ideia.

O proprietário do *Night Club* ajeitou-se na cadeira inquieto. Pensou nos potes de bacon, presunto e queijo que fora obrigado a recolocar em sua gaveta quando os dois policiais chegaram e sentiu o estômago roncar de fome.

— Eu entendo que os senhores esperavam encontrar respostas em meu estabelecimento, e lamento despontá-los, Amanda era só mais uma garota a se apresentar aqui. Um trabalho informal. Que não traz a mim a obrigação de um conhecimento excessivo. Quando escolho uma garota para trabalhar comigo, a primeira coisa a ser exigida é que seja maior de dezoito anos, depois disso cobro a aceitação e a certeza de que estão

fazendo isso porque gostam. São três fatores fundamentais em minha opinião. Não me interessa se é casada, se tem namorado, amante, inimigos, se quer conversar, ou se quer se isolar, se a família reprova ou critica o que fazem aqui. A minha preocupação é com o psicológico delas, se estão sabendo lidar com tudo isso... A única certeza que posso oferecer sobre Amanda é a de que ela não estava infeliz dançando, ela gostava do que fazia. — A cadeira parecia desconfortável agora, Onório levantou-se e se pôs a caminhar por sua sala. — Para mim já era o bastante. Como também, agora não me interessa saber quem a matou, e por qual razão.

Benjamin abriu um envelope de papel pardo que segurava o tempo todo e tirou de dentro algumas fotografias, estendendo-as na direção de Onório.

— Talvez vendo o estado em que o corpo foi encontrado, o senhor queira que o culpado seja encontrado e preso...

Onório pegou as fotos em sua mão e começou a analisá-las uma a uma, surpreso com o que via.

— Mas que merda! Não precisava ter mostrado isso!

— E conseqüentemente se lembre de algo que possa nos levar até ele.

— Eu adoraria poder fazer isso, delegado Marques, mas não há nada que eu possa dizer. Não faço a menor ideia de quem pode ser esse monstro. Por Deus, que motivos levariam alguém a cometer uma barbárie desta? Desfigurá-la dessa forma, remover as digitais de seus dedos, submeter um pedaço de papel em suas genitais.

O delegado Benjamin e o policial Trajano trocaram um olhar desconfiado. Entre as fotos que havia entregado ao proprietário do *Night Club*, não havia nenhuma referência sobre o pedaço de papel encontrado em Amanda.

— Como sabe sobre isso? — Perguntaram quase ao mesmo tempo.

— O senhor falou.

— Não. Eu não falei! — Benjamin insistiu.

— Devo ter ouvido alguém falar então. Sabe como é, não é delegado? Aqui fala-se de tudo o tempo todo. E um caso como esse acaba virando especulação.

Benjamin o observava atiladamente para ter a certeza de que não mentia.

— Sabe Sr. Ferman, tem uma coisa me deixando bastante curioso... — O delegado caminhou, aproximou-se do homem de estrutura avantajada e baixa estatura e apoiou uma das mãos em seu ombro.

Onório sentiu as pernas fraquejarem. Não sabia o que seria perguntado na sequência, mas poderia garantir que a curiosidade daquele policial só complicaria a sua situação. Voltou a sentar-se em sua cadeira.

— Que tipo de trabalho o senhor oferece a essas garotas?

A pergunta deixou o proprietário da *Babylon* surpreso.

— Oi?

— Posso repetir a pergunta se o senhor quiser, embora eu acredito ser desnecessário...

— Ora essa! — respondeu confuso. — Um trabalho como qualquer outro. Temos contrato validado legalmente, pago o salário certinho...

Benjamin parecia pouco convencido.

— E que atividade elas exercem, Sr. Ferman?

A resposta inicial foi uma risada escrachada e descontrolada.

— Está de brincadeira, delegado? Que atividade faz uma dançarina em uma casa de show? Dança... É óbvio!

Benjamin esmurrou a mesa, enfurecido.

— Quem parece estar de brincadeira é o senhor, Sr. Onório. Uma garota desaparece depois de se apresentar em sua casa noturna e reaparece dias depois, morta, desfigurada, boiando no lago do Ibirapuera e tudo o que o senhor tem a dizer sobre isso são piadinhas de extremo mau gosto. — A voz soava altiva, com capacidade de intimidação. Benjamin pegou novamente as fotos de Amanda deixadas sobre a mesa e as sacudi na frente do homem agora acuado e amedrontado. — Acha engraçado isso? — O silêncio substituiu a resposta. — ACHA?

— Não-não.

— Tenho informações de que sua casa noturna funciona como um ponto de prostituição, Sr. Ferman. Que suas dançarinas não só dançam como se deitam com os clientes.

— Ora essa, que absurdo! Esta casa, delegado, foi inaugurada pelo meu falecido pai com o intuito único de proporcionar entretenimento, trabalhamos com a sensualidade, a fantasia, os fetiches, mas tudo se resume apenas em observação. Não é permitido nenhum tipo de prática sexual aqui.

— Aqui! — Benjamin enfatizou. — O que não o inocenta de estar agenciando essas meninas e submetendo-as a encontros fora do seu estabelecimento.



Irritado com a acusação, Onório Ferman fez menção de se levantar e caminhar pela sala, como havia feito minutos atrás, mas acabou desistindo.

— Suas informações são totalmente infundadas, delegado! — mentiu.  
— Meu comprometimento, minha participação com essas garotas termina no exato momento em que saem pelas portas da Babylon. Aqui dentro eu posso garantir que nada disso acontece. Agora o que fazem lá fora, isso já não me diz mais respeito.

Não era a resposta que Benjamin esperava ouvir, mas a aceitou ainda que contrariado. As informações que recebera na verdade não se passavam de especulações como aquele homem mesmo havia dito. Não havia provas suficientes para acusá-lo. Por mais que seu instinto profissional alertasse sobre ele, que as desconfianças de que estava mentindo e omitindo fatos só aumentassem, era obrigado a aceitar sua explicação. Mesmo não acreditando.

— Vamos deixar para resolver essa situação outra hora, Sr. Ferman.

“Quando eu tiver as provas em minha mão de que você não passa de um cafetão sanguessuga”, pensou Benjamim.

— Como quiser.

— Agora uma última pergunta; quantas pessoas fazem parte da folha de funcionários desta casa?

Onório pensou antes de responder.

— Dez... quatro dançarinas, e seis profissionais responsáveis pelo funcionamento da casa.

O policial Trajano, que permanecia em silêncio, retirou do bolso da camisa uma pequena caderneta e uma caneta; começou a anotar as informações.

— Quais os nomes de cada um deles? — perguntou.

Onório cerrou as sobrancelhas contrariado.

— Bom, tem o Marcelo e o Fernando que são os dois seguranças, o Tiago que é barman, o Silvio da iluminação, o Pedro assistente de produção, o Jorge DJ, e as dançarinas Alice, Angel e Pietra, a mais nova contratada para substituir a que morreu.

— E a outra? — Benjamin perguntou.

— Outra?

— Sim, o senhor disse ser quatro dançarinas e só falou o nome de três.

— Falei?

Bastou o olhar que o delegado lançou sobre Onório para que tomasse conhecimento de que o estava deixando enfurecido.

— Desculpe, eu devo ter me enganado.

Não havia se enganado. Na verdade, o que ele tentava fazer era proteger Maria, omitindo seu nome. Sabia que se Maria fosse descoberta, toda a sua sujeira respingaria em cima dele também.

— A quarta dançarina seria Amanda Fortes. A que morreu.

— Vamos ter que conversar com todas essas pessoas, Sr. Ferman. Creio que o senhor não vai se opor, não é mesmo?

O “não é mesmo” no final da frase já deixava claro que ele não teria outra escolha a não ser concordar.

— Receio que no momento só consigam conversar com as dançarinas e o rapaz da iluminação e o da produção. Os demais só chegam mesmo perto do horário da casa abrir. Vou pedir para que um dos rapazes os acompanhe até o camarim. Lá poderão conversar mais à vontade.

Pegou o telefone e fez uma ligação para o assistente de produção. Em questão de segundos o rapaz abriu a porta da sala e pediu para que o delegado e o policial o acompanhassem.

Sozinho, Onório tirou o celular do bolso da calça e fez uma ligação para um número particular. Uma voz feminina atendeu do outro lado da linha.

— Escuta o que vou te falar. A polícia está aqui querendo conversar com todas as dançarinas. Eu tentei te preservar, porque sei que se te pegarem, pegam a mim também, mas não sei até quando vou conseguir. Acho melhor que você nem apareça por aqui hoje.

A ligação foi encerrada.



A porta do camarim se abriu e uma jovem de vinte anos passou por ela. Nem mesmo o nervosismo que estava sentindo fora capaz de anuviar ou comprometer sua beleza excessiva. Seu nome era Alice Jardim, e era a quarta pessoa a ser interrogada pelos dois policiais. Antes dela, conversaram com o assistente de produção Pedro, que foi quem os

conduziu e os acomodou no claustrofóbico camarim, com Silvio, responsável pela iluminação dos shows e a dançarina recém contratada, Pietra. Os três não informaram nada além do que os policiais já sabiam. Os dois homens alegaram não ter envolvimento direto com as dançarinas além do essencial para o trabalho, e a recém-contratada alegou não ter tido oportunidade de conhecê-la. Alice era a primeira pessoa que poderia oferecer informações precisas, não era apenas uma colega de trabalho, era amiga de Amanda.

No momento em que entrou na sala, o policial Sérgio Trajano sentiu algo acontecer. Não sabia explicar ao certo, mas a presença daquela garota havia despertado a sua atenção, provocado sentimentos que durante muito tempo estiveram adormecidos. Talvez por sua beleza exagerada ou por sua simpatia contagiante. O fato é que o policial se via completamente encantado por ela.

— Eu quero que saiba que é de extrema importância essa nossa conversa. — Benjamin adiantou-se assim que a garota sentou à sua frente. — Peço que me conte tudo o que puder sobre Amanda Fortes, qualquer detalhe por mais insignificante que possa ser a você, para nós pode ser de grande importância.

Alice respirou fundo para controlar o nervosismo e começou a falar:

— Amanda era a pessoa mais encantadora que eu já conheci em toda a minha vida. daquelas pessoas que você acaba de conhecer e fica com a sensação de que a conhecia há anos... — Alice sentiu um nó se formando em sua garganta. — Eu ainda não consigo acreditar no que aconteceu. — Os olhos faiscando toda a emoção que a situação proporcionava. — Ela não merecia.

— Acredito que nem Amanda, nem qualquer outra pessoa merecia uma morte como aquela. — O policial Trajano opinou.

— Era pura — Alice continuou. — Ingênua. Não trazia maldade em suas palavras ou atitudes. As outras meninas que trabalham aqui, até mesmo o troglodita do Onório, diziam que ela representava o tempo todo. Que estava apenas querendo passar a imagem da garota perfeita, mas comigo não. Eu sei que ela não estava representando. Comigo eu podia sentir a sua verdade... Quase um ano de amizade e nunca tivemos uma única desavença. Eu costumava dizer que ela era a irmã que Deus me permitiu escolher. E agora essa irmã se foi.

As lágrimas que Alice conseguiu conter até aquele momento romperam-se e verteram de seus olhos.

Benjamin percorreu o olhar a sua volta e encontrou uma caixa de lenço de papel sobre o balcão que amparava as maquiagens. Puxou um lenço e lhe entregou.

— Obrigada. É difícil falar de Amanda e não me emocionar.

— Eu sinto muito submetê-la a isso — Benjamin justificou. — Mas acredito que assim como nós, também queira ver o culpado atrás das grades.

— Não acredito que os relatos que tenho a oferecer possam ajudá-los. São apenas lembranças de uma amizade sincera. Não sei como era sua vida fora daqui. Sei o que todos sabem, que morava com a mãe, três irmãs menores e o padrasto, com quem enfrentava grandes problemas.

Benjamim e Trajano entreolharam-se.

— Que tipo de problema? Você sabe nos dizer?

— Como disse, sei muito pouco. E, ainda assim, é o que chamamos aqui de conversa de bastidor. — Referia-se as fofocas que sempre ocorriam nos intervalos de uma apresentação e outra. — As meninas comentavam que ela entrou aqui para se vingar da família. Parece que o padrasto... — uma pausa antes de conseguir concluir. — Ele abusou dela, e a mãe não acreditou que fosse verdade. Preferiu acreditar no marido do que na própria filha.

Trajano começou a anotar em seu caderninho.

— Aí, como uma forma de puni-los, se ofereceu para trabalhar aqui. A mãe é muito conservadora, daquelas religiosas que vê pecado em tudo. Saber no que a filha havia se transformado certamente seria a morte.

— Sabe nos dizer se ela tinha um namorado ou estava saindo com alguém?

Alice não precisou pensar para responder desta vez.

— Não estava.

— Ela não poderia de repente, não sei, esconder um relacionamento?

— De mim? — perguntou admirada. — Não mesmo. Era mais fácil o balofo do Onório parar de comer. — No mesmo instante arrependeu-se da piada. — Desculpe, às vezes acabo falando mais do que o necessário...

“Garota com senso de humor!” O policial Sérgio Trajano pensou. “É tudo o que sempre procurei.”

— Entendo que fossem cúmplices, mas Amanda não poderia estar saindo, por exemplo, com algum cliente da *Babylon* e não querer que soubessem?

— Acho impossível, delegado. Ela odiava esse lugar. Odiava aqueles homens que a assistiam dançar. Ela dizia que a única coisa atrativa era o dinheiro que arremessavam no palco. Porque de resto nada mais funcionava. Bebiam demais, se o senhor me entende.

Trajano deixou escapar outro riso. O olhar faiscava de encantamento por aquela garota. Mulheres espirituosas como ela era sua perdição.

— Estou até me lembrando de uma coisa que aconteceu no último dia em que conversamos, ela estava irritadíssima com a grosseria dos clientes durante o seu show. Entrou aqui no camarim, eu estava sentada nessa cadeira que o senhor está agora — apontou para Benjamin. —, todo o nervoso trazido do palco dissipou no exato momento em que passou por essa porta, havia um buquê de rosas em cima deste balcão — apontou para o móvel próximo a ela. —, e Amanda ficou encantada.

Benjamin e Trajano mostraram-se desconfiados com o que ouviram.

— As rosas eram para Amanda? Você disse a pouco que ela não estava saindo com ninguém.

— E volto a afirmar que não estava. As flores foram enviadas por um desconhecido. Se ela estivesse namorando alguém, ela não teria ficado tão surpresa ao recebê-las, e saberia também quem as enviou. Não foi o que aconteceu aqui.

— Não?

— Não. Havia um cartão a convidando para um encontro naquela mesma noite, nos fundos da *Babylon*, mas estava assinado como admirador secreto.

O rosto do delegado encheu-se de satisfação.

— Isso o que você está nos contando é muito importante! — virou-se para o policial Trajano. — Parece que já sabemos como ele abordou a vítima.

O policial balançou a cabeça concordando e antecipou-se em perguntar:

— Esse bilhete ficou aqui? Será que podemos encontrar nas coisas dela? Onório nos disse que nenhum dos seus pertences foram retirados.

— Lamento desapontá-los, mas não... as flores ficaram, eu até acabei roubando-as... Ai meu Deus! Eu não deveria falar que roubei para um delegado e um policial, não é mesmo? Mas ia acabar murchando se

ficassem aqui... Agora o bilhete ela levou. Estava muito curiosa para descobrir quem o havia escrito.

“Foi ele!”, Benjamin pensou. “O assassino desapiedado que envia flores antes de matar.”



O delegado observava a jovem sentada à sua frente com a mesma admiração presente durante a conversa com as duas primeiras dançarinas. Desta vez quem falava era Angélica Campos, ou Angel, como gostava de ser chamada. O que o deixava surpreso era a jovialidade e a demasiada beleza que as garotas possuíam em comum. Não combinava com o lugar. Não combinava com aquela profissão.

— Creio que tenha entendido o que estamos fazendo aqui, Angel.

— Entendi.

— Ótimo, porque não íamos gostar se fosse mais uma dançarina a não saber nada sobre Amanda. — As palavras do delegado a incomodaram.

— Não sou *mais uma dançarina*, sr. Delegado! Eu sou *a* dançarina. A melhor que já passou por esse palco, e a que jamais será esquecida.

— Não duvido... Você poderia nos ajudar, falando algo sobre Amanda... Angel o interrompeu novamente.

— Cretina! Era isso o que ela era. Uma cretina esnobe que se achava a rainha do pedaço. Só porque tinha aquela outra lá que sempre a defendia aqui dentro. — Angel lembrou de Maria, do quanto ela protegia Amanda, e lembrou-se também da noite em que estava entrando em um táxi para atender um cliente e Maria passou à sua frente. — Era outra cretina também.

— Você se refere a Alice. — Benjamin concluiu, baseando-se nas informações de que Amanda e Alice foram grandes amigas.

— Não, não! Essa é uma mosca morta. — Trajano fez uma careta em reprovação.

— Pietra não pode ser porque foi contratada recentemente...

— Outra ameba.

— Não restou mais nenhuma dançarina então! Havia quatro dançarinas. Amanda Fortes que foi morta, você, Alice e a Pietra.

Angel entendeu o que estava acontecendo. Onório não havia revelado o nome de Maria para o delegado, certamente tentando protegê-la. Relembrou as palavras dela na noite em que tomou o seu cliente: “Eu diria que o seu cliente resolveu ficar um pouco mais exigente e trocou de acompanhante...”;

Angel havia prometido que daria o troco. Era chegada a hora.

— Aí é que você se engana, delegado. Existe mais uma dançarina que, pelo que estou vendo, Onório escondeu de vocês, e que talvez gostem de conhecê-la. O nome dela é Maria!



Do lado de fora do *Night Club*, antes mesmo de entrar no carro da polícia, Benjamin e Trajano conversavam sobre todos os depoimentos que haviam colhido.

— Eu estava certo quando disse que tudo estava ligado a esse lugar, Trajano! Pelo que Alice nos contou, o assassino sabia muita coisa sobre Amanda. Enviou flores para o local de trabalho e não para a residência... Marcou um encontro nos fundos do clube...

— O que deixa evidente que esteve aqui naquela noite — Trajano pontuou.

— E mais, classificou-se como admirador.

— O que nos leva a crer que ele frequenta o *Night Club*, ou trabalha nele.

— Ou é o dono dele.

— Você também está desconfiando daquele homem, não é?

— É uma possibilidade, Trajano! Onório está escondendo alguma coisa, isso não há dúvida. Por qual outro motivo não nos contou sobre essa quinta dançarina? Que motivo tem para escondê-la?

— É, chefe! Muito estranho... — divagou o outro, pensativo.

— Vou providenciar uma intimação judicial para o Onório, quero ver se assim ele ainda será capaz de omitir informação...

Benjamin parou de falar ao ouvir gritos vindo da praça em frente ao *Babylon*. Já estava pronto para ir até lá ver o que estava acontecendo quando percebeu se tratar de um pastor. O mesmo que havia conduzido a cerimônia fúnebre de Amanda Fortes. O homem vestia um terno preto amarrotado, mantinha uma Bíblia aberta em uma de suas mãos e a outra levantada acima de sua cabeça apontada para o céu. Gritava suas pregações ao nada, para um número pequeno de pessoas que transitavam por ali, mas que sequer prestavam atenção.

Benjamin prestou atenção.

— Só Deus é a verdade! Creia meus irmãos... Em Mateus 4:22 está escrito: Porque nada há encoberto que não haja de ser manifesto; e nada se faz para ficar oculto, mas para ser descoberto.

“O que quer que esteja escondido, eu vou descobrir.” Benjamin pensou.



## Capítulo Dezenove



À sua volta tudo rodava feito um carrossel. A mobília era os cavalos que subiam e desciam interminavelmente enquanto giravam. A sala, o próprio parque de diversões, embora nada do que acontecia ali era divertido. Rômulo abria e fechava os olhos tentando afugentar aquela sensação desconfortante. Ao seu lado, a filha segurava um frasco de álcool próximo a suas narinas, o grande responsável pela recuperação dos sentidos após o desmaio.

Aos poucos o mal-estar foi se dissipando e os pensamentos ressurgindo. Vivos, nítidos e incisivos, fazendo-o sofrer a cada palavra lembrada. “Amanda Fortes não era minha amiga...” O semblante de Vitória anuviou-se de satisfação ao avistá-lo recuperado.

— Pai! Você está bem?

“Era a criança que eu abandonei na porta de uma desconhecida há dezenove anos.” Rômulo não encontrou forças para responder.

— Pai?

“Minha filha, sua neta.”

Foi há exatamente vinte anos que tudo aconteceu. Vitória era ainda uma adolescente ingênua e desacreditada das maldades que podiam corromper o coração de um ser humano, quando sua maior riqueza, sua extrema e apreciada inocência, foi corrompida. Era uma noite fria e chuvosa do mês de julho, a mãe amargava sobre a cama a dor que a doença ocasionava, o pai ainda não havia voltado do trabalho, e ela terminava seus deveres escolares quando a voz lânguida da mãe a chamou pelo nome. “Seu pai... ele deve estar... novamente naquele bar.” Vitória ainda tentou tranquilizá-la alegando que ele deveria estar preso no trânsito devido à chuva, mas a mãe era uma enferma, não uma tola. Conhecia cada um dos vícios do marido. “Por favor, minha filha... encontre-o e o traga para casa.”

Atendendo ao pedido, Vitória saiu à procura do pai. Vagou por horas por ruas escuras e desertas, a chuva molhando e colando suas roupas ao corpo,

provocando arrepios. Até o momento em que foi encontrada. Não pelo pai, não por um amigo, mas por um desconhecido. Um desconhecido que carregava em seu coração a maldade que Vitória desconhecia. O desejo crucial de satisfazer-se sexualmente, sem medir esforços ou qualquer consequência.

O que Vitória mais temia, aconteceu. Foi atacada, rendida e dominada. Era a primeira vez que transpassavam a barreira do pudor, da moral, do decoro e a invadiam daquela forma. Nunca antes suas decências, até então ocultadas por longos vestidos, haviam sido expostas, observadas e desejadas. Nunca antes as mãos de um homem haviam alcançado, tocado ou percorrido o íntimo de seu corpo. Agora, não só percorriam, como agarravam com intensa veemência, provocando dor.

“Deus, uma vez que tenha permitido que minha honra fosse corrompida, tenha a mínima compaixão em não me deixar viver com essa vergonha. Apressa minha morte.” Pensou antes de desmaiar.

Ficou por horas desacordada até ser socorrida por um grupo de pessoas que passavam pelo local, e encaminhada para um hospital onde recebeu atendimento médico e psicológico.

Desde então, tudo o que vivera foi uma sucessão de dias intermináveis e tortuosos. Embora soubesse que denunciar o abuso era o correto a se fazer, também sabia que não seria uma tarefa fácil. Precisou munir-se de força e de todo o desejo por justiça para seguir em frente, para passar por todos os exames de corpo de delito, todos os depoimentos e por fim o reconhecimento do suspeito.

Mesmo sabendo que a polícia havia cumprido o seu papel, que o homem permanecia preso e cumpriria a sua pena, Vitória desenvolveu transtornos psicológicos, passou a ter medo de sair no quintal da própria casa, e sentiu-se ainda mais envergonhada ao descobrir que o estupro havia resultado em uma gravidez. No auge dos seus quinze anos, Vitória seria mãe de uma criança que não havia planejado, que não desejava e que não amaria.

A rejeição era tão certa quanto a sua incapacidade de esquecer a violência a qual fora vitimada. Estava gerando em seu ventre uma vida tão desgraçada quanto a sua. Uma vida que mesmo sem merecer, carregava a lembrança do que havia acontecido. Deus não ouviu suas preces. Era como se até mesmo Ele estivesse rindo da sua cara. Não só a deixou viver, como também permitiu que gerasse uma nova vida.

Poderia carregar em sua responsabilidade todos os pecados do mundo, mas não o de matar um inocente. A única decisão aparentemente aceitável naquele momento, e oferecida inicialmente por seu próprio pai, era esperar até que a criança nascesse para entregá-la a alguém que a desejasse de verdade.

E assim foi feito. Vitória deu a filha para o pai entregar a um casal de desconhecidos. Amanda recebeu todo o amor que Vitória não fora capaz de ofertar, no entanto, agora estava morta. E Vitória sucumbida a culpa e ao arrependimento.

Avistou o pai deitado no sofá, recobrando os sentidos, depois do desmaio ao saber que a jovem enterrada naquela manhã era sua neta e percebeu o tamanho do estrago que sua atitude imatura e egoísta do passado, ainda repercutia em sua vida e na vida das pessoas que a cercavam. Jamais o deveria ter ouvido. Deveria ter ficado com a filha.

— Pai... está tudo bem?

— Vitória que espécie de brincadeira é essa? — Bruscamente colou-se sentado no sofá. — O que pretende contando uma história tão absurda como esta?

— Eu sinto muito! Queria que fosse realmente uma brincadeira, mas não é.

Rômulo começava a chorar.

— Mas como... Por Deus, como você pode ter essa certeza?

Vitória possuía todas as respostas que o pai necessitava, poderia fornecê-las se quisesse, mas não quis. Explicar como teve a certeza de que Amanda era sua filha obrigaria que novas verdades fossem reveladas e não estava preparada para isso. A princípio, o pai já sabia muito além do que deveria.

— Nos reencontramos, pai.

— Assim, sem mais nem menos?

— A vida às vezes nos prega peças que jamais imaginamos.... Eu errei sim, e achei que jamais seria punida por isso, como fui tola! Acho que o meu erro na verdade foi acreditar que minha história estava sendo escrita a lápis, e que uma simples borracha resolveria tudo. Não resolveu.

Um belo dia, Amanda ressurgiu em minha vida trazendo com ela todas as lembranças de um passado que eu demorei anos para esquecer. Consegue imaginar, pai, o que tem sido a minha vida nesses últimos onze meses? É uma mistura de arrependimento e medo que me atormenta a

cada pergunta que o Benjamin me faz, a cada possível desconfiança. É como caminhar de salto agulha sobre telhados de vidro. Uma hora eles trincam.

Rômulo permanecia em silêncio ouvindo a explicação da filha. Era como se ainda não estivesse convencido de que tudo o que ela havia contado fosse verdade.

— Eu demorei um tempo para aceitar o que estava acontecendo. Para entender que aquela jovem formosa e delicada à minha frente era sim fruto de um ato repulsivo ao qual eu condenava, mas que não lhe cabia a responsabilidade. Ela foi tão vítima quanto eu. — Vitória voltou a chorar. — Fui imprudente ao abandoná-la. Fui covarde quando deixei que você me influenciasse. Meu Deus, pai, eu estava abalada, você não poderia ter deixado, deveria ter me feito esperar, insistido para que ficasse com a criança, com o tempo eu tenho certeza que a amaria. — Fez um breve silêncio. — Foi por isso que vim até aqui. Quando estava naquele cemitério, percebi o quanto a vida é efêmera. Como desperdiçamos nosso tempo com bobagens. A vida é um único sopro.

— Espera mesmo que eu acredite em todo esse seu discurso ensaiado? — Rômulo rompeu o silêncio. — Você reencontra a minha neta e não tem a menor sensibilidade e preocupação em me contar?

— Eu queria contar — justificou-se. — Só não achei que fosse a hora ainda.

Rômulo explodiu com a filha.

— Ah! E quando seria? Agora que ela está morta?

— Eu não poderia imaginar...

— Você mente muito mal, Vitória. Mente muito e mal.

Vitória ficou estarrecida com a acusação.

— Eu não entendo o motivo para tanto ressentimento, pai. Estou aqui me despindo sentimentalmente, rasgando meu orgulho, disposta a um recomeço e o que recebo como resposta? Fala de mim, da minha vida como se tudo fosse incorreto, sujo e imoral. Eu não estou fazendo nada de errado.

— Não?

— Não!

— Então olhe nos meus olhos e diz que não está fazendo nada de errado mesmo. Que não está escondendo nada de mim ou do seu marido.

Vitória ficou em silêncio.

— Fala, Vitória! E então eu reconheço todos os meus erros e passo a acreditar que realmente está sendo sincera. Mas tem que olhar dentro dos meus olhos e dizer que estou enganado, que tudo o que estou falando é uma grande besteira. Que não há segredo, mentira, ou qualquer outra coisa que me faça ter vergonha de você.

Pai e filha cruzaram olhares. Olhares cerrados em lágrimas. Mas ao invés de pronunciar uma resposta, Vitória saiu correndo. Correu para fora da casa. Correu para longe do pai. Correu até que a vergonha que manchava seu rosto, dissipasse por completo.



Já se passavam das vinte horas. Vitória estava colocando a mesa do jantar quando Benjamin entrou em casa. Esperou que ele a beijasse como era de costume, mas desta vez não aconteceu. Ao invés do beijo, recebeu duas perguntas carregadas de surpresa:

— O que faz em casa? Você não tinha plantão hoje?

“Sim. Mas quem consegue trabalhar depois de um dia como o de hoje. Quando se enterra uma filha e rebusca todas as mágoas do passado com seu pai?”

— Eu troquei. De repente me dei conta de que não estou cuidando muito bem de você e da Lílie.

“Você mente muito mal, Vitória. Mente muito e mal.” As palavras ditas pelo pai horas mais cedo voltaram a sua mente. Balançou a cabeça de um lado para outro como se assim conseguisse afugentá-las tão longe que jamais poderiam voltar.

— Não ficou feliz? — Deixou que a decepção transparecesse em seu rosto. — Estou fazendo pato ao molho de laranja porque sei que você adora.

— Pato? — A filha perguntou assustada da sala de estar onde brincava com suas bonecas. — Mamãe, você matou um dos cinco patinhos?

A menina fazia referência a canção infantil onde cinco patinhos saíam para passear, mas somente quatro voltavam.

— Rosalíe! — Vitória censurou. — Já conversamos sobre você se intrometer na conversa dos adultos.

— Desculpa, mamãe.

— Vai lavar as mãos para jantar. E você, Ben, tomar um banho e vestir uma roupa mais confortável. Tem toalhas limpas em cima da cama.

Benjamin foi até a filha e a beijou na testa.

— Tudo bem, fadinha?

A garota colocou as duas mãozinhas na cintura e fez bico.

— Não é fadinha, papai! Hoje eu estou de princesinha, não está vendo?

Os pais riram.

— Ah sim! — Benjamin comentou. — Hoje é princesinha. — E virou-se para a esposa. — Eu preciso de uma relação de personagens para cada dia da semana. Eu não acerto uma, poxa!

Rosalíe esperou até que o pai desaparecesse nas escadas que o conduziram ao andar superior para então comentar:

— Homens! Nunca sabem de nada, não é, mamãe?

Vitória ficou atônita. Sem conseguir expressar nenhuma reação. Pela primeira vez se dava conta de que sua filha estava crescendo e que começava a entender as coisas e formar opiniões.

— Vai lavar as mãos, princesinha, que assim que seu pai descer vou servir o jantar.

— O patinho que você matou, né?

A menina subiu as escadas rindo.



Rômulo permanecia a mais de uma hora sentado em sua cama. Os olhos inchados de tanto chorar. O olhar fixo na mensagem piscando na tela do computador. Tão insistente quanto a mensagem, era a sua desolação. A dor incurável que havia se instalado em seu coração com a notícia de quem realmente era a garota assassinada e encontrada no lago do Ibirapuera. Tanto tempo havia passado. O responsável fora preso, cumprira sua

sentença, Vitória tinha refeito sua vida e agora o passado parecia ressurgir novamente. Assombrando-os.

“Minha neta.”

Enxugou os olhos marejados com o dorso das mãos e voltou a direcionar sua atenção para a mensagem no computador. Todos esses problemas. O mundo ruindo sobre sua cabeça, e ainda se sentia atraído pela ideia de conhecer aquela mulher, enfermeira do amor, como ela mesmo havia se identificado.

Talvez fosse exatamente disso que precisava, uma enfermeira que pudesse cuidar do seu coração tão oprimido e dilacerado. Mas por outro lado, em contrapartida, condenava-se por ainda estar pensando no encontro, quando a culpa e o luto deveriam ser os seus únicos pensamentos.

### VOCÊ TEM UMA NOVA MENSAGEM.

O aviso piscando o deixava ansioso. Passara tanto tempo absorto em seus pensamentos que durante todo dia esquecera de verificar se havia uma resposta ao seu convite. Em sua mensagem anterior, havia proposto um encontro e agora lá estava a resposta que ele não sabia se queria ler.

Aproximou-se do computador e deu dois cliques na mensagem para ver a resposta. Seu semblante inundou-se de satisfação ao ler:

*Não poderia ter escolhido lugar melhor. Sua sensibilidade e delicadeza me deixam encantada. Estarei às nove horas sem atraso.*

*Enfermeira do amor.*



Benjamin observava o pato ao molho de laranja em seu prato e se perguntava por que não sentia vontade de saboreá-lo. Não que estivesse ruim, ao contrário, estava divinamente saboroso como só a esposa sabia prepará-lo. Mas dessa vez estava sendo impossível apreciá-lo. Benjamin tinha em sua garganta um nó se formando e impedindo que algo passasse

por ali. Até mesmo o vinho se tornava difícil de ser ingerido. Não conseguiria apreciá-lo, tendo uma sucessão de pensamentos transitando em sua memória. Tendo a dúvida e a desconfiança se juntando em uma grande confusão de sentidos.

Parecia loucura desconfiar de sua esposa, mas chegava a conclusão de que quanto mais buscava esclarecimentos sobre a morte de Amanda Fortes, mais certo estava de que Vitória escondia alguma coisa. É claro que não estava a acusando de ser a responsável por aquela monstruosidade, mas alguma coisa ela tentava esconder. Algo muito sério.

Primeiro foi o dia em que a TV noticiou a possibilidade de a jovem encontrada no lago ser Amanda Fortes; Vitória ficou nervosa, assustada, até mesmo deixou a bandeja de xícaras que estava segurando cair no chão. Depois foi sua insistência em presenciar a autópsia, sua recusa em ir ao enterro, embora ele a tenha surpreendido assistindo tudo a distância, escondida.

Seria impossível aproveitar o jantar com tantas incertezas o atormentando.

— Você pode servir um pouco mais de salada para a Lílíe? — Vitória perguntou ao marido. — Ben, estou falando com você!

Como se voltasse de um transe, ele só então notou que a esposa falava.

— O quê? Desculpe Vitória, eu não escutei...

— Eu não quero não, mamãe! — a menina adiantou-se. — Já estou satisfeita.

— Nada disso, mocinha! Você não comeu quase nada.

Rosalíe olhou para o seu prato vazio. Olhou para o prato do pai, a comida toda ainda lá.

— Tem certeza que eu não comi? — apontou o dedinho indicador na direção do pai. — Tem alguém que não comeu. Por que não briga com ele também?

Os gestos da filha eram tão graciosos que Vitória não conseguiu argumentar.

— Lílíe está certa, querido, aconteceu alguma coisa?

Benjamin encarou a esposa com toda a insatisfação refletida no olhar. As palavras lutando para saltar de seus lábios. “Você está mentindo para mim. Como quer que eu me sinta?”

— Um dia exaustivo de trabalho. Só isso.

— Algum avanço sobre o assassino da Amanda?



— Não. Nada ainda... e você?

Vitória estranhou a pergunta.

— Eu o quê?

— Como foi o seu dia?

— Ah! Sim... Sem nenhuma novidade — mentiu. — Fiz uma arrumação nas gavetas do meu roupeiro porque estava um verdadeiro caos.

— E não saiu?

— Fui ao supermercado enquanto a Carmela limpava a casa...

— Só no supermercado?

Vitória começou a ficar desconfiada.

— Bom, aproveitei para comprar o uniforme novo da Lílie, porque o dela já não está mais servindo, você acredita? A nossa garotinha está crescendo.

A menina sorriu orgulhosa para os pais.

— E depois voltou para casa?

— Sim. — Agora era ela quem o encarava desconfiada. — O que está acontecendo, Ben? Você está querendo me dizer alguma coisa?

Houve um longo silêncio antes que o marido respondesse.

— Amanda foi enterrada hoje. Você não foi ao cemitério?

A resposta soou de imediato.

— Não. Como te falei pela manhã, não estava preparada para mais esse sofrimento.

Rosalie, que permanecia atenta à conversa, não pensou duas vezes antes de mais uma vez se intrometer.

— Para tudo, mamãe! Como assim não foi ao enterro da tia Amanda? Eu ouvi a senhora falar para a Carmela que estava indo.

Vitória corou de vergonha. Mais uma vez a bisbilhotice da filha a submetia a uma situação embaraçosa. Irritada, jogou o guardanapo que estava em seu colo sobre a mesa e colocou-se em pé.

— Para o quarto agora, Rosalie! — Gritou. — Você vai ficar de castigo para aprender a não mais se intrometer na conversa dos mais velhos!

Em silêncio, a menina deixou a sala de jantar, os pais puderam ouvir seus passos firmes ao subir os degraus da escada e o barulho do bater da porta ao se trancar em seu quarto. O que era para ser um jantar agradável em família havia se transformado em uma situação constrangedora, a qual Vitória não estava preparada para enfrentar. O silêncio congelou o ambiente.

Benjamin olhava para a esposa esperando que uma explicação pudesse ser proferida. Vitória sentia-se tão envergonhada que não conseguia retribuir o olhar ou a necessidade de explicação. Voltou ao seu lugar, mas manteve a cabeça baixa.

— Eu estava no cemitério! — Benjamin tomou a iniciativa. — E vi quando você chegou.

Vitória sentiu o nervosismo percorrer todo o seu corpo.

— Ben, eu posso...

— Acho que temos muito o que conversar, Vitória! Mas desta vez sem mentiras, por favor.



O Piazza Ristorant apesar de carregar um nome suntuoso, era um lugar simples e familiar localizado no bairro da Pompeia. Um restaurante tradicional que oferecia o melhor da gastronomia italiana. Rômulo não poderia ter pensado em um lugar melhor para aquele primeiro encontro. A comodidade do lugar certamente combinaria com o clima do momento. A única coisa que não combinava era o nervosismo que teimava em tomá-lo.

Depois de muito pensar se deveria ou não comparecer ao encontro, Rômulo chegou à conclusão de que por mais infeliz que estivesse se sentindo em relação a morte de Amanda, não poderia simplesmente falhar com aquela mulher que fora tão atenciosa, respondendo suas mensagens e aceitando o convite. Não era correto. Na verdade, jamais se perdoaria se tivesse desmarcado o encontro. Não suportaria viver com a curiosidade de saber quem era ela.

Consultou o relógio em seu pulso pela décima vez, faltavam cinco minutos para as nove. Estava quase na hora. A qualquer momento ela poderia chegar. E pensar nessa possibilidade só o deixava ainda mais nervoso. As mãos começaram a suar. O coração parecia bater na garganta, e na barriga aquele frio incômodo.

Alguém se aproximou da mesa e por um momento Rômulo pensou que fosse enfartar. Ao perceber seu semblante sem cor e seu olhar alarmado, o

garçom que viera trazer o menu apressou-se em saber o que estava acontecendo:

— O senhor está bem? — perguntou. — Parece pálido...

— Estou bem. — Rômulo puxou o menu de suas mãos e começou a se abanar. — Só com um pouco de calor... está abafado aqui.

— Perdão, mas estamos com o ar condicionado ligado.

— Não está funcionando direito então! — retrucou.

— Sim, senhor! Talvez o senhor queira pedir algo para beber enquanto espera sua acompanhante.

Rômulo pensou. Poderia ser uma boa ideia. Uma bebida poderia ajudá-lo a descontraír, a recobrar sua autoconfiança, a não tremer tanto.

— Ótimo! Traga o menu então para eu escolher.

O garçom pareceu confuso.

— Desculpe, mas o senhor está se abanando com ele.

Rômulo ficou desconcertado. Parou de se abanar e abriu o menu para consultá-lo. Não sabia o que pedir. Fazia muito tempo que não bebia. Para ser exato, desde a morte da esposa quando, desolado, procurou ajuda em um grupo de reabilitação. “Um copo apenas! Não beberei mais que isso. Apenas um copo para combater o nervosismo. Tenho total consciência e capacidade para saber o momento em que devo parar”, pensou ele.

— Vou querer um dry martini!

O garçom anotou o pedido e deixou a mesa. Rômulo voltou a consultar o relógio impaciente. Nove horas e três minutos. “Três minutos de atraso.” E de repente, um pensamento que até o momento não havia passado por sua mente o assombrou; “E se ela não vier?” O medo agora fazia companhia ao nervosismo. “Vou fazer papel de idiota.”

O garçom voltou trazendo uma bandeja com a taça de Martini. Ao avistá-lo Rômulo adiantou-se em pegar a taça e tomou a bebida em um único gole.

— Preciso de outro!

Quarenta minutos se passaram, Rômulo estava sozinho em sua mesa e em seu sétimo *dry martini*.

A Enfermeira do Amor certamente fora visitar outro paciente, porque no Piazza Ristorant, no encontro com o Cavaleiro Solitário, ela não compareceu.



“Desta vez sem mentiras, por favor.” Vitória repetia mentalmente as palavras do marido tentando encontrar uma maneira de atender sua solicitação. Como explicar sem comprometer toda a verdade? Sem usar mais uma vez dos recursos da mentira? Estava diante de uma situação da qual não sabia como se desvencilhar. Insistir que não esteve no cemitério seria tolice, Benjamin estivera lá, e ao que tudo indicava a viu entrar e sair.

— Você está me seguindo, Ben? — perguntou enquanto retirava os pratos do jantar, tentando mudar o foco da conversa.

Benjamin soltou um riso carregado de escárnio.

— Não!

— É o que está parecendo com toda essa desconfiança.

— Não mesmo. Até porque, se fosse para seguir, não seria no cemitério. Eu faria todas as noites quando sai de casa para trabalhar. Você está sempre fazendo plantões no hospital e sempre confiei. — Levantou e foi até a sala de estar onde pegou o maço de cigarro que havia deixado sobre o braço do sofá. Acendeu um e deu uma tragada antes de continuar a falar. — É esta confiança que estou te cobrando agora. Qual o problema em ter ido ao enterro? Amanda era sua amiga, é normal que tenha desejado se despedir. O que eu não entendo é: por que fazer dessa maneira? Negando, mentindo, se escondendo atrás de um tronco de árvore como se fosse uma fugitiva!

— Por vergonha! — Vitória mais uma vez mentiu. — Você estava lá, você certamente viu o meu estado emocional. Fiquei com vergonha... Não sou obrigada a ser forte o tempo todo. Não consigo ser. — Vitória deixou que as lágrimas anuviassem seus olhos. — Amanda era a pessoa mais extraordinária que eu já conheci. E pensar que ela se foi dessa maneira, de uma forma tão horrenda... Era esperar demais que eu não me desestruturasse daquela maneira.

Benjamin deu uma segunda tragada no cigarro.

— E por isso sentiu vergonha? De expressar o que sente? De colocar para fora a sua dor?

— De parecer ridícula em meio a todas aquelas pessoas. Você me conhece, Ben, não sou muito boa quando o assunto é controlar a emoção. Desde a morte da minha mãe que não consigo entrar em um cemitério sem me desmanchar em choro. Eu não menti para você quando disse pela manhã que não pretendia ir. Eu estava certa de que o melhor seria guardar as lembranças de quando Amanda ainda estava viva. Mas depois eu não sei o que me deu. Quando dei por mim, já estava lá, atrás daquela árvore.

Benjamin deu-se por satisfeito com a justificativa da esposa.

— Tudo bem! Vamos esquecer esse assunto agora. Podíamos aproveitar que você está em casa hoje e dormir mais cedo, não é? O dia hoje não foi fácil.

Vitória sorriu satisfeita, por mais uma vez conseguir ludibriá-lo.

— Eu preciso terminar de tirar a mesa e lavar a louça do jantar. Mas você pode subir, colocar a Lílíe na cama, e manter sua promessa de ser um pai exemplar.

Benjamin levou a mão à testa em sinal de continência.

— Sim senhora!



Ao entrar no quarto, Benjamin encontrou o televisor ligado e a filha adormecida no tapete em meio às suas bonecas. Com todo o cuidado, tomou-a em seus braços e a conduziu até a cama, receoso em despertá-la. Mas bastou deitá-la para que a menina acordasse.

— Papai! — proferiu sonolenta.

— Oi, filha, eu não queria te acordar! — Benjamin esticou o edredom sobre ela. — Vou desligar a TV agora e você volte a dormir, está bem?

— Espere — pediu. Sua mãozinha segurando o braço do pai.

— O que foi, Lílíe?

— Você e a mamãe brigaram?

— Não! Claro que não.

— Hum! Mas você ficou bravo porque ela mentiu.

Benjamin sentou-se na beirada da cama.

— A mamãe não mentiu, querida. Ela só não quis contar que tinha ido ao cemitério. Ela está muito triste com o que aconteceu a Amanda. Temos que ter paciência com ela.

Lílie sentou-se na cama.

— Tudo culpa do homem mal, não é, papai? Foi ele que jogou a tia Amanda no lago.

— Você não tem que pensar nisso agora, ok?

— Eu não gosto desse homem! Ele judia da tia Amanda, a mamãe fica triste e acaba brigando com a gente.

Benjamin surpreendeu-se com o raciocínio da filha.

— Você é uma garota muito esperta, eu já te falei isso?

— Não, mas eu sabia. — A menina balançava os ombros para cima e para baixo enquanto falava. — A mamãe diz isso toda vez que finjo estar doente só para não ir para a escola. — Levou as duas mãozinhas em forma de concha à boca e riu graciosamente. O pai não conteve e entregou-se ao riso também.

— Está bem, mas agora você precisa dormir.

Lílie esparramou-se pela cama e ficou esperando com os braços levantados que ele a cobrisse. Benjamin ajeitou o edredom novamente e beijou-lhe a testa.

— Durma bem, meu anjo!

— Anjos não dormem, papai! Eles precisam ficar acordados cuidando da gente, esqueceu?

Benjamin riu, deixando a cama. Estava se aproximando do televisor para desligá-lo quando algo chamou sua atenção. Era um daqueles programas evangélicos que ocupavam a grade das emissoras durante quase toda a noite. Na imagem, um homem de terno e gravata segurava uma bíblia aberta. Embora fosse a segunda vez naquele dia que Benjamin se deparava com um pastor, não era a figura do homem que o intrigava; mas as palavras que saíam da sua boca.

— ... *“Porque o senhor conhece o caminho dos justos, mas o caminho dos ímpios perecerá. Isso não sou eu quem está dizendo não, meus irmãos, está aqui na Bíblia”*. Livro de Salmos, capítulo um, versículo seis. Para quem quiser conferir, só procurar pela abreviatura no índice SL, I, 6.

Benjamin desligou a TV tomado por uma avalanche de excitação. De repente tudo começava a fazer sentido. Um turbilhão de pensamentos borbulhava em sua mente. As peças de um quebra-cabeça quase

indecifrável agora se juntavam e davam sentido ao que até então era desconhecido. Acabava de receber a resposta à pergunta que o incomodava há dias.

— Vitória! — Gritou pela esposa enquanto deixava o quarto da filha. A ansiedade queimando-o por dentro. A chave de todo o mistério fora encontrada. — Vitóriaaaaaaa!

Encontrou a esposa no corredor e correu ao seu encontro.

— Aconteceu alguma coisa, Ben? — perguntou assustada.

— Vitória, me ajude. Eu preciso de uma Bíblia.

O semblante dela revelou sua surpresa.

— O quê? Aonde vou achar uma Bíblia a essa hora?

Ele parecia desapontado.

— Você não ficou com nenhuma da sua mãe?

— Não!

Benjamin estava tão nervoso que não conseguia parar quieto em um só lugar. Andava de um lugar a outro sem parar.

— E agora? Não posso esperar até amanhã.

— Ben, o que está acontecendo?

— Não dá para explicar agora.

— Se é tão importante assim...

— É muito importante, você não faz ideia.

— Então procure na internet... Não sei, deve ter algum lugar que tenha...

Benjamin a interrompeu satisfeito.

— Isso! Como não pensei antes?

Caminharam em direção ao quarto do casal. Benjamin pegou o notebook na escrivaninha, sentou-se sobre a cama e com ele em seu colo, ligou-o.

Lembrou das palavras do pastor na televisão: *“Para quem quiser conferir, só procurar pela abreviatura no índice SL,1,6”*.

— Você sabe se tem na Bíblia algum livro com a inicial R, Vitória?

— Ah, Ben! Eu sei sobre a Bíblia tanto quanto você sabe cozinhar... Nada.

Benjamin abriu o navegador e digitou a página do Google. Em seguida digitou a palavra Bíblia e uma das sugestões de sites apresentadas o deixou animado; *bibliaonline.com.br* abriu o site. Na sequência havia um

índice com o nome de todos os livros. Atentamente começou a conferir um por um. Não demorou muito a encontrar o que procurava.

— Achei. — Clicou no nome do livro e a tela inicial foi substituída por uma sequência de números. Escolheu 6 e depois 7.

Sem saber o que estava acontecendo, Vitória, impaciente arrancou o notebook das mãos do marido.

— Ben, por favor! Eu preciso saber o que está acontecendo.

Benjamin estava pálido.

— Você não vai acreditar! Quem matou Amanda Fortes é muito mais insano do que imaginávamos. É alguém que certamente sofre de alienação mental.

— Do que você está falando?

— Aquele papel encontrado nas genitálias dela durante a autópsia. A letra e os dois números. R67. Eu descobri o que significam... É difícil de acreditar, mas esse monstro usou seu fanatismo para nos enviar um recado. — Benjamin pegou novamente o notebook das mãos da esposa. — Veja você mesma — apontou para a pesquisa que havia feito. — R67 é Romanos, capítulo 6, versículo 7: *“Porque aquele que está morto está justificado do pecado.”*



## Capítulo Vinte



— Mas que *po...* — Trajano conseguiu segurar a língua a tempo de não proferir o palavão. — Que merda é essa?

Dois dias haviam se passado desde que Benjamin havia decifrado o enigma deixado pelo assassino junto ao corpo de Amanda Fortes. E agora, em sua sala na delegacia junto ao policial Trajano, exibia a mensagem no computador tomado por um orgulho incontável. Na tela estava a página da Bíblia online que havia consultado em sua casa, na noite em que letra e números começaram a fazer sentido. Na sequência, a mensagem: “*Porque aquele que está morto está justificado do pecado. Romanos 6, versículo 7.*”

— É a coisa mais absurda que já vi em toda a minha vida. — O policial continuou a manifestar sua surpresa. — Um assassino que lê a Bíblia? É sério isso?

— Não somente lê como tem conhecimento amplo. Ele sabia perfeitamente de qual livro e capítulo extrair a mensagem.

Trajano puxou uma cadeira e sentou-se de frente para o delegado.

— Acho que estou começando a acreditar que o fim do mundo realmente está próximo. E olha que nem sou tão religioso assim.

Benjamin lia e relia a mensagem há mais de meia hora e parecia estar longe de parar. Ainda parecia não acreditar que conseguira decodificá-la.

— Você tem ideia do que essa descoberta representa para a investigação? — perguntou.

— Um avanço admirável. É possível traçar o perfil psicológico do assassino.

— Exatamente.

— E como você conseguiu essa proeza, Benjamin?

O delegado sorriu satisfeito.

— Coincidências. daquelas que você acredita só existir na ficção.

— Foi o pregador na porta da *Babylon*, não foi?

— Começou ali. Eu não sei o que aconteceu, mas algo prendeu a minha atenção. Você me conhece, Trajano, sabe o que penso a respeito dessas pessoas, mas com aquele homem foi diferente. Não que eu acreditasse em suas palavras, pra falar a verdade eu nem lembro mais o que foi dito. Eu só tive a impressão que aquela representação toda era a resposta que eu tanto procurava, eu só não conseguia saber para qual pergunta. Você está me entendendo?

— Perfeitamente. É como se tivesse acertado os números da Mega Sena, mas não lembrasse do lugar onde deixou o bilhete.

— Quase isso. Talvez com um pouco menos de falta de sorte do que nesta sua conjectura, porque não demorou muito até que eu me lembrasse de tudo. Mais tarde, em casa, minha filha adormeceu com o televisor ligado, começou um daqueles programas evangélicos. Foi então que tudo se formou em minha cabeça. A letra e os números só poderiam ser um livro, capítulo e versículo da Bíblia. O que mais poderia ser? Qualquer outro código correria o risco de nunca ser solucionado por nós. Não era o que o assassino queria.

— Com isso podemos concluir que não é uma pessoa qualquer. — O policial continuou o raciocínio. — Estamos lidando com alguém inteligente, que sabe o que faz. Não foi apenas resultado de um ataque de fúria ou descontrole emocional. A morte de Amanda Fortes foi proposital e arquitetada minuciosamente.

— O estado em que ele deixou a vítima, desfigurada, sem impressão digital denunciavam o cuidado que teve em executar cada uma dessas etapas. O porquê eu ainda não sei. Mas só reforça a ideia de que o tempo todo ele sabia o que estava fazendo. E essa mensagem nada mais é do que um diálogo travado com a polícia. Uma tentativa de justificar os seus atos.

O policial levantou e foi até o gaveteiro de aço onde havia sobre ele uma garrafa de café e serviu-se de uma xícara.

— E existe justificativa para o que ele fez com aquela pobre garota?

— Para ele sim. É só ler a mensagem para ter essa certeza; a morte é citada como a única justificativa do pecado... — Benjamin tomou a xícara de café da mão do colega e se pôs a beber. — Estamos falando não de um assassino comum, o nosso homem é audaz.

— E religioso? — Trajano perguntou ao se levantar e se servir de uma nova xícara de café.

— Acho que sim. Não acredito que esteja apenas usando a religião para se esconder, para nos despistar, não, acredito que realmente faça uso da crença e esteja tão doutrinado a ela que já não sabe mais discernir o que é certo e o que é errado.

Trajano voltou a se sentar.

— Um fanático? — perguntou.

— Talvez. Eu o vejo como alguém com predeterminações que vão muito além do fanatismo. O homem que procuramos parece exceder esse fanatismo. É como se ele a tivesse matado em nome de Deus.

— Credo, Benjamin! Isso é louco demais para minha cabeça!

— Eu sei. Para mim também soa de maneira absurda. Afinal, que tipo de pessoa mata e ainda esconde um trecho da Bíblia dentro da genitália da vítima?

— É como se ele estivesse debochando...

— Ou não. Talvez esteja tão convicto de sua crença, tão cego de seus atos que realmente acredita estar agindo corretamente.

— O Semideus! — Trajano ironizou. — Acho que deveríamos chamá-lo dessa maneira. Uma vez que suas atitudes parecem sobrepor o homem e submeter-se à Deus.

Benjamin sorriu.

— Boa. — Deu um último gole no café.

— Sabe, estou há tanto tempo trabalhando na polícia, e casos como esses ainda me assustam. É como se nunca fossemos conhecer o verdadeiro limite das pessoas...

— A mente humana é de todas as armas a de maior poder de destruição.

Trajano arremessou o copo vazio na lata de lixo ao lado do gaveteiro de aço. Ele rodopiou pela borda da lata e caiu dentro dela.

— Cesta! — comemorou. — E agora Benjamin, o que pretende fazer?

Três batidas na porta antecederam a resposta.

— Atender a porta... — Riu.

A porta se abriu e por ela passou um homem alto, negro, que a julgar por sua aparência não passava da casa dos vinte e cinco anos. Trazia em uma das mãos um envelope de papel pardo.

— Bom dia, chefe! — desejou. — Tenho informações do caso da garota encontrada no lago.

O semblante do delegado encheu-se de satisfação.

— Ótimo! Entre... Entre, Murilo!

Murilo Aguiar trabalhava no departamento de perícia científica e era responsável por produzir provas técnicas, por meio das análises de vestígios deixados durante a prática de um crime ou um assassinato. Embora exibisse o aspecto jovial, trabalhava há um bom tempo naquela profissão, e não deixava dúvidas de sua capacitação e competência.

Estendeu o envelope na altura dos olhos do policial e do delegado.

— O resultado da análise do celular da vítima. Foi pedido urgência, achei melhor eu mesmo vir trazer.

Benjamin pegou o envelope de suas mãos. Desde o momento em que aquele aparelho telefônico fora encontrado, a cerca de dois dias atrás, mantinha acesa a esperança de que alguma pista fosse descoberta. A resposta agora estava prestes a ser revelada.

— Não poderia ter chegado em melhor hora — comentou. — Diga que traz boas notícias, Murilo.

O homem fez uma careta.

— Não sei se vai gostar dos resultados. Acho melhor tirar suas próprias conclusões.

Trajano entrevistou:

— Estamos apostando todas as nossas fichas nesse celular. Na possibilidade, por mais remota que seja, de haver uma pista que nos leve até o *Semideus*.

Murilo exibiu a expressão de quem não estava entendendo, como se houvesse perdido alguma parte da história que daria sentido ao que falavam.

— É como decidimos chamar o assassino — o policial explicou. — Uma alusão ao fato do nosso homem ser religioso.

O perito pensou por um instante antes de voltar a falar.

— Eu não sei sobre a crença dele, mas posso afirmar que é um homem espirituoso. Que parece estar brincando com a gente.

Benjamin percebeu que o rapaz havia utilizado para descrever o assassino as mesmas palavras que usara dias atrás com o policial Trajano, o que o deixou com a certeza de que estava no caminho certo ao traçar o perfil psicológico.

— Por que está falando isso? — perguntou.

— Abra o envelope, delegado. Terei o prazer de explicar.

Pela primeira vez desde que havia assumido aquele caso, Benjamin sentiu um frio incômodo se apossando de seu corpo. Estava nervoso. Um nervoso desconhecido. como se fosse o prenúncio de que alguma coisa ruim estava para acontecer, de que o conteúdo daquele envelope de alguma forma não o fosse agradar.

Sem demandar mais tempo, ele o abriu. Tirou algumas folhas de papel de seu interior. O laudo da perícia. A primeira folha era uma foto do aparelho celular e algumas descrições como marca, modelo e estado físico.

— Apesar de ter sido encontrado jogado nos arredores do lago do Ibirapuera — Murilo começou sua explicação. — o aparelho não apresentava nenhum dano físico. Fora encontrado em bom estado e funcionando perfeitamente. — Enquanto ele falava, Benjamin passou a foto para o policial Trajano. — O aparelho é um modelo novo no mercado, o que se conclui que fora comprado recentemente. Isso explica as poucas ligações efetuadas, como podem ver nesta segunda folha.

A segunda folha era uma relação fornecida pela empresa de telefonia com não mais do que doze números entre telefones móveis e fixos. Benjamin entregou também para o companheiro.

— Vou deixar por sua conta, Trajano. Descubra a quem pertence esses números e que tipo de relação mantinham com a Amanda. Se necessário, providencie intimações para depoimento.

— Claro. Pode deixar comigo, chefe.

No topo da terceira folha, escrito com letras em negrito estava o título daquela análise: **Contatos, Redes Sociais**. Murilo antecipou-se:

— Todos os contatos foram cuidadosamente apagados da memória do celular, assim como qualquer mensagem por torpedo, aplicativos de conversa ou redes sociais.

Benjamin mostrou-se desapontado.

— Era bom demais para ser verdade, encontrar algo comprometedor!

— Sabe o que eu não entendo? — Trajano perguntou. — Com que finalidade o *Semideus* preocupou-se em se desfazer do celular, se já havia extraído as “pistas”.

— Talvez o medo de que fosse rastreado.

— Verdade, chefe! Eu esqueço que hoje em dia a tecnologia é capaz de realizar essa proeza.

— O que importa na verdade é que de nada esse celular nos valerá...

Murilo entrevistou outra vez, agora contrariando a afirmação do delegado.  
— É aí que você se engana. Eu não disse que o celular estava inteiramente vazio.

Benjamin e Trajano o encararam surpresos.

— Não?!

— Não, delegado. A quarta folha relata sobre o único arquivo encontrado na memória do celular. Não sei o que o assassino pretende nos dizer, mas foi a única coisa que não apagou. Uma foto.

Benjamin procurou a folha e no mesmo instante em que seus olhos pousaram sobre a foto, seu corpo perdeu a firmeza e começou a tremer. O coração comprimiu-se de tal maneira que chegou a provocar dor física. O nervosismo agora o dominava por completo. Na foto, duas mulheres estavam em frente ao *Babylon Night Club*.

Amanda Fortes e Vitória.



Onório Ferman estava reunido em sua sala, que cheirava a gordura e comida rançosa, com as três dançarinas: Alice, Angel e Pietra, e mais, os profissionais responsáveis pelo bar, iluminação, som e produção dos shows; Tiago, Silvio, Jorge e Pedro. O motivo era a recente visita ao *Babylon* do policial e do delegado encarregados do caso de Amanda Fortes. Desde aquela tarde, o proprietário não conseguia dormir tranquilamente. Não mais com a polícia rondando o seu território. Não com a sua verdade tão perto de ser descoberta. Era certo que a presença da polícia ao seu estabelecimento estava totalmente voltada para o assassinato de uma das dançarinas, mas se continuassem por ali, fazendo perguntas, remexendo em coisas que já haviam sido deixadas no passado, não demoraria muito para que descobrissem quem ele era. Teve sorte de conseguir se manter impune e isolado durante tanto tempo entre as paredes do *Babylon*.

Fazer essa reunião com todos os funcionários da casa era apenas uma maneira para protelar essa impunidade.

— Eu deveria ter me reunido com vocês há mais tempo. — Começou a falar. — Mais precisamente quando aquela garota foi assassinada, mas não o fiz para não elevar os ânimos por aqui. Sei que todos estavam estarecidos com o ocorrido e não queria colocar “mais lenha na fogueira! Não sem ter uma carinha para assar! — Onório fez uma piada, mas ninguém riu. — Bom, o fato é que eu deveria ter acertado algumas coisas com vocês, como viram, a polícia esteve aqui, e não é impossível que acabe voltando. Alguns de vocês ao ser interrogado acabaram dando com a língua nos dentes e falando um pouco mais do que deveria.

Onório falava de Angel, do fato de ter contado ao delegado que havia outra dançarina na casa, Maria, e que ele a estava protegendo. Decidiu não aponta-la diante de todos, para evitar um conflito ainda maior.

— Aqui, somos todos uma família. Passamos grande parte do dia e principalmente as noites juntos, então o mínimo que podemos fazer é conviver amistosamente. Não estou pedindo para que se amem, seria tolice se o fizessem. Mas posso pedir tolerância. Somos uma equipe, merda! Se tentamos prejudicar alguém, indiretamente estamos prejudicando a nós mesmos. Aquele delegado saiu daqui desconfiado, e pode voltar a qualquer momento em busca de respostas para as suas suspeitas. É isso o que vocês querem? A polícia o tempo todo farejando os nossos rabos? Fazendo perguntas? Comprometendo o bom andamento da casa e consequentemente atrapalhando os ganhos de vocês? Tenho certeza de que ninguém quer isso, então não vamos criar mais problemas, ok?

Angel, que até então ouvia em silêncio, levantou-se e resolveu responder:

— Você está pedindo para mentirmos para a polícia? É isso, Onório?

— Eu não disse isso. Acontece, Angel, que a qualquer momento a polícia vai voltar a nos procurar, querendo arrancar mais informações. E eu só estou tentando alertá-los de que às vezes algumas palavras proferidas no momento errado, podem resultar em toda a atenção voltada para o *Babylon*. Tivemos sorte até agora que a morte da Amanda não repercutiu uma imagem negativa na casa, que o número de visitantes não diminuiu, ao contrário, parece que com o ocorrido, mais pessoas vieram conhecer o lugar. Só estou pedindo para não revertermos isso.

A garota não estava convencida.

— Protegendo a sua queridinha? — perguntou, afrontando-o. — Sim, porque todo mundo aqui sabe que esse seu sermão é direcionado

exclusivamente a mim. Porque eu falei para o delegado que a Maria também dançava aqui. Por que, hein Onório? Por que essa proteção privilegiada?

— Você está equivocada, Angel.

— Eu estou? Tem certeza que sou eu? — Olhou para as outras dançarinas sentadas ao seu lado. — Não tenho culpa se — fez sinal de aspas com os dedos. — “minhas colegas” são todas umas moscas mortas e não reclamam de nada...

— Hei! — Alice repreendeu.

— Eu não aceito injustiças. Se todos nós temos que ser submetidos a humilhação de ser interrogados, por que poupá-la? Ela é tão funcionária quanto eu ou qualquer uma delas — apontou para as outras garotas. — A não ser, é claro, que ela saiba algo a seu respeito que nenhum de nós sabe. É isso? Você tem o rabo preso?

Onório estava assustado. Havia feito a reunião com o propósito de apaziguar os ânimos e tudo o que conseguira até então, era provocar uma grande confusão.

— Para de falar besteira, garota! — ralhou. — Você não sabe o que está dizendo.

— Sei... Sei muitas coisas... Sei que você protege a Maria e está tentando escondê-la, sei que você tem medo da polícia e por isso se esconde aqui nesse lugar deprimente, como sei também que todo mundo aqui dentro tem seu telhado de vidro. Então, se tiver que proteger alguém, Onório, terá que proteger a todos nós.

Angel ficou à espera da resposta, que acabou não recebendo.

O proprietário do *Night Club* sentia-se irritado demais para ceder à pressão.

— A reunião acabou — anunciou, ríspido. — Voltem aos seus postos que hoje à noite tem expediente.





Pela sétima vez, em menos de trinta minutos, o copo foi abastecido de aguardente; e mais uma vez esvaziado em questão de segundos. No bar, além do atendente, havia meia dúzia de fregueses, entre eles aquele que acabava de beber sua sétima dose e já fazia sinal para que outra fosse providenciada. Ao perceber a relutância em atendê-lo, bateu com o copo no balcão protestando.

— O que foi? Eu bebo e você fica cego? Não me viu pedir outra dose?

O atendente aproximou-se com a garrafa em sua mão, mas não o serviu.

— Não acha que já bebeu demais?

Rômulo o encarou com a ira transbordando em seus olhos. Ao se tratar da dor que estava sentindo em seu peito, havia bebido pouco. Seria necessário muito mais do que sete copos para esquecer a humilhação a qual havia sido submetido.

— Não acha que deveria fazer seu serviço e parar de encher o saco, rapaz? Se eu estivesse procurando por conselhos teria ido a um psicólogo, não teria vindo a um bar — apontou para o copo. — O que está esperando?

O copo foi reabastecido.

— Eu só espero que tenha dinheiro para pagar a conta no final. — O jovem anunciou ríspido. — E também não quero confusão no meu bar.

Rômulo arremessou algumas notas por cima do balcão.

— Deve ter o suficiente para você deixar a garrafa. E não me incomodar mais.

Desde a noite do encontro que acabou não acontecendo com a mulher do site de relacionamento, Rômulo passava seus dias de bar em bar, bebendo para tentar esquecer a vergonha que sentia por ter sido deixado sozinho no restaurante, esperando feito um tolo por uma mulher que não pretendia aparecer. Sim, porque era evidente que desde o começo não houve a intenção de comparecer ao encontro. A sugestão foi dele, aceita rápida demais, sem nenhuma conversa antes, sem nenhuma pergunta. Ela simplesmente aceitou e não compareceu.

A decepção trouxera de volta um dos vícios que há muito tempo ele mantinha refreado. O vício que dava evasão a imensa vergonha que queimava sua face e rasgava o peito. Que momentaneamente o fazia esquecer do quanto havia sido bobo em acreditar, esperar e nutrir esperanças. Todos esses anos sozinho, nenhuma outra mulher havia se interessado por ele, por que agora haveria de acontecer? Assim, através da internet? Sem conhecer pessoalmente? Às escuras? Era evidente que não

ia dar certo. Só não esperava que ela não se desse ao menos o trabalho de ir ao encontro. De oferecer uma satisfação apenas. E deixá-lo esperando.

O copo esvaziou. Com as mãos trêmulas, sem a firmeza que a bebida havia lhe roubado, segurou a garrafa e tentou virá-la para despejar a bebida, que acabou sendo dividida entre o copo e o balcão.

“Uma autoconfiança destruída por uma desconhecida qualquer”, pensou. “Maldita a hora em que decidi acessar aquele site. Maldita a hora em que deixei que minha carência falasse mais alto do que meu senso prático e meu raciocínio lógico. Maldita seja essa mulher, ainda que desconhecida, mas capaz de despertar sentimentos que eu não consigo mais controlar.”

Os primeiros sintomas da embriaguez começavam a surgir. Rômulo sentia a cabeça doer, ao mesmo tempo em que as pálpebras dos olhos pareciam pesar toneladas. As pessoas a sua volta não se passavam de figuras desformes, que ele jamais seria capaz de identificar. Um borrão inquieto que começava a incomodá-lo.

Copo e garrafa estavam vazios agora. Era a hora de trocar de bar.

Com toda a dificuldade que a embriaguez provocava, levantou-se do banco onde estava sentado e caminhou lentamente em direção à rua. O sol já havia se posto, e no céu, as primeiras estrelas anunciavam o começo daquela noite.

Voltar para casa era algo fora de cogitação. A solidão do lugar era a última coisa que queria enfrentar. Precisava de mais bebida, de companhia e de esquecer quem ele era.

Tirou o celular do bolso e, decidido, fez uma ligação.

— Alô!? É do *Babylon*? Preciso de uma de suas garotas urgente!



Onório desligou o telefone e ficou pensativo. O homem do outro lado da linha parecia ter pressa, e estava disposto a pagar qualquer preço por uma de suas garotas. O problema é que todas já tinham clientes para aquela noite.

Foi então que a solução surgiu em sua mente. Tão clara quanto a luz do sol. Tão certa quanto um dia após o outro.

Voltou-se ao telefone e fez uma ligação.

— Eu havia sugerido que o melhor era não se apresentar mais no *Babylon*, mas isso não impede que faça aqueles servicinhos extras. Tenho um cliente pra você, Maria!



Benjamin entrou em casa tão apressado e transtornado que acabou passando pela filha, sentada no tapete da sala, e sequer tomou conhecimento da sua presença.

— Vitóriaaaaa! — Gritou pelo nome da esposa. Foi até o primeiro degrau da escada e voltou a gritar: — Vitóriaaaaa! Mas que droga! Onde será que se meteu?

A empregada, Carmela, apareceu no topo da escada e percebendo o seu nervosismo, adiantou-se em informar:

— Dona Vitória não está não. Saiu para o hospital faz uma meia hora. Aconteceu alguma coisa?

— É exatamente isso o que quero saber, Carmela.

Benjamin caminhava de um canto a outro da sala, impaciente. Aquela foto encontrada no celular de Amanda Fortes, certamente deixada pelo *Semideus*, era a razão de seu descontrole. Alguma coisa de errado estava acontecendo e o assassino parecia querer chamar sua atenção para isso.

— O senhor não quer sentar? Eu pego um copo de água com açúcar.

— Não quero.

— Mas o senhor precisa se acalmar, está assustando a menina.

Só então Benjamin percebeu que a filha estava em pé o observando com o semblante pálido.

— Leve ela para o quarto, Carmela. Preciso encontrar a Vitória. — Tirou o celular do bolso. — Sabe se temos o número do hospital Pérola Prado?

— Acho que temos na agenda, sim. Mas o senhor quer que eu leve Lílíe para o quarto ou procure o telefone?

— O telefone Carmela, rápido!

Carmela pegou uma caderneta que ficava sobre uma mesa aparadora e começou a folheá-la.

— Aqui, achei! — entregou a ele. — Mas o que está acontecendo, seu Benjamin? O senhor está me assustando.

Ele a encarou com o olhar faiscando de excitação.

— Vitória está mentindo para mim! E isso eu não admito. Eu posso aceitar tudo nesta vida, mas mentira não!

Agora foi Carmela quem se mostrou inquieta. Lembrou-se do pedido que a patroa havia feito dias antes e sentiu-se acusada por também estar mentindo.

Benjamin já estava digitando o número do hospital no celular quando ela o interrompeu.

— Espere! — pediu. — Tem uma coisa que o senhor precisa saber. Não quero que pense que eu também menti, eu só não sabia o que fazer. Tentei falar, um dia desses, mas não tive coragem. Gosto muito da Dona Vitória e poderia parecer que eu estava contra ela. O senhor me entende?

— Talvez se você se explicar melhor, eu consiga entender.

— Eu acho que cometi um grande erro. Essa moça que foi assassinada e jogada no lago aqui em frente...

— Amanda Fortes. O que tem ela?

A mulher parecia receosa de que suas palavras despertassem ainda mais a fúria do patrão.

— Eu acho que a Dona Vitória está escondendo alguma coisa do senhor ou da polícia.

O pouco autocontrole que ainda existia, esvaiu-se de Benjamin.

— Do que você está falando Carmela? — explodiu.

— Eu vou explicar. Na manhã seguinte após os jornais noticiarem a morte dessa jovem, a Dona Vitória me chamou até o quarto dela e me entregou uma caixa de madeira, me pedindo para que desaparecesse com aquilo. Para destruir, queimar, fazer qualquer coisa que a impedisse de ser encontrada.

A história parecia mais absurda do que ele havia imaginado.

— E você viu o que tinha no interior da caixa?

— O diário da menina morta.

— E essa caixa? Onde está?

— Então, esse foi o meu erro. Eu destruí — mentiu por não poder contar a quem entregou.

Se Benjamin já estava intrigado com a foto encontrada no celular, com essa nova história estava a um passo de ter um colapso nervoso. Guardou o celular novamente no bolso da calça.

— Não vou mais ligar! Vou até lá, a Vitória terá que explicar essa história pessoalmente e tem que ser agora.

Não demorou muito até que estacionasse o carro em frente ao hospital e adentrasse o amplo saguão da recepção. O movimento de pessoas era constante. Médicos, enfermeiros e pacientes transitavam em uma marcha vertiginosa por entre os corredores de paredes anêmicas e portas duplas vai e vem.

Benjamin aproximou-se do balcão da recepção e antes que pudesse falar qualquer coisa, a jovem recepcionista de nome Elisete, gravado no crachá preso ao bolso da blusa, adiantou-se em informar:

— O senhor tem que pegar a senha e aguardar ser chama... — Parou de falar ao avistar o distintivo sendo exibido nas mãos do homem.

Benjamin não costumava usar de sua autoridade para conseguir privilégios, mas aquela situação exigia. Estava ansioso demais para encontrar a esposa e ouvir tudo o que ela tinha para contar.

— Sou o delegado Benjamin Marques e vim falar com a enfermeira Vitória Maria Sá Marques.

A recepcionista pareceu confusa.

— Quem?

Benjamin repetiu o nome.

— Desculpa senhor, deve estar havendo algum engano! Já tem mais de um ano que a enfermeira Vitória não trabalha mais aqui.

Benjamin sentiu o mundo desabar sobre sua cabeça.

“Mais de um ano que não trabalha aqui”, pensou, sentindo-se confuso. “Mas sai de casa quase todas as noites falando que vai trabalhar.” O coração aos pulos dentro do peito. Lembrou-se do comportamento da esposa nos últimos dias. Irritabilidade, descontrole emocional e o nervosismo de quem esconde alguma coisa.

Ele tinha esperteza suficiente para saber o que era: “Um amante... Por Deus, Vitória está me traindo!”



Rômulo foi o primeiro a chegar no hotel. Precisou de paciência e muito esforço físico para conseguir subir os dois lances de escadas até o quarto. A embriaguez roubara a firmeza de suas pernas, ao mesmo tempo em que o encorajava a chegar até ali. Seria a primeira vez que se deitaria com uma das dançarinas do *Babylon*. A primeira vez que usaria seu dinheiro para comprar o sexo que seu corpo tanto desejava.

E estava ansioso por isso.

Adentrou o quarto e acomodou-se na cama à espera da mulher. Enquanto ela não chegava, era a garrafa de aguardente quem lhe fazia companhia. Quanto maior o seu nervosismo, maior era a sua vontade de beber.

Não sabia quem viria ao seu encontro, mas essa incerteza só aumentava o seu desejo. O desconhecido era algo que o incitava, que o instigava.

Olhou para o relógio em seu pulso, os ponteiros pareciam girar descompassadamente, os números dançavam enquanto revezavam as posições. Foi impossível consultar as horas.

Aos poucos foi se esparramando pela cama, e enquanto esperava, acabou adormecendo.



Maria desceu do táxi por volta das vinte e uma horas. Consultou o papel em sua mão para se certificar de que estava no endereço certo. Era a primeira vez que atendia naquele hotel. A primeira vez que atenderia aquele homem, segundo as informações de Onório, tratava-se de um cliente iniciante e cabia a ela proporcionar a melhor experiência de sua vida. Fazer com que voltasse a procurá-la inúmeras outras vezes.

Passou a mão pelos cabelos loiros encaracolados e virou-se de frente para a porta de vidro e viu sua silhueta refletida nela. Perfeita. Não precisaria se esforçar muito para deixar aquele homem caído aos seus pés.

Deu o primeiro passo em direção ao interior do hotel, mas parou no mesmo instante. Uma pontada aguda no coração a fez recuar. Uma dor angustiante que a deixou sem ar. Contudo, da mesma forma sorrateira em que chegou, foi-se.

Maria respirou fundo e entrou no saguão do hotel. Talvez se tivesse entendido que aquela pontada no peito era apenas uma premonição de que não deveria se encontrar com aquele homem, teria voltado para casa e sua vida continuaria sem drásticas mudanças. Permaneceria camuflada, escondida e protegida. Contudo, ela não entendeu que seu sexto sentido lhe dava um aviso e seguiu em frente.

Parou em frente ao quarto. Abriu calmamente os botões do sobretudo e o tirou. Ajeitou a lingerie e a cinta liga e empurrou a porta para que abrisse. Entrou.



O som do ranger da maçaneta despertou Rômulo de seu sono. A dançarina do *Babylon Night Club* havia chegado. A garota se aproximava da cama com a pretensão de cumprir sua função. Rapidamente colocou-se em pé. E tamanha foi sua surpresa ao avistá-la que seus olhos arregalaram. Em primeiro momento pensou que estivesse sonhando ainda, que nada daquilo fosse verdade, mas teve a certeza de que não se tratava de um sonho ao avistar a surpresa e o desespero estampados no rosto dela.

Passado o momento de negação, Rômulo então pensou que um mal-entendido havia acontecido, que ele ou a visitante haviam entrado em quarto errado. Mas a roupa que ela usava, a bolsa que carregava com o nome *Babylon* gravado afastou aquela possibilidade também.

— Vitória Maria!

Rômulo exclamou surpreso ao ver-se diante de uma realidade que o dilacerou por dentro, que lhe acometeu as palavras e o fez tremer de pavor,

desgosto e vergonha.

Fixou seus olhos aos da mulher, que permanecia atônita e completamente imóvel. A única reação que expressava era o marejar de seus olhos.

O silêncio tornou-se constante. As palavras ficaram enraizadas na garganta, sem a menor possibilidade de se libertar.

Permaneciam frente a frente. Olho no olho. A dor sendo materializada através do choro e dando vasão através das lágrimas que escorriam feito cachoeira. A mentira caindo e se espedaçando ao chão. A verdade aparecendo em meio aos estilhaços. As desconfianças fazendo sentido. Concretizando-se.

— Então era isso! — Rômulo conseguiu dizer juntando o pouco de força que ainda lhe restava. A filha permaneceu em silêncio. Em sua mente, pensava em fugir, correr o mais longe que pudesse e aguentasse, em se esconder. Mas seu corpo não respondia em movimentos as ordens de seu cérebro. Estava presa naquele quarto, presa naquela situação, presa a ele.

— Dançarina de um *Night Club*! — Rômulo insistiu. — Acompanhante de homens bêbados e decadentes. Achou que eu nunca fosse saber? — Vitória começou a chorar. — Achou que com essa peruca loira e essa maquiagem vulgar eu não fosse reconhecê-la, Vitória Maria? É isso o que você é? — A falta de resposta fez com que Rômulo perdesse o controle e não hesitasse em avançar até ela e lhe desse um tapa na cara. — Vamos... — insistiu. — RESPONDA!





PARTE DOIS

# CINZAS DO PASSADO

## Capítulo Vinte e Um



*Dois anos antes...*

Amanda Fortes estava sozinha em casa, o que não acontecia com tanta frequência. Na maioria das vezes estava sempre na companhia das três irmãs, a menor, Angelita, ou as gêmeas ainda de colo, Ana e Anabel. Mas desta vez, por algum motivo desconhecido, a mãe havia levado as três com ela à igreja e o padrasto, aproveitava a ausência da esposa para voltar mais uma vez àquele *Night Club* da Rua Augusta para gastar o pouco dinheiro que ainda recebia do seu trabalho esporádico como marceneiro em bebida e mulheres. A casa inteira era sua.

Faltava um mês para completar dezoito anos e com isso estava a florando sua juventude e despertando toda a feminilidade imprescindível. Seu corpo passava por transformações que ela, muitas vezes, acabava não percebendo. A agitação rotineira da casa, as tarefas intermináveis com as irmãs desviavam a atenção de si mesma. Estava sempre empenhada em oferecer ajuda. Acabava esquecendo-se de se ajudar. E momentos como aquele, de isolamento e de silêncio serviam para que pudesse recuperar esse tempo perdido.

Estava em frente ao espelho. Nua. Contemplando a imagem refletida. Que bela mulher ela estava se tornando. Pele alva e macia como veludo, os cabelos encaracolados de um castanho claro que nada parecia com o ruivo da mãe e o cabelo negro do falecido pai. A mãe, Roberta Fortes Dilon, costumava dizer que herdara a genética dos avós, mas como nunca os conheceu, nem mesmo por fotografias, Amanda não duvidava. O fato era que a cada novo dia a formosura da garota só aumentava. Não era à toa que por diversas vezes surpreendera o padrasto a espiando escondido por detrás de uma porta ou janela.

Em todas as vezes ele corava de vergonha ao perceber que fora descoberto e Amanda ria da situação. Saber que alguém a admirava era

algo que a agradava.

Tocou os seios volumosos, firmes e rosado; feito peras maduras. A prova convicta e física de que as mudanças em seu corpo estavam ocorrendo de forma satisfatória, de que a metamorfose que estava sofrendo sucumbia o patinho feio e dava vida ao cisne imponente e belo.

E junto com todas essas, surgiam mudanças interiores também. Nasciam sentimentos que a queimavam por dentro e a inquietavam muitas vezes.

Sentia que as mudanças não eram apenas mudanças físicas, havia um desejo crescendo em seu peito. Uma vontade contundente de ser amada. De conhecer os prazeres sexuais dos quais tanto ouvia falar. Ao contrário de suas amigas do colégio, ainda não havia se deitado com nenhum homem. Esperava por um momento apropriado para tal realização e por alguém que realmente a merecesse. Idealizava com certa frequência, repensando cada minuto, escrevendo mentalmente uma sequência de atos e ações a serem cumpridas. Imaginando sentidos e prazeres ainda desconhecidos. “Vai acontecer! Na hora certa!”

Os dias se passavam e não acontecia. Por mais que se esforçasse, não conseguia se interessar pelos garotos de sua idade. Eram todos imaturos demais para que despertassem o seu interesse. Amanda buscava mais, queria alguém que não tivesse como ideal comprar o último *Playstation*, ou como única preocupação vencer todas as fases no GTA. Queria um homem maduro, experiente, que pudesse ensinar tudo o que ela não sabia, e não ter que aprender junto com ela.

Embora o padrasto não fosse o exemplo perfeito, ainda assim era de todos os homens que conhecia, o único que conseguia despertar algo dentro dela. Talvez fosse pela posição em que se encontrava; por ser ele casado com sua mãe, por dividirem o mesmo espaço, ou talvez por sempre o ver desviar o olhar quando os mesmos se encontravam, envergonhado e culpado.

O fato era que essa ideia de certo e errado, de perigo e provocação a excitava. Fazia com que se sentisse bonita e desejada. Era nisso que estava pensando quando se virou para pegar o robe de cetim jogado sobre a cama e avistou o padrasto parado à porta. Silencioso, imóvel, observando-a com o prazer transbordando em seus olhos. Com a excitação evidenciada em seu corpo.

Sua primeira reação foi deixar-se tomar pela vaidade de ser desejada, e em seguida, pelo receio de que fossem surpreendidos. Ao mesmo tempo em que sentia a libido incendiando seu corpo, sentia a responsabilidade reprimindo-a.

Vestiu-se com agilidade, tentando esconder a nudez.

— O que faz aqui? — perguntou braviamente. — É o meu quarto, Alberto! Não deveria estar me espiando.

— E não estava...

Amanda amarrou o robe na cintura e deu alguns passos em direção ao padasto, parando a poucos centímetros de distância. Que mal teria em incitá-lo um pouco mais? Não precisava ceder, apenas provocar.

— Acha que eu não vejo? Que não percebo seus olhares?

— Não... nunca...

— Está sempre me seguindo, como se fosse minha sombra. — Ele tremia. Embora soubesse que a enteada não estava mentindo, o nervosismo da situação o deixava desestruturado.

— Você está louca! Eu só vim perguntar por sua mãe, não sabia que estava...

— Nua! — Amanda continuou a frase, sorrindo. — Gostou do que viu? Há quanto tempo esperava por isso?

— Tolice! Eu não deveria estar aqui.

— E por que ainda está? — Era possível sentir a respiração quente e ofegante do padasto chocando contra sua face. — É impressão minha ou está nervoso, Alberto?

Não era impressão. O homem sentia o corpo inteiro tremer. Gotas de suor frio formavam-se em sua testa.

— Você está brincando com fogo, garota. — Ela sabia disso. O que não sabia era que fosse gostar tanto de se queimar. Aquela situação a deixou extasiada. Era uma mistura de poder e cautela, de anseios e medo.

— Então quer dizer que eu estava certa. Esse tempo todo você me desejou?

Alberto engoliu em seco.

— Não podemos.

— Não?

— Você é menor...

— Mas estou consentindo.

— E tem a sua mãe...

Alberto tentou deixar o quarto, mas seus pés estavam presos ao chão. Não correspondiam às ordens de seu cérebro. Amanda tocou seu rosto, e ele tremeu.

— Eu sei o porquê. — Ela puxou o robe de maneira que um dos seios ficasse a mostra. — Você me deseja!

Pegou uma das mãos dele e colocou sobre o seio. Alberto cerrou os olhos. A excitação que o tomava com a suavidade em seu toque era algo arrebatador. Pensou em puxar a mão, mas mais uma vez não era senhor de seus atos.

— Que Deus nos perdoe!

Adentrou o quarto e a agarrou entre seus braços. Todo o autocontrole havia desaparecido e no lugar ficara apenas a vontade incontrolável de beijá-la, de senti-la, de tê-la. Amanda passou as mãos pelo pescoço dele e tomou-lhe a boca.

Havia desejado aquilo por muito tempo também, desejado estar com ele, sentir suas mãos em seu corpo como estava acontecendo naquele instante. Solto um gemido de excitação por Alberto corresponder o seu beijo com a mesma intensidade, as mãos firmes do padraço envolveram sua cintura, enquanto ele a pressionava contra a parede.

“Tem que ser com ele, eu quero que seja!”, pensou, arranhando a nuca do homem a fim de instigá-lo ainda mais. Alberto solto algo parecido com um rosnado e escorreu os beijos por seu pescoço. Amanda tombou a cabeça para o lado enquanto o sentia descer por sua pele, marcando-a, enlouquecendo-a.

— Amanda... — ele sussurrou com a voz rouca; sua respiração acelerada.

— Eu quero você! — ela disse, arfando com todas aquelas sensações que a estavam dominando.

Alberto a olhou nos olhos e havia um brilho diferente neles, algo que o fez desejá-la ainda mais, contudo, um barulho o fez soltá-la no mesmo instante e arregalar os olhos. O barulho era a porta da sala sendo destrancada. A mãe e as irmãs voltavam da igreja.



Amanda completava dezoito anos naquela noite. Sobre a mesa da cozinha havia um pequeno bolo confeitado, duas garrafas de refrigerante de marca inferior e uma bandeja de doces comprados na padaria da esquina. Na sala estava a mãe, o padrasto, as três irmãs, o pastor da igreja a qual a mãe frequentava, sua esposa e uma única amiga e vizinha de Amanda; Elisa Norton.

A singela celebração estava apenas começando, mas Amanda já se sentia entediada. A não ser pela presença da amiga, sentia-se um peixe fora d'água em meio a todas aquelas pessoas. A mãe escutava os relatos do pastor como se fossem os maiores acontecimentos do ano, as irmãs corriam de um canto a outro da casa com seus gritinhos estridentes, e o padrasto, desde o dia em que por muito pouco não se amaram, cerca de um mês antes, nunca mais lhe dirigiu uma só palavra. Nem mesmo os olhares se cruzavam. Como se o arrependimento causasse a vergonha que o consumia.

Para Amanda, tudo parecia fora de contexto. O aniversário era seu, mas a festa pertencia a mãe e aos convidados. As pessoas não a agradavam, a conversa a entediava e o desprezo do padrasto a irritava. Recusava-se a acreditar que fosse tão fraco a ponto de nem mesmo trocar uma única palavra depois daquela noite. Que amasse tanto a esposa a ponto de nunca mais procurar pela filha. Amanda não entendia o porquê, mas o desprezo a atingia em cheio, inquietava-a e a magoava.

Ficou sentada em uma poltrona, Elisa tagarelando ao seu lado, mas os olhos e os pensamentos não pertenciam mais a amiga, vagavam em outra direção.

Primeiramente na direção de sua mãe. Uma mulher de fisionomia cansada e aparentando ter muito mais do que sua idade real, que estampava no rosto um sorriso amarelo, sucumbido pelas decepções sofridas ao longo de sua vida. Ela tentava o tempo todo ofertar aos presentes uma gentileza efêmera e ensaiada, pois tinha o propósito inatingível de querer sempre agradar.

Em seguida transferiu o olhar para o homem de terno preto gasto pelo tempo e Bíblia embaixo do braço. A figura de um homem que havia colocado a religião acima de qualquer coisa em sua vida e que buscava segui-la durante vinte e quatro horas do seu dia. Amanda o avistara diversas vezes caminhando de um lado para outro em uma praça do centro da cidade enquanto gritava pregações e sermões que, segundo ele, haviam sido revelados por Deus — e que pareciam não despertar a atenção das pessoas que transitavam por ali. Ela não acreditava em nenhuma delas, mas a mãe e o padrasto pareciam vivenciá-las e segui-las à risca.

Passou a observar a esposa do pastor. Ela era uma mulher simples, de pouca beleza e poucas palavras. daquelas pessoas que você cruza todos os dias pelas ruas e nunca se lembra da fisionomia, que passam despercebidas sem despertar atenção. Amanda havia percebido que ela não manifestava opinião própria. Comia e bebia o que o marido escolhia, não o que lhe era oferecido. Falava apenas quando era questionada e sorria apenas quando ele era o autor dos gracejos.

Por fim, pousou o olhar sobre o padrasto. Estava sentado em uma cadeira à sua frente e ao lado da mulher. Cabeça baixa, evitando enfrentá-la como vinha fazendo o tempo todo. Vez ou outra levantava o olhar e o direcionava ao pastor, concordando com suas palavras.

Alberto era um homem bonito. Impossível não reparar. Apesar de ter muito mais idade, possuía uma sedução, um encantamento admirável. Era o homem perfeito para ela, não fosse, é claro, por um único defeito; ser casado com sua mãe. Pensar nisso a fez suspirar fundo, Amanda sabia que para tê-lo teria que traí-la, mas aquele era o preço a se pagar para saciar seus desejos.

A conversa entre os presentes tornava-se cada vez mais intensa. Aproveitou o momento para retomar suas provocações. Estava achando tudo aquilo uma grande chatice e precisava de um pouco de diversão para se distrair. Balançava os pés sem parar, tentando chamar a atenção do padrasto. A ideia de ter outras pessoas a sua volta, o risco de que fossem percebidos a fazia sorrir de satisfação. Ainda mais quando conseguiu que o olhar dele se elevasse do chão e pousasse sobre os seus. Alberto estava mais uma vez observando-a. E sua festa de aniversário começava finalmente a se tornar interessante.

Não usavam as palavras, mas pareciam conversar através do olhar. Ele sabia perfeitamente o que a enteada estava querendo lhe dizer e ela, por

sua vez, não tinha dúvida de que havia evidenciado também a sua vontade.

Cautelosamente, puxou a saia um pouco mais para cima, revelando suas coxas torneadas. O padraço começou a suar frio. Uma mistura de desejo e medo o corroía por dentro, ao mesmo tempo em que não conseguia desviar o olhar.

Era tudo uma loucura. Mas ainda assim, uma loucura gostosa.

Amanda sorriu. Enquanto que discretamente afastava uma perna da outra, dando ao padraço uma visão privilegiada de sua intimidade. Totalmente desnuda e exposta. Não usava nada por debaixo da saia.

Nervoso, Alberto respirou fundo para tentar recuperar o ar e acabou engasgando. Tossindo compulsivamente, levantou-se e deixou a sala sem justificativa. Todos se entreolharam sem entender o que havia acontecido.

— O que foi que deu nele? — Amanda perguntou com desfaçatez, tentando conter a risada que estava prestes a explodir.

— Não seria melhor a senhora ir ver como ele está? — O pastor sugeriu.

Roberta Fortes deixou a sala, e Amanda ficou sozinha com seus convidados. Uma onda de silêncio tomou a todos. Não havia assunto em comum. Não havia afinidade entre eles. Pouco tempo depois, despediu-se dos convidados, enquanto que a mãe, sempre prestativa, acompanhava-os até o portão.

Estava fechando a porta da sala quando a mulher do pastor voltou para buscar a bolsa que havia esquecido no sofá. Parou em frente à Amanda, encarou-a e pela primeira vez desde que havia chegado naquela casa, falou:

— Vi o que fez com seu padraço, e isso é um pecado imperdoável, garota! Pessoas como você acabarão no inferno.

A mulher se foi deixando Amanda estarecida com as acusações. Decidida a tirar satisfações, Amanda apressou-se em abrir a porta, passou por ela e já estava do lado de fora, pensando em explodir toda a sua indignação em cima da esposa do pastor, quando algo a conteve. Ouviu quando o mesmo proferiu o seu nome. Abaixou-se por trás da mureta da varanda, tentando esconder-se e passar despercebida, podendo, assim, ouvir toda a conversa.

Seu nome foi mencionado e por um instante chegou a pensar que o pastor também tivesse visto a provocação ao padraço, e agora relatava



tudo a mãe, mas para sua surpresa, o assunto era outro.

— Eu estou muito confusa, pastor. — A voz da mãe soou melancólica.  
— Não sei mais o que pensar.

— Acalme o seu coração, Roberta. Não vejo motivo para tanto desassossego.

— É como se não estivesse sendo honesta com a minha filha... Como se tudo fosse uma grande mentira.

“Mentira? De que mentira eles estão falando?”

— Não se condene dessa maneira. Você não está mentindo. Apenas omitindo uma verdade que há tanto tempo repousa em segredo, e que talvez seja melhor que continue assim. Afinal de contas não sabemos qual será a reação dela ao saber.

“Minha reação? Ao saber o quê?”

Do lugar onde estava escondida, Amanda não podia ver os rostos da mãe, do pastor ou da esposa. Mas poderia imaginar apenas pelo tom de voz o quanto deveriam estar desconfortáveis com aquela conversa.

— Estou mentindo para Amanda, pastor! Por não ter forças para encará-la nos olhos e dizer que é minha filha apenas de coração. De que o meu sangue não corre em suas veias.

“O quê? Que brincadeira é essa?”

Amanda recebeu a notícia como uma bomba arremessada em sua direção, explodindo instantaneamente sobre sua cabeça e devastando-a por completo. Em questão de segundos, o mundo desabou. Seu castelo de areia foi levado por uma onda brava e impulsiva que chegou imperceptível e chocou-se com uma realidade da qual jamais havia imaginado. Todas as suas certezas já não faziam o menor sentido, todas as verdades oferecidas ao longo de sua vida, agora não passavam de mentiras esdrúxulas.

Incrédula com a revelação, arrastou-se cuidadosamente pelo chão da varanda até o interior da casa. A última coisa que desejava naquele momento era ser notada. Passou pela sala ignorando a amiga que a aguardava sentada no sofá. Elisa poderia esperar, sua vontade incontrolável de chorar não. Entrou apressada em seu quarto, jogou-se na cama e enfiando a cabeça no travesseiro, deu vasão ao choro. Chorou por ter sido enganada todos aqueles anos, por só tomar conhecimento da mentira a qual vivia de maneira subversiva, pelas irmãs que tanto amava e que não eram suas irmãs de verdade e pelo pai que lhe dera tanto e a quem

a gratidão aumentou ainda mais por saber que tudo o que lhe ofertou em vida foi por carinho e não obrigação.

De tanto chorar, acabou adormecendo.

Passava das três da manhã quando despertou assustada sentindo uma mão sendo pressionada contra sua boca. Arregalou os olhos e, em meio à escassa claridade do quarto, avistou o padraço ao lado da sua cama, o corpo inclinado sobre o seu, mãos impedindo que gritasse.

— Eu vou tirar a minha mão, e você não vai gritar! — anunciou sussurrando. — Entendeu?

Amanda balançou a cabeça concordando.

Lentamente, Alberto foi libertando-a.

— O que está acontecendo? Você viu que horas são? — perguntou enquanto sentava na cama.

— Temos que conversar. E não posso esperar até amanhã! Tem que ser agora enquanto sua mãe dorme.

— Ah! Fala sério, Alberto! Você me acordou para conversar?

— Você precisa parar.

— Hum! E o que mais?

— Estou falando sério, Amanda. O que você fez ontem foi muito grave. O sono que a acompanhava pareceu desaparecer naquele momento.

— Onde está o seu senso de humor? Você já foi menos ranzinza, Alberto!

— E você menos vulgar! Aquelas pessoas a nossa volta... Já imaginou se alguma delas visse o que você estava fazendo?

“E viram... Aquela mulher dissimulada viu.”

Amanda decidiu não contar a ele sobre isso.

— Você se preocupa à toa. Precisa desconstrair mais.

— E transar com você? É isso o que chama de distração?

— E vai dizer que não quer?

Alberto não respondeu.

— Está ficando cansativo tudo isso, sabia? Essa brincadeira de gato e rato perdeu a graça. Acho que deveríamos resolver de uma vez por todas a nossa situação, ou melhor, os nossos desejos. — Amanda pensou na conversa que havia ouvido na noite anterior. Na descoberta de que Roberta Fortes não era sua mãe biológica e acrescentou. — Conte-me: por que fui adotada? E quem é a minha mãe biológica? Eu prometo que dou a você tudo o que essa sua mente pervertida for capaz de imaginar se me disser

isso. — Alberto ficou surpreso por constatar que ela sabia sobre a adoção.  
— Façamos um trato; você me conta tudo sobre essa mulher que me rejeitou como filha e eu dou a você a melhor noite de amor da sua vida.

## Capítulo Vinte e Dois



*Um ano e onze meses antes...*

“Cinquenta e três, cinquenta e quatro, cinquenta e cinco...”

O silêncio mais uma vez engolia o quarto. Apenas o som plangente do vento soprando contra a janela de madeira ameaçava comprometê-lo.

“Cinquenta e seis, cinquenta e sete...”

Deitada em sua cama, ao lado do marido já entregue ao sono, Vitória Maria Sá Marques encontrava-se há longas horas em uma contagem mental dos segundos no relógio despertador sobre o criado mudo.

“Cinquenta e oito, cinquenta e nove...”

Três horas, trinta minutos e zero segundos. Ela não havia adormecido ainda. Sua insônia provinha de um amontoado de pensamentos consequentes de um pesadelo que a perseguia por diversas noites. Desde o terrível episódio, há quase dezenove anos, Vitória tinha diversas de suas noites de sono comprometidas, com sonhos que só reforçavam as lembranças daquilo que tanto tentava esquecer. Tão agrupado a essas lembranças estava um sentimento de medo que a atormentava e a mantinha acordada revirando de um lado a outro na cama.

Medo de adormecer e novamente sonhar. Todos esses anos passados e não houve um único dia em que conseguira encostar a cabeça no travesseiro e dormir tranquilamente. Não conseguia esquecer o abuso e principalmente se livrar da culpa consequente das decisões que fora obrigada a tomar. O passado muitas vezes é um fantasma insistente que não cansa nunca de bater a nossa porta.

E esses fantasmas agora habitavam sua mente, perturbando-a, enchendo-a de temores e arrependimentos. Perguntava todos os dias qual teria sido o destino da criança, que tipo de vida havia levado e o quanto dela havia herdado. Estaria hoje com dezoito anos. Uma mulher em processo de formação. Uma mulher que sequer sabia de sua existência.

Quando a entregou para aquele casal, uma das exigências da futura mãe era a de que Vitória nunca mais os procurasse e que a criança jamais tomasse conhecimento da adoção.

Tantos erros. Tantos arrependimentos somados e materializados através da ausência de sono, que a insônia se tornava uma companheira inseparável, transformada em fantasmas que certamente a assombrariam por toda a sua vida.

Virou-se mais uma vez na cama, ficando de frente com o marido que dormia profundamente e observava-o com o coração transbordando de orgulho. Como era grata por ele ter aparecido em sua vida, por seus caminhos terem se cruzado em um momento em que desacreditava das pessoas e da possibilidade, por mais remota que fosse, de um dia entregar-se a um relacionamento. Benjamim trouxera de volta tudo aquilo o que aquele desconhecido lhe roubara; o prazer e a satisfação sexual.

Tocou suavemente o rosto do marido, deslizando os dedos sobre suas pálpebras. Acariciando e ofertando afeto. Como o amava! Benjamin havia devolvido a sua capacidade de acreditar na vida. Como recompensa ainda lhe dera uma filha. Uma menina. Exatamente como a primeira, a qual não fora capaz de amar e cuidar. Rosalie era a sua segunda chance de mostrar que abandonar uma criança fora a atitude mais irracional que cometera, de que era sim capaz de criá-la e educá-la como qualquer outra mulher. Principalmente, era capaz de amá-la.

Os anos haviam passado. O medo e os temores dissiparam com a ajuda do marido, mas o desejo, a vontade iminente de vingança persistia.

O homem que roubara sua inocência de forma tão atroz e desapiadada fez com que conhecesse um desejo novo e forte, o ódio. Tudo o que sabia sobre ele era que havia cumprido uma pena de oito anos de reclusão. Uma punição muito inferior ao tamanho do estrago que havia causado em sua vida.

“Isso é injusto!” Recusava-se a aceitar e mantinha acessa durante todo esse tempo a certeza de que precisava encontrá-lo, para o tão esperado acerto de contas.

O celular sobre o criado-mudo tocou dispersando seus pensamentos e a trazendo de volta a realidade. Era chamada do hospital Pérola Prado, onde trabalhava como enfermeira há quase três anos.

Sua folga daquele dia fora cancelada.



Uma hora depois de receber a ligação, Vitória Maria Sá Marques adentrou o amplo saguão de recepção do hospital Pérola Prado. A agitação constante de pessoas dera a certeza de que aquele seria um dia difícil.

Aproximou-se do balcão da recepção, onde uma jovem de pele clara e cabelos negros e lisos, usando um crachá com o nome Elisete preso ao bolso da blusa, sorriu ao avistá-la.

— Bom dia, Elisete! — Vitória apressou-se em desejar. — Movimentado isso aqui, hein?

— Nem me fale! Tá todo mundo daquele jeito hoje.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou. — Cancelaram a minha folga.

A recepcionista encheu-se de surpresa.

— Eu não te contei? O velho... O Dr. Afrânio Fontana enfartou — referia-se ao médico oncologista responsável pela direção do Pérola Prado. — O hospital está uma verdadeira loucura. Acho até que você deveria entrar antes que comecem a anunciar seu nome pelos alto falantes.

Vitória cruzou a porta dupla de vai e vem e caminhou por um corredor anêmico e sem vida. Eram impressionantes a frieza e a inexpressividade que lugares como aquele transmitiam. A ausência de cor ou de objetos de decoração transformava o ambiente, tornava-o acrílico e até certo ponto, opressivo. Sabia de casos de pacientes que apresentavam uma piora em seu estado de saúde simplesmente por constatarem que estavam nas dependências de um hospital.

Ao final do corredor, deparou-se com um homem de não mais que vinte e cinco anos de idade, que apesar de escondido pelo jaleco branco, possuía um corpo atlético precisamente cuidado. Os cabelos negros e arrepiados davam a ele um aspecto ainda mais jovial, sem falar, é claro, da pele reiteradamente bronzeada pelo Sol. Seu nome era Marcelo Menezes e trabalhava há mais ou menos dois anos naquele hospital atendendo como Neurologista.

Ao avistá-la, certo alívio anuviou seu semblante.

— Que bom que a encontrei... É Vitória o seu nome, não é? Vou precisar de você na unidade de tratamento intensivo — interrompeu, indo direto ao assunto. — Como já deve saber, o Dr. Afrânio Fontana sofreu um Infarto agudo do miocárdio e eu cuidarei de todos os pacientes dele. A princípio, preciso que faça um levantamento com todos os nomes e a gravidade de cada um deles. Quando terminar, pode ministrar a medicação do paciente do quarto dezesseis, o Roberto Sales. Ele se recusa a ser medicado por qualquer outra enfermeira senão você.

— Sim, senhor.

— Parece que temos um caso de amor platônico aqui — ironizou.

Vitória seguiu pelo corredor e virou à direita disposta a cumprir as tarefas a qual fora incumbida. Durante todo o dia, manteve-se ocupada. A loucura em que o hospital havia se transformado, a qual a recepcionista Elisete havia se referido, parecia aumentar com a incerteza do estado de saúde do Dr. Afrânio Fontana. Estava quase deixando o hospital quando se lembrou de que não havia visitado o paciente do quarto dezesseis. Decidiu ir até lá antes de voltar para casa.

Sobre a cama, encontrava-se um homem na casa dos oitenta anos, de cabelos brancos como algodão e olhos tão azuis quanto uma safira. Seu corpo debilitado e raquítico, denunciava o estágio avançado da doença.

— Eu pensei que estivesse dormindo, Sr. Roberto. Posso saber o que faz acordado até essa hora?

Com certa dificuldade, o homem ajeitou-se na cama de forma a ficar frente a frente com a enfermeira, tão bela que ele não se cansava de observá-la.

— Estava esperando por você... — direcionou o olhar para a TV e franziu o cenho. — E vendo essa baboseira toda que tomou conta da televisão. É impressionante a futilidade pela qual as pessoas se interessam. No meu tempo era tudo mais interessante. As pessoas aprendiam enquanto assistiam. A televisão tinha o papel não só de entreter como também de formar opinião, de incitar o sonho, o imaginário. Hoje é apenas propagação do sexo.

Vitória aproximou-se da cama e conferiu a data do acesso em seu braço por onde a solução fisiológica era absolvida para constatar se havia necessidade de efetuar a troca.

— Tudo em ordem por aqui, Sr. Roberto. Hoje não vamos precisar furá-lo, mas amanhã não tem escapatória viu. — Ele fechou a cara. — E

concordo quando diz que a televisão já não é mais tão atrativa assim. Acho que por isso a internet tem ganhado cada vez mais espaço.

— Essa coisa de internet eu não entendo não. Meu filho costuma dizer que não é coisa para velhos como eu...

— Mas que bobeira! — Vitória exclamou. — Primeiro porque tudo é uma questão de aprendizado, essa geração de hoje é que acha que nasce sabendo tudo. Mas eu, o senhor, ou até mesmo o seu filho não podemos nos envergonhar de não saber todas as coisas, temos é que se interessar, perguntar, buscar o conhecimento. E segundo quem falou que o senhor é velho?

O paciente riu.

— É só olhar a sua frente. A imagem responde por mim.

Vitória pegou o lençol nos pés da cama e o cobriu.

— Eu vejo um espertinho tentando me ludibriar para permanecer acordado mais tempo, isso sim! Hora de dormir.

— Mas já?

— O senhor tem coleta de sangue às cinco da manhã.

— Vocês estão tirando tanto o meu sangue que às vezes me pergunto se sobrar alguma coisa.

— Mas está reclamando muito hoje, hein!

— E não é para reclamar? Veja como a vida é injusta. Você aí tão encantadora, a mulher mais bonita que já conheci em toda a minha vida, e olha que já vivi demais, e tudo o que eu posso oferecer é o quê? A viuvez! Sim, porque seria casar hoje e morrer amanhã.

— Que exagero! O senhor ainda vai viver muito. Galanteador deste jeito vai amolecer o coração de muitas mulheres — aproximou-se dele e sussurrou em seu ouvido. — Que ninguém nos ouça, teria amolecido o meu também se tivesse aparecido alguns anos antes. — Balançou a mão esquerda no ar, mostrando a aliança de casamento.

Os dois riram. Vitória jogou um beijo e virou-se para deixar o quarto. Mais uma vez ele a deteve.

— Espere! — Tirou um cartão de visita que estava debaixo do travesseiro. — Meu filho veio me visitar hoje, mas você não passou por aqui. Queria muito que o conhecesse. — Estendeu o cartão na direção dela. — Pedi que deixasse com o legado de que você entrará em contato quando... — parou de falar e engoliu seco. — Você sabe o que quero dizer, quando eu não ocupar mais um lugar neste mundo.



Ela pegou o cartão e o guardou no bolso do jaleco.

— Tenho certeza de que não será necessária essa ligação.

— Bom, se não for pelo motivo da minha partida, poderia quem sabe ligar apenas para conversar, para tomar uma cerveja juntos. Tenho certeza que ele ficará muito feliz em poder retribuir toda a atenção que você tem me prestado.

— É impressão minha ou agora está me jogando para cima do seu filho?

— E por que não? Eu sou velho demais, não daria certo, mas com ele quem sabe... É um bom rapaz, eu sei que é! Só está um pouco perdido na vida. Quem sabe você não o ajuda a se encontrar. Eu morreria mais tranquilo sabendo que o deixei encaminhado.

Vitória caminhou até a porta do quarto.

— Eu sou casada, Sr. Roberto. E jamais trairia o meu marido — apagou a luz. — Tenha um boa noite e até amanhã cedo.

Do lado de fora do quarto, com o riso esculpido em seu rosto, Vitória retirou o cartão que havia guardado no bolso do jaleco e o leu:

*“Babylon Night Club*

*Roberto Sales Ferman - Gerente Administrativo”*



Horas mais tarde, sentada sobre o sofá da sala, Vitória permanecia em silêncio enquanto o marido Benjamin e a filha Rosalíe assistiam a um filme na TV. Seus olhos estavam presos no pedaço de papel em seu colo, em suas descrições em letras garrafais e brilhantes.

Havia lido e relido diversas vezes. Não porque estava cogitando aceitar a proposta de se aproximar de seu filho, mas porque o seu segundo nome acabou por chamar-lhe a atenção. Aquele que estava no cartão, mas que o Sr. Roberto parecia não usar. Todos no hospital o chamavam apenas de Roberto Sales. Ela conhecia aquele sobrenome; Ferman não era tão comum assim. Impossível que fosse coincidência.

Deixou a sala e foi até o quarto, onde pôde encontrar o silêncio necessário para recolocar seus pensamentos em ordem. As palavras do paciente ecoavam em sua mente. Dessa vez não mais como uma sugestão, mas sim como uma súplica. O que pensava quando pediu que procurasse por seu filho? E por que ela?

Olhou pela última vez para o cartão de visitas, certa do que deveria ser feito. Abriu a gaveta do criado-mudo ao lado da cama e o jogou no fundo dela junto com outros papéis sem importância.

Naquela noite, não conseguiu dormir. Estava confusa demais para que sua mente se acalmasse e seu corpo conseguisse relaxar.

Na manhã seguinte, quando chegou ao hospital, Vitória passou em sua sala para deixar seus pertences e vestir seu avental, em seguida cruzou o corredor da ala de internação, seguindo em direção ao quarto de Roberto Sales. Toda a angústia e inquietação que sentia desde o momento em que seus olhos pousaram sobre aquele cartão de visita só desapareceriam depois que aquele homem lhe oferecesse respostas a todas as perguntas que martelavam sua mente.

Deu duas batidas na porta antes de abri-la e adentrar o quarto. O homem rasgou um enorme sorriso em seu rosto ao avistá-la.

— Bom dia! — Desejou. — Entre... Estava mesmo pensando em você.

— Eu preciso lhe fazer algumas perguntas. — Vitória foi direto ao assunto. — Espero que o senhor possa me ajudar. — Ele fez sinal para que se aproximasse. — Seu sobrenome... percebi que todos aqui no hospital o chamam de Roberto Sales, mas no cartão de visitas que o senhor me deu ontem há mais um sobrenome, o Ferman. — Vitória percebeu o sorriso desaparecer do rosto dele e uma tristeza tomar o seu lugar. — Por que o senhor não o usa?

— Isso é uma história tão complicada, minha querida. Digamos que esse sobrenome foi manchado anos atrás, e eu tenha vergonha de usá-lo.

Vitória insistiu.

— O senhor me disse que tem um filho. Se importa de me dizer o nome?

Roberto Sales pensou por um bom tempo antes de responder.

— Ele jogou o meu sobrenome na lama. Foi o responsável por colocá-lo nas páginas do jornal e noticiários da TV... O nome do meu filho é...

Naquele momento, a porta do quarto se abriu e um homem passou por ela.

— Onório Sales Ferman. — Completou a frase. — Mas ao contrário do meu pai, prefiro que me chamem de Onório Ferman.

Vitória o encarou assustada. O filho de Roberto Sales era a imagem reversa do pai. Não herdara a sua estatura mediana, deveria medir no máximo um metro e sessenta centímetros. Também não possuía o mesmo porte físico. Onório Ferman era um homem com um grau excessivo de obesidade. Contudo, foram os olhos o que mais chamou a atenção de Vitória. Não por sua coloração, um castanho claro comum a tantas outras pessoas, mas por sua vividez, por sua firmeza. Jamais em toda a sua vida esqueceria aquele olhar.

O homem estendeu a mão para cumprimentá-la, oferecendo um sorriso.

— É um prazer conhecê-la, enfermeira Vitória. Meu pai fala muito de você.

Vitória não correspondeu o aperto de mão, tampouco proferiu uma resposta. Ao invés disso, mantinha-se inerte, com a atenção voltada para a figura à sua frente. Aqueles olhos, o sorriso, o tom de voz. Por Deus, era ele.

As lembranças foram tomando conta da sua mente, o reconhecimento confirmando-se a cada uma daquelas características. Como esquecer ou confundir aquele olhar intrínseco que a despia por completo? Como não lembrar aquele sorriso carregado de escárnio e deboche que ainda a assombrava? E a voz? Grave e rouca, ecoando em seus ouvidos como uma afronta, como uma ameaça durante todos aqueles anos, mantendo-se vívidos em sua memória?

— Está tudo bem? — Onório Ferman perguntou, percebendo seu estado abobado. — Você parece pálida.

Vitória não podia ouvir mais nada. O corpo inteiro tremia de nervoso, de medo e receio. Juntou a pouca força que ainda lhe restava para abandonar o quarto e correr. Correu o mais rápido que suas pernas permitiram, pelos corredores do hospital, para fora dele. O mais longe que conseguiu.

Cruzou a Avenida Paulista e adentrou a estação Consolação do metrô. Passou pela catraca, pela multidão de pessoas que transitavam na plataforma de embarque e foi empurrada para o interior do vagão.

“Que mundo pequeno!”, pensou enquanto as lágrimas preenchiam-lhe os olhos. “É claro que está mais maduro, que engordou bastante também, mas é ele. Eu sei que é.”

Entregou-se ao pranto. Deixou que o choro que havia sucumbido durante anos, o choro que desaguava carregado de recordações, de ressentimentos e de pavor se libertasse por completo.

Aquele homem, filho de Roberto Sales Ferman, gerente do *Babylon Night Club*, Onório Ferman, era o mesmo homem que a violentou há dezenove anos.

## Capítulo Vinte e Três



*Um ano e dez meses antes...*

“Façamos um trato; você me conta tudo sobre essa mulher que me rejeitou como filha e eu dou a você a melhor noite de amor da sua vida.”

Só de pensar nas palavras de Amanda Fortes, Alberto Dilon teve uma ereção. Imaginava como seria aquela noite e o que precisaria fazer para consegui-la. Desde a noite do aniversário de Amanda, há cerca de dois meses, quando o acordo fora estabelecido, não conseguiu pensar em outra coisa senão em cumprir o quanto antes com a sua parte.

E ele havia conseguido. Bastou um pouco de jeito com as palavras, uma insistência justificada como curiosidade e Roberta Fortes Dilon acabou contando a ele tudo o que havia acontecido para que Amanda fosse parar em seus braços. O destino parecia conspirar a seu favor. Só de imaginar a possibilidade de poder tocar aquele corpo juvenil, já tremia dos pés à cabeça de excitação.

Que Deus o perdoasse, mas estava cada vez mais difícil resistir aos desejos que a enteada lhe despertava. *“A melhor noite de amor da sua vida.”*

Mal podia esperar por aquilo. Não importava o que teria que fazer, ele faria sem medir esforços, pois Amanda havia sido bastante clara quanto ao que queria e quanto à recompensa também.

Ah! E como sua mente estava pervertida naquele momento. Era capaz de imaginar cada minuto juntos, cada toque, cada carícia, como se fosse um momento ensaiado, com tanta riqueza de detalhes e convicção que chegava até mesmo a sentir o perfume exalando do corpo dela, o sabor dos seus beijos, o ardor do seu hálito queimando seu pescoço enquanto sussurrava gemidos em seu ouvido. Perversão era o que não faltava em sua mente.

Caminhava pela Avenida Marquês de São Vicente sentido Centro da Cidade, enquanto o Sol a pino sobre sua cabeça queimava sua pele e o fazia encharcar a camisa de suor. Sentia-se ansioso por estar a um passo de concluir sua parte no trato e poder oferecer todas as informações a Amanda. Mesmo sabendo que para isso estaria traindo a esposa.

Parou em frente a uma casa de portão de madeira baixo e conferiu o endereço no papel em sua mão para certificar de que estava no lugar certo; rua Monte Alegre, 1721. Por uma fração de segundos, ficou observando a casa consumida pelo tempo, a qual há muitos anos não passava por uma reforma, tentando descobrir o tipo de pessoa que morava ali. Sabia poucas coisas sobre o proprietário. Nada além do que seu nome, idade e sua participação fundamental na adoção de Amanda.

Tocou a campainha e aguardou impaciente. Minutos depois a porta da casa foi aberta e a figura de um homem, idoso apareceu diante dela.

— Bom dia! É o Sr. Rômulo? — Alberto adiantou-se em perguntar.

O homem exibia uma desconfiança estampada em seu rosto. Uma desconfiança que deu ao visitante a certeza de que não seria tão fácil assim conseguir o que buscava ali. Seria necessária muita paciência e muito poder de persuasão para arrancar as informações desejadas.

— O senhor não me conhece — justificou. — Mas tenho assuntos a tratar que certamente serão do seu interesse.

Rômulo o estudava em silêncio. Via nos noticiários diversos casos de pessoas que abriam suas portas para supostos funcionários da empresa de telefonia ou da TV a cabo, quando na verdade não passava de ladrões dispostos a levar tudo o que conseguissem carregar.

— Vai me desculpar, mas não tenho nada a tratar com o senhor.

Já estava quase fechando a porta novamente quando Alberto insistiu.

— É sobre sua filha Vitória! — Arrematou, desta vez obtendo sucesso.

O homem voltou a abrir a porta, e fez sinal para que ele entrasse. Alberto destrancou o portão, caminhou pelo jardim e adentrou o interior da casa, que parecia necessitar ainda mais de reforma do que o lado externo. Tudo ali era velho ou ultrapassado. Tudo ali dentro cheirava a mofo e bolor.

Usar o nome de Vitória fez com que Rômulo concordasse em recebê-lo, mas não foi o suficiente para extinguir sua desconfiança, tampouco para torná-lo mais receptível.

— Você falou no nome da minha filha. De onde a conhece?

Alberto pigarreou, procurando a melhor maneira de responder.

— Não a conheço.

Rômulo mostrou-se confuso.

— E então? Como sabe o nome dela? O meu nome?

— Eu vou explicar, Sr. Rômulo. Mas antes, deixe que eu me apresente; meu nome é Alberto Dillon, e como disse o senhor não me conhece, mas talvez já tenha ouvido falar da minha esposa, Roberta Fortes Dillon.

Rômulo continuava com cara de quem não estava entendendo nada.

— Acho que terei que reavivar a sua memória. Há alguns anos, sua filha Vitória deu à luz a uma menina, e por razões que desconheço, ela rejeitou a criança.

A expressão de Rômulo agora era de quem acabara de avistar um fantasma. Quem era aquele homem que surgia em sua porta do nada, oferecendo-se para entrar e agora escavava o seu passado de forma a esparramar a terra por todos os lados? Que trazia à tona acontecimentos que ficaram esquecidos e enterrados, e que deveriam permanecer assim?

— Não estou entendendo o intuito desta conversa. Receio que veio ao lugar errado, em busca de informações que eu não poderei fornecer.

Alberto não se deixou vencer. Não havia caminhado embaixo de um Sol escaldante há cerca de vinte minutos para desistir facilmente.

— Por que não me deixa concluir a explicação? E então decidimos se pode ou não me ajudar.

Rômulo não concordou, mas também não o impediu de continuar a falar.

— Quando a sua filha por razões pessoais, vamos dizer assim, rejeitou a criança, o senhor a levou até um casal de vizinhos que moravam a dois quarteirões da sua casa e a entregou para que a criassem. Na época foi feito um acordo de que jamais a criança saberia sobre sua mãe verdadeira. Tanto o senhor, quanto a família adotiva concordaram com isso. E assim foi feito.

— No entanto você está aqui o descumprindo.

Alberto começou a caminhar pela sala.

— Não! Não mesmo. Só estou querendo conversar, Sr. Rômulo.

Parou em frente ao piano empoeirado. Há quanto tempo suas teclas não eram dedilhadas? Por quantos anos não se ouvia o som esvaindo-se de suas cordas? A julgar pelo acúmulo de poeira, muito mais do que poderia supor.

Observou os porta-retratos em cima dele. Fotos do Sr. Rômulo mais jovem ao lado de uma mulher que deveria ser sua esposa, fotos de uma garotinha brincando em um balanço de madeira, e um terceiro porta-retratos com a foto de uma mulher de uma beleza inestimável. Tomou-o em suas mãos.

— É ela nesta foto, não é? A Vitória? — Antes que a resposta fosse proferida, acrescentou. — É impressionante como são parecidas, mãe e filha. — Devolveu o porta-retratos ao seu lugar e voltou-se para o homem idoso à sua frente. — Ela está com dezoito anos, sabia? Completou há dois meses. Uma garota encantadora... Herdou toda a beleza da mãe.

Todo aquele discurso, toda aquela encenação estava deixando Rômulo irritado.

— Aonde pretende chegar?

Alberto esqueceu os rodeios e foi direto ao assunto:

— Até a sua filha!

— E por quê? Por mais que eu me esforce não consigo entender o porquê desta visita tantos anos depois deste ocorrido. O que tem a ver com essa história?

O visitante tomou a liberdade e acomodou-se no sofá. Havia cansado de ficar em pé.

— A pouco mais de três anos, Leôncio Fortes, o pai adotivo da sua neta, faleceu. Eu acabei me casando com a viúva dele, Roberta Fortes. A propósito, nenhuma delas sabe desta minha visita. Eu vim por conta própria.

— Para qual finalidade?

— Quero o endereço da Vitória.

Rômulo soltou uma risada debochada.

— O que faz você acreditar que eu vou atender ao seu pedido?

— Nunca parou para pensar que esses anos todos, a sua filha pode ter se perguntado inúmeras vezes o que teria acontecido àquela criança a quem ela virou as costas? Que possa estar arrependida da decisão tomada? E hoje vive infeliz por não ter uma notícia sequer do paradeiro dela... Eu só estou querendo ajudar, Sr. Rômulo.

— Não tenho mantido contato com a minha filha nos últimos anos. Também não acredito que ela aceite essa sua... — fez sinal de aspas com os dedos. — Ajuda.

Alberto continuou insistindo.



— Por que não deixa que eu tire as minhas próprias conclusões? Que ela me diga com suas palavras que não se interessa por notícias da filha?

— O senhor é bastante arrogante, Sr. Alberto!

— E o senhor egocêntrico!

Dez minutos depois, Alberto caminhava novamente pelas ruas de volta para casa com o sorriso de satisfação estampado em seu rosto e o papel com o endereço de Vitória Maria Sá Marques guardado no bolso da camisa.

Estava ansioso para voltar. Para entregar aquele pedaço de papel à Amanda e receber a recompensa pelo seu esforço.

*“... a melhor noite de amor da sua vida.”*



Esperou até que a esposa saísse com as filhas menores para a igreja, como fazia todas as quartas-feiras, para então entrar no quarto da enteada. Ao avistá-lo, Amanda mostrou-se surpresa.

— O que já te falei sobre bater na porta antes de entrar, Alberto?

— Desculpa, eu não contive a excitação.

— E já conversamos também que você só terá o que quer depois que...

Ele estendeu o papel em sua direção, sorridente.

— O que é isso?

— A minha parte no trato! Você foi fruto de um estupro. Sua mãe, Vitória Maria Sá Marques, estava assustada, abalada quando você nasceu e decidiu que não ficaria com você. Entregou para a Roberta e o Leôncio criarem. — Balançou o papel. — Fui muito mais além do que descobrir o motivo porque foi rejeitada... Aqui está o endereço da sua mãe biológica. Tenho certeza que vai querer conhecê-la.

Amanda estava estarrecida. Havia proposto ao padrasto aquele trato, mas não acreditava que ele fosse conseguir cumprir com a sua parte. Ao menos não tão rápido assim. Com tanta precisão de detalhes e informações.

Pegou o papel e leu o endereço em voz baixa. “Minha mãe!”

— E então?

— O quê?

— Como o quê, Amanda? Eu cumpri com o prometido...

Amanda desamarrou o robe na altura da cintura e lentamente o deixou cair sobre o chão. Aproximou-se do padrasto e sussurrou em seu ouvido.

— Está esperando o que para pegar a sua recompensa?

## Capítulo Vinte e Quatro



*Um ano e oito meses antes...*

Onório Ferman não estava em seu melhor dia. Andava de um lado a outro da sala, no escritório do *Babylon Night Club*, com a velocidade que o seu excesso de peso permitia. Sobre a mesa, havia uma pilha de papéis e contas atrasadas de onde provinha a origem de todo o mal humor. “Merda! Merda! E merda!”

Estava a pouco mais de três meses administrando o *Night Club* do pai e tudo parecia ruir depois que colocara suas mãos. Quando jovem, e totalmente interessado por literatura, lera a história de um rei que de tanta ambição, tudo o que ele tocava virava ouro. Sentia-se um Midas inverso agora. Ao invés de ouro, tudo o que ele tocava virava merda.

Tudo parecia conspirar contra ele naquele dia. O telefone não parava de tocar, credores cobrando dívidas, o fornecedor de bebidas havia atrasado a entrega e o bar estava desabastecido, não teria o que vender a noite. Para completar, o pai continuava internado, gerando despesas e não apresentando nenhuma melhora. Já se arrastava para quase quatro meses de internação, e nenhuma previsão de alta.

Amava o pai a ponto de preocupar-se constantemente com o seu estado de saúde, tinha consciência da gravidade de sua doença, mas sabia que quanto mais tempo passasse naquele hospital, maior se tornaria suas dívidas. Era como se uma bola de neve gigante o tivesse engolido e a medida em que rolava montanha abaixo, só duplicava o tamanho.

Afugentou as lembranças e voltou à sua triste realidade. A desordem e o caos que se estabelecia no *Night Club*. Por onde começar? Que problema tentar resolver primeiro? E como resolvê-lo? Onório elaborava mentalmente inúmeras perguntas que talvez nunca fosse capaz de respondê-las.

Três batidas na porta ecoaram, fazendo-o franzir o cenho irritado. Aquele não era o momento para interrupções. Precisava de tranquilidade para pensar no que deveria ser feito.

Novamente três batidas na porta.

— Mas que insistência! — gritou. — Pode entrar!

A porta se abriu e por ela passou uma mulher de não mais que vinte e dois anos. Morena, cabelos castanhos encaracolados e olhos cor de mel.

Parecia constrangida por atrapalhá-lo.

— Desculpa, Onório! Eu não teria insistido se não fosse preciso.

— O que foi de tão importante, Angel? O que sempre falo para vocês sobre bater à minha porta?

A jovem corou.

— Somente em caso de morte, incêndio ou apocalipse zumbi.

— Isso! E como não aconteceu nenhum dos três... — De repente, lembrou-se do pai no hospital. — Não! Espere... Meu pai! Foi isso?

Desde que o pai adoecera, Onório vivia com esse tormento de que a qualquer momento o telefone fosse tocar e chegar a notícia de sua morte.

— Não! Está tudo bem! Ao menos ninguém ligou.

— Então o que foi, garota? Desembucha de uma vez!

— É que chegou essa encomenda pra você, e está com a descrição de urgente.

Só então Onório percebeu que ela carregava em uma das mãos uma caixa de papelão de não mais que vinte e um centímetros de comprimento e quinze de largura.

— Presente pra mim? — perguntou, abrindo um sorriso no rosto até então fechado.

— Quem mandou?

Angel balançou os ombros.

— Não tem remetente. Só a descrição de urgente, como eu disse.

Ele pegou a caixa de suas mãos feito uma criança recebendo o seu presente de natal. Com dificuldade, começou a rasgar o papel que a envolvia.

Quando finalmente conseguiu abrir a caixa e constatar o seu conteúdo, deu um pulo para trás junto com um grito de pavor e medo. A caixa de papelão foi arremessada a centímetros de distância. E o seu conteúdo esparramado no chão.

Sobre o olhar estupefato da dançarina, começou a gritar.

— MAS QUE MERDA, ANGEL!!! QUE BRINCADEIRA É ESSA?

A garota tentou responder, mas a voz ficou presa em sua garganta. O corpo inteiro agora tremia.

— Eu... eu não... sei, Onório! — gaguejou. — Juro que não sei...

Onório virou-se de costas para a caixa. Apavorado, recusava-se a continuar olhando. Angel não conseguia desviar o olhar. Quem teria mandado aquilo?

— UM RATO MORTO E EVISCERADO! — Onório exclamou horrorizado. — QUE LOUCURA É ESSA?

Angel juntou todas as suas forças para então respondê-lo:

— Talvez fosse melhor você chamar a polícia — sugeriu. — Pode não ser uma brincadeira.

— Você comeu cocô? — Onório havia atingido o auge da irritabilidade. — Ficou maluca?

— Você tem muitos credores, Onório! E nem todos eles são pessoas de boa índole. Talvez essa coisa... — apontou para a caixa aberta no chão. — Seja uma ameaça.

— Ameaça ou não, nada de polícia, aqui!

— Mas você...

— Assunto encerrado, Angel! E livre-se disso agora!

Ela arregalou os olhos, incrédula.

— O quê?! Mas por que eu?

— Ora, por quê?! Eu é que não vou pegar nisso!

Enquanto decidiam o que fazer, o telefone tocou, assustando-os.

Onório correu para atendê-lo. Do outro lado da linha, uma voz feminina soou carregada de prazer e satisfação.

— Recebeu o meu presente, Onório Ferman? Espero que tenha gostado, porque é assim que você ficará em breve!

A ligação foi encerrada. E do outro lado da linha, Vitória Maria Sá Marques sorria satisfeita por iniciar seu plano de vingança.

## Capítulo Vinte e Cinco



*Um ano e sete meses antes...*

Desde que havia recebido o endereço de Vitória Maria Sá Marques, Amanda abria as portas do seu quarto para o padrasto todas as quartas e sextas-feiras durante as saídas da mãe para a igreja. E não o fazia por obrigação ou insistência. Fazia por prazer e satisfação. Por vontade própria.

Alguma coisa lhe dizia que mais cedo ou mais tarde, quando finalmente colocasse seus planos em ação e ficasse frente a frente com sua mãe biológica, seria vantajoso ter alguém do seu lado. Alguém que a entendesse e que oferecesse auxílio. Roberta Fortes, a mãe adotiva, certamente não ficaria contente com a situação e Alberto saberia perfeitamente como lidar com isso. Amanda costumava dizer que ele era o único que conseguia conter e controlar seus ataques de fúria.

Mas o fato era que embora gostasse da libertinagem praticada com o padrasto, Amanda não se sentia confortável aquela noite para prosseguir. Muito além do prazer que percorria todo o seu corpo, estava os pensamentos preocupantes que martelavam sua mente. Por quatro vezes estivera de tocaia à frente da residência de Vitória, escondida atrás de um arbusto e esforçando-se ao máximo para não ser descoberta, mas em nenhuma dessas vezes obteve qualquer informação que pudesse ajudá-la de alguma maneira.

Não sabia ao certo o que pretendia fazer e o que buscava, mas tudo o que conseguia pensar era que precisava estar ali. Sentia-se rejeitada por ter sido dada para a adoção e enganada, por desconhecer a verdade. Não fosse por aquela conversa da mãe adotiva e a esposa do pastor no dia do seu aniversário, jamais saberia de algo.

Como foi ingênua. A verdade estava o tempo todo acenando diante dos seus olhos e ela, tão distraída, não percebeu. Agora entendia o porquê de

não haver fotos da mãe gestante, como havia das outras irmãs. Roberta sempre dizia que não se atentou a esses detalhes na época, mas agora Amanda sabia que era mentira. Não era mais a garota tola que acreditava em qualquer palavra. Agora era preciso muita convicção para que esquecesse as desconfianças.

Esses eram seus planos no momento, tentar entender o que havia acontecido. Precisava ficar frente a frente com Vitória e olhá-la fixamente nos olhos. Se os olhos realmente são o espelho da alma, então todos os sentimentos, todos os motivos seriam verdadeiramente clarificados, escancarados e espelhados. Por mais que seus lábios tencionassem mentir, seus olhos diriam a verdade.

Não estava à procura de uma mãe. Ao contrário, Roberta cumpria o papel de forma majestosa e singular. Buscava razões, explicações, qualquer coisa que pudesse apaziguar aquela dor interna, que pudesse amenizar a rejeição, que agora se mantinha tão presente quanto a sua sombra.

O padrasto, quando fornecera o endereço, também contou que Vitória sofrera um abuso sexual e que Amanda era fruto desse abuso. Isso explicava muitas coisas, mas ainda não era o suficiente. Queria ouvir as palavras sendo proferidas, uma a uma, estudar minuciosamente a colocação delas, a escolha de cada frase, cada vírgula, a entonação, a respiração e a gesticulação. Se Vitória mentisse, sua mentira certamente não passaria despercebida. Talvez fosse camuflada em suas palavras, mas jamais em seus gestos.

E depois de toda a explicação, quando seus ouvidos absorvessem tudo o que ela desejava, quando a última gota de exatidão e de sinceridade fosse derramada, aí então poderia seguir seu caminho, tranquila. Poderia retomar sua vida e esquecer toda aquela história. Livre de qualquer tormento.

Caminhou pelo quarto em direção ao roupeiro e de dentro de uma das gavetas retirou um diário. Voltou a se sentar sobre a cama e abrindo-o sobre o colo, começou a escrever:

*“Eu sinto que está perto. Por mais que as dificuldades tentem me desanimar, eu sinto que a qualquer momento a verdade baterá à minha porta. Não é justo que eu continue cercada por mentiras. Não é justo que razões e motivos sejam omitidos. Vivo com a certeza e com a esperança de que um dia as máscaras cairão, que tudo o que foi escondido, sobressaia;*

*para que quem foi enganado consiga se refazer e quem enganou, com a culpa tenha que conviver.”*



Na manhã seguinte, Amanda levantou da cama antes mesmo que no céu, o sol nascesse por completo. Banhou-se, vestiu um jeans e um moletom, colocou a mochila nas costas e saiu de casa na ponta dos pés para não acordar a mãe, o padrasto e as irmãs. A última coisa que precisava naquele momento era ser impedida de continuar com seus planos.

Mais uma vez ficaria de tocaia em frente à casa de Vitória Maria Sá Marques, e desta vez, não deixaria o seu esconderijo até que conseguisse obter alguma informação ou até mesmo confrontá-la.

Quando chegou, tudo parecia tão silencioso ou vazio como das outras vezes em que estivera ali. Janelas e portas trancadas. Nenhum indício de pessoas transitando de um lado a outro. Nada. Não havia o menor sinal de que a casa estava sendo habitada. Chegou a se perguntar se estava realmente no endereço certo. Se o padrasto havia cometido algum equívoco. “E se Alberto mentiu? E se esse endereço foi inventado por ele apenas para conseguir a sua parte no acordo?”

Amanda enfurecia na medida em que a desconfiança tomava conta da sua mente. “Ah! Que droga! Como posso ter sido tão ingênua? Eu deveria ter checado primeiro, antes de dar a ele o que desejava.”

Foi então que suas suspeitas caíram por terra. O padrasto não havia mentido ou tirado proveito da situação fornecendo um endereço errado. Aquela realmente era a casa de sua mãe biológica. E Amanda sentiu-se nervosa ao constatar isso.

Por volta das nove da manhã, um homem alto, de cabelos negros penteados para trás e porte físico que deixaria muitos garotos com a metade de sua idade invejosos, cruzou a porta principal da casa falando ao celular e caminhou em direção ao portão onde Amanda estava escondida. Podendo assim ouvir parte da conversa.



— É como estou lhe dizendo, não há a menor possibilidade de viajarmos essa semana. Vitória está trabalhando no hospital Pérola Prado... — Amanda tremeu ao ouvir o nome da mãe. — E Lílie está na escolinha. Talvez quem sabe conseguimos ir no fim de semana...

O restante da conversa Amanda não ouviu. Sua atenção agora estava voltada apenas para a informação que aquele homem, provavelmente marido de Vitória, havia lhe fornecido.

*“Vitória está trabalhando no hospital Pérola Prado...”*

Do lado de fora da casa estava estacionado um Eco Sport preto, e o homem desligou o telefone e seguiu em direção a ele. Por um instante, Amanda pensou em deixar o arbusto onde estava escondida e atirar-se em frente ao carro, mas não era com aquele homem que ela tinha contas a acertar. Era a mulher dele que lhe interessava. E, além disso, estava cedo demais para apresentações. Não sabia nada sobre ela, além do seu nome, endereço residencial e agora local de trabalho. Precisava, antes de qualquer coisa, conhecer sua rotina, os lugares que frequentava, sua função no hospital, e só então, usando de tais informações, oferecer uma abordagem.

Escutou um som cavernoso e áspero que a princípio pensou vir do carro deixando a casa e passando ao seu lado, mas então percebeu que o ruído vinha de sua barriga. Não conseguia se lembrar de quando fora a última vez em que se alimentou. Estava com fome.

Abriu sua mochila e tirou de dentro dela uma maçã, abocanhando-a com vontade. Tencionava ficar ali muito mais tempo do que as outras quatro vezes, e para isso preparara uma mochila com algumas frutas e biscoitos para enganar a fome quando esta resolvesse aparecer. Ela havia aparecido.

Quase uma hora depois, a porta da casa voltou a se abrir. Por ela passou uma mulher vestindo um uniforme de doméstica a qual Amanda não conseguiu ver o rosto, devido a sua posição desfavorável por detrás dos arbustos, e uma garotinha que deveria ter aproximadamente quatro ou cinco anos.

“Deve ser a Lílie...”, pensou Amanda.

As duas caminhavam em direção ao portão quando a mulher pareceu se lembrar de alguma coisa que havia esquecido no interior da casa, e deteve-se.

— Espere aqui, Rosalíe! — ordenou enquanto voltava.

“Então é Rosalíe o seu nome! Lílie é apenas um apelido carinhoso.” Amanda fixou o olhar na menina e parecia agraciada com a sua beleza e encanto. Foi então, que para seu desespero, a menina também olhou para ela.

“Não! Não! Você não pode me ver.”

Rosalíe esperou até que a empregada entrasse para então correr pelo jardim em direção ao portão.

“Mas que droga! Não faça isso, garota idiota!”

Apoiou as duas mãozinhas nas grades do imenso portão de ferro e não precisou de muita força para abrir um vão entre ele.

“Não! Volta... volta!”

Passou pelo vão e se enfiou arbusto adentro.

— Oi! — desejou sorrindo.

Amanda ficou atônita. Uma sucessão de sentimentos e receios a invadiam naquele momento, tanto que não sabia o que fazer. Fora descoberta. E descoberta por ninguém mais que uma garotinha encantadora. Rosalíe Sá Marques. Sua irmã por parte de mãe.

Amanda começou a chorar copiosamente. Podia odiar Vitória com toda a força de sua alma, jamais perdoá-la pelo abandono, mas não demonstrar seus sentimentos por conhecer aquela menina, não abalar suas estruturas diante dela sabendo que eram irmãs, era algo impossível.

— O que foi? — Rosalíe perguntou preocupada. — Não gostou de me ver?

Rapidamente Amanda tentou conter a emoção. Enxugou as lágrimas com o dorso da mão e acariciou o rosto da menina.

— Não! Não é isso... você não deveria estar aqui, sabia? Nós duas não deveríamos ter essa conversa.

— Por que você está aí?

Amanda não sabia o que responder. Como falar a uma criança ingênua e desprovida de maldades, que o que ela fazia era algo feio e digno de piedade? Como falar que seu coração estava corrompido por sentimentos que jamais deveria existir? Que sua mente criava situações que até mesmo ela temia vivenciar? Que o ódio e o ressentimento eram os seus únicos condutores?

Preferiu não responder.

— Você precisa voltar, Lílie! E não contar a ninguém que me viu aqui.

— Por quê?

— Porque é assim que tem que ser.

— O papai diz que existem pessoas más do lado de fora da nossa casa. Você é má?

A pergunta pegou Amanda desprevenida. Talvez a resposta daquela pergunta fosse algo que ela também desejasse saber.

Antes que pudesse responder, uma voz altiva e carregada de espanto colocou fim àquele diálogo.

— O que está acontecendo aqui? — A mulher que a pouco acompanhava Rosalíe até o lado de fora da casa estava parada em frente ao arbusto. — Lílie, vem pra cá agora!

Amanda estava estarrecida por ter sido descoberta.

Lílie foi puxada pelo braço, ficando ao lado da mulher que bruscamente afastou os galhos do arbusto com as mãos e avistou a garota escondida por detrás dele.

— Amanda! — exclamou confusa.

— Carmela! — a exclamação foi retribuída.

Naquele momento uma única pergunta enraizou-se na mente de Amanda; o que a esposa do pastor estava fazendo naquela casa?



Amanda observava a tudo deslumbrada com a excessiva beleza. Estava no interior da casa e tudo ali parecia ter sido escolhido com muita delicadeza e bom gosto. Desde as mobílias, tapeçarias, objetos de decoração, até as telas distribuídas pelas paredes da sala vangloriavam a vida de regalias e privilégios que Vitória levava. Enquanto que ela passava fome e necessidade ao lado da família adotiva.

— Espere aqui! — Carmela decretou irritada. — Vou levar a menina para cima para conversarmos melhor.

— Mas eu não quero ir! — Rosalíe censurou. — Quero conversar com a moça.

Carmela pareceu não a escutar. Segurando em seus braços, conduziu-a pela escada que dava para os quartos no andar de cima.

Amanda deixou a mochila escorregar de seus ombros e cair no chão. Caminhou em direção ao sofá, sentindo os pés afundarem sobre o tapete felpudo. Sentiu-se ainda mais confortável quando a maciez e o conforto do sofá a envolveu. “Então é aqui que você vive, Vitória! Nesta sala você socializa com seus amigos e familiares?” Deu dois pulinhos no sofá. “Com todo esse luxo! Todo esse conforto! Enquanto eu estou dormindo em um colchão duro, em um quarto cheirando a mofo.”

— Agora sim podemos conversar! — Carmela estava de volta à sala.

Amanda afastou os pensamentos e voltou-se para a mulher a sua frente. A mesma que estivera em sua casa na noite do seu aniversário. A mesma que a acusara de seduzir o padrasto. A esposa do pastor. A quem se devia o mérito por Amanda conhecer toda a verdade sobre a adoção. Ainda estaria vivendo enganada se não fosse pelo descuido daquela mulher.

— O que você faz aqui, Carmela?!

A mulher sorriu.

— Está de brincadeira, não é mesmo? Essa pergunta sou eu quem faz, garota. Afinal de contas era você quem estava escondida lá fora, sabe-se lá Deus por qual motivo.

— Se eu disser que estava apenas admirando a beleza do lugar, você acreditaria?

— Se eu fosse tão tola quanto a sua mãe, que não vê o que está acontecendo debaixo do nariz dela, certamente acreditaria. — Carmela aproximou-se da garota e a colocou em pé, segurando-a pelos braços, exatamente como havia feito com Rosalie minutos antes. — Não me faça de idiota, Amanda! Ou eu chamo a polícia agora mesmo e dou queixa por invasão a domicílio. Você é quem sabe!

Vencida, Amanda não viu outra saída senão contar a verdade.

— Eu falo! Mas depois você terá que me explicar o que faz aqui...

Carmela riu escrachadamente e apontou para o uniforme.

— Não percebeu ainda? Eu trabalho aqui!

— E?

— E mais nada! Não tenho mais nada a dizer. Eu precisava de um emprego. Dona Vitória precisava de uma empregada, o útil unindo-se ao agradável.

— Não acha que é muita coincidência? Você frequenta a minha casa, é amiga da minha mãe...

— E qual o problema?

Amanda respirou fundo, estava prestes a compartilhar aquilo o que há meses vinha atormentando-a.

— Vitória é minha mãe!

Agora foi Carmela quem sentou. A informação a desestruturou.

— Que brincadeira é essa?

— Eu escutei a conversa no dia do meu aniversário, você não precisa mais fingir que não sabe de nada. Tenho buscado informações sobre a mulher que me abandonou, a sua patroa, dona de tudo isso!

— Jesus! E por isso você estava escondida...

— Eu só queria vê-la, Carmela! Saber como ela é. Conhecer um pouco dos seus gostos, da vida que ela leva — mentiu. — Não teriam tomado conhecimento da minha presença, não fosse pela menina!

Carmela pareceu levar um choque.

— Ai, meu Deus! Sua irmã!

Um longo silêncio tornou-se presente. Amanda caminhou de um lado a outro da sala. Não tinha mais nada a fazer ali. Recolheu a mochila do chão e a colocou novamente nas costas. Já estava deixando a sala quando voltou a falar:

— Parece que mais uma vez eu estou em suas mãos, não é mesmo? Mas eu te peço que não pense somente em mim, pense em todas essas pessoas envolvidas. O mal que poderá causar a elas se contar alguma coisa. Eu só estava querendo conhecer a mulher que me rejeitou. Mas agora vejo que foi um erro. Vivemos em mundos distintos. Somos completamente diferentes. Não conte a ninguém que me viu aqui, Carmela, e tudo fica como antes!

Carmela não contaria, afinal se contasse teria que dar muitas outras explicações que ela não estava disposta a oferecer.

## Capítulo Vinte e Seis



*Um ano e três meses antes...*

Quando adentrou o salão da recepção do Hospital Pérola Prado naquela manhã, Vitória pareceu não acreditar naquilo que seus olhos contemplavam. Ao contrário de todos os outros dias, a paz reinava no lugar. Não havia pacientes aguardando atendimento, não havia familiares transitando de um lado a outro. Nada! Apenas o vazio e o silêncio pouco comuns.

Aproximou-se do balcão de recepção e sorriu para a recepcionista Elisete.

— Estou sonhando ou isso aqui está o paraíso hoje? — Perguntou.

— Não chamaria de paraíso! — a mulher respondeu encabulada. — Estão todos aí! A Dra. Louise Prado, o marido, Dr. Hugo Bulgari, e o Dr. Marcelo Menezes.

Vitória lembrou-se que meses atrás o diretor do hospital e grande amigo do casal havia enfartado.

— O Dr. Afrânio Fontana? Aconteceu alguma coisa...

Antes que terminasse a pergunta, a resposta foi proferida, assustando-a.

— Não! Não... dessa vez querem falar com você. Pediram para que a conduzisse até a sala da Dra. Louise assim que você chegasse. Estão à sua espera.

Elisete então se levantou do balcão e fez sinal para que a enfermeira a acompanhasse. Durante todo o percurso entre os corredores, o silêncio tornou-se constante e imutável, o que só contribuía para que Vitória se sentisse ainda mais angustiada.

Havia mexido e remexido em suas memórias tentando encontrar um motivo que pudesse justificar aquela reunião, mas não encontrou nada que a ajudasse a entender. Vinha fazendo o seu trabalho normalmente, sem nenhum imprevisto ou problema. A não ser por aquele desconforto com o

filho do paciente do quarto dezesseis — o homem que havia abusado dela sexualmente anos atrás —, mas isso não poderia ser o motivo para ficar frente a frente com os diretores do hospital. Ela só havia relatado o ocorrido à enfermeira Lurdete. Ela jamais trairia a sua confiança. Mesmo porque esse não era um assunto que pudesse interessá-los.

Elisete parou em frente a uma sala. Vitória sentiu o coração bater com tanta rapidez que ficou receosa de que fosse acabar explodindo, como nos desenhos animados que a filha gostava de ver. A recepcionista deu três batidas na porta antes de abri-la.

— Com licença! — pediu. — Estou com a enfermeira Vitória Maria.

— Ah! Sim... pode entrar. — Uma voz feminina determinou.

Vitória entrou, e no mesmo instante uma troca de olhares sucedeu entre os presentes. No interior da sala, além dos nomes citados anteriormente pela recepcionista, Dra. Louise, Dr. Hugo e Dr. Marcelo, estavam também o médico legista, Dr. Ernesto Rufino e para desespero de Vitória, a enfermeira Lurdete.

Era a primeira vez em que entrava naquela sala, e embora tudo ali dentro parecia fazer parte de uma decoração minuciosamente escolhida, Vitória não conseguia apreciá-la. Não naquele momento; não naquelas circunstâncias, onde sentia-se acuada, assombrada e completamente perdida.

— Sente-se, Vitória.

A voz era de Louise Prado Bulgari. Vitória percebeu que não era apenas uma sugestão, mas sim uma ordem. Sentou-se em uma cadeira deixada propositalmente vazia e posicionada de maneira a ficar frente a frente com aquelas pessoas.

— Deve estar se perguntando por que está aqui. — Agora foi Hugo Bulgari quem falou. — Por que todas essas pessoas aqui presentes.

— Confesso que não estou entendendo o que está acontecendo. — Olhou para Lurdete e ao mesmo tempo a enfermeira abaixou a cabeça, desviando o olhar.

A médica, proprietária do hospital, levantou-se de sua cadeira e começou a caminhar pela sala. Parando ainda mais perto de Vitória.

— Tem alguma coisa que queira nos contar, Sra. Sá Marques?

— Eu? Não!

— Tem certeza? — insistiu.

"Que tipo de brincadeira é essa? Então eu sou trazida para uma sala onde as pessoas agem como se eu fosse uma criminosa e ainda por cima esperam que eu adivinhe porque estou sendo acusada?"

Hugo continuou a falar, em uma sintonia tão perfeita com a esposa, que pareceu ter ensaiado.

— Então, creio que será preciso reavivar sua memória — apontou para a enfermeira Lurdete que pareceu corar de vergonha.

— Por favor, pode ajudá-la, enfermeira?

— Sim, senhor — Lurdete tremia de nervoso. — Há alguns meses, a enfermeira Vitória veio até mim durante o expediente relatar um problema que havia acontecido entre ela e o paciente do quarto dezesseis, o Sr. Roberto Sales.

“Então é isso? Eu confiei em você e em troca recebo essa apunhalada?”

— Um problema de ordem particular e reservada. Não entendo a necessidade desta conversa.

O Dr. Marcelo, que até então permanecia em silêncio escutando a todos, decidiu falar:

— Vai entender enfermeira... Se deixar que sua colega conclua.

Lurdete a encarava consternada, como se tentasse se desculpar por tudo aquilo.

— Vitória me contou que estava bastante abalada — continuou. —, pois havia descoberto que o filho do paciente era o responsável pelo abuso sexual que ela sofrera em sua adolescência. Estava assustada. Chegou a falar que o odiava, e falou... — Lurdete perdeu as forças de continuar, mas os olhares ao seu redor a encorajavam a prosseguir. — Falou também em vingança. Inclusive chegou até a enviar um rato morto de presente a ele.

“Ai! Como eu fui idiota em ter confiado nesta mulher!”

— O que está acontecendo aqui? Onde pretendem chegar com esse circo? Com que direito vocês podem me submeter a uma humilhação desta, expondo um drama pessoal sem a menor necessidade? — Novamente se direcionou a colega enfermeira. — Agindo às minhas costas, e traindo a minha confiança! A troco de quê? O que o meu passado tem a ver com cada um de vocês? Qual a necessidade disso tudo?

Foi Louise quem respondeu:

— O paciente em questão, o Sr. Roberto Sales, pai do homem que a violentou, a quem você tanto anseia por vingança, morreu ontem à noite durante o seu plantão.



Vitória mostrou-se confusa e alarmada. A revelação fez seu mundo de certezas ruir e agora lutava para conseguir se reerguer em meio aos destroços.

— Sei que deve estar confusa, Vitória. — Hugo Bulgari pareceu ler seus pensamentos. — Mas o Dr. Marcelo Menezes e o legista, Dr. Ernesto Rufino estão aqui justamente para esclarecer suas dúvidas.

Marcelo tomou a palavra.

— Bem, o paciente em questão, receberia alta esta manhã. Eu mesmo havia tomado todas as providências para isso, mas quando fui até o seu quarto ontem à noite, para notificá-lo, ele já havia entrado em óbito. E o que é mais intrigante é que sua morte não se deu por conta do motivo pelo qual esteve tanto tempo hospitalizado. O Dr. Ernesto Rufino pode nos explicar melhor sobre isso.

O legista, que se mantinha naufragado em seu silêncio, colocou-se a falar:

— Atendendo a um pedido da Dr. Louise, eu apressei a autópsia para esta manhã e fiz questão de conduzi-la. A princípio, percebemos uma grande concentração de lipídios no sangue, o que despertou a nossa curiosidade para encontrar a razão. Um exame de sangue mais detalhado nos informou que o paciente apresentava trombocitopenia, uma diminuição da contagem de plaquetas. Foi então que descobrimos que tanto a hiper lipidemia, quanto a diminuição de plaquetas eram resultados de uma grande concentração de anticoagulante em dose dez vezes maior que o normal ao corpo de um indivíduo. Ou seja, o paciente recebeu injeções letais de Heparina, o que o levou ao óbito.

Todos os olhares estavam novamente direcionados à Vitória.

— O Sr. Roberto Sales foi assassinado! — Louise arrematou.

Só então Vitória entendeu o que estava de fato acontecendo. E se desesperou ainda mais.

— Espera... Vocês não estão achando que eu... Ah! Meu Deus! Vocês estão!

Não podia acreditar que todas aquelas pessoas a tivessem trazido até aquela sala para acusá-la. A lebre atraída para a armadilha, à espera de ser devorada por seus predadores.

— Estamos lhe dando a oportunidade de nos contar o que aconteceu, Vitória! — Toda a amabilidade até então impressa no tom de voz da Sra. Bulgari havia desaparecido. — Só queremos saber a verdade.

— A verdade é que sou inocente — Vitória começou a chorar. — Eu não o matei. Por Deus! Eu sou uma enfermeira, não uma assassina.

O Dr. Marcelo colocou dois frascos de remédio sobre a mesa.

— Encontramos estes frascos vazios em sua gaveta. Você estava em plantão, responsável pelo paciente, havia descoberto que o filho dele era o homem de quem queria se vingar, o que espera que pensemos? Acho que ficou bastante evidente para todos nós o que de fato aconteceu.

— NÃO! — O descontrole ultrapassava a superação. — Eu não o matei!

— A confissão, Vitória — Hugo insistiu. — É só isso o que queremos.

— Caso contrário, teremos que chamar a polícia e deixar que façam o que tiver que ser feito. — Marcelo ameaçou. — Até o momento, estamos apenas conversando. Não nos obrigue a tomar providências.

Vitória apoiou a cabeça entre as mãos e entregou-se mais uma vez ao pranto.

— Esperem — o médico legista interviu. — Deixem-nos a sós por alguns minutos, e prometo que teremos a conclusão deste caso.

Houve um silêncio antes que a decisão fosse manifestada. O Dr. Ernesto esperou que todos deixassem a sala e trancou a porta assim que o último médico passou por ela.

— Dr. Ernesto, o senhor precisa acreditar em mim. Eu sou inocente.

Ele puxou uma cadeira e sentou-se à sua frente.

— Veja bem, minha filha, eu acredito em você, mas isso não quer dizer nada. Sou eu contra todos eles. Quando eu os informei sobre o ocorrido, não pensei que pudesse prejudicá-la desta maneira.

— Então me ajude! Por favor! — A súplica contida em sua voz o comovia.

— É tudo o que estou tentando fazer, mas você tem que concordar comigo que é uma situação difícil. Eles estão dispostos a arrancar a confissão a qualquer preço. Não vejo outra saída...

— Mas não posso confessar uma coisa que eu não fiz!

O médico segurou as duas mãos dela, acariciando-as.

— Eu estive em reunião com eles a manhã toda. Conversamos bastante e não estão dispostos a envolver a polícia, para evitar um escândalo maior para o hospital. Isso poderia repercutir uma imagem negativa, você sabe. Talvez se desse a eles o que querem... Veja bem, minha querida, o caos já está instalado, agora só cabe a você decidir de que forma pretende se

libertar. Você tem um marido que trabalha na polícia, tem uma filha pequena, seria humilhação demais. Não permita isso. Resolva amigavelmente como estão propondo, por favor.

A porta se abriu e Louise apareceu diante dela.

— E então, doutor?

— Já temos uma resposta.

Vitória o encarava com os olhos arregalados de pavor, enquanto que a comitiva de médicos retornava à sala. Não tinha uma resposta. Sentia-se confusa e completamente perdida. Sua vontade era levantar daquela cadeira e sair correndo para longe daquele hospital, mas sabia que não passaria do corredor principal. Certamente seguranças deveriam estar de prontidão do lado de fora, só aguardando o momento certo para agir. Pela janela também não conseguiria fugir. Não era tão magra a ponto de conseguir passar pelas barras de proteção. A verdade era que estava de pés e mãos atados. Acuada. Rendida.

A médica a encarou seriamente.

— O que foi que você decidiu?

Vitória enxugou com o dorso da mão uma lágrima que havia se libertado de seus olhos e queimava seu rosto. Então falou:

— Eu matei Roberto Sales!



“Eu matei Roberto Sales!” A frase repetia constantemente em sua cabeça. Era quase um mantra que ela não conseguia parar de repetir. “Eu matei Roberto Sales!” Era algo também que se recusava a acreditar que havia dito. “Eu NÃO matei Roberto Sales! Não faz sentido, recebi inúmeros elogios por cuidar tão bem dele e por fim acabo sendo acusada de o assassinar? Eu não tinha motivos para isso..., mas aquele homem tinha. O único a lucrar com essa morte sem dúvidas era seu filho; Onório Ferman.”

O que fazer? Lurdete a havia entregado de bandeja. Sabiam sobre Onório, sobre seu ressentimento em relação a ele, o rato morto enviado de

presente, aquele maldito frasco de medicação encontrado em suas gavetas, o qual apesar de desconfiar, não podia provar como havia ido parar ali. Tudo levava a crer que ela era a culpada. Ninguém acreditaria em sua inocência.

Entrou em casa e seguiu direto para seu quarto, sentindo-se aliviada por não ter ninguém. O marido ainda não havia voltado da delegacia, Carmela tirara folga e a filha Rosalíe estava na escolinha. Poderia pensar e repensar, moer e remoer suas dores que não correria o risco de ser interrompida ou questionada.

O que mais a angustiava era a perda do emprego. Sem contar a mentira que teria que contar para Benjamin, para justificar a sua saída. Não teria forças suficientes para contar a ele toda a verdade.

Mais uma mentira. Foi só aquele homem ressurgir em sua vida, que tudo começou a dar errado novamente. Estava feliz com seu emprego, com a sua família, mas mais uma vez Onório Ferman conseguia destruir tudo. “Eu o odeio! Com todas as forças da minha alma, eu o odeio!”

Precisava fazer alguma coisa. Não era justo que mais uma vez ele a vencesse, que mais uma vez lhe fizesse mal. Os anos em que estivera preso certamente não eram suficientes para amenizar a sua dor. Não. Agora ela o conhecia, além do seu nome, tinha o seu endereço. Seria uma tola se não o submetesse à sua própria justiça.

Precisou apenas de algumas horas para articular tudo em sua mente. Cada parte do seu plano. “Não estranhem nenhum dos meus passos daqui por diante”, proferiu em voz alta como se tivesse alguém para escutá-la. “Tudo o que eu fizer de hoje em diante terá um único propósito; cobrar de Onório Ferman tudo aquilo o que ele me fez perder. Pode levar uma semana, um mês ou um ano; mas eu vou recuperar a dignidade que me foi roubada!”

Abriu a gaveta do criado-mudo e, revirando o seu interior, encontrou o cartão de visita. Ele já havia sido útil uma vez, quando o usou para enviar o presente a Onório, e para fazer a ligação logo após o recebimento. Mais uma vez faria uso dele. “Eu vou até você, Onório Ferman, vou fazer com que implore por perdão!”



Na manhã seguinte, Onório Ferman estava em sua sala tomando as devidas providências para o enterro do pai, quando o avisaram da mulher que o procurava. Teria recusado recebê-la, caso fosse outra pessoa. Ela não. Ela, ele sentiu-se intrigado. Curioso por aquela conversa.

Vitória entrou em sua sala. Um misto de sentimentos explodindo em seu peito. A necessidade de cumprir seu plano, duelando com a vontade de pular no pescoço dele e acabar com tudo aquilo de uma vez por todas. Precisou se controlar. Queria muito mais do que agredi-lo. Queria destruí-lo por completo. E isso levaria tempo.

— Bom dia! — desejou cordialmente, tentando parecer simpática. — Agradeço por me receber e prometo não fazer rodeios, sei que deve estar se perguntando o que me traz até aqui... — ele estava — então vou direto ao assunto, Sr. Ferman, sei que parece estranho a minha presença, ainda mais depois daquele episódio de insanidade em que saí correndo por vergonha ao avistá-lo no quarto do seu pai — mentiu —, mas queria que soubesse que não trabalho mais no hospital. Estou em busca de novas emoções para a minha vida — mentiu outra vez. — Antes de morrer, seu pai me disse que você poderia me ajudar... Falou de sua enorme generosidade. Então resolvi procurá-lo.

— Não sei em que posso ser útil.

— Quero um emprego. Estou disposta a ser a mais nova dançarina do *Babylon Night Club*!

## Capítulo Vinte e Sete



*Um ano e um mês antes...*

Amanda estava há mais de uma hora sozinha no estacionamento do hospital Pérola Prado tentando encontrar a coragem para realizar mais uma de suas tentativas de se aproximar de sua mãe biológica. O plano era simples, conseguir ser atendida pela equipe de enfermagem e tentar descobrir o máximo de informação possível. Se tivesse sorte, e ela estava realmente contando com essa sorte, acabaria sendo atendida por Vitória, podendo assim conversar, se aproximar, observá-la de perto sem que sua identidade fosse revelada.

Fechou os olhos para conter a adrenalina que percorria sua corrente sanguínea, respirou fundo enchendo os pulmões de ar e o esvaziando vagarosamente diversas vezes, até que se sentiu preparada. Estava na hora. Não poderia perder um segundo a mais. Cruzou o estacionamento apressada e jogou-se em cima do primeiro carro que seguia em sua direção.

O motorista ainda tentou frear, mas não conseguiu evitar que se chocassem. Com a batida, seu corpo saltou por cima do capô e estatelou-se ao chão. Rapidamente um aglomerado de pessoas se formou em volta dela. O motorista desceu e ficou assustado ao presenciar a quantidade de sangue que escorria dos joelhos da jovem.

Não demorou muito até que dois enfermeiros apareceram com uma maca, prontos a prestar os primeiros socorros. Amanda sentiu-se satisfeita ao avistá-los. Seu plano estava dando certo. Já na maca, foi levada ao interior do hospital.

— Emergência! — Um dos enfermeiros anunciou ao adentrar a ala de pronto atendimento. — Vítima de atropelamento.

Amanda percorreu o olhar por seu corpo e constatou que além dos joelhos, as palmas das duas mãos também vertiam sangue.

— Você precisa tirar algumas radiografias — determinou o segundo enfermeiro.

“Perfeito! Tudo exatamente como planejei. Agora só falta encontrá-la.”

Uma hora havia se passado e nada de Vitória aparecer por ali. Amanda encontrava-se à espera da realização das radiografias e sentindo-se entediada. Havia se informado com Carmela dias antes. Aquele horário Vitória deveria estar trabalhando. Era impossível que não se esbarrassem durante todo aquele tempo.

“Ela tem que estar aqui, em algum lugar... E eu vou descobrir.”

— Enfermeiro! Enfermeiro! — chamava impaciente. — Eu preciso falar com a enfermeira Vitória Maria Sá Marques. É urgente!

O homem a encarou desconfiado.

— Você a conhece?

Amanda havia decidido jogar tudo para o alto e acabar de uma vez por todas, com aquela brincadeira de gato e rato. Era a hora de ficar frente a frente com sua mãe biológica, e cobrar dela uma explicação.

— Desculpe, mas não será possível. Ela pediu demissão do hospital.



Decepção. Era tudo o que Amanda conseguia sentir naquele momento. Havia perdido tanto tempo decidindo o que fazer, se deveria ou não ir até o hospital, que quando realmente se decidiu, Vitória já não trabalhava mais lá. “Como fui tola! Tanto sacrifício para ganhar o quê?” Quatro pontos em cada joelho, escoriações nas mãos e hematomas por todo o corpo.

Suprimida a tentativa de encontrar a mãe em seu local de trabalho, Amanda precisava de novas possibilidades. E não via alternativa a não ser voltar ao ponto de partida. Novamente esconder-se em frente à sua residência e esperar.

Durante três dias repetiu a ação. Presenciava o momento em que Benjamin saía para sua corrida matinal e logo mais para o trabalho, Carmela sair para levar a pequena Rosalie à escola, e horas mais tarde para

buscá-la, e para sua surpresa, também presenciou durante os três dias Vitória sair para trabalhar.

“Trabalhar? Eu mesma ouvi o enfermeiro dizer que ela tinha pedido demissão!”, refletiu Amanda. Pelo visto, ela não havia contado ao marido sobre sua demissão no hospital. “Ora, ora, Vitória! O que está escondendo desta vez?”

Se havia uma palavra que melhor definia Amanda Fortes naquele momento, era persistência. Convencida de que a mãe biológica escondia algo, decidiu segui-la em suas supostas saídas ao trabalho e acabou descobrindo para onde ela se direcionava todas as manhãs e também três noites por semana. Não era mais enfermeira nem plantonista no hospital Pérola Prado como relatava aos familiares e amigos, agora era uma dançarina de uma casa de stripper; o *Babylon Night Club*.



Durante dois meses, Amanda frequentou o *Babylon Night Club*. Não como uma apreciadora, não como uma cliente, mas como a enteada que prestativamente ia buscar o padrasto bêbado e incapacitado de encontrar sozinho o caminho de casa. Alberto já havia frequentado o lugar algumas vezes, mas tornou-se muito mais assíduo atendendo ao pedido da garota. Sua tarefa era observar tudo o que acontecia com Vitória, tentar escutar o máximo de conversa que a envolvesse e relatar à enteada.

Desde que começara a se esconder por detrás dos arbustos da casa da mãe biológica, Amanda tinha em mente um único ideal: destruí-la. Contudo, nunca conseguiu chegar à conclusão de como o fazer. Agora as coisas pareciam ter mudado. Havia um plano, e um plano que dificilmente falharia. Tinha em suas mãos uma arma contra ela, que poderia ser usada a qualquer momento. Não precisava conhecer perfeitamente o marido Benjamin para supor que o casamento e a vida gloriosa seriam destruídos caso a verdade a seu respeito fosse revelada. Amanda só precisava torná-lo conhecedor da nova profissão de Vitória. Antes, só precisava conquistar



sua confiança, tornar-se amiga, para que no momento em que fosse desmascarada, sua dor e sua decepção fossem ainda mais intensas.

Duas batidas na porta do quarto fizeram com que se afastasse de seus pensamentos e voltasse a realidade. A porta então se abriu e Alberto passou por ela. Um sorriso estampado em seu rosto, que incomodou Amanda no mesmo instante.

— Sua mãe foi para a igreja! — Anunciou. — E eu quero diversão.

— Hoje não. — Amanda determinou. Estava envolvida demais pensando em seus planos para ceder aos desejos do padrasto.

Contrariado Alberto partiu para cima da garota e com toda a sua força a jogou sobre a cama. Em questão de minutos Amanda viu sua vida repetir tudo aquilo o que acontecera a Vitória no passado. A força, a contrariedade, a dor e a vergonha.

— Para! — Pediu aos prantos. — Por favor, para!

“Então foi assim, Vitória? Foi essa humilhação? Essa impotência que você sentiu? Foi esse ódio? Essa repulsa como consequência que a fez me renegar? Que a impediu de me criar como sua filha? Eu não posso mais desejar uma vingança, Vitória. Agora eu a entendo.”

Naquele momento, a porta do quarto se abriu e Roberta Fortes ficou perplexa ao avistar o marido e a filha na cama.



Sobre os soluços incontrolláveis da mãe, Amanda tentava justificar o ocorrido, mas Roberta não a deixava falar. Em sua mente, ainda se recusava a acreditar no que estava acontecendo diante de seus olhos.

— Por favor, mãe. A senhora tem que entender.

— CHEGA! — Roberta gritou descontrolada. — JÁ CHEGA, AMANDA!

Amanda arregalou os olhos assustada.

— Mas mãe...

— Você é suja! Imoral! Pensa que nunca percebi seus olhares para ele? As suas insinuações vulgares? Eu só não imaginava que você fosse tão

vagabunda a ponto de ir a fundo. Não aqui! Debaixo do mesmo teto onde moramos, onde suas irmãs moram...

— Por favor, mãe! Acredite em mim.

— Você sempre quis chamar a atenção, ele é homem, você queria que ele fizesse o quê? Eu tenho vergonha de você.

— Mãe!

— NÃO ME CHAME MAIS ASSIM! — Só então encarou o marido. — Irei para o meu quarto, aproveite e tome um banho para limpar essa sujeira. E quanto a você, Amanda — voltou-se novamente para a garota. — Reze, reze muito para que Deus possa ter piedade da sua alma perdida.



Depois de tanto vagar pela noite fria e chuvosa, Amanda resolveu procurar por Vitória no *Babylon Night Club*. Não sabia ao certo se teria a coragem necessária para se apresentar como filha, mas sentia a necessidade de ficar ao seu lado.

Aproveitou que todos ali presentes mantinham-se ocupados assistindo a mais uma apresentação de strip e sorrateiramente passou despercebida pelos funcionários, chegando até o camarim usado pelas dançarinas.

Estava há mais de meia hora sentada na pequena sala claustrofóbica quando a porta se abriu e diante de seus olhos surgiu quem ela tanto havia procurado nos últimos meses, Vitória Maria Sá Marques.

Mãe e filha finalmente frente a frente.

## Capítulo Vinte e Oito



*Um ano antes...*

— Hoje é o seu dia! — Vitória anunciou. — Tem certeza que é isso mesmo o que quer para a sua vida, Amanda?

As duas mulheres estavam sentadas em uma mesa do Gran Café, situado na Rua Aurora, no centro de São Paulo, enquanto repassavam os detalhes da apresentação daquela noite. O lugar simples, esquecido pela modernidade, conquistava Vitória não apenas pelo cardápio tentador, como também por sua decoração retrógrada e conservadora.

Desde a noite em que Amanda apareceu no camarim do *Night Club*, a cerca de um mês, implorando por ajuda e por emprego, Vitória tentou por diversas vezes tirar essa ideia de sua mente, mas a garota parecia irredutível. Vencida por sua insistência, foi necessário enfrentar outro obstáculo, Onório Ferman. Vitória precisou de muita conversa e persuasão para conseguir que ele concordasse em contratá-la. Desde então, Amanda vinha ensaiando todas as manhãs até que ele determinasse quando estaria pronta para subir aos palcos.

Aconteceu no dia anterior. Vitória e Amanda ensaiavam juntas quando Onório entrou no salão do *Babylon* e dispensou qualquer rodeio:

— Eu sei que posso me arrepender depois, mas você começa a se apresentar amanhã, garota! O primeiro show da noite é seu e o dinheiro que ganhar é nosso!

Agora Amanda estava empanturrando-se de café e torta de maçã, na companhia de Vitória, na tentativa de manter a calma.

— Sim! — respondeu à pergunta. — É isso o que eu quero.

Amanda estava convivendo com Vitória e embora tivessem desenvolvido uma relação amigável, não teve coragem de contar quem realmente era. Desde a noite em que fora abusada sexualmente pelo padrasto, havia abandonado por completo a ideia de vingança. Era como se

passar pela mesma humilhação que a mãe, trouxesse-lhe as respostas e os entendimentos que até então não havia encontrado. O único desejo presente agora era de recuperar o tempo perdido.

— Então só me resta te desejar uma ótima apresentação, e que consiga muito mais do que todas nós conseguimos, ir muito além do *Babylon*.



Enquanto voltava para casa, Amanda pensava em Vitória. No quanto estava sendo prestativa sem nem saber quem ela era. A mulher oferecia-lhe conselhos, apoio moral e financeiro também. Porque após o abuso, Amanda não quis voltar para a casa de sua mãe adotiva e foi Vitória quem a ajudou não somente a pagar um quarto para passar as noites como também a se alimentar.

À medida que o tempo passava, sua admiração por ela só aumentava. Sentia-se tentada a expor de uma vez por todas a verdade. Não protelar mais esse momento. Chegar e dizer: “Eu sou sua filha. E o que vamos fazer agora?”

Mas o medo não lhe permitia contar. Era incapaz de prever qual seria sua reação e a suposição de uma nova rejeição a assombrava.

Talvez fosse melhor continuar como estava. Sem revelações, sem decepções. Estava acostumada com a presença de Vitória em sua vida para correr o risco de perdê-la.

“Um dia quem sabe o destino junte os nossos caminhos e escancare nossas verdades.”



Enquanto voltava para casa, Vitória pensava em Amanda. No quanto estava sendo prazeroso a companhia daquela garota. Era como se os

deuses a colocassem em seu caminho para encher sua vida de satisfação. A verdade era que desde que haviam se conhecido, Vitória nutriu uma admiração inestimável e um afeto tão singelo e verdadeiro como o que nutria por sua filha Rosalie. Amanda instigava sentimentos em Vitória que nem mesmo ela saberia explicar. Era uma necessidade excessiva de cuidado que não hesitava em oferecer.

Em sua companhia, foi muito mais fácil encarar a demissão forçada e a acusação injusta de assassinato. Foi muito mais aceitável a convivência com o homem a quem odiava com toda a sua força. O homem que a destruiu por dentro e a fez cometer o maior erro de sua vida, renegar aquela criança.

“Um dia quem sabe eu consiga retribuir toda essa força que você está me dando, Amanda!”



Por volta das vinte e duas horas, Vitória e Amanda encontraram-se em frente ao *Babylon*. Haviam se distanciado por não mais que sete ou oito horas e a sensação que as dominavam era a de que estava há meses sem se ver. Abraçaram-se sorrindo.

— Eu estava te esperando para entrar — Amanda anunciou, revelando seu nervosismo. — Sabe como é, né? Aquele friozinho na barriga.

— Vai dar tudo certo! Mas antes preciso falar com você.

A garota mostrou-se apreensiva.

— O que foi?

— Eu quero que saiba que mesmo não concordando que este seja o melhor caminho para você seguir, eu respeito a sua opinião. Quero te desejar toda a sorte do mundo, que esta noite você brilhe em cima daquele palco, independente de ganhar ou não gorjetas, de agradar ou não o Onório. Faça por você, minha querida.

— Por que está me falando tudo isso agora?

— Porque não vou poder entrar com você e assistir a sua apresentação.

Durante toda aquela tarde, Vitória havia pensado em seu problema com Onório Ferman. Em sua busca incansável por justiça. O tempo estava passando e ela continuava se apresentando naquele lugar deprimente, enquanto Onório seguia sua vida tranquilamente, como se não a tivesse reconhecido. Como se não fosse o homem que a destruiu no passado. O homem que ela mandou para a prisão.

Desde que se demitira do hospital, e fora trabalhar ali, vinha pensando, minuciosamente, sobre o que deveria ser feito. Ele precisava sofrer. Exatamente como ela sofrera todos aqueles anos. Precisava derramar tantas lágrimas quanto ela derramou. Para isso era necessário usar de outra artimanha, articular cada um dos seus passos com destreza e principalmente paciência.

Desde a morte de Roberto Sales, quando foram injustamente acusada e obrigadas a se demitir do hospital, vinha conversando pelas redes sociais com a enfermeira Lurdete, tentando entender o que havia acontecido de fato naquele dia, e o porquê da colega a ter delatado daquela maneira. A enfermeira havia explicado que fora indagada e ameaçada, como Vitória havia sido também, que se sentia culpada por sua demissão e que estava disposta a cooperar para que aquele mal-entendido fosse reparado.

Vitória não sabia se podia novamente confiar em Lurdete, mas na ocasião, era a única pessoa oferecendo ajuda. Seria tolice recusar. Lurdete ainda trabalhava no hospital, poderia descobrir informações que ficaram limitadas com a sua saída.

E foi o que aconteceu. Enquanto se arrumava para ir ao *Night Club* recebeu uma ligação da enfermeira que a deixou bastante satisfeita. E cheia de planos também.

— Eu não posso explicar agora, Amanda! — continuou a desculpar-se com a garota. — Mas tenho algumas coisas para resolver enquanto você se apresenta.

Vitória aproveitaria que todos estariam assistindo à apresentação da nova garota para entrar na sala de Onório Ferman e encontrar alguma coisa que reforçasse as informações oferecidas pela enfermeira. Alguma prova concreta que pudesse usar a seu favor. Homens como ele sempre deixavam rastros. E ela os encontraria.

— Eu entendo Vitória, mas antes de você ir, vamos tirar uma selfie para eternizar esse momento.

Amanda tirou o celular do bolso, ligou a câmera e posicionou-se ao lado de Vitória, em frente ao letreiro de neon do *Babylon Night Club*.

*Click!*

A foto foi tirada.



Tão sorrateiramente quanto um gato vadio, Vitória entrou na sala de Onório Ferman. De lá era possível ouvir a música, os gritos e assovios dos clientes durante as apresentações, o que a ajudaria a não ser descoberta. No momento em que os ânimos se acalmassem no salão, saberia que era a hora de abandonar a sala. Tinha de meia hora a quarenta minutos para revistar cada canto daquele lugar e encontrar qualquer coisa que pudesse incriminar Onório Ferman e que pudesse dar a ela a chance de destruí-lo. Começou pelas gavetas em sua mesa. Sentiu-se enojada ao abrir a primeira. Tudo o que encontrou foram restos de comidas que deveriam estar ali dentro há semanas. O cheiro era execrável e contagiou todo o lugar.

Na segunda gaveta havia uma coleção de revistas pornográficas.

“Porco, pervertido!”

Na terceira e última não havia nada mais do que panfletos de pizzarias e restaurantes *delivery*.

Vitória não desanimou. Sua tarefa estava apenas começando. E tudo o que mais tinha naquele momento era determinação e paciência.

Abandonando a mesa, passou a revirar a estante de livros, a qual não continha muitos exemplares. Onório Ferman não era um homem adepto de muitas leituras. Se um dia fora, hoje a preguiça o havia afastado da prática de ler. Puxou um por um, sacudindo-os no ar, na esperança de que algum papel pudesse cair de seu interior. Nada. Outra tentativa frustrada. Abriu as portas da estante e havia somente pilhas de papeis aleatórias, de forma irregular, sem a menor organização. Puxou uma cadeira e acomodou-se antes de começar a folhear uma a uma as folhas de papel.

No meio da segunda pilha, Vitória encontrou uma agenda que acreditou pertencer a Onório. Como não teria tempo para examiná-la, guardou-a em sua bolsa. Tudo o que havia encontrado até aquele momento eram contas de água, luz, telefone, bebidas, manutenção e serviços prestados ao clube. A maioria delas com uma nota anexada informando que o pagamento estava em negociação. Guardou meia dúzia delas junto à agenda.

Foi quando já estava vistoriando a quarta e última pilha de papel que seus olhos se prenderam ao título de um documento. Vitória o analisou atentamente e sentiu-se radiante de felicidade. Sabia que o encontraria em algum lugar daquela sala e não estava errada. Onório não era um homem organizado, não era o tipo de pessoa que guardava documentos como aquele em gavetas trancadas, cofres ou em qualquer outro lugar mais seguro. Seu relaxo havia facilitado as coisas para ela.

Satisfeita, guardou-o em sua bolsa junto aos demais. Estava na hora de partir.

— O que você está fazendo aqui?!

A voz não só a assustou, como a fez virar rapidamente em direção à porta.

Angel a observava sem entender o que acontecia.

— E então? — insistiu. — Vai falar ou não, o que estava procurando aqui? Ou prefere que eu chame o Onório para explicar a ele?

Vitória precisou pensar rápido para poder sair daquela enrascada.

— Pode chamar. Só não me culpe depois se ele a demitir por interrompê-lo em meio ao show por uma besteira dessa.

— Acha besteira invadir a sala dele?

A música parou e os assovios e gritos foram diminuindo gradativamente. Vitória começou a se preocupar. Tinha que sair dali o quanto antes. E ao que parecia, Angel não estava tão disposta a facilitar as coisas.

— Eu já disse. Não estava procurando nada. Onório me pediu para colocar em ordem algumas coisas que estavam espalhadas pela sala, só isso.

“Vamos! Vamos! Não vai dar tempo.”

Vitória foi até ela e forçando-a a sair, fechou a porta da sala às suas costas. Do lado de fora, respirou aliviada. Havia encontrado o que desejava e estava prestes a deixar o lugar com uma prova contra Onório. Faltava muito pouco para conseguir destruí-lo.



O som de passos chamou sua atenção.

Onório apontou no corredor e avistou as duas mulheres na porta da sua sala.



Vitória deixou o *Babylon Night Club* minutos depois pela porta dos fundos. Sentia-se exausta. Fora preciso uma longa conversa para conseguir despistar Onório e Angel e conseguir sair sem que desconfiassem o verdadeiro motivo que a havia levado até o clube naquela noite de folga. E principalmente, o que fazia parada em frente à sua sala.

Onório pareceu acreditar em suas palavras, Angel não. Embora não oferecesse nenhuma resistência em deixar que Vitória saísse sem apresentar uma explicação plausível, Angel deixou evidente que não acreditava em suas desculpas.

“Preciso ficar de olho nela! Angel ainda pode me criar sérios problemas!”

Já na rua, Vitória apertou a bolsa contra o peito e sentiu-se feliz. Ao menos os documentos e a agenda continuavam com ela. Teria a oportunidade de examiná-los em casa, com calma, e então, juntando-os às informações fornecidas pela enfermeira Lurdete, poderia decidir que atitude tomar. Caminhou contornando o *Night Club* em direção à rua Augusta, onde poderia pegar um táxi. No momento em que passava pela entrada principal do clube, Amanda estava saindo acompanhada por um homem, aparentemente anos mais velho. Percebeu também que o clima entre os dois não era amigável. Estavam discutindo.

Ficou de longe observando, tentando entender quem era aquele homem e o que estava acontecendo, mas foi no momento em que ele a segurou pelo braço, sacudindo-a, gritando, que Vitória resolveu intervir:

— O que está acontecendo aqui? — perguntou com o tom de voz altivo. Amanda transpareceu alívio ao avistá-la.

— Não se mete não, dona! Isso aqui é assunto de família.

“Ah! Então esse é o padrasto. O covarde, degenerado que a violentou?”

Ignorando-o, direcionou-se à Amanda.

— Precisa de ajuda, minha querida?

— Eu...

— Ela vai embora comigo! — Alberto a interrompeu. — A mãe dela precisa saber no que ela se transformou.

Vitória a libertou das mãos dele.

— Ela não vai a lugar nenhum com o senhor — avistou um táxi subindo a rua e rapidamente fez sinal para que parasse. — Vamos comigo, Amanda. Vou cuidar de você hoje.

Amanda encarou o padrasto por alguns segundos, e em silêncio seguiu em direção ao carro.

— Obrigada, Vitória!

Ao ouvir o nome, Alberto a encarou com mais atenção.

— Vitória? — começou a gargalhar. — Então você é a Vitória? Cuidado viu, você não sabe a cobra que está levando para a sua casa.

Ignorando-o, as duas mulheres entraram no carro. Vitória estava fechando a porta quando o ouviu gritar:

— Estou falando sério! Depois não adianta reclamar! Ela já disse quem ela é?



“Ela já disse quem ela é?”

Durante todo o percurso até sua residência, Vitória não conseguia afugentar aquelas palavras de sua mente. A ironia com que foram proferidas a inquietava, mas não tinha coragem de perguntar a Amanda o que o padrasto pretendia dizer. Fosse o que fosse, ela deveria escolher o momento certo para contar.

Desceram do táxi e adentraram o enorme portão de ferro. Enquanto caminhavam pelo jardim, Amanda a agradecia por mais uma vez ajudá-la.

— Eu não sei o que ele teria feito se você não tivesse chegado na hora e me tirado de lá. Alberto estava muito enfurecido por me ver dançando. Eu

sabia que ele frequentava o lugar, mas não achei que fosse se importar tanto assim.

— Você precisa procurar a polícia, Amanda, e fazer um boletim de ocorrência contra ele. Respeitei sua vontade de não querer ir quando ele a violentou, mas agora não posso mais aceitar. Ele provou hoje que é perigoso e que não está para brincadeira.

— Você está certa. Eu vou pensar sobre isso, mas por hora, obrigado mais uma vez. Espero não criar problemas pra você...

— Não! Não... Se fizer tudo o que combinamos não terá problema. Como disse no táxi, meu marido não sabe sobre as minhas apresentações no *Babylon*. Todos aqui pensam que ainda trabalho no hospital. É melhor que continue assim. Ao menos por enquanto.

— Claro, fique tranquila. Mas se me permite perguntar, eu ainda não entendi o porquê de você largar o hospital e ir trabalhar no *Babylon*. Eu não estou te pressionando, nem julgando por nada, mas não faz sentido, Vitória. Não tem nada a ver com essa sua realidade. Entende o que quero dizer? Você ao que parece tem um marido que possui um bom emprego, tem uma bela casa, uma situação financeira favorável, por que aquele lugar tão deplorável?

Vitória tirou a chave da bolsa e a colocou na maçaneta da porta, girando duas vezes para destrancá-la.

— Essa é uma história tão confusa, Amanda, que eu até gostaria de dividir com você, mas não hoje. Tivemos emoções demais para uma única noite. — Abriu a porta. — A essa hora todos já estão dormindo. Você poderá ficar no quarto de hóspedes, amanhã temos mesmo que estar cedo no clube para os ensaios. Com sorte nem perceberão a sua presença.

Adentraram a sala. Tudo ali não era novidade para Amanda. Ela já estivera ali meses antes, quando Carmela a surpreendera escondida em meio aos arbustos, observando o movimento de entrada dos integrantes da família. Havia convencido Carmela a não contar nada sobre sua presença. E agora sentia-se feliz por isso. Seu segredo estaria guardado. Mesmo que Carmela a surpreendesse na manhã seguinte, fingiria que não a conhecia conforme haviam combinado. Sua identidade permaneceria segura.

— Sua casa é perfeita! — Elogiou.

— Um pouco grande para o meu gosto. Não queira saber o trabalho que dá manter tudo em ordem. Mas vou te mostrar o quarto, acho que depois

de tudo o que vivenciou essa noite, precisa de um bom banho e uma cama para relaxar.

Quando chegaram na ponta da escada que as levaria ao andar superior, avistaram uma garotinha vestida com um pijama cor de rosa, pantufas e cobertor na mão parada no topo da escada observando-as em silêncio.

— Ah, meu amor! Você ainda está acordada a essa hora?!

— Oi! — Rosalíe disse a Amanda.

Vitória olhou para a amiga e sorriu:

— Essa é Rosalíe, Lílíe como chamamos, minha filha!

A cena fez com que um nó se formasse na garganta de Amanda, impedindo-a de falar.

— Mamãe, eu já a conheço — a menina anunciou para desespero da visitante. — Ela é a tia Amanda. A amiga da Carmela que estava escondida lá fora.



— Pronto! Agora podemos conversar melhor.

Vitória havia colocado a filha na cama e esperado até que adormecesse, depois passara em seu quarto para ver o marido — Benjamin dormia profundamente — e então trancara-se na biblioteca com Amanda.

— Eu acho que você me deve algumas explicações, Amanda. — A garota permanecia calada e assustada. — Tenho tentado ajudá-la. Comprei briga com o Onório, com o seu padrasto, mas preciso ao menos saber o que está acontecendo e por quem estou brigando. A sensação que eu tenho é que você está sempre me escondendo alguma coisa. Primeiro aquele homem me pergunta se você já havia me contado quem realmente é. Agora, para minha surpresa, a minha filha diz que já a conhece. Por Deus! Ela sabia o seu nome.

Amanda tremia. O nervoso comprometendo a firmeza de seu corpo.

— O que ela quis dizer com “escondida lá fora?” O que está acontecendo aqui que eu não estou sabendo?

A garota juntou todas as suas forças para responder.

— Por que não deixamos essa conversa para amanhã? Já é tarde, estamos cansadas... quem sabe com a cabeça fria, com os ânimos renovados possamos...

— Não vamos sair daqui enquanto eu não tiver toda a explicação que eu preciso.

— Vitória, talvez seja melhor...

— A verdade, Amanda!

Amanda começou a chorar incontrolavelmente. Não poderia contar. Não sabia como contar. Havia se preocupado com Carmela e esquecera da irmã. Era evidente que Rosalíe a reconheceria. Como fora tola em não pensar nisso.

— Eu não sei o que falar.

— Acabe com isso de uma vez por todas. Quem é você, Amanda?

Destruída emocionalmente e em prantos, a garota desviou o olhar de Vitória para o chão. Era impossível encará-la sem sentir o coração se contrair, sem o temor convulsionar suas mãos e suas pernas.

— Eu sou a criança que você rejeitou há dezoito anos! Eu sou a sua filha!

## Capítulo Vinte e Nove



— Que brincadeira é essa, Amanda?

Vitória e Amanda permaneciam trancadas na biblioteca. O clima de tensão tornava-se cada vez mais prevalecente.

Desde o dia em que, tomada pela repulsa e pela dor, decidiu que não ficaria com o bebê, resultado do abuso sexual, Vitória jamais voltou a tocar no assunto com alguém senão com sua empregada, Carmela. Nem mesmo com seu pai, que foi quem tomou todas as providências para que a criança fosse adotada, ela havia conversado novamente. Carmela era a única pessoa a quem confidenciava seu arrependimento, seu sofrimento por conviver longe da filha e suas preocupações com o futuro.

E, no entanto, ao que parecia, a empregada também havia traído a sua confiança.

“Por Deus! Primeiro é a enfermeira Lurdete, agora Carmela, será que nunca vou poder confiar realmente em alguém?”

Quando Carmela bateu à sua porta pedindo emprego, Vitória viu uma pessoa necessitando de ajuda e estendeu a sua mão. Com o tempo e com a convivência, percebeu que tinha ao seu lado alguém com quem pudesse dividir suas dores até então sufocadas por uma promessa tola de nunca mais procurar a filha. No entanto, essa mulher a quem tanto confiou, parecia ter traído a sua confiança também. E contado a mais alguém sobre a sua história.

Tudo estava confuso em sua mente. Só conseguia pensar que aquela garota, depois de ouvir a história que Carmela não tinha o direito de ter compartilhado, estava tentando tirar proveito da situação. Certamente queria dinheiro e era por isso que estava torturando-a com a história de ser sua filha.

“Claro! Como não desconfiei antes? Foi tudo armação. O choro, a encenação, a fragilidade, meu Deus, o abuso sexual que talvez nem tenha acontecido. Tudo por dinheiro!”

— Por que está fazendo isso? — perguntou sentindo as lágrimas queimando em seus olhos e lutando para se libertar. — O que eu fiz a você?

— Eu não... — Amanda tentou responder, mas o choro havia sucumbido as palavras.

— Usar de um drama pessoal para se beneficiar? Se era dinheiro o que queria, poderia ter falado desde o começo.

— Não! — Amanda esforçava-se para soltar as palavras e controlar o choro que também insistia em brotar. — Não foi isso!

Vitória a observava com a fúria faiscando em seus olhos e a tristeza por trazer de volta aquela história comprimindo seu coração.

Tudo o que mais desejava era que estivesse vivendo um pesadelo e que a qualquer momento pudesse acordar, colocando um ponto final em toda a aflição.

— A Carmela não tinha esse direito!

— Ela não me contou nada. Eu juro!

— Envolver não só a mim, mas uma garota que sequer sabe o que está acontecendo.

— Eu sei, Vitória!

— Revirar o passado, abrir novas feridas, a troco de quê?

— EU SOU A SUA FILHA! — Amanda explodiu.

“E o acordo? Os pais adotivos não deixariam que a filha se aproximasse! Se ela está dizendo que Carmela não contou nada, então seria impossível que soubesse da minha existência.”

Vitória enrijeceu. Não sabia mais o que pensar, como agir, ou o que falar. Não podia ser verdade. Era ainda o pesadelo que teimava em não se dissipar.

“Não... Não é verdade! Eu preciso acordar! É isso... eu acordo e tudo deixa de existir!”

— Amanda, não faz isso comigo! Você não tem ideia do quanto essa história ainda me faz sofrer.

Agora, foi Vitória quem começou a chorar.

“Não está funcionando! Por que não consigo acordar? Por quê?”

— Eu ouvi minha mãe e o pastor, marido da Carmela, falando sobre a adoção. — Amanda começou a se explicar. — Até então eu não sabia de nada e nem passava pela minha cabeça que a Carmela trabalhava para você. Eu só ouvi a conversa e fiquei determinada a descobrir toda a

verdade, só isso. Imagine o que é para uma garota de dezoito anos, descobrir por acaso, que toda sua vida é uma mentira, que a minha mãe não era mesmo a minha mãe. Eu fiquei desesperada, Vitória! Então usei dos meios mais absurdos para conseguir descobrir quem era minha mãe biológica, onde morava e como se chamava. Um desses meios foi me esconder nos arbustos em frente à sua casa, até ser surpreendida por sua filha e pela Carmela.

Vitória permanecia em silêncio, tentando absorver as palavras e decidir se acreditava ou não.

— Eu juro que não pretendia fazer mal algum a você ou a sua família. Também não queria o seu dinheiro... só queria estar por perto, saber como você era, as coisas que gostava de fazer. Nada mais que isso.

Todas as vezes que Carmela trouxe alguma informação, em todas elas omitiu nome, característica física ou qualquer outra coisa que pudesse descrevê-la. Vitória sabia o que se passava com a filha, mas não sabia quem ou como ela era. Agora, diante daquela garota, procurou encontrar evidências físicas que comprovassem o que Amanda falava. Um olhar, um sorriso, o formato do rosto, qualquer coisa que se assemelhasse a ela e que pudesse cessar a dúvida estabelecida em seu coração de maneira tão angustiante.

Os olhos possuíam o mesmo tom de mel, o cabelo embora tingido por um loiro platinado, formavam os mesmos cachos na altura dos ombros, as covinhas nos cantos da boca, o furinho no queixo. De repente, Vitória se deu conta daquilo que nunca havia percebido, Amanda Fortes era na verdade uma réplica sua. A semelhança agora era perceptível e incontestável.

Sentiu seu coração bater com tanta rapidez que o peito doeu. Seu corpo foi tomado por um estado de formigamento que lhe roubou toda a firmeza. Suas pernas vacilaram, e foi preciso apoiar-se na mesa para não cair.

— Ah, meu Deus! — Levou as duas mãos à cabeça. — Você é a minha filha!

Mãe e filha se abraçaram. Um abraço carregado de tristezas, de mágoas, de ressentimentos, mas também um abraço de aceitação, de perdão e de renovação. Um abraço que tentava recuperar o tempo que haviam perdido, suprimindo naquele momento o afastamento das duas e selando todas as noites de angústias e arrependimentos por parte de Vitória, ou de inquietações e dúvidas por parte de Amanda.



Desvencilharam-se do abraço, mas no mesmo instante voltaram a se envolver. A felicidade e a carência por afeto eram grandes demais para que ficassem afastadas.

— Perdão! — Vitória pediu com o tom de voz comprometido pela emoção. — De tantas coisas que eu tenho para lhe falar, a mais importante delas é o perdão. Qualquer outra coisa será apenas consequência.

— Eu confesso que quando fiquei sabendo que era adotada, eu não entendia as razões que levavam uma mãe a rejeitar uma filha. Era a avalanche da notícia inesperada somada à sensação de rejeição que não me deixava entender. Eu só conseguia enxergar o meu lado da história. A pobre garota rejeitada pela mãe biológica e enganada pela mãe adotiva durante toda a sua vida. — Vitória passou a mão pelo rosto de Amanda para enxugar as lágrimas que vertiam feito cachoeira. — Então resolvi que tinha que me aproximar de você — Amanda continuou. — Na verdade o que eu estava buscando era uma razão para sua atitude. Você me entregou para outro casal criar e eu precisava entender o motivo.

— Foi o maior erro de toda a minha vida.

— Você teve suas razões e agora eu consigo entendê-las.

— Ainda assim. Você era uma criança inocente. Eu nunca poderia ter remetido a culpa a você.

Vitória puxou a filha pela mão e a acomodou no sofá que ficava em frente à mesa. Aquela conversa estava longe de terminar, era melhor que estivessem confortáveis.

Frente a frente, mãe e filha conversaram por horas. Vitória contou a ela toda a sua história. Detalhou a angústia vivida no momento do abuso sexual, sua imaturidade ao descobrir que estava grávida, e sua decisão precipitada e inexplicável de não ficar com ela. Amanda, a todo o momento, mostrou-se atenta e disposta a ouvi-la de coração aberto. Estava totalmente despida de qualquer ressentimento. Desta vez não estava mentindo. Sentia-se feliz por ter encontrado sua mãe biológica e mais feliz ainda por ela ser Vitória.

— E como eu disse — Vitória sentia as palavras fluírem por sua boca, levando com elas todo o sofrimento que a ausência da filha em sua vida havia provocado. — Não demorou muito para que eu tomasse conhecimento do erro que havia cometido, mas então já era tarde. Você crescia com outra família, era feliz com eles e eu não tinha o direito de estragar essa felicidade, mas Deus é minha testemunha de que não houve

um único dia em que eu não me lembrasse de você. Eu queria muito saber sobre essa parte de mim que crescia por aí, tornando-se uma criança peralta, uma adolescente determinada... Cada vez que Carmela trazia uma notícia sua, era como se eu tivesse ido aos céus e voltado. Esperava ansiosa pela chegada dela todos os dias na esperança de que pudesse me contar algo novo. O primeiro dentinho, o primeiro passo, a primeira vez que você falou mamãe. Ah! Como eu vibrei esse dia. Mesmo sabendo que você não havia falado pra mim, eu fiquei radiante de felicidade. Porque de certa forma eu sentia que era pra mim também. Você entende?

Amanda sorriu consentindo com um movimento de cabeça.

— Eu não estava ao seu lado, mas eu era a sua mãe, geneticamente eu era sim e isso fazia com que eu fantasiasse momentos, com que eu imaginasse situações que nunca aconteceriam de verdade...

— Eu também, desde que fiquei sabendo sobre você, tentei demonstrar os meus sentimentos. — Amanda pegou sua bolsa que estava sobre a mesa e a abriu, procurando algo em seu interior. Retirou um pequeno caderno e o entregou à Vitória. — Este é o meu diário. Aqui dentro, Vitória, está a minha história, tudo o que tenho de mais precioso nesta vida está guardado aqui. Quero que fique com ele... As últimas anotações falam sobre você e a minha imensa vontade de encontrá-la

Vitória pegou o diário, caminhou até a estante de livros de onde tirou uma pequena caixa de cedro de aproximadamente dois palmos com fechadura dourada e o guardou em seu interior.

— Eu vou ler. Prometo que vou! E depois o guardarei com todo o meu cuidado, mas agora eu acho que está tarde e você precisa descansar. A minha vontade era passar a noite aqui, te ouvindo falar, contemplando o seu sorriso, os seus gestos, mas infelizmente eu não posso. Tenho minhas obrigações para cumprir amanhã logo cedo. — Só então Vitória lembrou-se de Benjamin e da filha Rosalíe. Como contaria a eles sobre Amanda? — Eu sei que não tenho direito nenhum para lhe pedir alguma coisa, mas queria que tivesse um pouco mais de paciência, Amanda. Antes de apresentá-la ao meu marido e à Lílie, sua irmã, eu queria conversar com calma com cada um deles. A não ser meu pai, ninguém mais sabe sobre a sua existência, vai ser uma surpresa e tanto, principalmente para a Lílie que ainda é uma criança.

Amanda apressou-se em responder, fazendo com que o coração de Vitória transbordasse de felicidade ao pronunciar a palavra que ela tanto

desejava ouvir:

— Tudo bem! Eu a entendo. Também não estou cobrando atitudes. Respeito o seu tempo, *mãe*!



Na manhã seguinte, Amanda encontrou Vitória no jardim, ainda estava vestida com seu pijama de cetim cor de rosa e estava sentada em uma espreguiçadeira redonda de vime, com a atenção voltada para os papéis em seu colo, o que não a permitiu perceber sua presença.

Vitória pensava em tudo o que havia acontecido na noite anterior e no quanto precisava ser cautelosa. Estava feliz por Amanda ter aparecido em sua vida, por descobrir que ela era a sua filha, mas não seria tão fácil assim trazer o seu passado publicamente. Além de Benjamin e Rosalie, havia também a família da garota. Certamente enfrentaria problemas por quebrar o acordo de que nunca uma saberia da existência da outra.

Roberta Fortes jamais a perdoaria por isso.

Passavam-se das onze da manhã e Amanda sentiu-se envergonhada por acordar tão tarde.

— Acho que acabei dormindo demais!

Ao avistar a garota parada à porta da entrada principal da casa, que dava acesso à varanda e ao jardim, Vitória encheu-se de satisfação. Quando poderia imaginar viver momentos como aquele? A filha da qual pouco se tinha notícia, agora estava a sua frente.

— Você precisava. O dia ontem foi de grandes emoções. Primeiro sua estreia no *Babylon*, depois nós duas... — Vitória esticou a mão, convidando-a para se sentar ao seu lado. — É emoção demais para um só coração.

Emoção que Amanda jamais esqueceria. Estava vivendo um sonho e por mais que soubesse que sonhos sempre terminavam, desejava que aquele fosse eterno.

— Obrigada! — Sentou-se ao lado da mãe. — Ontem eu estava tão feliz que não lhe agradei por tudo o que está fazendo por mim.

— Eu não fiz nada, mas vou fazer! Vou preparar alguma coisa para você comer porque deve estar faminta.

Vitória fez menção de se levantar e ir até a cozinha, mas a garota a impediu.

— Não! Eu não costumo comer logo que acordo.

“Ah, meu Deus! Até nisso somos parecidas.”

— Então avise quando quiser.

Amanda ficou observando Vitória atentamente. Agora, depois de toda a revelação e aceitação, sua admiração por ela havia multiplicado. Era uma mulher encantadora, dona de uma beleza inestimável que ia além do físico e carregava a mesma marca que ela, a marca deixada pelo abuso.

“Ah, Vitória! Temos tantas coisas em comum. Somos tão parecidas!”

— Eu estava pensando que talvez seja melhor ir embora — comunicou.

— Não quero criar problemas para você...

— De jeito nenhum. Benjamin já foi para o trabalho, Lílíe para a escolinha. Carmela foi ao supermercado e deve chegar a qualquer momento, mas acredito que não seja um problema, não é? Mesmo porque ela era a única que sabia de tudo.

— Ela transitava entre os nossos dois mundos.

Amanda olhou para a pilha de papel sobre o colo da mãe e ficou curiosa.

— O que está lendo?

Aquela era uma pergunta que não seria respondida, ao menos não com a verdade, se os dias fossem outros. Se a revelação de que eram mãe e filha não houvesse ocorrido na noite anterior, Amanda jamais saberia do que se tratava, mas agora Vitória não tinha mais motivos para não confiar em sua filha. Então, ofereceu algumas folhas a ela.

— Veja.

A garota passou rapidamente o olhar pelo corpo do papel.

— São contas em nome do Onório? — perguntou apreensiva.

— Dívidas do *Babylon*.

Amanda olhava para a mãe com cara de quem havia perdido o capítulo anterior daquela história.

— Eu acho que não estou entendendo.

— Ontem enquanto você se apresentava, eu invadi a sala do Onório e peguei algumas delas. Junto com outro documento e uma agenda.

A confusão que se formava na cabeça da garota agora era intensa. Pelo visto havia perdido muito mais que um capítulo.

— Não estou conseguindo assimilar o seu raciocínio.

— E nem poderia, minha querida. Tem algumas coisas que eu não falei ontem à noite, mas que você precisa saber.

Vitória respirou fundo para conseguir falar:

— Eu reencontrei recentemente o homem que abusou de mim sexualmente, depois de passar míseros anos na cadeia pelo que me fez no passado. É o Onório Ferman.

Amanda estava atônita.

— Isso quer dizer que ele é...

— O seu pai, Amanda.



— Eu o odeio! — Amanda praguejou. — Com todas as minhas forças!

Vitória havia contado à filha sobre o encontro com Onório no hospital, seu descontrole emocional no momento em que o reconheceu e sua fuga desesperante. Contou também sobre a morte de Roberto Sales, e da forma injusta com que fora acusada e forçada a pedir demissão do hospital. Não havia mais razões para que ela não conhecesse toda a sua história. Se pretendiam construir uma relação de mãe e filha, era necessário que todas as suas verdades fossem compartilhadas.

— Cada vez mais eu o odeio!

Vitória não se surpreendeu com o comportamento da filha. Conseguia entender perfeitamente seus sentimentos.

— Todos esses anos, desde a prisão dele, e eu sempre desejei reencontrá-lo. Queria que se mostrasse amargamente arrependido, sabe? Que me pedisse perdão com a dor do arrependimento por todo o trauma que havia me causado, mas o que aconteceu foi algo ainda mais repugnante. Ele conseguiu mais uma vez me prejudicar. Entende a minha indignação?

— Perfeitamente! Ele é muito mais asqueroso do que eu imaginava.

— Por diversas vezes eu tentei esquecer, mas foi impossível. É algo além de mim. Eu sinto que só vou encontrar a paz no dia em que fizer a justiça com as minhas próprias mãos.

— E o que você pretende fazer?

Vitória entregou o restante dos papéis para Amanda e entregou também a agenda retirada junto com os documentos aberta propositalmente em uma página específica.

— Isso foi o que descobri! Juntando tudo, mais a informação que a enfermeira Lurdete me entregou, acho que já tenho provas suficientes para poder confrontá-lo. Eu vou até o *Night Club*, vou entrar naquela sala e vamos ter uma longa conversa.

Amanda vibrou de felicidade.

— Ótimo! E eu não vou perder isso por nada nesse mundo.

— Amanda, talvez não seja uma boa ideia você...

— Nem perca seu tempo tentando me impedir, Vitória. Estamos juntas nessa história agora.



As duas mulheres desceram do táxi em frente ao *Night Club*. Através da câmera de segurança, Onório Ferman as observava antes mesmo que se aproximassem do portão e tocassem o interfone.

“Mas que merda estão fazendo aqui logo cedo?!”, exasperou-se.

Então, ele apertou o botão para que o portão fosse destrancado. Enquanto aguardava a entrada das mulheres, escondeu na gaveta de sua mesa a caixa de chocolate que estava comendo.

“Eu só espero que essas duas não me tragam mais nenhum problema. Já tenho o suficiente.”

Do lado de fora, Vitória e Amanda caminhavam pelo corredor que as conduzia até a sala de Onório. Vitória tinha o coração descompassado e as palmas das mãos suando de nervoso. Havia esperado longos anos por aquele momento e agora que ele havia chegado, tinha o desassossego e a

insegurança tentando comprometer seus planos. Amanda caminhava ansiosa, vez ou outra olhava para a mãe e sorria encorajando-a.

Tudo o que Vitória queria desde o dia em que o reencontrou era destruir sua vida. Tirar tudo aquilo que pudesse lhe trazer alegria. Estava mais próximo disso agora.

— Você entendeu tudo o que precisa fazer, Amanda? — perguntou apreensiva por envolver a filha naquela situação.

O sorriso foi substituído por uma careta.

— Como não entender? Você não quer que eu entre. — Estava decepcionada. — Eu queria fazer muito mais do que só vigiar a porta!

— Vai ajudar muito, minha querida, se impedir que sejamos interrompidos. Essa conversa tem que ser só eu e ele.

— Tudo bem, mas qualquer coisa grita, que eu entro no mesmo instante.

Vitória bateu na porta, e na sequência ouviu quando Onório ordenou que entrasse.

Do lado de dentro, chegou a pensar em desistir. Não imaginava que acertar as contas com aquele homem pudesse despertar sensações tão contraditórias. Ao mesmo tempo em que se sentia feliz por finalmente ficarem frente a frente sem máscaras, sentia-se receosa de que ele pudesse mais uma vez lhe fazer algum mal. Onório não era um homem que media consequências para os seus atos, principalmente quando se sentia acuado.

O plano de Vitória consistia exatamente em acuá-lo.

— Posso entrar? — perguntou já com metade do corpo do lado de dentro da sala.

— Você já entrou, Vitória! — Onório corrigiu impaciente.

Sem se importar com a advertência, passou pela porta e a fechou às suas costas. Percorreu o olhar à sua volta e um detalhe lhe chamou a atenção, os armários os quais havia remexido na noite anterior agora estavam trancados com cadeados.

— A que devo a sua *ilustre* visita tão cedo assim? — Onório tinha um sorriso irônico estampado em seu rosto que a preocupou. Como explicar o que pretendia fazer ali? Como revelar que ela era a jovem que ele violentou?

Não sabia por onde começar.

— Precisamos conversar — arriscou.

Algo dizia a Vitória que Onório não estava tão surpreso assim com a sua presença. Era como se por algum motivo, o qual ela desconhecia, sua presença já fosse esperada.

— Conversar? Ora, ora... e eu achando que você veio devolver a agenda que roubou da minha sala.

Vitória perdeu a cor.

“Droga! Será que a Angel falou alguma coisa? Ou será que ele procurou pela agenda ontem mesmo?”, pensou ela, mas decidiu desconversar.

— O quê? Eu não estou entendendo.

— O que foi? De repente ficou idiota, Vitória? Perdeu a memória ou coisa do tipo? Achou mesmo que eu não ia saber? — Ficou observando-a um tempo em silêncio. — Sério que pensou que eu fosse acreditar em sua desculpa esfarrapada quando a surpreendi do lado de fora com a Angel? Que não fosse sentir falta da minha agenda?

— Eu não roubei...

— Quem invade a sala de alguém às escondidas, revira seus pertences e leva um deles está praticando o quê? Você conhece outro nome que não seja roubo? Furto? Pode chamar como quiser, mas é a mesma coisa... Se há uma coisa que eu não admito nesta vida, são pessoas que se acham capazes de agir às minhas costas. Coloca uma coisa na sua cabeça de uma vez por todas: eu estou sempre à frente dos outros. Sempre!

Vitória recuou um passo, preocupada. Talvez tivesse sido um erro ir até ele. Talvez o correto fosse juntar todas as informações e apelar pela ajuda da polícia. Não bancar a heroína. Não buscar justiça com suas próprias mãos.

Era impressionante sua capacidade de estragar tudo.

— Eu quero de volta o que você levou daqui! — Onório anunciou ríspidamente. — Ou então vamos ter que resolver isso de outra maneira.

Entre correr ou atacar, Vitória decidiu atacar. Era tarde demais para se arrepender e sair correndo. Estava afundada até o pescoço naquele rio de lama. Não havia mais o que perder.

— Outra maneira? Qual? — enfrentou. — A polícia? Porque se for, vou adorar, tenho ótimas informações para compartilhar.

Onório não respondeu, ao invés disso começou a caminhar pela sala, mas não precisou mais do que dez passos para que se sentisse cansado e voltasse a se sentar.



— Tem certeza de que gostaria de envolver a polícia? Já pensou nas consequências? Você é casada com um delegado que nada sabe sobre essa sua atividade. O que diria a ele para justificar seu trabalho aqui?

— A verdade.

— Ah! É? E que verdade é essa?

— Que você é um porco, imundo! É imoral, devasso e pervertido.

— E o que mais?

— Que merece passar o resto da vida preso.

Vitória sentia a ira fluindo através de suas palavras.

— Só por que eu tirei a sua virgindade anos atrás? Naquela noite em que você procurava desesperada pelo seu pai, andando sozinha pelas ruas do centro?

“Ah, meu Deus! Então ele sabe. Ele também me reconheceu!”, apavorou-se Vitória, arregalando os olhos.

— Ah! Para, Vitória. Você deveria era agradecer por eu fazer esse favor — Onório constatou a surpresa que havia anuviado o semblante dela. — O que foi? Achou que eu não soubesse quem era você? Que eu não fosse investigar a sua vida quando bateu a minha porta com aquela história absurda de que buscava novas emoções? Sinto muito desapontá-la, mas eu sabia de tudo o tempo todo — respirou fundo. — E estou aliviado que não vamos precisar mais fingir. Confesso que estava esperando esse momento. A hora em que as máscaras caíam. — Onório caminhou até um canto da sala onde uma garrafa de vodka estava sobre a mesinha de centro e serviu-se de uma dose. — Oito anos, Vitória! — exclamou enquanto bebia referindo-se ao tempo em que estivera preso. — Oito anos vivendo naquele inferno e achou mesmo que eu não lembraria o seu nome? — Voltou a se sentar.

— E você acha muito? Eu acho pouco. — Os olhos de Vitória faiscavam sua indignação. — Porque você ficou oito anos no inferno e foi solto, eu estou nele há dezoito e não sei se algum dia terei a minha liberdade.

Vitória começou a achar que realmente não havia sido uma boa ideia confrontá-lo. Fora ingênua em acreditar que conseguiria resolver as coisas sozinha.

“Como fui tola!”, repreendeu-se, mordendo o canto interno da boca. Deveria ter vencido seus medos e receios e contado tudo ao marido. Benjamin certamente poderia ter a ajudado.

— Você me decepçiona, sabia? Pensei que fosse mais esperta. Quando vasculhei a sua vida, e descobri quem você era — Onório riu. —, saquei na mesma hora o que pretendia. Vingança, não é?

— Não! O que eu quero tem outro nome: justiça.

— Eu paguei pelo meu erro Vitória.

— Um preço muito inferior ao prejuízo que você me causou. E eu não estou falando de dinheiro.

— Vamos acabar de uma vez por todas com essa palhaçada, Vitória. Você devolve a agenda, eu finjo que ela nunca foi roubada, você volta para o seu marido e sua filha e eu esqueço que tudo isso aconteceu. Começamos do zero. Você continua dançando aqui. Até porque... — ironizou — já percebi que é algo que você adora fazer. Se exhibir. Não há ressentimentos.

“Quem disse que não há? É claro que há! E é por esse ressentimento que eu cheguei até aqui. Não vou desistir facilmente.”

— Eu não levei só a sua agenda, Onório!

— Não?! — espantou-se.

— Levei algumas das suas contas atrasadas e um documento também.

Agora sim seu objetivo foi alcançado, o homem parecia alarmado, explodindo em fúria.

— Vagabunda! É isso o que você é! É essa a retribuição que eu recebo por ter aberto as portas do meu clube a você, mesmo sabendo quem era?

Vitória transpareceu um ar superior. Determinada. “Eu vim para destruir você! E é isso o que farei!”

— E olha que interessante... — disse ignorando a fala anterior de Onório. — Eu descobri que você tem uma dívida enorme com os fornecedores do *Babylon* desde o dia em que o seu pai foi hospitalizado e você assumiu a direção da casa. Parece que você não tem o mesmo feeling para os negócios que ele. Aliás, até ele sabia disso, não é mesmo? Deixou isso evidente no testamento. — Abriu a bolsa e tirou algumas folhas de papel dobradas em três partes e arremessou sobre a mesa. — Você me recebeu todo provocativo, dono da verdade, senhor da razão, mas parece que não estou tão em desvantagem assim neste jogo.

O semblante dele era de quem havia avistado um fantasma.

— Eu não estou entendendo aonde você quer chegar!

— Aonde eu queria, eu já cheguei! Que era aqui, na sua sala, na sua frente... Eu esperei longos anos por esse dia, Onório! Por uma única oportunidade, por menor que fosse, de olhar outra vez nos seus olhos e

poder dizer o quanto eu o odeio! Desde aquele dia... — Vitória sentiu as palavras falhando. — Desde aquele maldito dia, não houve um único instante sequer em que eu não estivesse pensando em lhe destruir. Eu pensei tantas coisas, tantas formas de cobrar de você o sofrimento, a vergonha, o trauma.

— E agora que me encontrou, que já sabemos quem somos e o que fizemos, vai fazer o quê? Vai me matar?

Tentava transparecer segurança ao falar, quando na verdade começava a se preocupar por estar sozinho com aquela mulher ressentida e ferida.

— Não! Morrer é pouco pra você. Você tem que pagar não só o que fez a mim como também a morte do seu pai.

Onório deu um pulo na cadeira, como se uma descarga elétrica o tivesse atingido nas nádegas.

— Que maluquice é essa agora? — perguntou confuso. — O que está insinuando?

— Não são insinuações. — Vitória acomodou-se no sofá à frente da mesa dele. — Eu passei quase a noite toda lendo suas anotações na agenda, analisando as contas atrasadas, e esse documento de Testamento Particular. Você deve até as calças, Onório! É muito dinheiro para uma pessoa incapacitada de reverter a situação. Você afundou o *Night Club*. — Ela saboreava presenciar o medo manchando os olhos dele. Era prazeroso constatar que seus planos surtiam efeitos positivos. — Tem protelado essas dívidas, fez inúmeras promessas de pagamento que nós dois sabemos que nunca serão cumpridas. Todo o patrimônio que seu pai levou anos construindo, que ele mantinha com tanto esmero e dedicação, você arruinou em meses. — Ele a observava cada vez mais alarmado. — Como foi para você ver tudo isso ruir? Uma decepção, não é mesmo? Uma vergonha insustentável.

— Sai daqui, Vitória! — Estava decidido. Não queria continuar com o assunto.

— Você sabia que seu pai nunca o perdoaria. Você estava o decepcionando de tal maneira que jamais seria perdoado. Roberto Sales era um homem presunçoso demais para aceitar que fora derrotado pelo próprio filho.

— SAI DAQUI! — gritou.

— Então você, desesperado, receoso, tendo diante dos seus olhos apenas duas alternativas, pagar as dívidas ou fechar o *Night Club*, sendo a

primeira impossível de acontecer, e a segunda humilhante demais para um homem tão orgulhoso quanto você, acabou criando uma terceira alternativa. Uma ainda mais inaceitável do que a segunda.

Onório Ferman estava há um passo do descontrole. Seus olhos faiscavam e seu rosto estava na cor de um vermelho fogo de tão enfurecido.

— Você é louca! — acusou. — Não sabe o que está dizendo.

— Está tudo escrito em sua agenda, Onório! Eu não inventei nada. Se eu tivesse com ela aqui, poderia ler a descrição do seu desespero, mas por enquanto, até resolvermos todas as nossas diferenças, é melhor que ela fique guardada comigo, como também ficará guardado o testamento — apontou para o papel que havia arremessado em sua direção minutos atrás. — Esse é apenas uma cópia do original. Você estava atolado em dívidas até o pescoço e tomado pelo medo de que seu pai saísse do hospital e descobrisse o que você fez com o clube dele. Então decidi matá-lo.

Explodindo, ele levantou-se bruscamente:

— VOCÊ ENLOUQUECEU! SÓ PODE!

Vitória retirou novamente alguns papéis da bolsa. Desta vez eram impressões de uma imagem de câmera de segurança. Ignorando as acusações, deu continuidade à sua conclusão:

— Invadiu o hospital durante a noite, aproveitou-se de um momento em que me ausentei daquela ala para entrar no quarto onde o seu pai dormia. Aplicou a medicação intravenosa e esperou até que ele morresse. Nestas imagens, tem o horário em que você entrou no quarto, por volta das vinte e três horas e treze minutos e o horário em que saiu, vinte e três horas e quarenta e quatro. Você ficou durante meia hora lá dentro, o que me faz concluir que ficou esperando para vê-lo morto.

Onório deixou que o corpo robusto e pesado caísse sobre a cadeira. Estava vencido. Não havia mais o que dizer, não havia justificativa.

— O segundo passo era encontrar um culpado para a morte dele, porque você sabia que mais cedo ou mais tarde os legistas constatariam o excesso de Heparina no corpo. Foi então que escondeu os frascos do remédio em minha gaveta. Tem imagens do momento em que você entrou em minha sala, aí também. Você arquitetou tudo, eu seria responsável pelo assassinato e com isso você se livrava da culpa e de mim ao mesmo tempo. Sem contar na herança, o que poderia ajudar a pagar suas dívidas... O plano perfeito.

— Você ficou louca! É isso... descobriu quem eu sou e perdeu a sanidade.

— Pode continuar negando, Onório, eu não me importo. Não foi em busca da sua confissão que eu vim.

— E veio por que então?

A pergunta a pegou desprevenida. Por que havia procurado aquele homem que tanto lhe fizera mal? O que realmente queria? Que espécie de sensação austera era aquela que não lhe permitia descansar, esquecer e relevar? Vitória só sabia que queria justiça. A sua própria justiça.

— Porque eu quero limpar o meu nome desta acusação injusta de assassinato. Porque eu quero que você pague por todos os seus erros!

— Que belo discurso, Vitória! — ironizou. — Mas não me convenceu. Olha que chato! Você ficou aí tagarelando, carregada de argumentos ineficazes e eu não me convenci de nada. Continuo tendo a mesma impressão inicial de você: tola! Tola! E tola! É isso o que você é. Uma tola por acreditar que pode vir até mim com o propósito de intimidar, de *cobrar justiça*, como você mesma disse. Em que mundo você vive, Vitória? Porque eu tenho certeza de que não é no mesmo que eu. Por mais que você considere injusta, ou insuficiente, eu cumpri a minha pena. Estou limpo.

Onório riu satisfeito. Estava revertendo o jogo a seu favor. Estava a um passo do *xequemate*.

— Tem a morte do seu pai. É recente, você não terá como escapar.

— Não mesmo? Tem certeza, Vitória? Seja inteligente, vai! Só desta vez...

Tudo o que me apresentou aqui foram suposições, acusações de uma mulher cheia de rancor e mágoa. Imagens de uma câmera de segurança que não revelam nada além da minha entrada e saída no quarto e na sua sala. Eu posso alegar que você me chamou até o hospital dizendo que meu pai não passaria daquela noite, deixando-me se despedir, por isso a minha presença àquela hora. E quanto a entrar em sua sala, posso alegar que fui agradecê-la pela imensa gentileza. Eu sei encenar, mentir, chorar se for preciso. Ninguém vai desconfiar do filho desolado ameaçando processar o hospital pela negligência de aplicar uma medicação errada. E não é só isso. Pelo que sei, o hospital tentou evitar um escândalo e repercussões negativas, atestaram a morte dele por decorrências da diabetes. Não houve assassinato algum.

Por mais que fosse difícil para ela aceitar, Onório estava certo. Denunciá-lo à polícia pela morte de Roberto Sales seria o mesmo que atirar em seu próprio pé. Seria mexer no vespeiro. Um acordo fora feito com a direção do hospital. A acusação de assassinato não seria levada adiante, ninguém além dos médicos presentes naquela sala sabia sobre o que havia ocorrido de fato e Vitória tinha assumido a culpa e se demitido.

Tudo conspirava contra ela.

“Foi um erro vir até aqui e confrontá-lo. Não é desta maneira que vou conseguir o que procuro.”

— E tenho mais uma coisa para te falar. — Onório anunciou sorridente enquanto abria uma das gavetas de sua mesa e retirava de dentro dela um envelope de papel pardo. — Como eu disse, também andei vasculhando a sua vida. Exatamente como você fez comigo. Veja você mesma! — ofereceu o envelope. Vitória o pegou de suas mãos e o abriu rapidamente. Em seu interior encontrou algumas fotos que a deixaram sobressaltada. Fotografias de sua filha Rosalíe sorridente na porta da escolinha, no *playground* da praça na esquina de sua residência, no supermercado de mãos dadas à Carmela e em seu jardim correndo de braços abertos ao encontro do pai.

— O que é isso? — perguntou confusa.

— É a minha certeza de que você continuará trabalhando para mim. Você é a dançarina que mais me rende gorjetas aqui. Eu precisava me garantir de alguma maneira, não é? — Vitória entendeu o recado.

— Ameaçando a minha filha?

— E também garantir que não faça nada contra mim. Por isso eu te falo, vamos esquecer o passado. A Vitória que conheci há dezoito anos não é a mesma que está a minha frente hoje. Assim como o Onório de antes não é o mesmo de hoje. Agora vá ensaiar que hoje à noite você tem apresentação.

## Capítulo Trinta



*Seis meses antes...*

Vitória conversava com Amanda no jardim de sua casa enquanto observava a pequena Rosalíe brincando com suas bonecas na varanda.

Alguns meses haviam se passado desde que confrontara Onório Ferman e durante todo aquele tempo continuava se apresentando no *Night Club*, pois temia suas ameaças.

Agora, avistando a filha brincando inocentemente, sentia o coração se comprimindo. “Como alguém pode ter coragem de ameaçar uma criança tão pura e inocente?”, pensava, um tanto distraída.

— Isso não está certo! — proferiu em voz alta, como se Amanda soubesse o que estava pensando. — Eu não posso viver acuada desse jeito. Não sou eu que devo ficar assim.

Amanda percebeu que os olhos dela estavam fixos em Rosalíe, e pressupôs o que o que estava acontecendo.

— Está se referindo ao Onório, não é? Olha, Vitória, com todas essas coisas acontecendo, toda essa enxurrada de informações nesses últimos meses e eu não tive tempo ainda de compartilhar com você o meu ponto de vista, você não faz ideia do quanto é difícil para mim continuar me apresentando no *Babylon* sabendo que o Onório é o meu pai, sabendo de todo o mal que ele causou a você. Eu sinto nojo, sabia? Às vezes me pergunto por que ainda estou lá, mas é como se tivesse que estar presente para te ajudar, para ir até o fim com o seu plano de justiça.

— Eu não sei se devo envolvê-la nisso, Amanda!

— Eu já estou envolvida. Desde o momento em que fui concebida por aquele monstro.

— Eu também não sei o que devo fazer, ou de que forma. Eu só quero que ele sofra, que ele tenha aquela sensação de que tudo perdeu o sentido.

Aquela tristeza que grita no peito e faz com que nenhuma outra voz chegue ao nosso ouvido. Quero que se sinta culpado, infeliz, arrependido e principalmente envergonhado; porque aí sim ele terá vivido ao menos metade de tudo o que eu vivi. Oito anos na prisão foi muito pouco, eu quero que ele sofra mais e eu não vejo outra forma de fazer isso do que arrancando aquilo o que mais tem amor...

— O *Babylon Night Club* — Amanda deduziu.

— Exatamente. Mas desta vez farei a coisa certa, tendo a lei ao meu lado. Eu só preciso de um bom advogado.

— Eu posso procurar na internet se você quiser? Não é trabalho nenhum.

Amanda ainda pretendia estender o assunto, mas ao avistar Rosalíe caminhando em sua direção, conteve-se.

A garota vinha em passos acelerados carregando em uma das mãos uma boneca que por alguma razão havia perdido a cabeça. Ao se aproximar do local onde as duas mulheres conversavam, parou, deixou a boneca cair no chão e apontou em direção à Amanda antes de falar:

— Eu não gosto dela!

Amanda encarou Vitória confusa, tentando compreender a situação. Aquela era a terceira vez em que ficava frente a frente com a irmã, e em todas elas, a garota sempre fora amável, nunca demonstrou nenhum tipo de rejeição, mesmo porque ainda não era conhecedora da verdade. Nem mesmo quando a surpreendeu escondida entre os arbustos do jardim, Rosalíe havia demonstrado uma reprovação como fazia agora.

No entanto, havia um dedinho rijo apontado em sua direção junto à afirmação.

— Lílie! Que modos são esses? — A mãe tentou consertar. — Não seja mal-educada, fadinha.

— Mas é verdade, mamãe. Ela é muito chata.

Vitória enfureceu.

— Rosalíe! Para o seu quarto, de castigo. Agora!

— Tudo bem. — Amanda tentou amenizar a situação. — Eu não me importo!

— Não, Amanda, ela tem que aprender que não pode sair por aí falando o que quer. Tem que aprender a respeitar as pessoas.

— Mas o que eu fiz? — A menina parecia tão confusa, quanto a mãe e a irmã.



— Peça desculpas à Amanda, Rosalíe!

— Por quê? A tia Amanda não gosta que fale mal dela? — O dedinho continuava em riste. — Mas eu não gosto mesmo, mamãe. Uma ratinha de vestido vermelho e sapato amarelo? Além de chata não sabe nem se vestir. Eu prefiro as princesas que são muito mais bem vestidas.

Envergonhadas, Vitória e Amanda caíram na gargalhada ao perceberem que a garota não se referia à irmã e sim ao desenho em sua camiseta.



Com o número de telefone do advogado que Amanda encontrara na internet em suas mãos, Vitória fez a ligação naquela mesma manhã e propôs que se encontrassem dentro de duas horas.

O encontro aconteceu por volta do meio dia. O lugar escolhido foi um restaurante italiano no bairro da Mooca e o homem diante de Vitória era totalmente o inverso do que ela imaginara encontrar. A formalidade, a postura social que na maioria das vezes os advogados transmitiam com o uso de terno camisa e gravata, foram dispensadas e substituídas por um aspecto mais despojado e jovial através de camiseta e jeans.

“Ainda um menino!”, Vitória pensou traída pela aparência.

— Desculpe fazê-la esperar. — Pediu, sentando-se à mesa, junto a ela.  
— Eu vim caminhando... Sabe como é, a gasolina e o estacionamento estão pela hora da morte.

— Tudo bem. — Vitória aceitou as desculpas. — Eu também não cheguei há muito tempo.

— Que indelicadeza a minha! — Estendeu a mão para cumprimentá-la.  
— Victor Pedroni, o homem que você precisa — corrigindo no mesmo instante. — No bom sentido, é claro!

O advogado ajeitou-se na cadeira. Pegou o guardanapo sobre a mesa, sacudiu no ar para desdobrá-lo e o estendeu em seu colo.

— Claro. Entendi — disse Vitória, em tom comedido.

Ele pegou o *menu* e começou a consultá-lo. De repente o largou apressado sobre a mesa e agarrou a faca que estava disposta ao lado do

prato. Vitória se assustou, mas o homem apenas sorriu.

— Eu já sei o que vou pedir, uma massa e um bom vinho. — Entregou o *menu* a ela. Vitória agradeceu. — Mas então? Vamos falar de negócios? Quero que saiba que coloco a sua disposição minha disponibilidade em ajudá-la e minha competência. — Victor Pedroni abriu um sorriso cordial, que fez com que Vitória começasse a simpatizar com ele. — Eu li rapidamente os documentos que a Amanda me enviou por e-mail. Se entendi bem o que você pretende fazer, acredito que são grandes as suas chances de êxito. Você tem tudo nas mãos. Além do *Babylon*, pode tirar qualquer coisa deste Onório Ferman. Até as calças se quiser.

— Quero apenas o *Babylon*.

Victor fez sinal para o garçom, que no mesmo instante aproximou-se da mesa disposto a atendê-lo. O advogado pediu Conchiglione à Camaresca e Vitória um Risoto De Funghi Secchi.

Quando o homem se afastou para providenciar os pratos, o assunto foi retomado.

— E quando acredita que podemos começar? — Vitória perguntou ansiosa.

Se restava alguma dúvida quanto a competência do advogado, ela foi embora assim que ouviu a resposta dele.

— Como assim quando podemos começar? — perguntou surpreso. — Não temos tempo a perder, minha querida. Começaremos hoje mesmo.

Por um momento, Vitória sorriu satisfeita. Um misto de sentimentos a dominaram naquele momento. Era felicidade, alívio, entusiasmo e principalmente paz. A paz que durante anos buscou e sabia que só seria reestabelecida ao conseguir justiça, diante das atrocidades que Onório havia cometido.

Estava acabando. O fim do tormento se aproximava, e isso a deixava contente.

— Vou explicar o que pensei em fazer.

O garçom voltou com os pratos e com o vinho que haviam pedido. Enquanto almoçavam, Vitória pontificava minuciosamente o seu plano. Victor Pedroni parecia ouvir a tudo atentamente, sem interrupções e sem questionamentos.

— Perfeito! — Elogiou. — Assim que deixarmos o restaurante, vou para casa redigir o contrato a ser apresentado ao Onório Ferman e você,

providencie a sua parte... Pode ficar feliz, Vitória, esta história está terminando.



— A senhora tem certeza de que deseja usar todo o dinheiro do fundo de renda fixa de sua filha, Rosalie Sá Marques?

A pergunta da gerente do banco soava a Vitória muito mais como uma acusação. Sentia-se envergonhada por tomar aquela decisão, e a desconfiança estampada no rosto daquela mulher não estava ajudando.

“É um empréstimo! Tenho que pensar assim. Vou conseguir devolver cada centavo que estou retirando.”

— Isso mesmo! — confirmou, tentando passar confiança em seu tom de voz. — Serão feitos dois depósitos — entregou um pedaço de papel à gerente. — Esse valor, nesta conta — o papel continha os dados bancários do advogado Victor Pedroni e a quantia seria utilizada para pagar os seus honorários. — E o restante será depositado nesta outra... — ofereceu um segundo pedaço de papel, neste havia os dados bancários de Onório Ferman.



— Mas que merda! — Onório praguejou esmurrando a mesa. — Era só o que estava faltando acontecer!

Tirou o maço de cigarros do bolso, acendeu um e expirou profundamente, sentindo a fumaça invadir seus pulmões, alimentando o vício e oferecendo o prazer que substituíra o nervosismo. Aquele já era o sétimo em menos de meia hora e a julgar por seu estado, não seria o último.

Leu e releu a notificação extrajudicial diversas vezes, até ter decorado cada palavra, cada acentuação ou pontuação nela descrita. Como se não bastasse a morte do pai, a queda de movimento no *Babylon* e os problemas com Vitória, agora ainda era processado por seus credores.

— O que mais falta acontecer, hein Deus? O que mais?

A resposta veio através de uma voz que ecoou por toda a sala, assustando-o:

— Com licença! O senhor deve ser Onório Ferman, estou certo?

Onório levantou a cabeça e direcionou seu olhar para o homem parado à porta. Vestia terno cinza chumbo e gravata azul Royal. Em uma das mãos trazia uma pasta de couro. O tipo clássico de um empresário, um advogado, um...

“Oficial de justiça?”, Onório se perguntou ao mesmo tempo em que se sentiu alarmado em pressupor o que estava para acontecer.

— Como entrou aqui?

— Aquela senhora que está fazendo a limpeza do salão disse que eu poderia entrar.

“E como eu não o vi chegar?”, ao mesmo tempo em que se perguntou, Onório olhou para o monitor de segurança em sua mesa, estava desligado. Estava tão perturbado com a notificação que acabou se esquecendo de ligar.

— E posso ao menos saber quem é você e o que quer aqui? — perguntou sem cerimônia.

O homem se aproximou.

— Eu diria que sou a solução para os seus problemas. — Sorriu. — Victor Pedroni, muito prazer.

Os dois trocaram um aperto de mão.

— E o senhor seria...? — Onório perguntou ainda sem entender o que estava acontecendo.

— Advogado. Eu aposto que um dos melhores e não estou sendo vaidoso, Sr. Ferman. Apenas quero deixá-lo ciente de que não entro em um caso se não for para ganhar.

— Por que acha que preciso de um advogado, senhor...?

— Pedroni. Victor Pedroni! Não estou aqui para oferecer os meus serviços, e sim para exercê-los.

— Não entendi!

— Vai entender. — O advogado aproximou-se da mesa onde Onório estava e mesmo sem ser convidado, sentou-se à sua frente. — Vamos considerar essa minha visita como a maior prova de que milagres realmente existem. Hoje é o seu dia de sorte, Sr. Ferman.

“Sorte? Eu acabo de saber que vou ser processado e você me fala em sorte?”

— A que se refere?

Victor Pedroni abriu a pasta que descansava em seu colo e tirou alguns papéis de dentro dela.

— Não me pergunte como consegui tudo isso, mas essas são todas as dívidas do seu *Night Club*.

Onório ignorou os papéis, não precisava deles para tomar conhecimento de seus débitos.

— Continuo sem entender.

— Eu pensei que essa nossa conversa seria um pouco mais fácil. Não que eu esteja dizendo que o senhor não é inteligente. Pelo contrário, acredito que é inteligente o bastante a ponto de se recusar a entender, mas se tem uma coisa nesse mundo da qual posso esbanjar, além do meu profissionalismo, é a minha paciência. Posso explicar quantas vezes forem necessárias. — Victor Pedroni fez mais uma tentativa de oferta dos papéis. Desta vez Onório os tomou em suas mãos. — O senhor tem consciência do que pode acontecer caso não venha a quitar nenhuma dessas dívidas, não tem?

Ele tinha.

— Por que não esquece toda essa lengalenga e vai direto ao ponto, Sr. Pedroni? Por que está aqui?

O advogado exibiu aquela curvatura em seus lábios que deixava Onório desconfiado e tentado descobrir a razão do sorriso irônico que nunca o abandonava.

— Como disse há pouco, hoje é o seu dia de sorte. — Abriu novamente a pasta e desta vez tirou de dentro dela um pedaço de papel de não mais que dez centímetros de altura e cinco ou seis de largura. — Tenho uma proposta irrecusável a lhe fazer.

Arrastou o pedaço de papel pela mesa, em direção a Onório.

— Se está pensando que eu vou vender...

— Calma! O senhor me pediu para ir direto ao assunto, então, por favor, deixe-me falar... Esse é um comprovante de uma transferência

bancária. Um valor significativo, Sr. Ferman, transferido esta manhã para a sua conta, que lhe dará a oportunidade de quitar todas as suas dívidas e se livrar de todo esses incômodos.

Victor Pedroni ficou observando o homem conferindo o comprovante bancário. Estava conseguindo. Agora era questão de minutos para que o proprietário do *Babylon* concordasse com a proposta e caísse em sua lábia. Vitória Maria Sá Marques estava realmente certa. Aquele homem era um grande idiota. Aceitaria a oferta mesmo sabendo que jamais conseguiria devolver aquele valor.

— Mas é muito dinheiro! — Onório exclamou eufórico.

— O suficiente para as contas e para manter a casa aberta.

Onório acendeu outro cigarro. A euforia que o tomava naquele momento pedia por isso.

— Em troca eu tenho que...?

Victor Pedroni tirou outro maço de papéis da pasta e colocou sobre a mesa.

— Precisa apenas assinar esse contrato, comprometendo-se a devolver o dinheiro no prazo de seis meses.

— Assim, tão fácil? Sem nenhuma restrição ou consequência?

O advogado levantou-se e se pôs a caminhar pela sala.

— Bem, Sr. Ferman, nem tudo na vida são apenas flores, não é mesmo? Afinal, o que seria das rosas se não tivessem os espinhos?

— Eu conheço tanto de rosas quanto conheço a quantidade de pelos que tenho em minha bunda, Sr. Pedroni. Seja mais claro, por favor.

Victor Pedroni abriu a boca para explicar, mas acabou fechando no mesmo instante em que uma terceira pessoa adentrou a sala.

— Pode deixar que eu explico, Victor!

Vitória estava à frente dos dois homens. O semblante confiante e altivo. Ao avistá-la, Onório pareceu surpreso.

— O quê? Então é você quem está por trás de tudo isso? Agora é que não entendi mais nada.

Vitória aproximou-se de sua mesa e direcionou a palavra ao advogado:

— Importa-se de nos dar cinco minutos a sós? — O homem balançou a cabeça negando e retirou-se da sala no mesmo instante. — Victor Pedroni é meu advogado, Onório, mas pedi que saísse porque tem algumas coisas que não contei a ele. As ameaças que você fez a minha filha, por exemplo. — Sentou-se na cadeira à frente da mesa dele. — Eu pensei muito sobre

isso. E acho que não podemos continuar desse jeito. Pense em como eu estou sabendo que a minha filha está na mira de todas as nossas desavenças. Foi por isso que eu decidi selar a paz. — Mentiu. — Essa proposta que o Dr. Victor Pedroni mostrou é a prova de que estou disposta a esquecer o passado.

Onório a encarava desconfiado.

— Não sei se eu acredito em você.

— Eu só estou querendo ajudar, Onório! — Vitória mentiu novamente. — Gosto de trabalhar aqui, como você mesmo uma vez observou, e não quero que a casa acabe fechando. Além do mais você terá seis meses para devolver o dinheiro.

— Ou então você se torna a nova proprietária! — Ele adiantou-se em concluir. — Agora é que não vou aceitar!

— Errado, Onório, agora é que aceitará.

O advogado retornou à sala, e Vitória aproveitou para solicitar sua ajuda.

— Explique a ele, Sr. Pedroni, o porque não deve recusar a minha proposta.

O advogado voltou à mesa e folheando as folhas do acordo, deixou evidente uma cópia de um documento.

— Aqui temos anexado ao contrato um xerox do Testamento Particular de Roberto Sales, seu pai. Queira ler, por favor!

Onório bateu a mão no papel, jogando-o ao chão.

— O que o testamento do meu pai tem a ver com essa palhaçada toda de vocês?

— Palhaçada quem faz são os palhaços de circo, Sr. Ferman. Eu sou um advogado, auxilio meus clientes em seus direitos ou deveres diante das nossas leis. — Abaixou-se e pegou o papel do chão. — Se deixar de lado sua arrogância e se atentar aos detalhes descritos nesta folha, vai entender que não estamos brincando. Na verdade, o que a minha cliente está fazendo é oferecer ao senhor a oportunidade de continuar com o seu estabelecimento. De um jeito ou de outro o senhor o perderia em questão de dias.

— E o que o faz pensar que eu vou concordar com a sua proposta?

— O fato de que o senhor escondeu o testamento, por não querer cumprir as exigências nele descritas.

— Do que você está falando?

— O testamento é claro, Onório! — Foi Vitória quem respondeu. — E você não respeitou a vontade de seu pai.

O advogado leu um trecho do documento:

— “...encontrando-me no meu mais perfeito juízo, sem qualquer tipo de induzimento ou coação, tomei a iniciativa de fazer o meu testamento particular, na forma prevista pelo art. 1876 do Código Civil, acompanhado de três testemunhas...” — Victor Pedroni deslizou o olhar pelo papel passando por partes que seriam desnecessárias e seguindo ao que finalmente importava. — “Passo a manifestar as minhas declarações de últimas vontades, a saber, que não tendo deixado herdeiros-necessários, instituo como meu único herdeiro meu filho Onório Ferman, a quem deixo um imóvel residencial localizado à rua...” — Outro adiantamento na leitura. — “Deixo também o estabelecimento ao qual dediquei todos os meus anos de vida, o *Babylon Night Club*...”

Desta vez a pausa se deu por uma interrupção de Onório:

— Não vejo nenhuma irregularidade, ou será que agora vão dizer que eu não sou Onório Ferman?

— Deixe que ele termine Onório.

Victor Pedroni continuou:

— “Deixo também o estabelecimento ao qual dediquei todos os meus anos de vida, o *Babylon Night Club*, com uma única ressalva: em caso de surgimento de novos herdeiros, o *Night Club* passa a pertencer aos meus netos. Assim expressadas minhas últimas vontades, espero que a mesma seja cumprida pela justiça.”

Onório começou a rir histericamente.

— Vocês dois são realmente ridículos! Chega a ser engraçado. É esse o argumento para me convencer a assinar esse acordo?

Vitória o encarou. Era chegada a hora de revelar toda a sua verdade. Naquele jogo, era o momento do xeque-mate.

— Ridículo é ver você achando que sabe de tudo quando na verdade não sabe nada! Você tem uma filha, Onório!

Ele arregalou os olhos assustado. O sangue esvaiu-se de seu rosto no mesmo instante.

— Você bebeu? Ou será que foi além e andou usando drogas? — perguntou confuso.

— O seu ato imundo e repulsivo de dezenove anos atrás resultou em uma gravidez. Uma menina, que por ironia da vida, você a conhece muito



bem; Amanda Fortes.

Se havia um resquício de controle em Onório, desapareceu de imediato. A notícia repercutia como uma bomba explodindo sobre sua cabeça. Destruindo, abrindo crateras e destroçando-o.

Não sabia o que pensar, o que falar, só queria fechar os olhos e quando os abrisse novamente aquelas pessoas terem desaparecido. Queria acreditar que tudo era mentira, que não se passava de mais um plano de Vitória para se vingar por conta do seu erro no passado, mas a expressão dela somada à expressão do advogado confirmavam tudo.

“Por Deus! Você conseguiu me destruir, Vitória!”

— Como vê, Sr. Ferman — o advogado deu continuidade à sua argumentação. —, de uma maneira ou de outra está prestes a perder o *Babylon* e tendo um amplo conhecimento sobre casos como o seu, eu o aconselharia a aceitar o acordo que minha cliente está lhe propondo. O dinheiro já está em sua conta. O senhor liquida suas dívidas, Vitória esquece o testamento em questão, e o senhor segue com suas atividades no estabelecimento comprometendo-se apenas a devolver o dinheiro.

Era o xeque-mate, não havia escapatória. Com os olhos marejados em lágrimas, Onório puxou o papel em sua direção. Tirou uma caneta da gaveta e sem pensar duas vezes, assinou-o.

— Ótimo! Agora levarei para reconhecer firma em cartório, para que o documento tenha valor legal e concluimos assim o nosso acordo. Foi um prazer fazer negócios com o senhor, Onório Ferman.

Victor Pedroni estendeu a mão, cumprimentou o homem estarecido que permanecia esparramado sobre a cadeira e abandonou o lugar.

Vitória fez menção de segui-lo, mas parou à porta. Virou-se para encarar Onório nos olhos e acrescentou.

— Eu me esqueci de falar... Continuo me apresentando aqui até que você tenha cumprido com a sua parte no acordo... se você tentar fazer qualquer coisa contra as minhas filhas, Amanda ou Rosalíe, pode estar certo de que vou agir contra você novamente. Não queira conhecer a fúria de uma leoa para proteger a sua cria. — Viu quando ele amoleceu o corpo sobre a cadeira, exausto, derrotado. — Sua corrida contra o tempo começa agora, Onório! Você tem seis meses para devolver o meu dinheiro ou então eu o terei vencido mais uma vez. Boa sorte!



PARTE TRÊS

**À SOMBRA DA  
VERDADE**

## Capítulo Trinta e Um



*Dias atuais...*

“Achou que com essa peruca loira e essa maquiagem vulgar eu não fosse reconhecê-la, Vitória Maria?”

Vitória sentiu a vergonha queimando em seu rosto diante da acusação do pai. Quando poderia imaginar encontrar Rômulo ali, naquele quarto de hotel? Nunca imaginaria que ele fosse descobrir os seus segredos daquela maneira tão humilhante e agora o homem a julgava e olhava para ela como se fosse a pior pessoa do mundo.

“Que humilhação, meu Deus! Que humilhação!”

A vida havia arrancado o véu que a encobria, que a escondia e que de certa forma a blindava. Escancarou a sua verdade impiedosamente, colocando-a em uma posição em que a mentira já não surtia mais efeito e a negação não seria aceita.

— Eu posso explicar! — Tentou amenizar a situação. — Se me deixar falar...

— Então é isso o que você é? — Rômulo perguntou, ignorando-a. — Uma prostituta?

A palavra proferida na boca do pai soou vergonhosa, acusativa e condenável.

— Não... Não! Não mesmo!

Rômulo tentava conter as lágrimas. O desgosto que sentia era tanto que se tornou impossível não chorar.

— E ainda não tem o mínimo de decência para assumir os seus erros! Que decepção, Vitória!

— Você não entendeu nada, pai!

— Ao contrário! Entendi muito além do que deveria e confesso que não sei mais o que pensar... Estou tentando encontrar razões ou justificativas,

mas é impossível, Vitória. Qualquer que seja a sua desculpa, certamente não me convencerá.

— Se continuar com esse pensamento, não mesmo. Eu só preciso que não seja tão arredo e me ouça — ela pediu, tentando se manter firme.

— Cuidado com suas desculpas, Vitória. Se não forem verdadeiras, a qualquer momento você poderá contrariá-las.

Ela puxou a cadeira que estava em um dos cantos do quarto e sentou-se à frente de seu pai, cobrindo o corpo novamente com o sobretudo. Como ele mesmo havia dito, nada do que dissesse o convenceria. Nada seria capaz de amenizar a decepção e o desgosto que havia lhe causado, mas não tentar também seria uma atitude covarde. Vitória podia ter todos os defeitos do mundo, mas covardia certamente não era um deles. Senão não teria chegado aonde chegou.

— Verdades e razões são estritamente individuais, pai! Mas talvez se conhecesse a história não apenas pelo final, mas por seu início também, desarmando-se desse seu moralismo “de fachada”, quem sabe não pudesse ao menos deixar de me julgar.

Apontou para o lugar à sua volta, fazendo referência ao fato de o pai sempre usar da moral e do conservadorismo, quando na verdade encontrava-se em um quarto de hotel, à espera de uma prostituta.

— Não estou desviando o foco do que aconteceu aqui, mas se você se acha tão certinho, tão conservador, não deveria ser adepto desse tipo de atividade. Isso não combina com você!

— Essa falta de pudor, de vergonha na cara também não combina com você, Vitória! Não foi para isso que criei uma filha — bradou Rômulo, irritado e constrangido ao mesmo tempo.

— Ah, claro! Você criou para ser submissa ao marido, para ficar trancada dentro de casa lavando, passando e cozinhando. Sim, porque mulher para você não pode ter opinião nem vontade própria. Tem que obedecer... “Sim, senhor” e “não, senhor!”. Não foi assim que fez com a minha mãe? Submetendo-a a uma vida de desgostos e opressões? Acho até que foi isso o que a matou.

Rômulo encarou a filha com o olhar faiscando toda a sua indignação e fúria.

— Você está misturando as coisas. A questão aqui não é a forma com que conduzi o meu casamento ou a causa da morte de sua mãe, é o seu

desrespeito, a sua promiscuidade e sua falta de pudor. Por Deus, Vitória, você é casada, é mãe...

— E sou uma mulher marcada! Você esquece facilmente as coisas, pai.

— Não, não me esqueci. — Rômulo refastelou-se na cama, a surpresa provocada pela situação roubava-lhe a firmeza das pernas. — Só não acho que neste caso os meios justifiquem os fins.

Vitória sorriu. Um sorriso carregado de sarcasmo.

— Os meios não justificam os fins! — repetiu ironicamente. — Você fala de um jeito, como se estivéssemos discutindo sobre política, religião, futebol ou qualquer outra coisa que não seja a minha vida. Estamos falando de experiências, pai! De mágoas, de ressentimentos, de feridas que transpassaram o tempo, mas nunca cicatrizaram.

— E por isso virou puta? Para curar cicatrizes?

— Você não é tão ignorante assim, pai! Eu sei que não é.

Houve um breve silêncio que pareceu durar uma eternidade. Vitória chegou a pensar em deixar o lugar, encerrar aquela conversa daquela maneira, sem mais explicações. Qualquer que fosse as suas razões, o pai jamais a entenderia. Mas ao invés de abandonar o local e se dar por vencida, continuou sentada à sua frente e voltou a insistir:

— Sei que tudo isso pode parecer absurdo, mas eu tive razões plausíveis para o que fiz, ou me tornei. Talvez para você não sejam razões legítimas, mas para mim, pai... para quem passou todos esses anos assombrada por fantasmas do passado, perturbada e movida por um único desejo de justiça, talvez então as coisas façam sentido. Talvez aos meus olhos, na opinião de quem passou por tudo aquilo o que você sabe que eu passei, essa minha nova condição, essa postura, não seja tão inaceitável assim... Não estou me eximindo de culpa, não! Eu reconheço os meus erros, sofro por cada mentira que tenho que contar, mas eu também sei que escolhi o melhor caminho, que fiz o que tinha que ser feito para que um dia eu possa viver em paz.

Rômulo ouvia a tudo atento. Embora não concordasse e não aceitasse as justificativas da filha, ainda assim havia decidido deixá-la se explicar.

— Você não faz ideia do que é viver atormentada por lembranças, por questionamentos... Eu me perguntava todo dia o que teria acontecido com aquele homem que me violentou, que castigo a vida havia lhe aplicado, sim porque a lei foi branda pra ele.

Quando o encontrei, e vi que estava solto, vivendo como se nada tivesse acontecido, eu não pensei em mais nada, somente na necessidade de fazer justiça com as próprias mãos. — Vitória sentiu a emoção comprometer a firmeza de seu tom de voz.

O celular dela tocou, assustando-a. O som escolhido como toque de chamada era estridente e irritante, o que na maioria das vezes a fazia atender de imediato, ansiando cessá-lo, mas desta vez foi diferente. Não o atendeu. Ao invés disso, ficou parada com o aparelho entre as mãos e o olhar caído sobre ele.

“Ah, Ben! Que péssimo momento para ligar!”

A ligação do marido, embora não atendida, só a deixou ainda mais culpada.

“Agora não meu amor! Falo com você assim que terminar aqui!”

— Eu poderia passar horas aqui explicando tudo o que aconteceu para que eu viesse parar neste quarto, mas seria perda de tempo, você continuaria a me ver como uma prostituta.

— Ora essa, e o que você é então? Tem outro nome para isso o que você faz?

Vitória se levantou. Era tolice continuar com a conversa.

— Eu desisto! Nada do que eu disser vai mudar o meu veredito, para você eu sou culpada.

— E não é para ser assim, Vitória? Você trai seu marido, mente para a família e quer que eu acredite que o motivo é um abuso que você sofreu há o quê? Vinte anos atrás?

“Ainda que fosse mil anos, eu jamais esqueceria o que passei.”

— Tem razão, pai! Não foi por causa do abuso sexual que me tornei essa mulher que você tanto condena, foi por sua causa!

Rômulo foi pego de surpresa com a acusação.

— O quê? Você ficou maluca?

— É verdade! A culpa é sua e dessa sua mania de sempre pensar naquilo o que é melhor para você. Esse seu moralismo barato me irrita, sabia? Essa sua falsa decência, chega a ser patético.

— Do que você está falando? Por Deus, seja mais clara!

Vitória estava frente a frente com o pai. As palavras jorravam de sua boca com fúria, como se pudessem se chocar contra ele e o ferir.

— Tudo poderia ter sido diferente, pai, se não fosse por você a história poderia ter tomado outro rumo, menos dolorido, menos equivocado.

— Você está falando isso porque na noite do ocorrido estava a minha procura pelas ruas do bairro, não é? Nunca foi capaz de me perdoar!

— Não, pai, o estupro aconteceu porque aquele homem, Onório Ferman, dono desta casa na qual você ligou e solicitou companhia, era um perverso. Aconteceu por ele ser um doente nojento. A sua culpa é atribuída a essa sua fragilidade, a essa sua submissão. Você não fez nada, pai! Eu cheguei em casa desesperada, aos prantos, você já estava lá, eu contei o que havia acontecido e você não fez nada! Não tomou nenhuma providência. Se não fosse a ajuda da minha mãe, eu talvez nem tivesse conseguido denunciá-lo. Porque você não se deu ao trabalho de me acompanhar.

O celular tocou novamente. Benjamin insistindo. Desta vez Vitória encerrou a ligação e substituiu aquele som irritante pelo modo vibratório.

— Talvez se você tivesse me apoiado na época, ficando do meu lado, impedido que eu entregasse a minha filha para adoção, hoje não estaríamos aqui, pai, eu não precisaria ter feito o que fiz para cobrar a justiça que mereço. Eu estaria feliz vivendo como esposa, mãe e filha, sem esconder nada de ninguém.

Vitória ajeitou o sobretudo, pegou a bolsa que estava pendurada na cadeira e a colocou sobre seus ombros. Não havia mais porque continuar ali.

— É muito mais fácil condenar do que tentar entender, não é? Ninguém é bom ou mau porque quer, nem sempre nossas escolhas nos levam para o caminho certo. Às vezes somos apenas marionetes nas mãos do destino.

Estava quase deixando o quarto quando a voz trêmula e sôfrega do pai a deteve:

— Seu marido... sua filha! O que pensarão disso?

Encarou-o com tristeza no olhar.

— Você pretende contar? — perguntou receosa da resposta que receberia.

— Não sou eu quem tem que contar, mas quando ele souber, eu não vou me opor caso ele decida tirar a menina de você. Benjamin terá o meu apoio. Agora, se pretende consertar toda essa bagunça, é imprescindível que ao menos uma vez na vida seja honesta com eles. Acabe de uma vez por todas com isso, Vitória!



— Mas que droga! — Benjamin praguejou para o colega, o policial Sérgio Trajano. — Ela não atende. — Desligou o celular e o arremessou no banco traseiro do carro. — Alguém pode me explicar o que está acontecendo?

Encontrava-se há mais de quinze minutos no interior do veículo no estacionamento do hospital Pérola Prado. A conversa que tivera minutos atrás com a recepcionista martelava em sua mente; Vitória não trabalhava mais ali e já fazia mais de um ano!

Benjamin começava a se preocupar. O comportamento de Vitória nos últimos dias era o motivo principal de suas preocupações; começou com o seu descontrole ao saber através do noticiário na TV sobre a morte de Amanda Fortes, em seguida sua necessidade excessiva de negação quando a filha Rosalíe a reconheceu através da foto utilizada para ilustrar a reportagem, então veio o desconforto explícito a cada vez em que o nome da garota era mencionado. Depois as mentiras; primeiro sobre sua ida ao velório, agora a descoberta de que há mais de um ano não trabalhava no hospital Pérola Prado.

Onde trabalhava então? Para aonde ia quase todas as noites quando alegava estar em plantão?

“Mentiras, mentiras e mais mentiras”, pensou, engolindo em seco. “O que você está escondendo, Vitória?”

Benjamin não conseguia entender as atitudes da esposa. Se Vitória não trabalhava mais no hospital, por que havia escondido dele? Chegou a pensar em uma possível vergonha de contar que perdera o emprego, mas desistiu logo em seguida. Sustentar aquela mentira durante um ano parecia uma ideia absurda demais para que aceitasse facilmente. “E o dinheiro que ela traz todos os meses para casa? Como consegue?”

Foi então que Benjamin teve um pensamento que resultou em um arrepio percorrendo por toda a sua espinha. Uma desconfiança passou a reinar em sua mente.

“Não... Vitória, não! Você não faria isso.”



Começou a tatear descontroladamente o banco traseiro do carro. Sem encontrar o que procurava.

— O celular... Vamos, Trajano, me ajude a encontrá-lo. Rápido! — Sua ansiedade chegava a ser irritante. Grosseira.

Trajano curvou-se sobre o banco do carona e pegou o aparelho que havia caído no chão, ao ser arremessado minutos atrás.

— Está aqui... — Entregou a ele. — Mas calma aí, cara, você não vai resolver nada nervoso desse jeito.

Em silêncio, Benjamin reproduziu a sequência de toques na tela do aparelho para desbloqueá-lo. Em seguida tocou no aplicativo do seu banco e uma janela se abriu pedindo para que informasse a agência e conta, digitou os números e confirmou. A segunda tela a ser exibida pedia para que digitasse a senha eletrônica, utilizada apenas para transações online, tocou na sequência de seis números e o aplicativo exibiu uma barra de tarefas onde era possível consultar o saldo de conta corrente e poupança, efetuar transferências ou pagamentos de contas. Optou por saldo da conta poupança.

Foi tomado por uma sensação de alívio. Ainda que não muito, o dinheiro que guardara em conjunto com a esposa permanecia inalterado. Não era dali que Vitória vinha retirando o seu “suposto” salário. Restava saber de onde provinha.

Estava quase fechando o aplicativo quando uma nova suspeita perpassou seus pensamentos. Uma ainda mais assustadora do que a anterior, e que se fosse concretizada, certamente se tornaria impossível de ser perdoada. Voltou a página inicial do aplicativo, digitou o número de outra conta bancária, a senha eletrônica, confirmou e... bingo! O dinheiro da conta poupança da filha, Rosalíe, havia desaparecido.

— Ah, Vitória! O que você está fazendo?

O policial Trajano, mesmo ciente de que a fúria do colega poderia se virar contra ele, presenciando toda a sua irritabilidade e seu descontrole emocional, resolveu arriscar e cutucar a onça com vara curta.

— Fala, cara! O que está acontecendo? Você foi até o hospital e descobriu que sua mulher não trabalha mais lá, certo, eu também ficaria surpreso se fosse comigo. Tem o lance dela ter mentido que não ia no enterro e você a viu lá, estranho eu sei, mas o que está te perturbando de verdade? Você tá aí todo nervoso, mexendo nesse celular compulsivamente... Não! Espere! Você acha que ela tem um amante? Pior,

você não está pensando que a Vitória tem alguma coisa a ver com a morte daquela garota do lago, né? — Ben continuou imóvel. — Ai, merda! Está?

Ao contrário do que o amigo esperava, Benjamin não gritou, não praguejou, não explodiu sua fúria como faria em qualquer outra situação. Agora seu comportamento era outro. Embora estivesse enfurecido, seus movimentos não foram bruscos, seu tom de voz não estava alterado e não descarregou sua fúria em cima do policial Sérgio Trajano. Havia alguma coisa que o moderava e ao mesmo tempo o consumia em tristeza.

— É impressionante como nos enganamos com as pessoas, Trajano! Oito anos. Vamos fazer oito anos de casados e de repente eu descubro que não conheço a mulher com quem me deito todas as noites.

— Você não está exagerando, Benjamin? Quem nunca contou uma mentirinha de vez em quando? — Levantou o dedo indicador da mão direita em riste e o balançou no ar, dando a devida importância às suas palavras. — Pode acreditar, meu amigo, as mulheres também mentem.

— Eu não sei se minha mulher tem um amante, mas sei que Vitória gastou todo o dinheiro que estávamos guardando para os estudos da nossa filha. Simplesmente esvaziou a poupança sem ao menos me consultar. Consegue imaginar agora como estou me sentindo? É uma mistura de raiva por ter sido enganado, com indignação por ter sido traído. Sim, porque quando se vive uma vida a dois, esse tipo de atitude também pode ser considerado traição.

— E o que pretende fazer agora?

A pergunta de Trajano o pegou de surpresa. Benjamin sabia o que estava sentindo. Consequia imaginar a grandiosidade da confusão a qual Vitória estava se metendo, mas não sabia responder como se comportaria quando ficassem frente a frente, quando cobrasse dela uma explicação plausível e aceitável.

— Se ao menos ela atendesse as minhas ligações, Trajano! Eu poderia pensar sobre o que fazer..., mas tudo o que consigo é ouvir essa voz irritante informando que o telefone está fora de serviço.

— Ah! Eu acho tão sexy — Trajano brincou.

— Por que será que eu não me surpreendo com isso? Respirou e usou saia, você já acha sexy, não é?

O policial fez uma careta em desaprovação.

— Quando foi que você passou a ser adepto do humor negro? — Esperou que sua piada quebrasse um pouco o clima tenso que pairava do

lado de dentro do carro, o que não aconteceu.

— Bom, se está realmente “grilado” com essa história, por que não vai pra casa, Benjamin? Se a sua mulher não estiver lá, toma uma dose de uísque, tenta relaxar e quando ela chegar, vocês conversam, cara! De repente você está aí se martirizando e na verdade ela usou o dinheiro por uma causa justa.

— Ainda assim, Trajano. Ela deveria ter me avisado.

Benjamin colocou a chave na ignição e deu partida no carro.

— Vou te deixar na delegacia — anunciou para o companheiro.

— Mas eu achei que já estivesse dispensado por hoje.

— Não antes de fazer uma coisa pra mim. Eu quero que você levante todas as informações que conseguir sobre esse *Babylon Night Club* e sobre o proprietário dele... Como é mesmo o nome?

— Onório Ferman!

— Isso! Alguma coisa me diz que esse lugar é a chave para a solução desse mistério sobre a morte de Amanda Fortes e sobre o envolvimento dela com Vitória. Não sei, pode parecer paranoia, mas estou com o pressentimento de que essa morte, as mentiras que acabei de descobrir, é tudo uma coisa só. Afinal de contas, a foto no celular da garota mostrava as duas em frente ao Babylon. Seja lá o que aconteceu, Trajano. Vitória sabe e está escondendo de mim.



Benjamin entrou em casa pela segunda vez naquele dia, apressado e procurando pela esposa. Mais uma vez Vitória não estava, mas ao contrário do que ocorrera mais cedo, agora não foi a empregada Carmela quem o recepcionou, desta vez foi a babá contratada para cuidar da filha Rosalíe. Quando a garota disse que sua esposa ainda não tinha retornado, saiu tão apressado quanto entrara. Estava ansioso e impaciente demais para sentar no sofá e esperar que voltasse.

“Se é que ela voltará!”

Precisava de respostas. Precisava acalmar de uma vez por todas, aquela inquietação que martelava sua mente. Não fazia a menor ideia de onde a esposa poderia estar, mas sabia de alguém que talvez pudesse o ajudar a encontrá-la. Digitou o endereço de destino no GPS e seguiu as instruções fornecidas.



“Acabe de uma vez por todas com isso, Vitória! ACABE DE UMA VEZ POR TODAS!”

O conselho dado pelo pai, minutos atrás, repercutia na mente de Vitória feito um CD riscado.

“Ainda usam CD?”, por um momento chegou a se perguntar, desviando sua atenção. Sozinha com seus pensamentos, caminhava pelas ruas escuras e desertas do centro da cidade. Em qualquer outro dia, estaria amedrontada e receosa por fazer aquele percurso, não era segredo para ninguém os inúmeros casos de violências ocorridos naquele bairro, mas naquela noite não. Vitória encontrava-se tão perdida e sem rumo, que a vontade de seguir adiante ultrapassava qualquer medo que pudesse a acometer.

Depois de tudo o que havia lhe acontecido, a última coisa da qual desejava, era voltar para casa. Era como se sua força, seu controle para tomar posse de sua família e assumir o papel de mãe e esposa devotada, tivessem desaparecido no momento em que a outra fora confrontada. A outra, a dançarina, stripper e prostituta como o pai mesmo a havia chamado. A outra que vivia dentro dela, que a cada dia sobrepunha-se mais, ocupava mais espaço, ameaçava tornar-se a única. Aquela que nascera no dia do abuso sexual, e desde então vivia por um único objetivo; fazer justiça com as próprias mãos.

“Acabe com isso!”

Mas por outro lado, talvez o pai estivesse certo. Talvez agora que ele havia descoberto seu segredo e tencionava compartilhá-lo, agora que sua verdade fora escancarada vergonhosamente, não lhe restasse alternativa a não ser destruir a grande mentira que havia construído durante todos

aqueles anos. Era a hora de exorcizar a outra, de expulsá-la de sua mente e tomar o seu lugar por direito.

O momento ao qual tanto temia havia chegado. Teria que encarar o marido com toda a coragem necessária e contar quem ela realmente era, o que havia feito de sua vida e tudo aquilo o que sabia.

“De uma vez por todas!”

Faria isso mais tarde, quando chegasse em casa. Agora precisava caminhar, sem rumo, sem pressa de chegar. Apenas caminhar, sentindo o cansaço tomando conta do seu corpo, vencendo-o e eliminando aquela adrenalina que a conversa com o pai havia ocasionado.

Um calafrio lhe percorreu a espinha. Seria outro presságio ruim?

Sua mãe costumava dizer que a vida sempre encontra uma maneira de nos avisar antes de sobrevir uma desgraça, nós é que estamos sempre tão dispersos que nunca damos a devida atenção a ela.

Gotículas de água caíram sobre sua cabeça. Estava chovendo. Era como se a natureza complacente, também chorasse a sua tristeza. Vitória pensou em correr e procurar um lugar para se abrigar. Mas por que insistir em manter o corpo seco quando a alma encontrava-se encharcada?

Continuou a caminhar sem se importar com a chuva. Passou a desejar que ela tivesse a capacidade de levar com ela toda aquela vergonha, todo aquele arrependimento que estava sentindo. O frio em seu corpo era apenas a representação do que ela havia se tornado; gélida. Glacial ao sentimento alheio.

Não pensou no pai, no marido e na filha em momento algum. Foi egoísta, estúpida e totalmente cega. Só conseguia enxergar o seu mal, a sua dor, sem perceber que acabava provocando os mesmos sentimentos naqueles que a rodeavam.

Foi um erro bancar a justiceira. Deveria ter confiado em seu marido, em sua capacidade como delegado. Ter contado a verdade desde o início e deixado que Onório Ferman pagasse por seus erros da maneira correta.

“Como fui tola!”, repreendeu-se.

Vitória caminhou por mais alguns minutos travando uma discussão mental com sua própria consciência; culpando-se e martirizando-se, até se dar conta do lugar onde havia ido parar, ao avistar o letreiro que piscava em azul e vermelho; *Babylon Night Club*. Não havia se dado conta de o porquê fora parar ali, mas sabia sem a menor sombra de dúvidas o que precisava ser feito.

Entrou pela porta dos fundos e foi direto a sala de Onório.  
“Acabe de uma vez por todas com isso!”



Benjamin estacionou a viatura da polícia em frente à modesta residência da Rua do Glicério. Um daqueles sobrados germinados de fachada ancestral e completamente degradada. Desceu apressado, contornou o veículo e tocou a campainha impaciente enquanto encolhia-se contra o portão, tentando proteger-se da chuva debaixo do pequeno telhado. Todas as luzes no interior da casa estavam apagadas, o que o fez pensar na possibilidade de os moradores terem saído. Tocou novamente a campainha. Sem resposta. Já estava deixando o lugar quando a porta foi aberta e a figura de um homem magro, aparência cansada, usando um pijama de algodão azul marinho com listras bege apareceu. O homem certamente fora acordado com o som da campainha.

Benjamin consultou o relógio em seu pulso e só então tomou conhecimento do quanto era tarde.

— Pois não? — o homem perguntou revelando sua indisposição por ter seu sono interrompido.

— Delegado Benjamin Marques. Preciso falar com a Carmela.  
Seu semblante alarmou-se.

— Misericórdia! O que foi que ela fez?

Por um momento, Benjamin pensou já ter ouvido aquela voz rouca e forte, mas do lugar onde estava não conseguia afirmar se já havia conhecido aquele homem em outra oportunidade. Ao buscar em suas memórias, a resposta seria não. Estivera diversas vezes ali, trazendo a empregada depois de um dia de trabalho, mas nunca haviam se encontrado.

— Eu só preciso conversar com ela. Prometo ser o mais rápido possível.

O homem fez sinal para que entrasse.

— Ande logo, está se molhando todo.

Benjamin destrancou o portão e correu até a porta principal onde o marido de Carmela o aguardava ali e com a ajuda da claridade projetada do interior da casa, ele conseguiu enxergá-lo com a nitidez que a distância e a escuridão da noite não permitiram.

E o reconheceu.

— Você é aquele homem que certo dia estava fazendo suas pregações em praça pública. O pastor.

— Eu faço a vontade do nosso senhor, mas agora é melhor entrar, vou buscar uma toalha para se secar. Vai acabar adoecendo se continuar molhado do jeito que está.

Benjamin permaneceu inerte onde estava. Coincidências demais vinham acontecendo em sua vida recentemente. Começava a desconfiar.

— Vamos homem. — O pastor insistiu antes de ir até o banheiro e voltar trazendo uma toalha.

Benjamin a pegou de suas mãos e secou-se com ela.

— Você disse que é da polícia?

— Delegado Benjamin! — Carmela exclamou enquanto descia a escada vestida em um robe amarelo. — Ele é o meu patrão, Júlio... A propósito o que está fazendo aqui, Sr. Marques? Quando deixei sua casa esta tarde estava à procura de sua esposa. Aconteceu alguma coisa com a Dona Vitória?

— Isso é você que vai me dizer, Carmela.

A mulher aproximou-se e ofereceu uma cadeira para que se acomodasse, sentando a sua frente em seguida. Júlio, percebendo que a conversa seria algo que dizia respeito somente à esposa e ao delegado, deixou a sala, voltando para o quarto.

— Eu não a encontrei, Carmela! — Benjamin adiantou-se. — Nem mesmo o celular ela atende.

— O senhor disse mais cedo que a procuraria no hospital...

— Eu fui — Benjamin respondeu. — E ela não estava.

— Não estava?

Embora Carmela soubesse da relação de Vitória com Amanda, desconhecia completamente o fato da patroa não mais trabalhar como enfermeira.

— Ela se demitiu há um ano e sabe-se lá o que está fazendo agora. Por isso vim conversar com você.

— Mas eu não sei onde ela está.

— Mas com certeza sabe de muito mais coisas que eu. Vocês mantêm uma relação que vai muito além de patrão e empregado, Carmela. Vocês duas são amigas. É impossível que Vitória nunca tenha confidenciado nada.

— Não sei aonde o senhor pretende chegar — Carmela desconversou, pois sim, a patroa havia confidenciado muitas coisas a ela.

— A verdade, Carmela. É só isso o que eu quero saber.

— Por Deus, Sr. Marques! Então o senhor acha que sua esposa está mentindo, que esconde alguma coisa, e vem até mim tentando descobrir o que é?

— E vim como um amigo! Como um marido desesperado para saber o que está acontecendo, mas posso voltar oficialmente se preferir; com uma intimação judicial. Posso transformar essa nossa conversa como peça chave para a investigação sobre a morte de Amanda Fortes, você escolhe.

— Não! Por favor, não faça isso. — Carmela estava pálida. Pensou nos vizinhos, na vergonha que seria se a presenciassem saindo escoltada por um policial rumo à delegacia. Será que acreditariam que era inocente em relação a morte de Amanda? As pessoas julgavam demais.

— Eu só preciso saber o que está acontecendo, Carmela! Não posso continuar com essas desconfianças em minha mente.

Por um momento sentiu pena dele, conseguia imaginar a angústia que estava sentindo e não concordava com nada do que Vitória estava fazendo. Se não quisesse contar sobre Amanda Fortes, tudo bem, era um direito seu. Talvez não uma decisão correta, mas ainda assim um direito. Contudo, inúmeras outras mentiras foram contadas e agora havia o sumiço também. Era visível que Benjamin estava em frangalhos, destruído por dentro. Não era justo continuar enganado.

Vitória a esfolaria viva se abrisse a boca e falasse demais, mas por outro lado, havia aprendido com a sua religião que mentir era um dos pecados mais condenados por Deus.

— Não sei onde ela pode estar — Carmela insistiu. — Não sei o que está acontecendo, mas me sinto na obrigação de dividir com o senhor o pouco que sei. Que Deus me ajude e a Dona Vitória me perdoe! — Carmela precisou encher-se de coragem para conseguir falar. — Esta manhã eu lhe contei sobre uma caixa de madeira que sua esposa me pediu para dar sumiço. Na verdade, eu fiquei com vergonha de dizer que fui curiosa a ponto de descumprir uma ordem.



— Sua vergonha é o que menos importa agora, Carmela! Não estou aqui para julgá-la, só quero saber o que está acontecendo.

Ela decidiu não prolongar mais e ir direto ao assunto.

— Dentro da caixa havia um diário de Amanda Fortes e uma foto com sua esposa na porta daquele clube de perversão que a garota trabalhava.

“A mesma foto encontrada na memória do celular de Amanda Fortes!”, Benjamin concluiu.

— Foi por isso que a Dona Vitória me pediu para desaparecer com a caixa, ela tinha medo que o senhor descobrisse que as duas possuíam uma ligação muito mais importante do que a mentira que ela havia contado, de que trabalhavam juntas no hospital.

Amanda nunca foi enfermeira. As duas se conheceram em uma situação um pouco mais complexa. — Carmela fez uma pausa. Respirou fundo e continuou sua narrativa. — A Dona Vitória vem tentando todos esses anos esconder o seu passado. Algo que aconteceu antes mesmo de vocês se conhecerem, mas que por vergonha, eu acho, ela não teve coragem de contar.

Benjamin estava impaciente. Quanto mais remexia naquela história, mais coisas iam aparecendo para dar a certeza de que realmente não conhecia a mulher com quem estava casado.

— Que passado, Carmela?

— Uma filha... Amanda era filha da Dona Vitória.

— O quê? — Benjamin estava surpreso. — Como assim, filha?

— Vitória sofreu um abuso sexual quando ainda era uma adolescente, esse abuso além de marcas profundas em sua alma, deixou também uma gravidez. Quando a criança nasceu, Vitória decidiu entregar para a adoção. Dizem que ela nem conseguiu olhar a menina. Era como se a sua existência trouxesse de volta as lembranças do ocorrido.

— Esses anos todos e eu nunca soube de nada! — exasperou Benjamin, sentindo o coração acelerar.

— Com o passar dos anos, Vitória se arrependeu de não ter ficado com a filha e tinha vergonha da sua atitude. Nenhuma mãe deveria abandonar um filho, por qualquer motivo que fosse. A cada dia ela só conseguia sentir mais culpa e mais arrependimento.

Benjamin pensava no descontrole da esposa ao tomar conhecimento da morte da garota, a negação para Rosalie, quando a menina reconheceu a foto no noticiário da TV, o nervosismo resultando em algumas xícaras

quebradas, sua vontade irreversível de estar presente durante a autópsia do corpo, o choro demasiado durante o enterro, seu comportamento estranho de esconder-se atrás de um tronco de árvore e não querer ser vista. Agora tudo fazia sentido. As peças do quebra-cabeça se juntavam finalmente.

— Quando Amanda morreu, Vitória então me pediu para que sumisse com aquela caixa, tinha medo de que com a investigação do assassinato, você chegasse até esse passado que ela tanto tentava esconder. Tinha medo que descobrisse e não a perdoasse.

Embora tudo aquilo tivesse provocado uma dor de cabeça incômoda, o delegado ainda não estava satisfeito. Restavam inúmeras perguntas que precisavam de respostas.

— E por que ela mentiu que estava trabalhando no hospital Pérola Prado, Carmela? O que realmente ela está fazendo?

— Essa pergunta eu não sei responder. Posso dizer que estou tão surpresa quanto o senhor. Sobre isso, Vitória nunca me disse nada. Desculpe se não era o que queria ouvir, mas tudo o que sabia já contei. Não há mais nada em que posso ajudá-lo.

Benjamin percebeu que aquele era um convite a se retirar. Já se passava da meia noite e Carmela desejava voltar para a cama, onde o marido a aguardava.

Levantou-se para deixar a casa. Foi então que seu celular tocou, detendo-o. O número identificado era da delegacia, o policial Sérgio Trajano.

— Pronto. — Atendeu o delegado.

— Cara, tá sentado? — Trajano perguntou com a euforia denunciada em seu tom de voz. — Se não estiver é melhor se sentar para ouvir o que eu descobri.

— Pode falar, Sérgio. — Benjamin manteve-se em pé. Estava tão perplexo com tudo o que acabara de descobrir, que nada mais poderia surpreendê-lo.

— Você não vai acreditar no que eu tenho para contar...

— Posso tentar se você deixar de enrolação e falar de uma vez.

— Você lembra o que havia me pedido, não é mesmo? — Trajano perguntou e ele mesmo respondeu à pergunta. — Para vir para a delegacia e descobrir tudo o que eu conseguisse sobre o Onório Ferman e sobre o *Babylon*.

— E?

— E aí, meu amigo, que eu fui muito mais além. Eu pedi ajuda para aquele meu primo de Carapicuíba, você sabe quem é... o Gustavo, o Guto.

— O nerd da internet — Benjamin acrescentou.

— Nerd? Muito mais que isso, cara. Ele é um mago da internet. Consegue coisas que até mesmo Deus duvidaria... É impressionante como vivemos expostos, não é mesmo? Basta um clique e pronto, você sabe até o que o indivíduo comeu no jantar. No caso do Onório Ferman, foi Espaguete à Putanesca, o cara postou uma foto a menos de uma hora. — Trajano começou a rir debochadamente.

— Acho que não entendi a piada — Benjamin interviu.

— Não... É só que achei engraçado, o cara tem uma casa de prostituição. Sim, porque é isso o que aquele lugar é... e come macarrão à Putanesca? — Mais risadas. — Achei sugestivo.

— Você não me ligou para contar que descobriu as preferências gastronômicas de Onório Ferman, não é?

— Não mesmo, chefe. Descobri que essa história de Onório, Amanda e... — Trajano hesitou em continuar, por saber que o próximo nome a ser pronunciado não agradaria o delegado. — Vitória — concluiu. — É muito mais complexa do que imaginávamos. Sabe aquela expressão; quanto mais mexe, mais fede? Pois bem, é tanta merda para um único caso que eu acho melhor protegermos nossas narinas.

— O que você descobriu, Trajano?

— Eu e o meu primo, não posso deixar de dar crédito ao garoto. Ele foi perfeito... Você não estava errado, chefe, quando suspeitou que aquele *Night Club* pudesse ser a base central de todas essas mentiras que sua esposa vem lhe contando. E se me permite um palpite, não hesitaria em arriscar que também é a base central do assassinato de Amanda Fortes.

— Como chegou a essa conclusão?

— Todos eles se conhecem, Benjamin! Não posso afirmar o grau de conhecimento de cada um, mas quero morrer branco se eles não se falam até hoje.

— Você é branco, Trajano! E de quem exatamente você está falando? Porque sabemos que a Amanda está morta.

— Você vai entender logo, chefe. Ainda está na casa da Carmela?

— Estava de saída.

— Não! Espere mais um pouco aí.

— Você sabe que horas são? Ela e o marido já estavam dormindo.

— Amanhã você dá folga para ela dormir o dia todo. Agora ouça essa; Onório Ferman tem um histórico vasto de confusão. Não é o homem honesto e trabalhador que ele tentou parecer quando o interrogamos. Até seis meses atrás ele devia uma “grana preta” a fornecedores do clube. Encontramos na internet alguns processos contra ele. Parece que com a morte do pai, ele perdeu a mão para os negócios e iniciou assim sua decadência. O lugar nunca mais foi o mesmo. O show que a casa apresentava passou a ser vitrine para garotas de programa oferecerem seus serviços. Telefonei para uma delas, aquela toda lindinha, a Alice Jardim. Ela me garantiu que é o Onório quem faz a transação com os clientes. Isso o torna um cafetão. — O policial Trajano falava sem parar, trazendo em seu tom de voz a satisfação por ter feito um ótimo trabalho de investigação. — Alice também me falou que há um ano mais ou menos o pai dele, Roberto Sales Ferman, esteve internado sabe onde? No hospital Pérola Prado. O mesmo que sua esposa trabalhava. Dá pra acreditar? Mas agora vem a parte curiosa da história: há cerca de seis meses atrás, ele conseguiu o dinheiro para pagar suas dívidas.

— Como ele conseguiu?

— Ótima pergunta, delegado, eu também a fiz ao meu primo e o garoto rastreou a conta bancária do safado e acabou descobrindo uma transferência. Adivinha em nome de quem?

Benjamin sentiu medo de responder aquela pergunta.

— É isso mesmo chefe. A Vitória transferiu o dinheiro para a conta dele e para uma segunda conta que ainda não conseguimos identificar de quem se trata. Supostamente seja o dinheiro da conta da filha de vocês que desapareceu.

“Seis meses”, Benjamin pensou. “E eu não desconfiei de nada.”

— Benjamin? — Trajano perguntou ao perceber que a ligação ficou muda. — Ainda está aí?

O delegado tinha um nó formando em sua garganta, impedindo-o de falar.

— Si-sim... Continue.

— Eu deixei por último o melhor, chefe. Tipo o “*Grand finale*”, saca?

— Eu vou sacar a minha arma e dar dois tiros na sua cabeça se não falar de uma vez por todas.

— Calma, chefe! Que impaciência..., mas o que eu queria falar é que Carmela, a sua empregada, essa que deve estar à sua frente agora... — No

mesmo instante, Benjamin pousou o olhar sobre a mulher. — Ela também conhece Onório Ferman. É isso mesmo o que você ouviu, mas eu vou deixar que ela mesma explique a você. Pede para ela falar sobre a *USD*. Não esquece hein, é *U-S-D*. Boa sorte chefe, até amanhã.

A ligação foi encerrada.

# Capítulo Trinta e Dois

ELE



“Desapareçam da Terra os pecadores, e os ímpios não sejam mais.”  
(Salmos 104:35)

A mensagem extraída de um dos Salmos da Bíblia, descrita em negrito na tela do computador, prendia a minha atenção a ela com tanta veemência que eu não conseguia mais parar de ler e de repeti-la em voz alta. Meus lábios pronunciavam sem exaustão cada palavra como se fosse uma prece, um suplício. Permitia que a mensagem entrasse por meus ouvidos, clara, incisiva e determinadamente.

A voz de Deus se fazia presente naquele Salmo e eu, mais uma vez, estava entendendo a sua vontade. Entendendo o seu chamado. O seu pedido.

Deus novamente usaria minhas mãos a seu favor.

“Desapareçam da terra os pecadores...”

Não há uma única alma debaixo do céu que não seja pecadora. Todos nós somos. Alguns mais, outros menos, alguns com intensa consciência, outros por pura inocência, mas ainda assim pecadores.

O que nos diferencia e nos torna superiores é o arrependimento. Um pecador que se arrepende é motivo de alegria no céu. É a menina dos olhos de Deus, mas aquele que não se arrepende e que insiste em viver em transgressão, esse deve ser aniquilado.

Essa era a vontade de Deus; aniquilar.

Eu estava há horas repetindo mentalmente aquele salmo, desde o momento em que havia buscado uma palavra de conforto na internet. Uma ação que vinha se repetindo diversas vezes nos últimos meses. A solidão deixou de ser minha única companhia quando aprendi que a tecnologia poderia me colocar em contato com o mundo exterior.

Quando descobri que Deus poderia falar comigo através da internet, eu não precisava mais estar frente a frente com outras pessoas, para não me

sentir sozinho. O computador me permitia essa façanha. Essa transposição virtual me oferecia conhecimentos, troca de experiências e fortalecimento da minha fé.

Encontrei em um site totalmente direcionado às pessoas marcadas pelas feridas que a vida nos causa, o que eu tanto procurava; uma direção, um caminho, um sentido para a minha existência. É impressionante como pode ser reconfortante e aprazível dividir a nossa dor com desconhecidos. Saber que do outro lado daquela tela, havia diversas pessoas lendo o meu relato, emocionando-se, buscando palavras de ajuda e buscando o entendimento, mas nunca, em hipótese alguma, julgando-me.

O julgamento era algo que deixávamos para Deus. Nós apenas seguíamos a sua vontade. Obedecíamos a todas elas.

“Desapareçam... os pecadores...”

E era isso o que eu teria que fazer agora. A mensagem direcionada a mim naquela noite era clara e inquestionável. Mais uma vez, Deus me escolhia como seu intercessor. Usava-me como seu instrumento de purificação e salvação. Confiava-me outra missão.

Um novo pecador precisava desaparecer deste mundo, precisava das minhas orientações para encontrar o caminho correto, precisava ouvir a minha voz adentrando seus ouvidos, apossando-se de sua mente e de seu coração, preparando-o, ajudando-o a se arrepender, a aceitar a salvação que, através de mim, Deus estava oferecendo.

Deus, naquele momento, me tornava mais vivo e enaltecido. Orgulhoso por em meio a tantos, eu ser a sua escolha. Usava-me a seu favor e oferecia-me a certeza da importância da minha existência. Todas as minhas dúvidas, os meus temores cessavam a cada nova missão concedida. Era como se eu deixasse de ser quem eu sou e passasse a ser quem Ele é.

Eu, a sombra de Deus. Suas mãos aqui na terra.

Era assim que eu me via. Não conseguia enxergar aquele que um dia eu fui, meus olhos só alcançavam as visões daquele em que havia me transformado.

Para ser exato, eu nunca soube ao certo responder quem sou eu. Não sei, como muitos de vocês também não devem saber.

Talvez eu seja um pecador como todos os outros, com uma única diferença: de ter consciência do meu pecado e por tentar iminentemente me redimir dele.

Mesmo assim, não sei afirmar com precisão quem eu sou.

Um intercessor? Apenas mais um pecador ou um monstro, como muitos já me classificaram? Seja lá qual dessas três alternativas esteja correta, talvez eu viva a minha vida inteira e não descubra qual é.

Ainda que cada um de nós seja capaz de dizer quem somos, não falaremos a verdade. Talvez sejamos muito além do que as outras pessoas veem, ou então muito menos. A verdade é que nenhum de nós é o que aparentamos ser. Estamos sempre nos escondendo por detrás de uma máscara, seja ela a família, o trabalho ou até mesmo, e no meu caso, a religião.

Eu sou aquilo o que Deus me permitiu ser.

O seu escolhido. O justiceiro. O Semideus.



## Capítulo Trinta e Três



Com o coração aos pulos, entrou no salão principal do *Babylon*, depois de tanto hesitar do lado de fora. Nem mesmo durante a primeira vez em que estivera ali, no começo de tudo, quando o desejo de fazer justiça era apenas uma chama involuntária queimando em seu peito, Vitória foi capaz de sentir o nervosismo que estava naquele momento, quando tudo chegaria ao fim. Daquela noite em diante, não haveria mais *Babylon*, Onório Ferman ou qualquer outra coisa que lembrasse seu passado vergonhoso e suas escolhas impróprias. Passaria uma borracha em seus erros e enterraria, de uma vez por todas, aquela outra mulher que vinha lhe acompanhando durante todos aqueles anos.

O plano era simples; consistia apenas em comunicar o proprietário do clube sobre a sua saída, receber o dinheiro que havia emprestado para o pagamento das contas atrasadas e então, quando não tivesse mais nada de errado comprometendo sua vida, ficaria frente a frente com o marido e contaria toda a verdade; com a mesma coragem e propensão que fizera horas atrás com o pai. Essa seria a parte mais dolorosa do plano, porém necessária.

A escuridão e a euforia dos clientes deram a certeza de que a apresentação de alguma das dançarinas da casa estava para acontecer. Ficou por um tempo ouvindo a reação à sua volta, tentando enxergar cada um daqueles rostos.

Vitória esperou até que suas pupilas dilatassem e seus olhos se adaptassem à escuridão do lugar para então procurar por Onório em meio a todos aqueles homens. Encontrou-o nos fundos do salão, à sua esquerda, ao lado da mesa de som. Caminhou cautelosa entre as mesas com o máximo de cuidado para não tropeçar. Chegou perto dele.

— Precisamos conversar, Onório! — anunciou sem rodeios.

O proprietário do *Night Club* largou o rádio comunicador em cima da mesa de som e a encarou com tanta ira que chegou a assustá-la.

— Mas que merda é essa agora, Vitória? Tá querendo me ferrar, é? Depois do show conversamos... depois.

— É muito importante!

— Eu sei, dá para perceber pela sua cara, mas vai ter que esperar acabar. Aproveita e fica aqui para apreciar as novidades que eu preparei para o show de hoje. Você vai até querer fazer o mesmo no seu.

Sem alternativa e mesmo contrariada, Vitória ficou.

Sobre o comando de Onório Ferman, o DJ Jorge iniciou a música. No palco, as cortinas se abriram lentamente, enquanto um balé de luzes coloridas era comandado pelo iluminador Silvio. As novidades a qual Onório se referiu, além da nova iluminação, também consistiam em um telão de Led nos fundos do palco que projetava imagens de inúmeras borboletas azuis voando sobre um céu carregado de nuvens.

O dinheiro que havia emprestado a ele, realmente estava aparecendo. Só restava saber se apareceria também de volta à sua conta, como haviam combinado. O prazo para devolução terminava ainda aquela semana.

Uma garota seminua, com enormes asas de borboletas, presa às costas por cabos de aço, foi pousando sobre o palco. Tratava-se de Pietra, a garota recém-contratada para substituir Amanda Fortes.

A palavra “substituir” provocou uma pontada aguda no coração de Vitória. Quando se tratava de sentimentos, de laços de sangue, a vida não oferecia essa praticidade; substituição. Não há nada neste mundo capaz de substituir a saudade, a tristeza e a dor da mãe que perde um filho. Para as pessoas do *Babylon*, Amanda Fortes seria apenas uma garota que passou por ali e que acabou sendo substituída por Pietra, mas para Vitória, ela seria sempre uma ferida aberta em seu coração, sangrando contundentemente.

A euforia foi ainda mais ensurdecadora com a aparição da garota. Começava a sessão assovios, elogios, grosserias e convites impróprios.

Vitória observava a tudo atenta, como uma espectadora minuciosa. A garota era interessante, de uma beleza categórica e um talento nato para a dança, que não se podia negar. daquelas garotas que teriam um futuro brilhante em qualquer outra casa de show, sem ser o *Babylon*. O tema para o show — borboletas — não poderia ser outro. Pietra deslizava de um lado a outro do palco, ora era elevada, ora pousada novamente, mas com tanta graciosidade que não havia como não se encantar com sua delicadeza de movimentos.

Por fim, quando a música estava encerrando, Vitória viu quando Onório, extasiado, fez sinal para o assistente de produção, Pedro. O rapaz apertou o botão do acionador remoto provocando um estouro. De dois canhões localizados ao lado do palco, explodiu uma chuva de papel picado laminado, espalhando-se por todo o ar.

A cortina se fechou e as luzes se acenderam novamente.

— Perfeito! — Onório exclamou, deixando o seu posto e colocando-se ao lado de Vitória. — Foi perfeito, não foi?

Começou a caminhar pelo salão e fez sinal para que ela o acompanhasse.

— Você não deveria estar com um cliente? — perguntou enquanto atravessavam o extenso e estreito corredor de paredes sujas e repletas de quadros e pôsteres de celebridades. — Ele pagou pela noite toda...

— Eu estava...

— E?

— E que eu não quero mais, Onório! — anunciou. — Chega!

Ele abriu a porta da sua sala e a adentrou, Vitória o seguiu, fechando a porta a suas costas.

— Do que você está falando? Não quer mais sair com o cliente de hoje? Tudo bem, eu posso passa-lo para a garota nova, a Pietra. Viu como ela agradeceu hoje?

— Não é esse cliente em específico. São todos... acabou, Onório! Meu trabalho no *Babylon* se encerrou esta noite.

Onório pareceu surpreso.

— Você não pode estar falando sério!

— Acho que é a primeira vez nesses vinte anos em que falo a verdade. Sem mentiras, Onório, sem segredos, sem nada mais que possa comprometer a vida que eu escolhi para mim.

— E tudo isso só porque o cliente desta noite era o seu pai?

— Não só por... Espere, eu não me lembro de ter falado quem ele era.

— Nem precisava... acredita mesmo em coincidência?

A resposta veio em forma de uma lembrança.

Naquela mesma noite, havia ligado horas antes para Onório, receosa de que a polícia ainda estivesse pelo clube, o medo de encontrar com o marido era um fantasma que a assustava constantemente. Fora então aconselhada pelo proprietário a se afastar por uns tempos, até que a poeira baixasse. Mas o curioso, e o que ela não deu a devida importância na hora,

foi que minutos depois ele voltou a lhe telefonar: “Eu havia sugerido que o melhor era não se apresentar mais no *Babylon*. Mas isso não impede que faça aqueles servicinhos extras. Tenho um cliente pra você!”

Vitória riu amargamente, meneando a cabeça negativamente. “Certamente sua mudança de opinião se deu após atender a ligação do meu pai!”

— Claro! Foi você! Como fui tola em não pensar nisso antes. Você sabia que se tratava do meu pai e fez questão que eu fosse atendê-lo!

— Eu só sinto por não ter visto a sua cara quando foi desmascarada. Ah! Eu daria a minha vida para presenciar esse momento.

Vitória sentia a fúria queimando em seu rosto.

— Achou que eu ia deixar passar essa? Eu não pensei duas vezes quando o reconheci. Achei que você merecia passar por essa vergonha... Eu e você temos uma dívida muito grande, Vitória. Passe o tempo que passar, vamos estar sempre procurando uma maneira de um destruir o outro. Vai ser sempre assim. A única coisa que pode nos parar é a morte, caso contrário vamos continuar nos odiando e nos confrontando.

— Não vamos não, Onório. É por isso que estou aqui, eu pensei bastante durante o caminho e nunca estive tão certa em toda a minha vida; acabou. Não vou mais me apresentar aqui no seu clube, não vou mais procurá-lo, tampouco insistir nessa cobrança por justiça. Estou me demitindo. Acabou, Onório. Não existe mais passado, não existe mais ressentimentos, sequer existirá eu e você. Chega! É o fim.

Ele começou a rir escrachadamente.

— Só há uma coisa que pode colocar um fim em nossa história e eu já disse o que é: a morte. Nós estamos ligados, Vitória. A repulsa, a mágoa, as mentiras que contamos e compartilhamos, tudo isso criou correntes invisíveis que nos prenderam um ao outro... Isso só terá fim o dia em que um de nós morrer. E eu não tenho planos para isso. Além do mais, nós temos um contrato, se esqueceu?

— Um contrato que vence amanhã. Você não vai fazer questão de um dia, Onório!

— Sinto informá-la, mas negócios são negócios. Se seu pedido de demissão ocorrer hoje, não tenho nenhuma obrigação em cumprir com a minha parte do acordo. — A verdade era que, mesmo se Vitória se demitisse no dia seguinte, ele não cumpriria. Jamais receberia aquele dinheiro de volta.

Vitória pensou na poupança da filha que ela havia esvaziado. Precisava devolver aquele dinheiro o quanto antes. Se o marido descobrisse, jamais a perdoaria.

— E o que você quer que eu faça?

— Cumpra o contrato e a sua agenda. Dance amanhã, faça o seu melhor e depois resolvemos nossa situação... podemos anunciar como o seu show de despedida dos palcos, o encerramento de sua carreira. Isso vende, Vitória. Vamos conseguir lotar a casa.

— Eu não estou preocupada em lotar a casa. Eu quero arrumar a bagunça que causei na minha vida, no meu casamento.

— Sentimentalismo barato me enoja, sabia? Não é tarde demais para isso não? E você está se esquecendo de um detalhe importante, algumas fotos de uma garotinha na porta da escola, no parquinho, na praça... Não me obrigue a cumprir minha ameaça, Vitória. Rosalie é uma garotinha muito especial para ter que pagar pelos erros de sua mãe.

Vitória sentiu-se derrotada.

— Tudo bem, eu faço o que você quer.

— Ótimo. Nos vemos amanhã então, no seu show de despedida.



— Eu vou repetir a pergunta, Carmela — Benjamin encarou a mulher de semblante alarmado. — E, por favor, responda com a verdade. Agora não é mais o patrão ou o amigo quem está lhe perguntando, é o delegado em seu papel profissional.

Encolhida na poltrona à sua frente, a mulher tremia amedrontada. Sabia que aquela conversa não terminaria bem. Ao menos, não para ela. Como dizem por aí, “a corda sempre arrebenta do lado mais fraco”.

O seu lado era o mais fraco.

— Qual o significado de *USD*? Que diabos é isso, afinal?

— Não deveria chamar assim uma coisa da qual não tem conhecimento! — ela o repreendeu. Seus olhos marejados tentavam jorrar o pranto que seu coração transbordava. — Não entendo o porquê de tudo

isso agora, Sr. Marques. Se a nossa conversa passou a ser profissional como disse, então se trata da morte de Amanda Fortes. O que quer que eu tenha para falar sobre a *USD*, nada tem a ver com a garota morta. Eu já contei tudo o que sei. Amanda era a filha que Vitória abandonou em sua adolescência, ponto final. Se há mais alguma verdade nessa história toda, o senhor talvez devesse perguntar diretamente à sua esposa.

— Pode estar certa que o farei, Carmela. No momento oportuno. Mas agora deixe que eu mesmo tire minhas conclusões se há ou não uma ligação entre o assassinato e essa tal de *USD*, deixe que eu chegue a algum consenso... O que isso significa?

Sentindo-se vencida, Carmela ajeitou-se na poltrona e ainda que contrariada, começou a falar:

— *USD* é uma sigla. Uma definição para o que somos e pertencemos.

— Você fala sempre no plural. A quem se refere?

— Já vai entender, Sr. Benjamin, se puder não me interromper... Como eu ia dizer, as pessoas estão cada vez mais necessitadas de atenção, de conforto. O mundo cada dia se torna mais difícil. Nos rádios, TV, jornais só se escuta falar em tragédias e desgraças. Não existe mais amor, não existe respeito, nada. É só uma luta diária por si só. Para satisfazer a própria vontade e necessidade. Ninguém mais olha para o lado, ninguém mais estende a mão. Às vezes, diante de um problema, tudo o que precisamos para seguir em frente é uma palavra de conforto, de carinho, mas nunca encontramos porque as pessoas estão preocupadas demais com os seus próprios problemas. A *USD* é o oposto disso.

— Não entendi.

— A *USD* é amor, é carinho, é força e ajuda.

— Por que não deixa de lado os rodeios e vai direto ao ponto? Você falou, falou e não respondeu a minha pergunta: o que realmente é isso? O que significa essa sigla?

— É uma comunidade evangélica, criada há pouco mais de um ano em uma rede social para ajudar a todos aqueles que necessitam. Um grupo fechado que só aceita como membro pessoas que tenham a mesma experiência de vida, as mesmas feridas, que compartilham suas infelicidades. Trocamos relatos, ajudamos uns aos outros a lidar com suas dores e nos reconfortamos. *USD* é a abreviação de “*Uma Só Dor*”.

Benjamin repetiu mentalmente: “Uma comunidade religiosa... Uma só dor”. O assassino de Amanda Fortes ao que tudo indicava também era

religioso. A mensagem deixada em sua genitália comprovava seu conhecimento bíblico. O policial Trajano também havia falado que Carmela e Onório Ferman se conheciam, seria ele um membro da USD também? Religião não era algo que combinava com o proprietário do *Babylon Night Club*. Ajudar ao próximo também não.

— E quem são os membros dessa comunidade?

— Essa resposta eu não tenho. Nem todo mundo gosta de se expor quando se trata de um problema particular. O intuito da comunidade é tentar ajudar a superar sua perda e não conhecer sua identidade. Respeitamos o anonimato, Sr. Marques.

— Onório Ferman... Já ouviu falar nesse nome? Ele também é um dos membros da comunidade?

— Não sei de quem se trata.

Embora houvesse firmeza e veracidade em seu tom de voz, Benjamin teve a certeza de que ela estava mentindo.

— Acho que por hoje já é o bastante, Carmela. Mas ainda não terminamos a nossa conversa. — Consultou o relógio em seu pulso. — Já é tarde e vou deixar você descansar.

Levantou-se e caminhou em direção à porta. Carmela o seguiu. Então uma curiosidade tomou conta de seus pensamentos.

— Você disse que a *USD* só aceita como membro pessoas que tenham sofrido alguma perda. Pessoas que compartilham a mesma dor. No entanto, você faz parte deste grupo. Quem você perdeu, Carmela?

Era tarde demais para tentar esconder a verdade. De um jeito ou de outro, Benjamin a descobriria. Encheu-se de coragem para responder:

— Não foi uma perda, foi um descontrole. Uma reação impulsiva... Eu cometi um assassinato.



“Um vespeiro!”, Benjamin pensou enquanto dirigia seu Eco Sport pela Avenida Francisco Matarazzo, depois de deixar a casa de Carmela. “Sinto

como se mexesse em um vespertino”, abriu o vidro e acendeu um cigarro para tentar relaxar.

“Quanto mais o afronto, mais vespas surgem diante dos meus olhos.” Deu uma tragada profunda, enchendo os pulmões de fumaça. “Prontas para me atacar.”

Tentava organizar em sua mente todas as informações fornecidas por sua empregada e pelo policial Trajano. A mulher havia despejado sobre ele segredos que talvez nada tivessem a ver com a morte de Amanda Fortes, mas que de alguma forma, construía a história da garota. O colega de profissão ofertava conclusões e descobertas que deixavam a certeza de que ninguém era inocente, até que se provasse o contrário.

Deu uma última tragada no cigarro, enquanto as justificativas de Carmela tomavam o lugar de seus pensamentos.

“Foi o meu primeiro marido. Ele era muito violento. Qualquer coisa era motivo para que me espancasse. A vida ao lado dele era um inferno. Um dia eu estava tão cansada das humilhações, estava tão descontrolada, fora de mim, que revidei seus ataques. Não sei de onde consegui tanta força, mas eu consegui empurrá-lo para longe de mim, ele acabou batendo com a cabeça na quina da pia e faleceu... Eu sei que deve estar me condenando agora, mas eu já paguei pelo meu erro, Sr. Marques. Doze anos em uma prisão feminina cumprindo a minha pena.”

Estacionou o carro em sua garagem ainda pensativo. A sensação que o acompanhava naquele momento era a de que lhe faltava o chão. Como se um buraco profundo abrisse debaixo de seus pés e o engolisse por completo. Ninguém à sua volta era o que parecia ser. Todos escondiam segredos.

“Todos se conheciam...”

Entrou em casa confiante de que encontraria a esposa e que finalmente poderiam conversar, esclarecer todos os maus entendidos, romper todas as barreiras que os distanciavam. Era o momento da verdade.

Para sua decepção, Vitória ainda não havia voltado.

Trancou-se na biblioteca. Precisava de sossego e do silêncio, para tentar acalmar seus pensamentos que borbulhavam inquietantemente. Não conseguia pensar em outra palavra para a atitude da esposa senão traição.

“Vitória está me traindo! Está na hora de colocar um fim em nosso casamento.”



Tirou o celular do bolso da calça e por alguns minutos ficou olhando para a tela principal, antes de buscar um de seus contatos e fazer uma ligação.

— Alô? Agatha? — indagou ao constatar que a ligação fora atendida.

— Sim, Benjamin. Reconheci sua voz. — Agatha balbuciou um riso terno e continuou. — Em que posso ajudar?

— Chegou o momento. Preciso de você.

— É sobre o nosso caso? Só um momento. — Agatha certificou-se de que não havia ninguém por perto e fechou as portas do escritório. — Tudo tranquilo, podemos falar.

— Estive pensando e resolvi reunir o pessoal, quero te apresentar a todos e expor o caso, não dá mais para esperar. Você pode amanhã às nove horas? Pensei em aproveitar o momento do café, onde estarão todos reunidos.

— Amanhã às nove, perfeito. Já estou ansiosa por isso.

Benjamin encerrou a ligação no mesmo instante em que a porta da biblioteca foi aberta e Vitória entrou por ela.

Por um momento os dois se encararam em silêncio, limitando as palavras. Deixaram apenas que o olhar falasse por eles.

Vitória tinha um semblante consternado e cansado. Parecia ter carregado todo o peso do mundo em suas costas. Benjamin mostrava-se surpreso em avistá-la naquele estado. Agora que estava diante da esposa, toda aquela inquisição planejada, todas as perguntas a serem feitas, pareciam ter desaparecido juntamente com suas desconfianças.

Vitória estava de volta. A sua Vitória. A mulher a quem escolhera para passar o resto de sua vida.

“Ah, Vitória! O que tem sido a sua vida todos esses anos?”

— Precisamos conversar, Ben! — ela anunciou com o tom de voz malogrando.

— É tudo o que eu quero...

Uma nova ligação no celular de Benjamin o interrompeu. Fez sinal para que a esposa esperasse e a atendeu.

— O que foi agora, Trajano?

— Acho que essa noite não vai acabar tão cedo, chefe! Você precisa ir agora mesmo até o edifício Copan. Aconteceu outra vez... O *Semideus* atacou novamente.

## Capítulo Trinta e Quatro



Chovia torrencialmente quando Benjamin Marques estacionou a viatura da polícia na Avenida Ipiranga em frente ao edifício Copan. De dentro do carro, avistou três policiais parados sobre a calçada, um deles reconheceu como seu parceiro Sérgio Trajano, os outros dois não conseguiu identificar por conta da falta de iluminação e da distância em que se encontravam. Havia também dois profissionais que ele logo pressupôs serem peritos da equipe técnica científica de São Paulo.

O local tinha sido interditado ao público. Nem mesmo a chuva conseguira impedir que curiosos se aglomerassem nos arredores do prédio. Um aglomerado de pessoas, protegido por guarda-chuvas e capas plásticas, gesticulava e apontava para uma única direção enquanto falavam. Benjamin sabia o que encontraria naquela direção.

A típica e corriqueira cena de um crime.

Vans dos noticiários de algumas emissoras de TV estacionadas à sua frente revelaram que a imprensa já estava presente. Claro! Não perderiam por nada a oportunidade sensacionalista de explorar a tragédia alheia. Era impressionante como sempre eram informados com tanta rapidez, às vezes até mesmo antes que a própria polícia. Era como se farejassem há todo momento a desgraça para tirarem proveito dela.

“Urubus à espreita da carniça”.

Vestiu a capa de chuva, o capuz, destrancou a porta do carro e saiu apressado em direção aos policiais. Gotas de água densas e gélidas chocaram-se contra o plástico do capuz e pingaram sobre seu rosto, importunando-o. Por diversas vezes esfregou o dorso da mão direita para secá-las, a mesma mão que procurava algo no bolso do blazer por debaixo da capa, no momento em que chegou do outro lado da rua.

— Delegado Benjamin Marques, Departamento Estadual de Homicídios do Distrito de Vila Mariana! — apresentou-se, exibindo o distintivo quando um dos policiais o abordou.

O homem lhe ofereceu um sorriso acanhado por não o ter reconhecido e levantou a fita zebreada utilizada para a demarcação do local. Benjamin curvou-se, passando por debaixo dela.

— Seu nome? — perguntou ao policial.

— Emerson Firmino.

— Emerson, eu estou aguardando uma pessoa — informou. — Uma mulher. Facilite a entrada e a encaminhe até a mim, por favor.

Deixando o local, avistou o policial Trajano vindo em sua direção.

— Que bom que chegou, chefe! É por aqui, venha!

— O que temos aqui, Trajano?

— É melhor que você tire as suas próprias conclusões.

Os dois caminharam pela calçada, passaram por uma banca de jornal que ficava à direita e seguiram em frente, passando por uma escada de alvenaria que dava acesso a três andares do edifício. O corpo estava sobre a calçada em frente à escada, entre o edifício Copan e uma agência bancária. Disposto de maneira irregular, braços e pernas se encontravam em posições flexuosas.

— Ela despencou lá de cima — Trajano informou. — Vigésimo sexto andar. Uma morte bastante cruel, não acha?

Benjamin ajustou o capuz para proteger o rosto da chuva e aproximou-se do corpo. A visão era ainda mais perturbadora. Fraturas expostas, sangue em excesso, escoriações e equimoses.

Esperou que o perito Airton Lopes terminasse de fotografar o rosto da garota para então ajoelhar ao seu lado. A lama e a água da chuva sujando e encharcando sua calça.

— Ah, meu Deus! É a...

— Angel! — Trajano completou. — Outra dançarina do *Babylon Night Club*.



— Eu sinto muito, mas não tenho permissão para deixar ninguém entrar. — O policial anunciou esquecendo as recomendações dadas pelo

delegado Benjamin Marques minutos atrás.

A mulher parada do lado de fora da fita de isolamento, protegendo-se com um guarda-chuva florido, mostrava-se acometida por irritação. Não havia atravessado a cidade debaixo de um temporal daqueles para acabar sendo impedida de exercer o seu trabalho.

— A senhora é policial? — perguntou lançando sobre ela um olhar da cabeça aos pés, examinando-a como quem examina um condenado, com o mesmo olhar acusativo.

— Não.

— Da equipe técnica?

— Não.

— Então já sei, é da imprensa, não é?

— Também não... sou Iridologista.

O policial fez uma careta, como se não tivesse entendido.

— Isso é alguma espécie de médico? Porque se for, chegou tarde demais. Já foi constatada a morte da garota.

A mulher curvou-se sobre a fita e tentou forçar a entrada.

— Ei, dona! O que pensa que está fazendo? Já lhe disse que não pode entrar...

— Deixe-a entrar, Emerson! — A voz de Benjamin soou ativa e autoritária. — Essa é a pessoa da qual lhe falei, já se esqueceu?

— Sim, senhor! — concordou contrariado.

A iridologista passou pela fita de isolamento e sentiu-se radiante por contemplar o desapontamento estampado no rosto do policial. Bastou alguém com um pouco mais de autoridade para colocá-lo em seu devido lugar.

Encarou-o. Olho no olho, sem piscar, em silêncio, tentando enxergar apenas sua íris. Embora soubesse que seria impossível enxergá-la em meio à falta de iluminação, arriscou um palpite tentando constrangê-lo.

— Você devia consumir mais fibras, sabia? Frutas, legumes, verduras... Pude ver que sofre de prisão de ventre. — O policial corou de vergonha. — Ah! Cloreto de magnésio também pode resolver o seu problema.

Soltou um riso irônico, dando as costas para ele.

— Agatha Manfred! — Benjamin exclamou estendendo a mão para cumprimentá-la. — Cada vez que nos encontramos, você está mais bonita. Qualquer dia eu descubro o seu segredo e patenteio a fórmula. Se bem que alguma coisa me diz que esse segredo tem nome de homem.

Ela o abraçou sorridente.

— Benjamin, querido! O mesmo galanteador de sempre, mas você não está errado não, o segredo desta minha beleza a qual você se refere tem um nome sim: o seu! Quando vai largar aquela sua esposa e finalmente me dar uma chance?

Benjamin passou o braço em suas costas e a conduziu pela calçada.

— Senti muita falta desses seus gracejos, mas se bem a conheço não é apenas um nome, são vários. Continua aquela paqueradora incorrigível?

— Paqueradora? Ah, meu Deus! Ainda se usa essa expressão aqui no Brasil? Acho que fiquei tempo demais na Alemanha, acabei perdendo o *feeling* para essas coisas, sabia?

— Não acredito.

— Eu estou há tanto tempo sem ninguém, que eu nem sei mais como é paquerar. Meu vizinho piscou pra mim outro dia e eu dei o telefone do meu oftalmologista.

Benjamin riu.

— Exagero.

Ela parou de caminhar e o encarou, estava embaixo da escada de alvenaria e protegida da chuva.

— Eu já estava com saudades. Só não achei que fossemos nos encontrar ainda esta noite. Tínhamos um encontro marcado para amanhã às nove horas.

— Era o que eu havia planejado, mas parece que resolveu acontecer tudo nesta noite. Você não faz ideia de como está sendo o meu dia.

Ela tocou-lhe o braço

— Posso imaginar... O *Semideus* novamente?

Desde que Agatha voltara para o Brasil, a cerca de uma semana, Benjamin vinha atualizando-a sobre o novo caso que estava investigando.

Sem responder à pergunta, ele a conduziu até o lugar onde o corpo estava disposto. Fez as devidas apresentações aos peritos; Murilo Aguiar e Airton Lopes e ao policial Sergio Trajano, aguardando na sequência a sua conclusão.

— É o que espero que consiga me dizer! — Por fim, respondeu.

Agatha Manfred ficou algum tempo observando em silêncio o corpo estatelado sobre a calçada.

— O que acha? — perguntou. — Trajano afirma ser mais uma vítima do nosso homem, mas não estou convencido. Não sei, alguma coisa me faz

acreditar que se trata de suicídio.

A mulher observou o corpo por mais tempo antes de voltar a falar.

— O que te faz ter essa certeza?

— As diferenças na apresentação do corpo comparando com o de Amanda Fortes.

— A garota das fotos que você me enviou ontem por e-mail?

— Isso. Amanda teve todas as suas digitais arrancadas, o rosto desfigurado, ao contrário de Angel que apresenta apenas os agravos provocados pela queda. Como pode ver, não houve a preocupação em esconder a identidade da vítima como ocorrera no primeiro caso — expôs Benjamin. A mulher arqueou as sobrancelhas ouvindo tudo em silêncio. — Não acredito em um assassino em série que renove seu *modus operandi* a cada nova vítima.

— Eu também não. — Por fim, Agatha opinou.

— Suicídio — Benjamin insistiu.

— Não pensou na hipótese do assassino, não ter tido tempo suficiente para concluir seu ritual?

— Acha que foi isso?

— Acho que é muito cedo para manifestar a minha opinião. Vamos esperar até que eu termine a minha avaliação.

Agatha fez sinal para que os peritos que estavam do outro lado do corpo, prontos para deixar o local, fossem até ela.

— Vou precisar da ajuda de vocês. Quero que abram e segurem as pálpebras dela o máximo que puderem. — De dentro da bolsa, retirou uma câmera fotográfica com uma lente *iridophoto* acoplada a ela. — Vou precisar fotografar a íris.

Os dois homens obedeceram. Benjamin ficou em silêncio, observando-a trabalhar. Quando finalmente terminou, ele dispensou os dois peritos e deu permissão ao Instituto Médico Legal para levar o corpo.

— E então?

— Eu ainda quero examinar as fotos com mais tranquilidade. Conversamos sobre isso amanhã, Benjamin; quando eu puder oferecer cem por cento de certeza.

— Tudo bem. Eu vou precisar subir até o apartamento dela — anunciou. — Nossas coisas falam por nós, sabia? A forma com que mantemos nossa casa, como disponibilizamos nossos móveis, o tipo de objetos e comidas que compramos. Tudo isso nos descreve perfeitamente.

— Eu imagino.

— Se quiser me acompanhar...

— Acredito que não poderia ajudar muito. O meu trabalho está aqui. —  
Levantou a mão que segurava a câmera fotográfica. — No meu caso, são os olhos que falam... Eu vou para casa tirar essa roupa molhada, tomar um banho, uma xícara de chocolate quente e ver o que estas íris podem oferecer, mesmo porque temos um encontro marcado para logo mais, não é?

Benjamin olhou para o céu. A chuva havia dado uma trégua e a escuridão da noite estava desaparecendo. Não demoraria muito para o dia amanhecer.

— Não, não! Quando eu liguei marcando com você, não imaginava que fosse acontecer tudo isso. Acho melhor nos encontrarmos depois do almoço. Assim você consegue dormir um pouco...

— E você? Também precisa descansar, Benjamin.

— Eu vou. Prometo.

Ela se aproximou e o beijou no rosto.

Benjamin ficou inerte ao meio fio observando a mulher atravessar a rua, entrar em seu carro e desaparecer do alcance de seus olhos.

Conhecia Agatha Manfred há dez longos anos, pôde contar com sua ajuda para solucionar inúmeros outros casos, seu conhecimento *naturopata* através da *iridologia* haviam revelado detalhes muitas vezes despercebidos, ajudando-o a chegar finalmente à identidade do assassino.

Mas dessa vez seria diferente. Compartilhavam de opiniões estritamente contrárias.

A não ser pelo fato de as duas garotas trabalharem no mesmo lugar, nenhuma outra coincidência cercava suas mortes. Nenhum detalhe ou informação levava a suspeitar que o *Semideus* agira novamente. Angel poderia estar passando por alguma situação onde a única solução encontrada para a superação, embora não a correta, fosse o suicídio. As razões para tal atitude, Benjamin esperava encontrar lá em cima, revirando suas coisas.

O suicídio é o resultado final de um longo processo de depressão, estresse e depreciação e cada um desses processos deixam marcas e sinais comportamentais. Eram esses sinais que Benjamin estava indo buscar no quarto da dançarina.

Se Angel havia realmente se suicidado, por uma carta, pela presença de remédios antidepressivos ou mensagens em seu celular e rede sociais, o delegado teria a confirmação.

Adentrou o salão do prédio. O policial Sérgio Trajano estava conversando com o porteiro, um homem de cerca de cinquenta anos que trazia em sua expressão o sobressalto do ocorrido.

— Vou subir. — Trajano anunciou.

— Você, por favor, consiga cópia de todas as gravações das câmeras de segurança deste lugar. Eu contei ao menos umas dez, se conseguirmos identificar a rotina da garota nesses últimos dias, se entrou e saiu sozinha ou acompanhada, acho que já teremos uma ponta do fio da meada.



Por volta das quinze horas daquele mesmo dia, Benjamin Marques reuniu-se com sua equipe na sala de reunião no terceiro andar do Departamento Estadual de Homicídios e Proteção à Pessoa da Vila Mariana. Entre os presentes estavam o policial Sérgio Trajano, os dois peritos que trabalharam no corpo de Angel na noite anterior, Murilo Aguiar e Airton Lopes; três policiais convidados por Benjamin a integrar o caso, Ronaldo Ribeiro, Nelson Ramon e Emerson Firmino, e estava presente também o delegado Mallony Brandão, de quem Benjamin recebera o convite para chefiar o caso do assassinato de Amanda Fortes.

O propósito único para a reunião, era não somente compartilhar todas as informações obtidas até o momento, como também colher a opinião de cada um daqueles profissionais. Semanas haviam se passado desde que o corpo de Amanda Fortes fora encontrado nas águas do lago do Ibirapuera e nenhuma pista contundente que pudesse levá-los ao responsável por sua morte fora encontrada. Tudo o que possuíam não se passavam de suspeitas e suposições. As razões tornavam-se absurdas, a cada novo dia, e o fio condutor para toda a verdade ainda não fora encontrado.

Benjamin inquietava-se com essa demora, com a falta de informação, e esforçava-se a acreditar que a ponta daquele fio seria revelada naquela



tarde, quando mais de uma mente se juntaria com uma única finalidade e propósito; descobrir a identidade do *Semideus*.

A frente de todos, ele deu início a conferência. Apagou as luzes da sala e ligou o retroprojektor. A imagem de Amanda Fortes, sorridente, radiante e encantadora apareceu na tela de projeção translúcida fixada à parede. O silêncio tomou conta da sala. Todos observavam atentamente a garota de olhos enormes e faiscantes, maçãs do rosto proeminentes, cheia de vida, que teve seus sonhos e seus dias interrompidos.

Por alguns minutos, mantiveram seus olhares presos à foto, comovidos. O pensamento único e uma pergunta unânime: por que fazer mal àquela garota?

— Senhores... — Benjamin começou a falar. — Como todos sabem, esta é Amanda Fortes. Assassinada no dia quatro de novembro e encontrada na manhã seguinte no lago do Ibirapuera. A mãe e o padrasto haviam notificado o seu desaparecimento, foram até mesmo à imprensa pedir pela filha, mas quem estava com ela parece não ter se comovido com o apelo.

Benjamin apertou o botão do controle remoto e a foto da garota feliz, jovem e encantadora foi substituída pela garota morta, desfigurada, em cima da mesa de necropsia.

A reação de espanto e repulsa tomou a todos os presentes.

— Este é o estado em que Amanda foi encontrada, mas falaremos sobre essas mutilações mais adiante. Agora, permitam-me, senhores, contar um pouco mais sobre a garota de poucos amigos e nenhum inimigo considerável. Amanda completaria vinte anos de idade no próximo mês se ainda estivesse viva. A sua história é um tanto quanto inusitada. Cheia de realizações simultâneas, eu diria. Filha adotiva de Roberta e Leôncio Fortes, perdeu o pai quando ainda era uma menina. A mãe casou-se novamente com Alberto Dilon. — Benjamin parou de falar e anexou na parede ao lado da tela de projeção uma folha de sulfite com a foto impressa de Alberto Dilon. — Esse é o nosso primeiro suspeito, senhores. O padrasto. Um homem não muito adepto do trabalho, que gasta o pouco dinheiro que recebe como pagamento de pequenos serviços de manutenção em bebidas e garotas de programa. Que ele encontra aonde? No *Babylon Night Club*. O mesmo lugar onde a enteada trabalhava. Alberto é, a meu ver, o principal suspeito. Ao que tudo indica ele nutria um sentimento pela garota que excedia ao que se espera de um padrasto. Interrogando o

proprietário do *Night Club*, fiquei sabendo que a razão pela qual a garota foi procurar emprego naquele lugar surgiu depois de um abuso sexual. Coisa que a mãe negou convictamente.

Toda a atenção estava voltada para o delegado, e o silêncio permitia que suas palavras soassem por toda a sala.

— Ela pode estar protegendo o marido! — Trajano observou.

— Com toda a certeza. Por esse motivo não o retirei da lista de suspeitos. Alberto Dilon poderia estar insatisfeito com a nova profissão da enteada, poderia não aceitar o fato de que agora não somente ele, como também outros homens a desejassem. O sentimento de posse, o ego ferido são razões que poderiam o ter levado a cometer o assassinato. — Benjamin trocou a foto do retroprojeter para a de um aparelho celular. — Dias após sua morte, um casal que caminhava pelo parque do Ibirapuera encontrou um celular, quando identificaram a quem pertencia, decidiram entregar aos seguranças do parque. — Benjamin apontou para o seu parceiro na investigação. — Trajano solicitou uma perícia ao departamento de tecnologia e tudo o que encontraram no aparelho foi uma única foto. As demais fotos, contatos, registros de chamadas e acessos à internet foram todos apagados. Rastreamos as ligações e parece que Amanda não era uma pessoa que gostava de fazer ou receber chamadas. Os poucos registros encontrados não eram significantes; da empresa de telefonia, do disk pizza, da sua residência e uma ou duas para o *Babylon*.

Novamente o delegado apertou o botão do controle remoto. Na foto seguinte, Amanda e Vitória estavam abraçadas em frente ao *Babylon*.

— Essa foi a foto encontrada no celular. — Estudou o semblante dos colegas que o observavam atentos. — Alguns de vocês devem estar se perguntando o que há de especial nela. Outros, os que conhecem um pouco mais da minha vida particular, já sabem que esta mulher junto à Amanda Fortes é Vitória Maria Sá Marques, minha esposa.

Houve um burburinho curioso e uma agitação entre os policiais. Benjamin tratou de se explicar:

— Eu só soube ontem à noite que Vitória é a mãe biológica de Amanda. Ainda não tive tempo de conversar e entender toda essa história, mas peço que providencie tudo, Trajano, para que a minha esposa seja notificada e intimada a depor. Ela agora faz parte das testemunhas deste caso.

— Claro, chefe. — Trajano mostrou sua caderneta. — Já está anotado aqui.

Benjamin trocou a foto. Agora o que todos viam era o raio-x da pélvis de Amanda.

— Esse raio-x foi fornecido pelo Dr. Ernesto Rufino. Foi tirado durante a autópsia. Como podem ver, há um corpo estranho, que identificamos como um pedaço de papel em formato de canudo, introduzido pelo assassino como uma espécie de assinatura.

A foto seguinte era a reprodução da letra e dos números encontrados na genitália.

— R67. Eu posso imaginar o que estão se perguntando agora, também me questionei inúmeras vezes sobre o que isso queria dizer, até finalmente desvendar a charada. O assassino dessa garota parece ter um senso de humor questionável. Essa letra e esses dois números são referências de uma passagem bíblica: Romanos 6, versículo 7: “*porque aquele que está morto está justificado do pecado*”.

— Mas isso é uma ofensa à religião! — Um dos peritos protestou. — Ele está zombando de Deus! Colocar um trecho da Bíblia nas genitálias de uma prostituta é no mínimo ofensivo e desrespeitoso... Não o vejo como um religioso, mas como um céptico sarcástico.

— É uma possibilidade, Airton, mas não é a que defendo. Tenho razões para afirmar que se trata de um fanático que está usando a sua fé para justificar o desejo de matar. É como se acreditasse ter a permissão de Deus para cobrar o pecado dessas garotas. Por isso o identificamos como *Semideus*; herói divinizado pelos seus feitos.

— E por que acredita nisso, Sr. Marques? — Agora foi a vez do detetive Mallony Brandão perguntar.

— Muito simples, a referência bíblica escolhida não foi aleatória. Ela fala sobre pecado, morte e perdão. Esse capítulo inteiro fala sobre essas três coisas. Amanda era uma dançarina de um *Night Club* de quinta categoria. Deixou de lado todos os preceitos religiosos de sua família para se apresentar naquele lugar, não tenho informações de que ela também se prostituía como todas as outras, mas ainda assim, transitava em um mundo recriminado pela religião. — Benjamin fez sinal de aspas com os dedos. — Era uma “pecadora”. Ao menos na visão do nosso homem; “*porque aquele que está morto está justificado do pecado*”. Entenderam agora? — Ao invés de respostas, Benjamin recebeu olhares ainda mais indagativos. — Outro fato importante são as mutilações sofridas pelo corpo, as quais puderam ver na segunda foto apresentada. A princípio chegamos a pensar

que fossem resultados de uma tentativa de dificultar ou impedir a identificação do corpo, mas estávamos enganados. Não estamos lidando com alguém tão displicente a ponto de extrair digitais e desfigurar o rosto e esquecer que DNA nos ajudaria a identificá-la. Um fio de cabelo poderia ser a solução, ou até mesmo a arcada dentária. Neste caso, não hesito em afirmar que a intenção não era esconder a identidade, mas extingui-la.

— Então temos aqui um caso de remissão?

— Exatamente, Sr. Mallony. Seguindo à risca a descrição da palavra, temos como significado de remissão: *ato de livrar-se dos pecados ou crimes após o pagamento de penitência*. Preciso dizer mais alguma coisa?

Mallony Brandão acrescentou:

— Ele está cobrando o pecado dessa garota, e como parte do ritual retira as digitais e desfigura o rosto, eliminando tudo o que faça relação à sua vida anterior.

— Lembrando que fotos, contatos, e-mails foram apagados em uma tentativa de destruir a história dela. A desconcretização de sua existência... Deixou apenas aquela foto na frente do *Babylon*, mas ainda não consegui decifrar a intenção.

— Isso tudo é contrário à razão, ao senso comum!

— Concordo, Sr. Mallony. Acredito que o *Semideus* não é capaz de enxergar a gravidade de seus atos. Há uma espécie de egoísmo em seu comportamento. Como se fosse capaz de enxergar o erro somente nas outras pessoas e não em si mesmo. Sim, porque o que ele está fazendo, tirando a vida de inocentes, também é um pecado, embora não seja capaz de identificá-lo.

— *É o macaco sentando em cima do próprio rabo*, para apontar o dos outros. — Trajano ironizou.

— Isso... É um velho ditado, mas que exemplifica o que estou dizendo. Eu sei que é assustador, mas estamos lidando com uma mente perturbada, capaz de idealizar as maiores atrocidades eximindo-se de qualquer culpa.

— E usando o nome de Deus como uma justificativa.

— Exatamente, Airton... O nosso assassino pode nem mesmo ter um motivo plausível ou suficiente para justificar suas atrocidades. É apenas a alienação de alguém que acredita agir divinamente... Ele pode até não se considerar Deus, mas age como quem acredita obedecer a Sua voz.

Benjamin caminhou até o canto esquerdo da sala, onde havia sobre uma mesa uma garrafa térmica com café e uma jarra com água. Serviu-se de

um copo d'água. Estava falando tanto, que a garganta havia secado.

— Mais adiante vocês entenderão o porquê da minha insistência em afirmar que a religião é a chave de tudo. — Continuou após o último gole. — Agora há também uma curiosidade que não podemos desprezar aqui — apontou para a foto do pedaço de papel com a letra e os números na tela de projeção. — O tipo de papel na qual a mensagem foi escrita. Não era um papel qualquer, uma folha de sulfite, bloco de recados ou caderno. Apesar de conter linhas nas folhas, não se trata de um caderno comum. As linhas são irregulares. Distribuídas por conjuntos de linhas e espaços, os quais só vi igual nos cadernos de caligrafia da minha filha... Aí eu pergunto aos senhores, quem teria um caderno de caligrafia em casa?

Sérgio Trajano adiantou-se em responder:

— Alguém que tenha filhos e que estejam na fase escolar.

Benjamin balançou a cabeça consentindo.

— Alberto Dilon tem três filhas com a mãe de Amanda. O que reforça o seu primeiro lugar na lista de suspeitos.

Benjamin trocou mais uma vez a foto. Agora era o corpo da dançarina Angel, colidido à calçada.

— Vocês devem estar se perguntando por que estamos falando de um assassino em série, quando na verdade houve apenas uma vítima... — apontou para a foto no telão.

— Esta é Angélica Campos, a garota que supostamente se jogou do edifício Copan ontem à noite. Coincidentemente ou não, ela também trabalhava no *Babylon Night Club*... Apesar de não encontrarmos até o momento nenhuma relação com o assassino de Amanda Fortes, não posso descartar a hipótese, não posso inocentar o *Semideus*. Ao menos não por enquanto. Não antes de conseguirmos uma evidência que comprove o suicídio.

Trajano voltou a falar:

— Eu continuo apostando todas as fichas no *Semideus*. Não acredito que uma garota como Angélica tivesse motivos suficientes para tirar a própria vida... Conversei com alguns amigos e vizinhos e todos me relataram a mesma coisa, uma garota segura de si, desprendida de qualquer sentimentalismo. Era sempre ela quem oferecia a ajuda e não quem necessitava recebê-la.

A próxima foto a aparecer na tela do retroprojektor era uma montagem das duas garotas mortas.

— Mas a não ser pelo fato de trabalharem no mesmo lugar, não há nada em comum com a morte de Amanda e Angel. Como podem ver, não há nenhuma semelhança com o estado em que o corpo de Amanda Fortes foi encontrado. Aqui temos escoriações, traumas causados pela queda e nada mais que isso. Não houve o trabalho de remoção das digitais, de desfiguração do rosto para dificultar a identificação como no primeiro caso. Não acredito que um assassino tão metódico, tão motivado e determinado possa abandonar os seus padrões de um caso para outro. Falta de tempo? Medo de ser surpreendido? Bobagem... O edifício Copan, de onde a garota se jogou, possui mil cento e sessenta apartamentos, ou seja, mil cento e sessenta possibilidades de abrigo. Ele teria tempo suficiente para cumprir seu ritual, sem se preocupar em como deixar o local. Poderia ter se escondido ou até mesmo alugado um desses apartamentos. Também não descarto a possibilidade de ter deixado o local sem ser percebido. Já imaginaram a quantidade de moradores e visitantes que circulam diariamente pelo lugar?

— Cerca de dois mil, contando apenas os moradores. — Sérgio Trajano completou. — Essa informação me foi passada pelo porteiro que estava em serviço ontem à noite, quando tudo aconteceu.

— Uma quantidade estimável — Benjamin retomou a palavra.

— Com isso, podemos descartar a hipótese de que se realmente houve um assassinato, o culpado possa ter agido com pressa ou receio de não conseguir escapar a tempo. Vejam a próxima imagem.

A imagem da quitinete alugada por Angel tomou a tela. O lugar na verdade era bem menor do que aparentava na foto tirada por Benjamin. Era algo que o fez questionar se conseguiria viver em um espaço tão restringido e substanciado como aquele. Um único cômodo, onde havia uma cama de casal, uma poltrona no canto esquerdo, à frente da cama, um pequeno rack de madeira rústica com uma TV antiga, daquelas ainda de tubo, uma pequena mesa com duas banquetas, onde certamente Angélica Campos fazia as suas refeições, e uma espécie de cozinha onde havia uma pia, dois armários embutidos, fogão, forno micro-ondas e geladeira. Tudo em tamanho compacto ao lugar. Entre o espaço destinado como quarto e a minúscula cozinha, havia uma porta, onde certamente encontrava-se o banheiro.

Mas o que mais chamava a atenção, não era a exiguidade do lugar e sim a desordem a qual se encontrava. Roupas usadas estavam esparramadas

por toda a cama e sobre a poltrona. Garrafas de vodca e uísque vazias jogadas por todo o chão, assim como copos, caixas de pizza e restos de comidas.

— Caracas! — o policial Ronaldo Ribeiro exclamou. — Parece que a garota andou se divertindo nos seus últimos dias.

— Ou não... — Benjamin discordou. — Tudo depende da maneira que interpretamos os fatos. Eu vejo um cenário de depressão, um pedido de socorro de alguém que por alguma razão perdeu o interesse pela vida.

— E que optou pelo suicídio como única saída. — Um segundo policial concluiu.

— Exatamente, Nelson. O estado em que encontramos o quarto e os pertences da garota reforça a minha teoria sobre suicídio.

— Teorias não são verdades absolutas, delegado. — Uma voz feminina o interrompeu. — Lamento, mas minhas descobertas poderão tornar suas teorias imprecisas.

Todos se viraram para o fundo da sala, de onde a voz fora proferida.

Parada à porta, estava a iridologista Agatha Manfred. O sorriso carismático em seu rosto, seus olhos azuis penetrantes, seus longos cabelos loiros encaracolados e seu corpo escultural prenderam a atenção de todos os presentes. Estavam atônitos com tamanha formosura.

Agatha começou a caminhar em direção ao delegado. A sutileza de seus movimentos mais parecia uma dança graciosa. Talvez não fosse intencional, mas conseguiu que aqueles homens ficassem hipnotizados.

Qualquer coisa que dissesse, teria a credibilidade de todos.

— Desculpe interrompê-lo desta maneira abrupta, Benjamin, mas as minhas descobertas colocarão um ponto final em qualquer possibilidade de dúvida que você ou qualquer um desses senhores ainda possam ter. O que aconteceu naquele apartamento não foi um suicídio. Foi assassinato.



“Está terminando!”

Vitória repetia incansavelmente tentando acreditar em suas próprias palavras. Tentava acreditar no acordo que havia feito com Onório Ferman, e em todas as consequências que viriam a seguir. Após sua apresentação no *Babylon Night Club* naquela noite, tudo estaria acabado e sua vida voltaria ao normal. Como nunca deveria ter deixado de ser.

Ainda era capaz de sentir a vergonha queimando seu rosto cada vez que a lembrança do encontro com o pai invadia sua mente.

“Então é isso o que você é? Uma prostituta?”

Não! Ela não era. Esteve obcecada por justiça durante todo aquele tempo. Havia utilizado de métodos e artifícios nem sempre corretos para alcançar seu objetivo, mas não era uma prostituta como o pai a havia acusado. E tudo teria um fim depois daquela noite.

Ao menos era nisso que acreditava. Talvez se pudesse prever o que estava prestes a lhe acontecer, saberia que tudo o que vivera até então não se comparava a toda dor e sofrimento que ainda teria que passar. Realmente sua história com o *Babylon* terminaria naquela noite, mas de uma maneira contrária à desejada. Terminaria drasticamente.

Deixou a sala onde estava vendo TV com a filha Rosalíe e seguiu em direção ao quarto. Sua cabeça estava explodindo. Precisava de um analgésico e de alguns minutos de descanso. Ao terminar de subir as escadas, o celular em sua mão vibrou. Recebera uma mensagem de texto.

“Deve ser do Ben!”, pensou.

Ele havia saído apressado de casa na noite anterior, depois do telefonema do policial Trajano, e chegou quando o dia já estava quase amanhecendo, tomou um banho, vestiu roupas limpas e saiu novamente. Não tiveram tempo de conversar.

Vitória desbloqueou a tela do celular para ler a mensagem. No mesmo instante sentiu um calafrio percorrer todo o seu corpo. Não era Benjamin o autor da mensagem.

A origem a assustou de tal maneira que precisou de alguns minutos para se recompor e chegar a uma conclusão sobre o que deveria ser feito.

Desceu as escadas apressada, pegou sua bolsa que estava jogada sobre o sofá e seguiu em direção à delegacia.

Benjamin precisava tomar conhecimento do que havia recebido.





— Senhores! — Benjamin chamou a atenção de todos, tentando conter a desordem que havia se instalado na sala com a chegada daquela mulher. — Esta é Agatha Manfred. Naturopata que usa a ciência da iridologia como forma de avaliação da saúde física, emocional e psicológica. Agatha é uma grande amiga que não mede esforços sempre que possível, para nos prestar ajuda em soluções de casos como esse do *Semideus*. Esteve por um tempo morando na Alemanha, mas a cerca de uma semana voltou ao Brasil para algumas conferências no seu ramo profissional. Eu aproveitei para então convidá-la a fazer parte da nossa equipe. Como sabem, toda ajuda em um caso como este jamais será dispensável.

A iridologista se posicionou ao lado do delegado e só então percorreu o olhar por todos aqueles rostos à sua frente, tentando entender o que cada um daqueles olhares queria lhe dizer. Estavam céticos de sua capacidade? Acreditavam em sua ciência? Ou será que julgavam tratar-se de uma grande besteira ou perda de tempo?

— Boa tarde, senhores oficiais. É um prazer estar aqui podendo servir à população de São Paulo com os meus conhecimentos nesta ciência e arte que é um microssistema complexo e de infindas possibilidades.

— Uma iridologista! — O policial Ronaldo Ribeiro a interrompeu indignado. — O que somos então? Um bando de “babacas” que precisam da ajuda de uma médica para a solução de um assassinato?

Agatha Manfred o encarou sem perder o sorriso carismático que trazia em seu rosto. Por fim, desviou o olhar para a identificação em sua farda.

— Receio que esteja enganado, policial Ribeiro. — Tomou a palavra. — Não sou médica. Não cursei medicina. Tão pouco vim assinar o seu atestado de “babaca”. — Alguns risos ecoaram pela sala. — Iridologia é uma forma de diagnose, uma ciência na qual a análise de padrões, cores e outras características da íris, permite que se conheça as condições gerais de saúde, personalidade e arquétipos do indivíduo.

— Mesmo esse indivíduo sendo um cadáver?

— Mesmo assim, policial... Veja bem, o que a iridologia faz é analisar sinais, criptas, aberturas e raios presentes na íris. E o indivíduo estando vivo ou morto, todas essas características continuarão presentes, pedindo para serem identificadas. É como se o corpo manifestasse os problemas através de uma sucessão de códigos que o iridologista precisa decodificar e buscar a solução adequada. A íris é um microssistema, Sr. Ribeiro. Sua profundidade, tamanho, e a apresentação de todas essas características

mencionadas, trazem todo o registro de vida do indivíduo. Vamos usar o exemplo de um relógio; em cada espaço do círculo, ele marca os minutos, não é mesmo? A íris representa em cada um desses espaços um órgão do nosso corpo, um sistema e seu funcionamento ou disfunção. Inacreditável, não é? E não é só isso, olha que curioso, mesmo que um órgão tenha sido extraído, a íris mantém o registro do seu estado antes da extração.

Agatha Manfred aproximou-se do amigo Benjamin Marques e entregou a ele um *pen drive* com os arquivos que usaria em sua apresentação. O delegado no mesmo instante tratou de conectá-lo ao projetor.

— Bem senhores — ela continuou —, tendo respondido as dúvidas do policial Ronaldo Ribeiro e provado que minha ajuda neste caso pode ser de todo considerável, vou compartilhar as minhas descobertas.

Como eu disse, esta ciência analisa os olhos e todas as suas partes, estando o indivíduo vivo ou morto. Desde que o material esteja preservado, não há perda de informação após o óbito. — Fez sinal para que Benjamin desse início à projeção do seu material. — O que eu vou mostrar aqui para vocês, são *slides* das avaliações Iridológicas dos corpos das duas jovens em questão, Amanda Fortes e Angélica Campos.

Na tela, apareceram dois pares de íris pertencentes à Amanda e Angélica.

— Como podemos observar nestas duas imagens — prosseguiu —, existem inúmeras diferenças facilmente perceptível entre cada vítima, isso é o que define a individualidade de cada uma, suas genéticas, personalidade, gostos, fisiologia e até patologia. Elas nos trazem informações desde a fase embrionária no ventre gestacional e podem nos dar uma ideia de como seria a velhice, possibilidade infelizmente anulada devido os acontecimentos recentes.

Diante das explicações, o detetive Mallony Brandão não conteve a curiosidade;

— Funciona como a caixa preta de um avião? — indagou.

— Exatamente, Sr. Mallony! Os olhos tidos como espelhos do corpo e janelas da alma, são as caixas pretas deste avião. — Agatha gesticulou referindo ao seu próprio corpo, uma estratégia de quebrar o gelo.

Era a primeira vez em que palestrava para policiais com uma finalidade tão diferente da de prevenção e promoção da saúde, esta teria como objetivo impedir outras fatalidades. Impedir que o *Semideus* fizesse uma nova vítima.

Após o término das risadas e alguns assobios, consequências do seu gracejo, Agatha retomou a apresentação.

— Reparem que mesmo apresentando características tão diferentes, estes sinais — ela apontou para a tela, em uma determinada região das duas íris estão dispostos na mesma região da íris de ambas as vítimas. Foi esta área que mais analisei a fundo, pelo tanto de informações sobre o caso que elas foram capazes de registrar. — Agatha fez uma breve pausa para se certificar de que todos acompanhavam o seu raciocínio. — Ficou bem claro para mim que essas garotas não sofriam de depressão, e no caso de Angélica Campos, tendências suicidas. Esta região corresponde à área cerebral com taxas normais de serotonina, o hormônio da alegria, felicidade, autoestima e bom humor; que combate a depressão. Este resultado os senhores também poderão confirmar com os resultados da autópsia, que se não estou errada, ocorrerá nesta tarde.

Benjamin balançou a cabeça confirmando.

— Isso descarta a teoria do suicídio — ele completou.

Agatha mudou a foto do projetor para outro par de íris.

— Ambas as vítimas apresentam sinais de forte trauma na íris esquerda, o que se tratando de uma mulher, é onde predomina os sinais de figura paterna, relacionamento com os homens de sua vida, como pai, avô, irmãos, amigos, namorados, marido ou até mesmo patrão...

Parece impossível, não é mesmo? Mas os nossos olhos processam e registram tudo... Foi o que aconteceu com Amanda e Angélica — apontou para uma lacuna existente nas fibras das duas íris. — Nesta parte ficou registrado seus últimos momentos de vida, o contato com seu assassino.

Por uma fração de segundo, houve um movimentar curioso de cabeças, da iridologista para a foto no telão.

— Agora, isso descarta a possibilidade de ser uma mulher a quem estamos procurando.

— Exatamente, Benjamin. Não há a menor dúvida de que o *Semideus* é um homem. Você estava certo desde o início, quando se referia ao responsável por essas duas mortes como *assassino*, no masculino... — Novamente a foto foi trocada. Agora, havia uma segunda lacuna evidenciada. — Existe também outra área em evidência que me chamou a atenção, a área da religiosidade.

— Mas as garotas não eram praticantes em nenhuma religião, como já foi dito aqui e eu mesmo ouvi depoimentos de parentes e pessoas

próximas — desafiou o policial Ronaldo Ribeiro.

— Perfeitamente! Embora não estivessem praticando nenhuma religião, com certeza elas possuíam alguma fé, alguma crença ensinada quando crianças, catecismo, escola dominical, alguma iniciação religiosa elas tiveram, algo que ativou esta área, mas de uma forma curiosa, não foi apenas o desespero *pre mortem* que a intensificou, foi como se um pesado conteúdo dogmático houvesse sido empurrado "goela abaixo", emocionalmente falando, compreendem? É como se não fosse apenas o desespero, o medo que sentiram naquele momento os responsáveis por essa fissura na íris, esse registro, e sim uma submissão à crença dele. Uma espécie de catequização.

Agora foi a vez de Benjamin interromper. O semblante denunciava a sua surpresa diante de tal revelação.

— Você está dizendo que antes de serem mortas, essas garotas receberam uma lavagem cerebral? Foram convertidas à força por alguma religião ou religioso?

— Por que isso soa tão absurdo para você, delegado? Pouco antes de minha interrupção abrupta à sua conferência, pude ouvi-lo falar em remissão, em um assassino que cobra o pecado de suas vítimas. É exatamente o que ele está fazendo e tem todo um ritual para isso. Até mesmo neste segundo caso, embora não tenha concluído seu *modus operandi*, pode estar certo de que o ritual ele cumpriu... Você estava certo o tempo todo, o perfil do *Semideus* é de um homem fanático e religioso.

Benjamin Marques sorriu carinhosamente para Agatha Manfred. Sentia-se satisfeito por suas teorias seguirem o mesmo caminho e por ela apresentar a comprovação.

— E se me permite manifestar opinião — a iridologista continuou —, acredito que ele seja muito mais que isso. É um poderoso influenciador, um religioso manipulador que consegue acessar portas trancadas no cérebro das suas vítimas. — A foto da íris no telão foi substituída por duas fotos; o rosto de Amanda e o rosto de Angélica. — Abrindo essas portas, ele coloca um forte conteúdo, provocando uma bagunça irreparável em seu interior. Estes conflitos são perceptíveis em áreas emocionais e neurológicas de cada uma destas jovens.

Benjamin aproximou-se da iridologista e a agradeceu por sua imprescindível ajuda com um abraço amigável.

A porta da sala foi aberta novamente e todos olharam em sua direção para saber quem interrompia dessa vez.

— Vitória! — Benjamin exclamou surpreso. — O que faz aqui?

Sem se importar com todas aquelas pessoas ali reunidas, ou com a surpresa de encontrar o marido abraçando outra mulher no local de trabalho, Vitória se aproximou dele e tomou o lugar de Agatha Manfred, envolvendo os braços no pescoço do marido.

— Ah, Ben! Eu estou tão assustada! — ofegava, exausta por ter subido os três lances de escadas correndo. Estava impaciente demais para esperar pelo elevador.

Ele desvencilhou-se do abraço.

— Agora não, Vitória! Conversamos mais tarde em casa.

— Você não está entendendo... É importante.

— Em casa, Vitória!

Ao perceber que não teria a atenção do marido, Vitória adiantou-se em revelar a razão pela qual havia invadido a conferência daquela maneira, tão ofegante e descomposta.

— Foi ele, Ben! — apontou para a foto no telão. — O assassino de Amanda Fortes e Angélica Campos falou comigo!

Benjamin pareceu ter sofrido uma descarga elétrica. Seus olhos arregalados mantinham a surpresa ocasionada com a revelação.

— Que loucura é essa agora, Vitória? — agarrou seu braço e a conduziu até um canto da sala, fora do centro das atenções. — Está querendo que eu perca o meu emprego? O que deu em você?

Vitória não compreendia a reação do marido. Havia uma irritabilidade e uma grosseria em suas palavras que ela desconhecia a razão.

— Eu não estou brincando! — repreendeu-o. — Veja você mesmo.

Entregou o seu celular. Na tela estava a mensagem que havia recebido minutos atrás, o número era o de Angélica Campos.

— Ah, meu Deus! — Benjamin exclamou ao constatar a data e horário de envio. — Outra vez!

Na descrição da mensagem havia apenas uma letra e dois números; *R6-II*.

Sem perder tempo, pegou o notebook sobre sua mesa, digitou o endereço do site Bíblia online e procurou o livro, capítulo e versículo indicados. Dessa vez não encontrou dificuldades para decifrar a charada. Sabia que se tratava de um novo trecho bíblico utilizado como assinatura e

como justificativa da monstruosidade que o *Semideus* havia cometido na noite anterior.

O livro, capítulo e versículo escolhidos surgiram na tela. Se Benjamin ainda possuía alguma dúvida de que a morte de Angel realmente fora assassinato, agora já não existia mais.

Leu a mensagem em voz alta para que os demais policiais tomassem conhecimento:

— *“Assim também vós vos considerai certamente mortos para o pecado, mas vivos para Deus...”*, Romanos, capítulo seis, versículo onze.



Durante todo o percurso para casa, Vitória manteve a mente ocupada com pensamentos inquietantes e questionamentos perturbadores. Por que o assassino, usando o celular de Angel, escolhera-a para receber a mensagem? Qual era a sua intenção afinal? Como conseguira o seu número? O que queria que ela fizesse? A quem realmente queria direcionar aquele novo trecho de um Salmo da Bíblia?

Foi então que um súbito pensamento colocou fim a todas aquelas questões, enchendo-a de medo e temor. Não fora para que ela transpassasse a mensagem ao marido. Não era com a polícia que ele estava dialogando. Era com ela.

Um aviso, um prenúncio de que ela seria sua próxima vítima.



— Ao que tudo indica, o nosso homem, por alguma razão, não teve tempo para concluir seu ritual. — O delegado Benjamin Marques voltava a conduzir a conferência. — As suspeitas oferecidas por Agatha Manfred se confirmam mais uma vez. O *Semideus* precisou deixar o local, antes

mesmo de conseguir realizar no corpo de Angel, todas aquelas atrocidades encontradas no corpo de Amanda. E sem deixar a sua assinatura também, os trechos bíblicos. Por isso a ideia de enviar para o celular de Vitória... Só precisamos descobrir por que razões ele a escolheu. — Benjamin serviu-se de mais um copo d'água. — Por outro lado, senhores, tendo a confirmação de que essa segunda morte também foi de sua responsabilidade, seja pelas informações apresentadas pela iridologista ou por essa mensagem de texto direcionada à Vitória, chegamos a outra certeza sobre ele: é realmente um religioso sádico e totalmente alienado.

Se no início da conferência houve certa desconfiança sobre a crença do assassino, agora já não existia mais. Ninguém se manifestou contrário às observações do delegado.

— E devo informá-los de que não será tão difícil assim chegar até a sua identidade. Acredito que o centro de tudo já foi descoberto.

Recentemente pedi ao Trajano que fizesse uma rápida investigação sobre Onório Ferman, proprietário do *Babylon Night Club* e todas as dançarinas. Sua averiguação foi além do que o solicitado — Benjamin apontou para o colega. — Por favor, Trajano, nos apresente as suas descobertas.

O policial levantou-se da cadeira onde estava sentado e se posicionou ao lado do delegado, à frente de todos.

— Bom, quando Benjamin me pediu que fizesse essa investigação, eu não poderia imaginar em que tipo de terreno estava pisando. Achei que seria apenas um levantamento geral do proprietário do clube e das garotas que se apresentam ali, mas para minha surpresa, as coisas foram muito além; acabei descobrindo uma comunidade em uma rede social ligada ao nome de Onório Ferman, e a partir disso foi puxar o fio principal da meada, os demais nomes foram surgindo... Foi como se eu acendesse um fósforo em um barril de pólvora. A explosão jogou merda para todo lado, se é que vocês estão me entendendo.

Benjamin fixou uma segunda foto impressa em papel sulfite ao lado da foto de Alberto Dillon e fez uma breve descrição;

— Nosso segundo suspeito, Onório Ferman, na casa dos cinquenta anos, nunca se casou e vive do pouco que consegue em seu estabelecimento ultrapassado e praticamente falido. Há suspeitas ainda não confirmadas, de que agencia as dançarinas para serviços sexuais realizados fora do *Night Club*. E tem mais, por favor prossiga, Trajano.

— Obrigado, chefe! Como eu estava falando, descobri uma comunidade denominada *USD*. Um grupo fechado, restrito a um público específico, onde para se tornar um membro, era preciso que possuísem características em comum. — Trajano percebeu a confusão se formando no semblante dos colegas. — Eu vou explicar melhor; imaginem os senhores que ao longo da nossa vida passamos por diversos momentos. Nem sempre são acontecimentos felizes ou prazerosos. Que bom seria se fossem somente coisas boas, não é mesmo? Muitas vezes sofremos dificuldades, enfrentamos perdas, dores e tristezas que nem sempre conseguem ser superadas com facilidade ou com a ajuda de um profissional. Quem aqui nunca fez terapia? — Não houve resposta. — Então, a vida muitas vezes é um fardo difícil de carregar a duas mãos. Há situações em que precisamos dividir com alguém e nem todo mundo está acostumado ou tem condições financeiras para procurar a ajuda profissional. Foi pensando nisso que a *USD* foi criada...

— *USD* é uma sigla, qual o significado? — O policial Nelson Ramon questionou ansioso.

— *Uma Só Dor*. Acho que não preciso explicar mais nada depois desse nome, não é?

A *USD* foi criada para ajudar a quem necessitasse. Um grupo anônimo onde os integrantes compartilham suas dores. Sei que parece um pouco prescindível, pois existem milhares de grupos como esse que ajudam pessoas com os mais diferentes problemas...

— Certo! — Nelson Ramon voltou a interromper. — Ótima investigação e apresentação, policial Trajano, mas o que essa comunidade em específico tem a ver com o assassino dessas duas garotas?

— Pode ser uma grande besteira tudo isso o que estou falando, policial Ramon, como também pode ser a solução de todo esse mistério. O que eu não posso é deixar de apresentar todos os pontos, e claro, contar com a ajuda e a opinião de vocês para chegar a alguma conclusão. A *USD* não é apenas mais uma comunidade na internet oferecendo conforto a quem precisa. Há mais coisas sobre ela que ainda não falei. Eu ia começar pelas coincidências que a envolvem quando sua pergunta me interrompeu. A primeira delas eu diria tratar-se do tipo de comunidade: a *USD* é religiosa.

— Novamente a religião! — O perito Airton Lopes exclamou.

— Exatamente. Temos um assassino religioso e uma comunidade religiosa. Acho que essas duas informações já começam a fazer sentido. A



segunda coincidência está na identidade dos membros, ainda não foi possível a identificação de todos, porque como disse, o anonimato aqui é respeitado e será necessário um pouco mais de tempo para que os dados sejam rastreados, mas os poucos nomes que consegui descobrir já comprovam a existência desta segunda coincidência.

— Trajano tirou o celular do bolso e, desbloqueando a tela, abriu o aplicativo bloco de notas onde havia anotado os nomes e começou a anunciá-los. — Roberta Dilon, mãe de Amanda Fortes, foi quem criou a comunidade há pouco mais de um ano quando sofreu um aborto espontâneo, daquela que seria sua terceira gestação. Por não conseguir entender e aceitar o ocorrido, foi buscar na internet forças para suportar a sua dor; Alberto Dilon, segundo marido de Roberta e padrasto de Amanda Fortes, entrou para a comunidade dias após a morte da enteada. Sua perda? Desconhecemos qualquer outra nos últimos anos que não seja Amanda. Júlio Assunção, pastor evangélico que vive pelas ruas da cidade gritando aos quatro cantos o que ele chama de “*Palavra do Senhor*”.

Benjamin pregou a foto do pastor ao lado da de Onório Ferman. Terceiro suspeito.

— Entrou para a comunidade depois de perder seu único irmão viciado em drogas. Não entendia o porquê Deus não o havia libertado do vício, a USD ajudou a fortalecer a sua fé; Carmela Assunção, esposa do pastor Júlio, amiga do senhor e senhora Dilon e empregada na casa do delegado Benjamin. Sua perda foi o primeiro marido, um homem violento que a espancava quase todas as noites até que, cansada de apanhar, revidou, matando-o. — Trajano fez uma pausa, olhando para todos de forma enfática.

— Curioso, não é mesmo? Parece que mesmo tratando-se de uma comunidade anônima, os integrantes se conhecem perfeitamente fora dela. Estão interligados em uma teia de segredos.

— Vejamos se entendi o seu raciocínio, policial — o detetive Mallony Brandão entrevistou. — Temos uma comunidade criada por Roberta Dilon, mãe adotiva de Amanda Fortes, a qual tem como membros seu atual marido que todos aqui sabemos que mantinha certa adoração pela garota e o casal de amigos, Júlio e Carmela Assunção? Esta última trabalhando na casa de Vitória Maria Sá Marques, a mãe biológica de Amanda?

— Perfeito.

— Então me permita corrigi-lo, policial Trajano. Aqui não se trata de uma coincidência. Vejo algo proposital, articulado.

— Com toda certeza, detetive. Eu fiz minhas observações em cima dos depoimentos colhidos de cada um dos envolvidos. Não quis manifestar minha opinião que nada difere da sua, justamente para não os influenciar, mas é claro que toda essa história é absurda e que essas pessoas estão mentindo. Eu só não sei o que podem estar escondendo. — Trajano voltou a consultar o bloco de notas em seu aparelho celular.

— Há um quinto integrante que conseguimos identificar e que deixará os senhores de cabelos em pé. — Trajano fez um breve silêncio para provocar um pouco de suspense nos colegas. Aquele era o seu momento e ele estava adorando ter toda a atenção voltada para si. — Onório Ferman, o dono do *Babylon*.

— Está de sacanagem! — O perito Airton não conteve a indignação. — Se tem uma coisa que esse homem não é, é religioso.

— Concordo. Ele é um homem totalmente oposto ao comportamento de qualquer religioso. Só quem o conhece pessoalmente vai entender minha observação. Religião e Onório Ferman são duas coisas antagônicas. É discordante.

— Fale mais sobre isso. — Mallony pediu.

— Ele entrou para a *USD* após a morte de seu pai. Parece que não aceitou facilmente, ainda mais quando o seu estabelecimento começou a ruir com a sua má administração, mas dizer que Onório Ferman tem envolvimento com religião é um tanto quanto paradoxal. O homem é o pecado encarnado.

Benjamin aproximou-se do colega e tomou a palavra:

— E antes de encerramos esta conferência, há uma terceira e não menos importante “coincidência” nesta história toda — fez sinal de aspas com os dedos.

— Todos os dias publicam mensagens bíblicas na comunidade, como forma de ânimo e acalanto aos membros. Eu andei pesquisando as postagens dos dias anteriores à morte de Amanda Fortes e encontrei uma mensagem bastante intrigante postada no dia de seu desaparecimento; “*Porque aquele que está morto está justificado do Pecado*”. Romanos 6, versículo 7; R67.

— A mesma mensagem encontrada na genitália dela.

— Isso mesmo. E posso apostar quanto você quiser, Trajano, que se pesquisarmos as publicações de ontem, vamos encontrar a mensagem enviada para o celular de Vitória; R6-11... Há realmente uma ligação entre o assassino e a *USD*.

A iridologista, Agatha Manfred, que estava sentada no fundo da sala atenta a tudo, levantou a mão chamando a atenção de Benjamin, que parou de falar no mesmo instante.

— Talvez eu possa ajudá-los nesta questão. Posso analisar a íris de cada um desses integrantes da comunidade, e dos suspeitos, encontrando o perfil que se equipare ao do assassino. Sou capaz de identificar o psicológico traçado e apontar se o assassino é realmente um membro da *USD*.



Horas mais tarde, quando Benjamin já estava prestes a deixar a delegacia, o policial Trajano adentrou sua sala. A julgar por sua aparência desalinhada e amarrutada, podia-se dizer que estava tirando um cochilo em alguma sala vazia da delegacia, mas isso não era verdade. Tudo o que ele tinha feito foi passar horas, desde que a conferência terminara, sentado à frente de um televisor assistindo às imagens das câmeras de segurança do prédio de Angélica Campos.

— Ah, que bom que você ainda está aí!

— Mas já estou de saída. — Benjamin retirou sua jaqueta das costas da cadeira e a vestiu. — Quero chegar em casa cedo para ter aquela conversa com Vitória. De hoje não pode passar.

— Talvez você queira ver isso antes. — Trajano informou, entregando a ele algumas folhas de papel que continham impressões de alguns pontos específicos da gravação. — Eu encontrei, Benjamin!

— Do que você está falando?

— O *Semideus*! Já sei quem é.

— Que brincadeira é essa, Trajano?

— Não estou brincando, é sério, cara. Eu estava analisando as imagens de segurança que você me pediu...

— E? — Benjamin sentia a ansiedade tomando conta de seu corpo.

— O porteiro do edifício Copan informou que o corpo caiu por volta das vinte e três horas e trinta e dois minutos, não foi?

— Aproximadamente.

— Dê uma olhada nesta imagem e veja quem entrou no prédio às vinte e duas e cinquenta e três.

Benjamin desceu o olhar sobre o papel em sua mão, e no mesmo instante sentiu o coração bater descompassado ao reconhecer o visitante.

— Por Deus... É o Onório Ferman!

# Capítulo Trinta e Cinco

## ELE



Esfreguei as mãos por debaixo da torneira do lavatório. O sangue que nelas se encontrava foi removido com a água, escorrendo pelo ralo, desaparecendo de meus olhos. A culpa, o remorso ou qualquer outro sentimento de responsabilidade esvaindo-se com a água também. Esfregava cada vez com mais força, com pressa, com repulsa.

Eu não entendia o que realmente estava acontecendo naquele momento, mas já era o arrependimento se mostrando presente.

Havia voltado para casa depois de uma terceira morte provocada por minhas mãos. Foi Amanda Fortes, Angélica Campos e essa terceira garota que nem mesmo a polícia tinha encontrado ainda.

Embora em todas essas mortes eu apenas estivesse obedecendo à vontade do nosso Senhor, alguma coisa havia mudado dentro de mim e mesmo que inconscientemente, eu começava a condenar minhas atitudes. Começava a questionar os meus feitos e as consequências de cada um deles.

Enxuguei as mãos na toalha e voltei para o quarto.

Sobre a cama, uma Bíblia estava aberta no livro de Romanos. Passei o olhar pelos trechos sublinhados à caneta e os reli um a um em voz alta, reafirmando as palavras de Deus e suas vontades.

*“Porque aquele que está morto, está justificado do pecado.”*

*“Assim também vós vos considerai certamente mortos para o pecado, mas vivos para Deus.”*

*“E, libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça.”*

Fecho então os meus olhos e tudo o que vejo é a tranquilidade, o límpido de minha consciência, agora absolvida pela palavra do Senhor, somado a alacridade e a exaltação de minhas lembranças. Lembranças de ações, atitudes e comportamentos que não se deram por mim ou por vontade própria, mas pela vontade única daquele a quem entreguei a

minha vida; daquele que um dia me tomou em suas mãos e perdoou os meus pecados, transformando-me em um servo único e fiel.

Não vejo o mal, o pecado, a impiedade que um dia disseram tatuar meus olhos. Não vejo o temível, o horrído assassino que todos me acusam ser. Vejo o puro, o escolhido, o enviado dos justos, destinado a sacrificar sua liberdade pela purgação e pela purificação do mundo.

Um Semideus!

Voltei a abrir os olhos e só então tomei conhecimento de que havia deixado o computador ligado antes de sair de casa para atender a vontade do Senhor. Levantei da cama onde eu estava sentado e fui desligá-lo.

Mas não o fiz.

Uma nova mensagem esperava para ser lida, deliberando uma nova tarefa. Uma próxima vítima.

A última.

## Capítulo Trinta e Seis



Entre o medo e o desespero existia uma diferença tão pequena que se tornava impossível para ela discernir um do outro. A verdade é que Vitória Maria Sá Marques estava assombrada, amedrontada e completamente incerta em relação aos seus próximos passos. Nunca antes, nem mesmo quando decidira confrontar Onório Ferman, esteve tão confusa como naquele momento. Apresentar-se pela última vez no *Night Club*, como ele mesmo havia sugerido, e só então deixar de vez aquele lugar, não mais lhe parecia a melhor coisa a se fazer. Desde que havia recebido em seu celular a mensagem do suposto assassino de sua filha Amanda e de Angélica Campos, tinha como única companhia a preocupação.

Preocupação que resultava a uma sucessão interminável de perguntas.

E se suas suspeitas não fossem tão absurdas assim? E se aquele homem desconhecido, louco, insensato, estivesse realmente, por razões ainda desconhecidas, seguindo uma sequência? E se estivesse procurando suas vítimas em um único lugar? E se o *Babylon* fosse a resposta para tudo? E se ele estivesse ligado ao *Night Club* e fosse um frequentador? Estariam todas as dançarinas correndo perigo?

Eram tantos “Se” e nenhuma certeza que Vitória sentia-se perdida. Completamente desorientada e com medo. Não sabia quem era o *Semideus*, mas não precisava de muito esforço para entender a forma com que ele agia. Suas duas vítimas foram dançarinas do *Night Club*, em ambas fora deixada mensagens religiosas condenando o pecado, era evidente que o *Babylon* era o ponto central de suas abordagens e que ele agia como uma espécie de justiceiro.

E se ela fosse a próxima?

Benjamin era policial. Buscava constantemente encontrar aquele homem. Contudo, por conta de todas as suas omissões, não podia contar com a proteção dele.

O que estivesse rondando-a naquela noite, teria que enfrentar sozinha.

Diante de inúmeros desafios, o primeiro a vencer era a incivilidade de Onório Ferman. Vitória havia acabado de entrar no salão principal quando a voz do proprietário ecoou por todo o lugar; altiva, firme, e grosseira ao mesmo tempo:

— Ah, até que enfim você chegou! Eu já estava achando que havia desistido.

— Aconteceu alguma coisa, Onório?

— Claro que aconteceu... Você ficou louca? Cheirou cola, lambeu a tampa e comeu a lata? Foi isso, Vitória Maria?

— Do que você está falando?

— A música que você escolheu para a apresentação de hoje. O Jorge me mostrou, é uma porcaria. Sentimentalismo demais para o meu gosto.

Vitória o ouvia falar, cada vez mais impaciente. Diante de todos os seus temores, a escolha da música tornava-se insignificante.

— Você quer emocionar, é isso? Quer que todos os nossos clientes comecem a chorar feito maricas? — Onório insistia. — Quer emoção, vá fazer teatro! Aqui a coisa é diferente, se você ainda não se deu conta disso. Aqui é sexo, é putaria e safadeza. É isso o que eles querem, é isso o que nós oferecemos.

Vitória o encarou. O olhar pesado, carregando todo o pesar do seu coração.

— Tudo bem, Onório. Escolha a música que te agradar — respondeu languidamente, seguindo para o camarim.

Sua atitude o deixou surpreso.

— Aceitou? Assim facilmente? Sem nenhuma discussão ou empecilho? Mas que droga! Essa não é a Vitória que eu conheço.

— Faça como achar melhor!

— Ótimo! Já escolhi então... — anunciou ele. — Você vai fazer *My Sacrifice do Creed*. A música é ótima e a letra é perfeita. Fala de desejos, partidas e sacrifícios. É ideal para uma despedida. Vai deixar a sensação de que abandonar os palcos está sendo um sacrifício para você, uma escolha difícil, porém necessária. É uma pena que o seu marido não esteja aqui esta noite para te ver dançar. Tenho certeza de que com o show que preparamos e com essa música, ele certamente entenderia o seu trabalho.





— O *Semideus* é o Onório Ferman!

Benjamin repetia a afirmação há mais de dez minutos. Era como se ao ouvir a repetição, buscasse acreditar em suas palavras.

Onório Ferman estivera no apartamento de Angélica Campos minutos antes do corpo da garota despencar da sacada. A prova estava ali, diante de seus olhos, uma reprodução da câmera de segurança do Edifício Copan. A imagem era nítida. Reconhecível. Inquestionável. Somada a todas as informações apresentadas pela iridologista durante a conferência naquela manhã, e a descoberta do Policial Trajano de que Onório era um dos membros da *USD*, não restavam dúvidas a Benjamin Marques de que havia chegado à verdadeira identidade do assassino.

— Acabou, Trajano! — anunciou satisfeito. — Pegamos o *Semideus*. O tempo todo era ele. Evidente. Explícito. Nós nos recusamos a acreditar. A única pessoa que se beneficiou com todas essas mortes foi o Onório.

O alarde da imprensa trouxe publicidade para o quase falido *Night Club*, reacendeu o interesse das pessoas pelo lugar... Não consigo o ver como um religioso, mas isso de religião, *USD* e mensagens extraídas de textos bíblicos pode ser apenas um circo. Uma tentativa de despistar as investigações.

— E o que pretende fazer, chefe?

— Vamos dar um passeio na Augusta, Trajano.

— No *Babylon*? Ótimo! Eu estava mesmo querendo ver a Alice...

— De quem você está falando?

— Alice Jardim, chefe. Aquela dançarina que eu interoguei. A mais bonitinha. Já falei dela pra você.

Benjamin não se lembrava.

— Eu juro, chefe, que se ela estiver lá hoje, eu vou convidá-la para sair.

— Depois de cumprir com a sua obrigação, eu espero, pois primeiro temos que buscar Onório Ferman, trancá-lo em uma cela, acuá-lo e ouvir de sua boca toda a verdade.



Vitória encarou o espelho, consternada. A imagem refletida em nada a agradava. Sentia-se cansada, preocupada e principalmente temerosa. Havia tentado sem sucesso utilizar dos artifícios da maquilagem para esconder as olheiras e o semblante abatido. Era no interior de seus olhos, onde nenhuma maquilagem poderia ser aplicada, que se encontrava o seu desagrado. Aquele brilho refletido estava enraizado em seu interior. Era a via condutora dos sentimentos que se alojavam em seu coração.

Ela se perguntava se um dia voltaria a se olhar no espelho, sem ver aquele brilho entristecido refletido em sua íris. Perguntava-se se algum dia iria se livrar daquele sentimento de vergonha e arrependimento. Se voltaria a viver, encontrando a verdadeira felicidade, sem se lembrar dos traumas do passado, principalmente após ter que mentir, tanto a fim de executar uma justiça que achava ter direito e que não tinha saído totalmente como planejava. Pelo contrário, só lhe ocasionara mais perdas.

“Será que um dia serei mais do que uma mentirosa amedrontada por um fanático religioso?”, questionava ela, enquanto mirava o reflexo no espelho que já não reconhecia. Era como se aquela fosse apenas uma estranha dublê de seu corpo.

Desviou o olhar para a garota ao seu lado, a dançarina recém-contratada, Pietra Montez. Por um tempo ficou observando-a sem que fosse percebida. Havia tanto de Amanda Fortes naquela garota que a semelhança com a filha chegou a impressioná-la, resultando naquela dor lacerante que só a saudade é capaz de produzir. O mesmo tom de pele, a mesma estrutura corporal, os mesmos olhos grandes e penetrantes que tantas vezes chegou a admirar em Amanda.

Será que os sonhos também eram os mesmos?

Amanda era uma sonhadora. Tão sonhadora quanto Vitória fora em sua juventude, mas o destino não permitiu que esses sonhos se tornassem realidade, ao contrário, ele arrancou-lhe de forma brutal o direito de concretizá-los. Para Vitória, pensar na filha era como pensar em um livro inacabado, onde a história deslanchava fluentemente com todas as suas

reviravoltas e surpresas, até que por motivos inexplicáveis, deixaria de receber um final de seu autor. Na verdade, a história fora interrompida. Essa era a palavra correta para descrever o que acontecera a Amanda.

*Interrompida.*

Seu olhar ainda estava direcionado a Pietra. Quantos anos devia ter? Dezoito? Dezenove? Não mais que isso. Como fora parar ali? Por imposição ou vontade própria? Que sucessão de acontecimentos a teria levado buscar emprego no *Babylon*? Apenas o dinheiro? A ganância pela ilusória notabilidade ou reconhecimento? A falsa luxúria?

Vitória se deu conta de que nunca haviam conversado. Desde que aquela garota fora contratada como substituta de Amanda, foram poucas as vezes em que dividiram aquele mesmo espaço claustrofóbico e sem ventilação.

“Um porão sendo usado como camarim.”

Desde então, semanas se passaram e todo o relacionamento entre elas poderia ser resumido em apenas cumprimentos formais.

Embora nada soubesse sobre ela, com apenas alguns minutos de observação, Vitória foi capaz de identificar nos olhos da garota o mesmo brilho perturbador do qual ela mesma tentava se livrar.

Encontrara a resposta para uma de suas perguntas. Não fora a ganância ou a luxúria que trouxeram Pietra ao *Babylon*. Dava para ver em seus olhos que não se sentia satisfeita por estar ali.

Vitória arrastou a cadeira, aproximando-se da garota que naquele momento tentava concluir a sua maquiagem.

— Por que não tenta uma tonalidade um pouco mais forte? — sugeriu.

— O que? — A garota olhou-a sobressaltada.

— O batom! Você pode ousar um pouco mais e apostar em um degrade de vermelho e bordô, por exemplo. Você é jovem, tem a pele clara, vai ressaltar bastante a sua boca e explorar a sensualidade também.

Pietra deixou o espelho e a encarou em silêncio.

— Tenho uma dica ótima para conseguir a cor de batom ideal. — Vitória continuou. — Posso?

A garota pareceu receosa, mas não se opôs à ajuda.

Vitória procurou em sua maleta de maquiagem um hidratante labial e com toda a paciência necessária, aplicou em seus próprios lábios a fim de demonstrar à Pietra.

— Agora é só escolher a cor de sombra que mais lhe agradar e aplicar por cima do hidratante labial. Você terá um batom com duração

prolongada e a tonalidade única. Pode aplicar o bordô no contorno, com a ajuda de um pincel, e o vermelho no preenchimento dos lábios.

Espalhou a sombra nos lábios com a ponta dos dedos e com a ajuda de um pincel chanfrado fez o contorno, esfumando-o. Pietra mostrava-se surpresa com o resultado.

— Perfeito, não é? É uma das poucas coisas proveitosas que aprendi neste lugar... Por que não tenta você mesma? — Vitória remexeu em sua maleta e encontrou um novo hidratante labial. Ele estava lacrado. — Pegue. É seu.

Em silêncio, Pietra o pegou das mãos de Vitória, rompeu o lacre da embalagem e reproduziu o efeito aprendido em frente ao espelho.

— Ótimo! — Vitória elogiou. — Ficou ainda melhor em você.

— Por quê? — A garota finalmente falou.

— Acho que por causa do seu tom de pele, a cor dos seus olhos...

— Não! Não é o que perguntei. Por que está fazendo isso?

Vitória afastou a cadeira. Qualquer tentativa amigável de aproximação seria muito mais difícil do que havia imaginado.

— Gentileza? Companheirismo? — justificou. — Nem todas as pessoas agem com segundas intenções, sabia?

— E nem todas as pessoas são legais a troco de nada.

Vitória sorriu. Não um riso debochado, sarcástico, mas um riso incrédulo, céptico do que acabara de ouvir.

— Acho que consigo entendê-la, talvez não tenha convivido com pessoas amigáveis o bastante a ponto de aprender a discernir o bom e o mal-intencionado.

— E quem é você para tirar conclusões sobre a minha vida?

— Eu não sou ninguém. Desculpe... — Vitória baixou o olhar para os dedos, entrelaçados em movimentos repetitivos e nervosos. — Eu tive uma filha, da sua idade mais ou menos. Uma garota linda, cheia de vida e planos para um futuro que ela não teve. — Vitória pôde perceber no olhar da garota o seu interesse. — Sim, ela morreu. — Sentiu a dor da saudade dilacerando seu peito. — Tivemos tão pouco tempo juntas... Eu errei tanto com ela. — As lágrimas começavam a queimar os seus olhos. — Tudo o que eu mais queria nessa vida era ter a oportunidade de ficarmos mais uma vez frente a frente, olhar no fundo dos seus olhos e poder dizer o tamanho do meu amor. Eu não disse... Em todas as chances que tive, eu nunca fui capaz de dizer o quanto a amava, o quanto ela era importante para mim.

Eu a escondi da minha família, por Deus, que espécie de mãe eu sou? Capaz de esconder a existência de uma filha! Neguei o seu direito de conviver com a irmã, com o avô...

As lágrimas que antes queimavam seus olhos, agora jorravam como cachoeira. Levou uma das mãos ao rosto para enxugá-las quando Pietra ofereceu um lenço de papel.

— Você foi legal comigo agora. — Vitória concluiu, contrariando a afirmativa da garota de minutos antes. — E não acredito que queira algo em troca. Viu só, a generosidade ainda move as pessoas. Não deixe nunca que um simples borrão de tinta comprometa toda a sua pintura. Nem todas as pessoas são iguais, Pietra. — Vitória esperou por uma resposta que a garota não foi capaz de proferir. — Quando eu te vi agora a pouco, foi como se estivesse vendo a minha filha outra vez. Sempre preocupada com a aparência, ficava horas na frente deste espelho se maquiando. Foi com ela que aprendi esse truque do batom com sombra de olhos... Senti saudades, porque a semelhança entre vocês é impressionante, aí acabei falando além do que deveria. Não foi a intenção me intrometer ou tirar conclusões sobre a sua vida. Embora, se me perguntasse, eu diria que isso aqui não é lugar para você.

— O Onório diz completamente o contrário.

— O Onório é uma sanguessuga que só consegue pensar no dinheiro que conseguimos para ele.

— Diz que posso fazer muito sucesso.

— Aqui? Com esse tipo de público? Eu não quero destruir suas expectativas, mas não vai rolar... Aliás, você pode até ficar com raiva de mim, mas eu vou me intrometer na sua vida sim. Vou fazer o que deveria ter feito com a minha filha quando ela cruzou pela primeira vez as portas deste lugar à procura de um emprego. Vou te dar um conselho, o mesmo que não fui capaz de dar a ela — Vitória fez uma pausa e olhou bem dentro dos olhos da garota. — Vá embora daqui. Procure um emprego de garçoneiro, atendente, recepcionista, qualquer coisa, e se seu sonho for realmente se tornar uma dançarina, batalhe por ele, mas lá fora, de outra maneira, longe dessa promiscuidade barata e desses homens impassíveis. Você é tão nova ainda, Pietra, tão bonita. Tem todas as oportunidades do mundo, só precisa saber encontrá-las. Comece se valorizando, se respeitando.

Pietra levantou-se da cadeira onde estava sentada e começou a caminhar pela sala.

— E você? — perguntou. — Por que continua aqui?

— Porque eu fui marcada por um ato repulsivo no passado que me levou a cobrar justiça. Eu estou aqui por causa disso. Um dia quem sabe eu tenha a oportunidade de contar a você a minha história e vai entender o que estou falando. A minha vida tem sido uma armadilha atrás da outra. Se ficarmos em silêncio, conseguimos até ouvir as ratoeiras desarmando. — Vitória riu da própria piada. — Mas até que tenhamos essa conversa e que você me conheça melhor, eu preciso saber que você está bem, que não terá o mesmo destino que eu ou, que Deus não permita, que a minha filha teve. Você merece uma vida melhor e eu posso te ajudar.

Pietra a encarou, exasperada.

— Eu não preciso de ajuda!

— Não seja tola, garota, todos precisam. Não é vergonha alguma reconhecer isso.

Pietra juntou seus pertences de cima do balcão e deixou o camarim.



Vitória terminava de se vestir quando a porta do camarim se abriu abruptamente.

— Posso entrar? — Onório perguntou já passando por ela.

— Você já entrou, Onório.

— Ah, foi mal! É que você me tira fora do sério. É impressionante a sua capacidade de me irritar.

— Você está falando sobre o que, dessa vez?

— Aquela garota nova, a que veio para substituir a Amanda, ela acabou de se demitir, e disse que você a fez enxergar que esse não é o “lugar certo” para ela — Onório fez aspas com as mãos.

Vitória sorriu satisfeita. Então a garota não era tão cabeça dura assim. Ela foi capaz de entender e aceitar o seu conselho.

— Sinto muito, Onório! Só compartilhei a minha opinião.

— Tudo bem, não vou perder meu tempo travando mais uma batalha com você. É sempre inútil... além do mais, está acabando, não é mesmo? É só questão de horas para você ir embora e se esquecer de que um dia passou por aqui.

— Corrigindo, é questão de hora. Minha apresentação termina daqui a exatos cinquenta e sete minutos. Então não precisaremos mais dividir o mesmo espaço, compartilhar dos mesmos acontecimentos ou tampouco respirar o mesmo ar.

Onório fez uma longa pausa, pensando antes de voltar a falar.

— Se depois de tudo o que aconteceu, tudo o que fizemos um ao outro, eu dissesse que vou sentir a sua falta, você acreditaria?

— Não.

— Certo. Eu também não vou dizer.

Caminhou em direção à porta com a intenção de deixar o lugar. Parou. Respirou fundo, como se precisasse de coragem para continuar a expressar seus sentimentos. Virou-se novamente para Vitória e por alguns minutos deixou que o silêncio falasse por ele.

— O que está acontecendo, Onório? — Vitória indagou um tanto incomodada.

— Poderia ter sido diferente, não é mesmo?

— Não estou entendendo!

— Nós dois, Vitória.

— Você enlouqueceu? Não existe nós dois.

— Existe! Existe sim, e um dia ainda foi três. — Vitória conseguiu entender no mesmo instante quem era a terceira pessoa a qual ele se referia; Amanda Fortes. — Não precisava ser desse jeito! Só agora eu me dei conta disso. Tivemos uma filha, Vitória. Isso faz de nós cúmplices e parceiros. Ainda que de forma errada, temos uma história juntos... e vamos carregar as cicatrizes dessa turbulenta história para o resto das nossas vidas... Você pode sair daqui esta noite, deixar esse lugar, mas esse lugar jamais deixará você. Vai sempre se lembrar do que foi, onde esteve e o que fez. Vai sentir rancor, ódio, satisfação por ter conseguido a sua justiça, até mesmo saudade você sentirá.

— Para com isso, Onório!

— Então eu pensei, por que terminar assim? Com os mesmos ressentimentos de quando começou? Por que não oferecer uma trégua?

Ofereceu a mão como uma maneira de selar sua proposta. Vitória não a tocou.

— Eu fui um escroto com você, fiz coisas horríveis, e em contrapartida, nunca mais serei o mesmo homem por sua causa. Tudo o que vivemos me fez ver que sou um péssimo ser humano, e conviver comigo mesmo é uma tortura diária e infundável. Ainda que eu tenha consciência de que você sempre carregará a humilhação da violação, quero que saiba que eu me arrependi. Eu desejo que você seja feliz, Vitória. Sei que tudo começou errado, mas não precisa acabar da mesma forma.

— Eu não sei o que dizer. Nunca esperei ouvir isso de você, Onório — Vitória sussurrou, estarrecida.

— Eu também nunca pensei em falar, mas sinto como se estivesse tendo uma única oportunidade de acertar as coisas... Até algumas horas atrás, eu pensava completamente diferente. Estava feliz por ser sua última noite no *Babylon*. Eu, mais uma vez ia tentar passar a perna em você, porque não tenho o dinheiro do nosso acordo. Vence hoje, e eu não consegui juntar um centavo sequer para poder te devolver. Não estava preocupado, eu ia rasgar o nosso contrato, e não honrar com a minha parte nele, mas eu não sei o que aconteceu, talvez tenha sido o mosquito da compunção que me picou e me deixou assim, patético... Eu vou fazer outro documento passando para o seu nome o *Babylon Night Club*, como fora exigido caso eu não conseguisse devolver o dinheiro que você emprestou. Você pode vender, alugar, enfim, recuperar o dinheiro que investiu. Chega de perdas, Vitória... A propósito, você agora terá que se apresentar duas vezes, já que por sua causa a Pietra foi embora. Boa apresentação.

Onório baixou a cabeça e saiu do camarim como um soldado desolado após perder a sua principal batalha.

Vitória estava atônita. Sem conseguir acreditar no que havia acontecido.



De volta à sua sala, Onório pegou o rádio comunicador de cima de sua mesa e chamou por um de seus funcionários, o assistente de produção.



— Pedro, está na escuta?  
— Sim, senhor.  
— Dez minutos e a Maria vai subir no palco. Ela vai substituir a garota que se demitiu. Entendido?  
— Perfeitamente.  
— Fique atento aos efeitos especiais também, Pedro. A chuva de papel picado e a fumaça serão usados apenas em sua segunda apresentação.  
— Combinado.



Quando Vitória apareceu no palco, o alvoroço entre os clientes do *Night Club* foi intensivo. A música, ainda que em volume alto, não fora o suficiente para abafar os assovios e gritos que aqueles homens produziam, extasiados com o início do show.

Vitória então começou a cumprir o seu papel, dançando, insinuando, provocando-os, enquanto notas começavam a ser arremessadas em sua direção.

“Não precisava ser desse jeito. Só agora eu me dei conta disso.”

Enquanto dançava, as palavras de Onório voltavam a sua mente, prendendo a sua atenção. O que teria acontecido para que mudasse tão drasticamente o seu comportamento?

“Você pode sair daqui esta noite, deixar esse lugar, mas esse lugar jamais deixará você.”

Desabotoou lentamente os botões da blusa, fazendo com que a euforia se tornasse ainda maior. Sabia como ninguém atizar aqueles lobos famintos.

“Se depois de tudo o que aconteceu, tudo o que fizemos um ao outro, eu dissesse que vou sentir a sua falta, você acreditaria?”

Rodou a blusa por sobre sua cabeça e a arremessou no fundo do palco. Ajoelhou-se e deixou que um cliente colocasse duas notas de vinte entre seus seios.

“Vai lembrar sempre do que foi, onde estive e o que fez.”

Onório estava certo. Jamais seria capaz de esquecer no que havia se transformado. Não era mais a esposa dedicada e feliz, a mãe honesta e prestativa. Consequira estragar tudo.

“Sei que tudo começou errado, mas não precisa acabar da mesma forma.”

Parou de dançar. Pegou a blusa que havia arremessado nos fundos do palco minutos atrás e voltou a se vestir. Tudo havia começado errado sim, mas não era assim que queria terminar. Não era aquela mulher vulgar que representava quase todas as noites. Não precisava mais fazer isso.

Quando finalmente deixou seus pensamentos de lado, disposta a deixar o palco, avistou em meio aos clientes um rosto familiar, um rosto que transparecia a mesma odiosidade com a qual ela o encarava. Alberto Dillon, padrasto de Amanda Fortes, assistia a sua apresentação naquela noite e ele lhe presenteou com um sorriso mordaz que a fez tremer da cabeça aos pés.

Pela primeira vez, sentiu medo dele.

— Mas que diabos está acontecendo aqui? — Onório perguntou irritado ao perceber o desagrado dos clientes com a atitude de Vitória. — Silvio, apague as luzes do palco. Jorge desligue a música, alguém, por favor, tire essa louca aí de cima.



— Você vai embora hoje, e por isso quer arruinar essa merda, não é? — Onório soltava fogo pelas ventas. — O que foi aquilo? Você pode me explicar? Você estava indo bem, e aqueles babacas estavam dispostos a gastar até o último centavo com você.

— Desculpe, eu não sei o que aconteceu. De repente senti vergonha de mim mesma e do que estava fazendo ali.

— Vergonha? VER-GO-NHA? Tá de sacanagem comigo, né? Você faz isso há mais de um ano e veio sentir vergonha hoje? Você vai voltar lá e vai fazer essa merda direito.

— Onório, eu não preciso...

— AGORA!  
— Tudo bem, eu vou, mas sem nudez! Eu danço, me insinuo, mas sem me despir.  
— Se conseguir arrancar o dinheiro deles assim...  
— E de máscara! Vou ficar mais tranquila sabendo que não estão vendo o meu rosto.



Alberto Dillon continuava em meio a todos aqueles clientes com o mesmo sorriso irônico estampado em seu rosto. As mãos acariciavam as cicatrizes em seu peito provocadas por um chicote de couro certa vez empunhado por Vitória. Ela usava seu pseudônimo de dançarina do *Babylon, Maria*, mas ele foi capaz de reconhecê-la. Mesmo preso à cama daquele quarto de hotel barato, sendo açoitado e acusado pela morte da enteada, ele sabia tratar-se de Vitória Maria Sá Marques, a mãe biológica da garota.

Ele não fora capaz de perdoá-la. Ainda sentia a dor dos ferimentos, a humilhação borbulhando o seu sangue, corando o seu rosto. Naquela noite, ela não só rasgara a sua carne como também a sua honra. Seu casamento não era mais o mesmo desde que a esposa fora obrigada a resgatá-lo, encontrando-o naquela situação vergonhosa e deplorável.

Vitória não poderia continuar impune. Precisava pagar pelo mal que lhe causara. Foi quando Alberto avistou quem adentrara o *Night Club*, que teve a certeza do que deveria fazer. “É o seu fim, Vitória.”



O que estava para acontecer, Vitória não poderia prever, mas havia um aperto no peito que insistia em incomodá-la. O reencontro com o padrasto

de Amanda não fora satisfatório. Ao contrário, havia somado temores a todos os sentimentos que a subjugavam naquela noite. Vitória não sabia explicar o porquê, mas no momento em que seus olhos encontraram os dele em meio a todos aqueles homens, sentiu medo. Um medo inexplicável, incontrollável e capaz de regelar a alma. Como se não bastasse todos os tremores que comprometiam a sua estabilidade emocional, aquele assunto ao qual ela dava por encerrado, parecia ressurgir, com a mesma capacidade, ou ainda maior, de lhe causar problemas.

Desde o último encontro naquele quarto de hotel, onde em uma tentativa frustrada de arrancar-lhe a confissão do assassinato de Amanda ela o agrediu e o humilhou, não haviam mais ficado frente a frente. Embora o reencontro não tivesse durado mais que alguns segundos, foi o suficiente para amedrontá-la. Havia uma ira chamuscando os olhos de Alberto. A ira que deu a ela a certeza de que nada do que acontecera, fora esquecido.

Havia uma dívida a ser saudada.

Caminhou vagarosamente pelo estreito corredor de paredes mofadas e ornamentadas com pôsteres de celebridades. O coração aos pulos, parecendo que ia saltar do peito. Ajeitou a roupa, a máscara veneziana de penas negras que escondia todo o seu rosto, e se preparou para subir ao palco. Vitória não se lembrava há quanto tempo não entrava em uma igreja e quando fora a última vez que rezara, mas naquele momento sentiu a necessidade de fazer uma prece. Aprendera quando criança que a bondade de Deus se renova a cada manhã, e era nessa bondade, nessa capacidade de ser renovada que ela estava acreditando naquele momento. Certamente Deus não se negaria em atender um pedido seu.

Precisava de ajuda, de um conforto, de alguma coisa que colocasse fim a tudo aquilo o que estava sentindo, a todas as turbulências que vinha enfrentando.

“Que Deus tenha piedade de mim!”

Fez o sinal da cruz, respirou fundo e posicionou-se ao lado do palco. Pronta para subir.

Ao lado da cabine de som, Onório Ferman lutava para conseguir ligar o microfone e iniciar a apresentação. Depois de algumas batidas na palma da mão e tentativas frustradas, finalmente conseguiu fazer com que funcionasse. Sua voz ecoou por todo o salão:

— Som! Testando... Boa noite, meus amigos, acharam que a diversão havia acabado por hoje, não é? Mas não acabou. Pode ter garotas se demitindo, pane no microfone, qualquer problema técnico que vamos estar aqui firmes e fortes... E sabem por quê? Porque somos o *Babylon Night Club*...

Em meio aos frequentadores, uma voz o interrompeu.

— Cala a boca e começa logo a putaria. Queremos ver mulheres gostosas!

— Ah! Temos um tarado afoito entre nós? — Onório revidou. — Vamos ver se vai ter a mesma afobação na hora de agradar as garotas. Sabe do que eu estou falando, não é? — Fez sinal com os dedos. — Falo de money, meus amigos, “grana”, “bufunfa”, “tutu” ... Não há nada mais que deixe uma mulher feliz do que o bolso cheio de dinheiro. É uma felicidade que nem mesmo um pau duro consegue provocar. — Onório riu do seu próprio gracejo. — Vocês querem diversão? — continuou. — Querem sensualidade? E uma beleza feminina para deixá-los explodindo de tanta excitação? Se preparem porque é isso o que terão. Lá vem ela. A nossa melhor dançarina, a deusa do *Babylon*, senhora dos nossos pecados e com toda certeza dos nossos sonhos eróticos também... — A euforia foi intensa. — Em sua última apresentação em nosso clube, recebam senhores, Maria.

Vitória sentiu o coração comprimindo em seu peito ao ouvir o seu nome artístico ser pronunciado. Agora era tudo uma questão de tempo para que aquela parte da sua vida deixasse de existir. Em breve tudo seria esquecido e superado.

“Falta pouco! Muito pouco!”

Subiu ao palco e todo o descontrole que já não era limitado, tornou-se ainda maior. Notou os olhares em sua direção, queimando-a, despindo-a sem o menor pudor, mas também sentiu certa proteção por conta da máscara. Era como se escondendo o rosto, também estivesse escondendo de si mesma a vergonha e a humilhação que só agora pareciam inquietá-la. O arrependimento martelava em sua cabeça.

“É só uma questão de minutos. Agente firme, Vitória.”

Não demorou muito para que avistasse Alberto Dillon encostado no balcão do bar. O sorriso estampado em seu rosto parecia ainda mais irônico e provocativo do que minutos atrás. Ele levantou o copo em sua direção, como se estivesse brindando alguma coisa. Algo que de imediato ela não pode compreender, mas que não tardou a descobrir.

Enquanto bebia, Alberto conversava com dois homens. Dois homens bastante familiares a ela; o policial Sérgio Trajano e o delegado Benjamin Marques, seu marido.

“Por Deus! É o meu fim.”

Por um momento hesitou em continuar a dançar. Sentiu medo, calafrios percorrendo todo o seu corpo e aquele frio na espinha que a fazia arrepiar da cabeça aos pés. Benjamin estava no Babylon, poucos metros à sua frente; conversando com aquele que poderia acender o pavio que implodiria o seu casamento.

Levou a mão até a máscara. Queria se certificar de que estava realmente protegida por ela. Se tivesse sorte, o marido não a reconheceria, e conseguiria passar despercebida até o encerramento da sua apresentação.

“Só mais um pouco! Vai dar tudo certo!”



Benjamin parecia impaciente. O olhar vagava de um lado a outro do salão procurando por alguém. O homem ao seu lado não parava de tagarelar palavras que deixara de escutar fazia muito tempo. Foi somente quando um feixe de luz vindo dos holofotes sobre o palco chocou-se contra seu rosto que Benjamin o reconheceu.

Antes que pudesse dizer qualquer coisa, Alberto demonstrou que também o havia reconhecido.

— Mas olham só quem veio parar nesse pulgueiro!

— Eu te conheço! — Benjamin anunciou. — Você é o...

— Quem sou eu, delegado? — Alberto apoiou as duas mãos sobre os ombros de Benjamin. — Se sabe quem sou eu, é melhor me contar — soluçou, soltando uma baforada sobre o rosto do delegado, em quem ainda permanecia agarrado. — Porque eu nem sei mais quem eu sou!

— Você é Alberto Dillon, padrasto de Amanda Fortes.

— Sou? — Alberto tentou soltar o ombro do delegado, mas voltou a segurá-lo de imediato, quando todo o salão começou a rodar. — Eu era, delegado. Como tudo na minha vida, era, não é mais — apontou para a

dançarina em cima do palco. — Aquela mulher ali, ela é a responsável por toda a desgraça que tem nos acontecidos. Ela é o pecado em pessoa.

Benjamin encarou a mulher por alguns segundos.

Apesar de alguma coisa nela prender a sua atenção, não foi capaz de reconhecê-la. Desviou o olhar e libertou-se dos braços de Alberto, apoiando-o no balcão do bar.

— Talvez fosse melhor você não beber mais...

— Bebo, delegado! Bebo, e sabe por quê? Porque a bebida é a única que consegue me fazer esquecer a porcaria que minha vida se transformou... — Seus olhos inundaram-se em lágrimas. — Quando Amanda morreu, eu confesso que morri junto com ela. O que restou de mim é isso o que você está vendo: nada. Eu não sou mais nada!



A música estava acabando. Se Vitória havia calculado certo, não restavam mais que cinquenta segundos.

“Os cinquenta segundos para a minha liberdade! Para o começo de uma nova vida.”

Dançava praticamente de costas para o público, receosa de que fosse reconhecida pelo marido. Embora ouvisse os apelos eufóricos para que tirasse a roupa, não os atendeu. Onório que espumasse de raiva depois, por não ter conseguido arrancar o dinheiro que ele esperava, mas não arriscaria o seu casamento por algumas notas a mais.

“Quarenta segundos! Vai dar tempo! Vou encerrar o show e Benjamin jamais saberá quem sou.”

Viu quando Alberto apontou para ela. Seu coração desfez-se em mil pedaços, os pés fixaram-se sobre o chão de madeira impedindo-a de dançar. Todas as suas expectativas e confiança de sair impune daquele palco haviam dissipado. Alberto não deixaria que sua presença passasse despercebida. A entregaria de bandeja para Benjamin, vingando assim toda a humilhação a qual ela o submetera naquele quarto de hotel.

“Trinta segundos para a minha destruição.”

Foi então que atingiu o ápice do nervosismo. Benjamin e Alberto caminhavam em sua direção.



— Talvez devesse me acompanhar delegado!

— Talvez você é quem devesse tomar o rumo de casa, Alberto. Tenho deveres a cumprir aqui esta noite. Não vim atrás de diversão.

— Ainda assim eu insisto. Tenho certeza que não vai se arrepender.

Benjamin não sabia o que estava acontecendo. Não entendia a intenção do padraсто de Amanda, mas mesmo assim o seguiu. Estava ali para falar com Onório Ferman, mas por alguma razão, as coisas tomavam outro rumo.

— Vai me agradecer por isso depois!

Alberto subiu no palco. Ao avistá-lo, Vitória tentou sair correndo dali, mas ele a agarrou pelo braço com tanta força que a deixou totalmente acometida pelo pavor e pela incerteza do que aconteceria. Entre protestos e vaias, ele a segurava sorridente. Sem hesitar, arrancou-lhe a máscara, revelando a sua identidade ao delegado.

Vitória e o marido ficaram frente a frente. Toda a mentira, todos os segredos foram despidos naquele momento. Restara apenas a verdade. Aquilo o que ela realmente era.

*Uma dançarina do Babylon Night Club.*

— Conhece a sacana? — Alberto perguntou radiante enquanto a sacudia pelo braço. — Você não precisa me agradecer viu, delegado. Fiz pela camaradagem.

Desceu do palco, deixando-os sem reação. As palavras ficaram presas na garganta, os movimentos congelados e a surpresa estampada em seus rostos.

A música acabou.

Onório subiu ao palco e sem perceber o que havia acontecido, deu continuidade à apresentação.



— Vamos, palmas... a nossa garota merece muito mais palmas, não merece? — Junto às palmas, surgiram os gritos, os assovios e os gracejos. — E de mais grana também! Vocês estão muito *mão de vaca* hoje. É a última noite dela, vamos torná-la inesquecível, meus amigos. Tirem o escorpião do bolso, ou vocês preferem uma nova dança em troca de mais agrado?

Como se levasse um choque, Vitória encarou Onório alarmada.

— Não! Onório, não!

— Ah! Você não quer desapontá-los, não é mesmo? É sua última noite, eles têm direito a um *revival*.

Fez sinal para o DJ e uma nova música começou. Vitória parecia estar seguindo em direção à força. A palidez havia tomado o seu semblante e o descontrole roubado a firmeza de suas pernas.

— Jorge, fica atento, é a última música — anunciou pelo rádio. — Assim que acabar dispara o canhão de papel picado.

Em meio a todos aqueles homens, Benjamin lutava para se livrar do estado imóvel ao qual se encontrava. Lutava contra a surpresa e a decepção que havia congelado seus movimentos. À sua frente estava o motivo que o trouxera até aquele lugar; Onório Ferman e o motivo por seu estado estático; Vitória. Precisava prendê-lo e ao mesmo tempo acabar com todo aquele circo. Subiu ao palco e, contrariando a todos, agarrou a esposa pelo braço e a fez descer.

A desordem foi ainda maior. Copos e garrafas foram arremessados, palavrões proferidos e um bater ensurdecador de cadeiras se fez presente.

Ao tomar conhecimento da desordem que havia se formado, Onório, desesperado, começou a reproduzir ordens aos funcionários através do rádio comunicador.

— Mas que merda está acontecendo aqui? Sérgio, acenda as luzes. Jorge, prepare-se para encerrar a música. Pedro, exploda a porcaria desse canhão.

Atendendo ao pedido, o assistente de produção apertou o botão e disparou o canhão que deveria espalhar picotes de papel metalizado sobre a cabeça de todos ali presente. Ao invés disso, o que receberam foi algo líquido, viscoso e vermelho.

Um banho de sangue.

— Santo Deus! O que foi isso? — Onório observava todos aqueles rostos assustados, manchados, sem entender o que estava acontecendo. —

Pedro, faça alguma coisa, feche as cortinas! Acabe com esse circo!

A cortina começou a deslizar. Mas na metade do palco parou. Do lado de dentro o assistente de produção suava frio tentando solucionar o problema puxando as cordas que haviam emperrado.

Onório foi ajudá-lo.

— Você é tão inútil que não consegue fechar a droga de uma cortina?

Puxou a corda junto a ele, e no mesmo instante ela se soltou. Liberando a cortina e aquilo o que a havia emperrado.

Olhos arregalados assistiram o corpo de Alice Jardim com uma corda no pescoço, amarrada nos trilhos da cortina, pender de um lado a outro do palco.

## Capítulo Trinta e Sete



— É a Alice! — Trajano gritou desesperado, correndo em direção a ela.

Tomado por uma consternação e um abatimento que se tornou perceptível no mesmo instante em que seus olhos avistaram a garota suspensa por uma corda no pescoço sobre o palco, transformou sua dor em determinação, força física e correu para ajudá-la. Com dificuldade, desatou os nós que a prendiam e sentiu o corpo rijo e frio tombando sobre seus braços. Sentiu o coração comprimindo-se de tanta dor. Trajano a deitou sobre o chão de madeira sem perder tempo, iniciando o procedimento de ressuscitação. Apertou suas narinas e soprou o ar através de sua boca, em seguida apoiou a região hipotênar da mão esquerda sobre o peito dela, sobrepondo a mão direita e, entrelaçando os dedos, fez movimentos de compressão torácica, compulsivamente.

O policial Sérgio Trajano repetia os movimentos incansavelmente, na ânsia e no desejo de trazê-la novamente à vida. Seus olhos delatavam todo o seu desespero.

Benjamin aproximou-se do colega e tocou-lhe o ombro.

— Sérgio...

O delegado foi ignorado. Trajano estava tão determinado e tão disposto a ajudá-la que havia direcionado sua atenção apenas à garota à sua frente.

— Sérgio, você precisa parar.

Ele não parava. Pressionava ainda mais o tórax de Alice. Com veemência, com esperança.

À sua volta, todos os frequentadores do *Night Club* que até minutos atrás bebiam, riam e se divertiam, agora permaneciam atônitos e em silêncio observando o desfecho daquela situação.

— Pare, Trajano! — Benjamin insistiu com o tom de voz um pouco mais severo.

Mas continuou sendo ignorado. O empenho em salvar a garota roubara o sentido da audição do policial. A única voz capaz de ouvir era a da sua

consciência, pedindo e implorando para que não desistisse. Gotas de suor formavam-se em sua testa, os pulsos e os músculos doíam devido à repetição e a força aplicada. Começava a sentir cansaço.

Benjamin o segurou pelo ombro, tentando afastá-lo. Uma luta corporal que não queria travar. Ele também estava enfrentando uma noite difícil. Havia acabado de descobrir que sua esposa o enganara durante anos, que seus segredos e suas mentiras iam muito além da filha que ela escondera a existência, e quando deveria estar recebendo o apoio e a força moral dos colegas, por razões óbvias, era ele quem amparava e oferecia ajuda.

— Já chega! — Puxou o companheiro, afastando-o do corpo já sem vida da dançarina. — É tarde demais, Trajano!

O policial entregou-se ao choro.

— Por que, Benjamin? Por que com ela?

— Trajano, você precisa ir para casa. Já pedi reforço... Eu termino tudo por aqui.

— Não! Eu quero ficar.

— Você não está em condições...

— Por favor, chefe. Não me afaste dela. Eu só quero me despedir.

Benjamin pensou por um instante.

— Tudo bem, mas acho melhor você não encostar mais no corpo. Ao menos até que o departamento de perícia chegue e conclua os trabalhos.

Passados pouco mais de quinze minutos, o reforço chegou ao *Babylon Night Club*. Entre eles estavam os policiais: Emerson Firmino, Ronaldo Ribeiro e Nelson Ramon; os peritos, Airtton Lopes e Murilo Aguiar, e a iridologista, Agatha Manfred.

— Agatha, minha amiga, fico feliz que tenha vindo.

— Obrigada, o que temos aqui, Benjamin?

— Supostamente mais uma vítima do *Semideus*.

A garota despencou do alto do palco pendurada pelo pescoço. Mas o corpo já se encontrava rijo e frio, o que se conclui que o óbito ocorrera bem mais cedo. A forma com que estava escondido entre o tecido da cortina descarta a possibilidade de suicídio. Parece que desta vez o nosso homem quis transformar a morte desta garota em um espetáculo de horror.

Agatha percorreu o olhar a sua volta.

— Dá para perceber.

— Choveu sangue sobre nossas cabeças, Agatha! Algo doentio e cruel. A coisa mais bizarra que eu já presenciei em toda a minha vida... Temos

que detê-lo, porque eu já não sei mais do que esse assassino é capaz.

— Você sabe que ele não está agindo sozinho, não é?

— Sei. Hoje tive essa certeza. O que vimos aqui não foi obra de uma única pessoa. Onório Ferman está contando com a ajuda de mais alguém.

— Faz ideia de quem seja?

— Não, mas não vai demorar para descobrirmos. Ele vai ter que falar... Ah, vai!

— Há dois policiais interrogando os clientes, a perícia está trabalhando no corpo, você quer que eu o ajude em algo até que esteja liberada a trabalhar com a vítima?

Benjamin pensou em Trajano, e no seu estado emocional.

— Quero! Quero que fique com o policial Trajano. Ele precisa de todo apoio neste momento. Ele tinha certo interesse na garota assassinada. Eu tenho umas coisas para fazer aqui, não devo demorar.

Deixou a iridologista e adentrou os corredores do *Babylon*. Abriu a primeira porta e voltou a trancar ao constatar que a sala estava vazia. O mesmo se repetiu na segunda porta. Foi na terceira sala que encontrou o que procurava. Sentada à frente do espelho, e com a cabeça amparada sobre as mãos, estava Vitória. Pelo balançar reiterado dos ombros, Benjamin concluiu que estava chorando.

Passou pela porta sem ser percebido e aproximou-se da esposa. Somente quando estava a centímetros dela, que a mulher levantou a cabeça e mostrou-se muito mais abatida do que surpresa com a sua presença. Por um momento, o silêncio foi tudo o que um foi capaz de oferecer ao outro. Nenhuma palavra fora proferida, nenhum pedido de desculpas ou justificativas. Apenas o silêncio penoso e pesaroso.

Benjamin percorreu o olhar por toda a sua volta. Queria reconhecer o espaço, o lugar que Vitória vinha frequentando. Entender o tipo de pessoa na qual havia se transformado. E não gostou do que viu.

O lugar cheirava mal, era uma mistura de mofo e bebida barata. Era incapaz de entender o que motivara a esposa a trocar sua vida como enfermeira por aquilo...

Mentiras, mentiras e mais mentiras. Sentia como se estivesse afundando em areia movediça. Quanto mais se debatia para tentar entender o que acontecia, mais afundava. Estava coberto de mentiras até o pescoço. Uma filha, o fruto de um estupro, o pedido de demissão do hospital Pérola

Prado, suas saídas todas as noites, os falsos plantões... dançarina de um *Night Club*.

Agora entendia a foto encontrada no celular de Amanda. Vitória e Amanda juntas na porta do *Babylon*. Mãe e filha em frente ao local onde ambas trabalhavam.

Quando viu a foto pela primeira vez, questionou-se o porquê de o *Semideus* enviá-la. A resposta agora parecia única e objetiva. Tratava-se de um recado. O tempo todo o assassino esteve dialogando com a polícia. Querendo trazer à tona todas as verdades que Vitória insistia em omitir.

Havia uma relação muito forte entre sua esposa e o *Semideus*. Entre Vitória e Onório.

Talvez fosse a hora de romper o silêncio e finalmente exigir respostas.

— Há um velho provérbio que diz — Benjamin começou a falar. — “Quer saber o tamanho de uma mentira? Meça o comprimento da explicação pela largura da desculpa” ...

Eu poderia pedir explicações, até ouvir as suas desculpas, mas eu não sei se acreditaria. Depois de uma mentira toda, a verdade vira dúvida.

Vitória encarou o marido, arrasada. Não esperava passar por aquele confronto. Não sabia como agir. Só desejava que tudo aquilo não passasse de um pesadelo, do qual lutava incansavelmente para acordar.

— Ben, eu sinto muito.

— Sente por suas escolhas? Por não ter sido honesta comigo e com você mesma?

— Existe uma força muito mais poderosa do que o livre arbítrio, Ben! Não é verdade aquela história de que cada um escolhe o seu destino. Eu não escolhi o meu, eu apenas fui conduzida por ele. Há tantas coisas que você precisa saber para que possa entender as minhas atitudes.

— Entender, aceitar, perdoar. Será que um dia conseguirei colocar em prática tudo isso?

— Pode ao menos tentar.

— Tem ideia de como estou me sentindo?

— Posso imaginar, e garanto que não estou melhor.

— Sabe como foi descobrir da maneira mais estúpida e patética que a mulher que você ama, e a quem você tem dedicado toda sua vida, não é quem você acredita ser? Que ela mente, engana e faz coisas das quais você se envergonharia de pronunciá-las em voz alta?

— É isso o que está pensando de mim?

— Foi isso o que vi esta noite, quando sua máscara caiu e seu lado obscuro foi revelado. Eu só desejei morrer naquele momento... E aquele homem, o padrasto de Amanda, rindo da minha cara. Que vergonha, Vitória! Que humilhação!

Vitória tentou abraçá-lo, mas Benjamin afastou-se, impedindo-a.

— Ben, me perdoe. Eu fui uma tola. Errei com você, com a minha filha Amanda... Deixei que o egoísmo e o sentimento de justiça cegassem os meus olhos. Agi por impulso, com irresponsabilidade, fui fraca o bastante para não confiar toda essa história a você... Hoje eu entendo isso.

— Você demorou vinte anos para reconhecer o seu erro, não pode esperar que em minutos eu o esqueça e a perdoe.

— Tudo bem... vou respeitar o seu tempo, mas promete que vai me deixar explicar? Que vai me ouvir de coração aberto e alma tranquila?

— Desculpe, Vitória, mas não sei nem o que pensar. Essa que eu estou vendo agora não é a mulher com quem me casei, não é a Vitória que eu conheço. Eu já não sei mais onde começa o seu egoísmo e onde a sua estupidez termina.

— Não posso nem recriminá-lo por pensar assim... Sinto como se houvessem duas pessoas vivendo a minha vida. E o que é pior, eu não sei qual delas sou eu.

— Me assusta pensar que possa ser aquela que conheci esta noite.

Benjamin caminhou até a porta, parou, e acrescentou antes de sair:

— Vou limpar toda aquela bagunça lá fora, conversamos melhor mais tarde, em casa.

Quando voltou ao salão, todos os clientes já haviam sido dispensados pelos policiais encarregados de interrogar e relacionar as informações de cada um deles. O corpo de Alice ainda estava sobre o palco, mas os peritos já haviam deixado o local. A iridologista terminava de guardar seus equipamentos em sua maleta, depois de concluir suas análises. Encontrou Trajano sentado em uma cadeira no canto do salão, o olhar perdido, o semblante exausto, como o de um soldado que regressa após anos em guerra.

— Eu vou pedir que a iridologista Agatha Manfred fique aguardando a retirada do corpo pelo Instituto Médico Legal — Benjamin anunciou. — Você me acompanha até a delegacia, Trajano? Vamos colocar um fim em tudo isso, meu amigo e fazer com que esse assassino pague por seus atos.

— Por falar em assassino, o reforço que você pediu chegou, deixei um dos nossos policiais tomando conta dele — respondeu com a voz lânguida.

Benjamin deu um soco no ombro do amigo, encorajando-o. Em seguida foi até a sala de Onório Ferman. Encontrou-o agachado no chão, joelhos dobrados, cotovelos apoiados sobre a perna e cabeça sendo apoiada pelas mãos. A mesma posição infantil que costumava fazer quando criança e sentia-se amedrontado pelas ameaças ou agressões sofridas por seu pai. Ao avistar o delegado, nada disse. Estava assustado demais com tudo o que havia acontecido para pensar em algo a dizer que fosse capaz de inocentá-lo. Deixaria por conta do advogado. Certamente teria um. Era seu direito como cidadão.

Benjamin bateu a algema em um de seus pulsos provocando o som do aço chocando e travando em volta do punho. Onório sentiu o coração comprimindo-se. Conhecia aquela sensação, não era a primeira vez que aquilo acontecia. Sabia o que o esperava na prisão. Já estivera lá uma vez.

— Sr. Onório Ferman, o senhor está preso. Tem direito a ficar em silêncio. Qualquer coisa que diga pode e será usado contra você no tribunal. Tem direito a um advogado, e se não puder pagar, o estado nomeará um.

Onório levantou-se e sentiu o segundo aro da algema fechando-se em seu outro punho.

— Queira nos acompanhar, por favor.

O proprietário do *Babylon Night Club* não mostrou resistência. Baixou a cabeça e seguiu em silêncio junto ao delegado.

Já estavam do lado de fora quando Vitória apareceu correndo.

— Ben, espere! Preciso dizer que eu te amo

— Conversamos em casa, Vitória!

— Como quiser. Só peço que nunca duvide do meu amor.

— Em casa...

A conversa não aconteceu como Benjamin havia proposto. Não houve mais o “em casa”, tampouco o “conversamos”.

Vitória não voltou para casa naquela noite e aquele último “eu te amo”, aquela última lágrima escorrendo por sua face pálida e debilitada fora o fim de seu casamento perfeito.



## Capítulo Trinta e Oito



— Muito bem, Sr. Onório Ferman. O que acha de começar a falar? Conte-nos tudo o que fez com Alice Jardim, Angélica Campos e Amanda Fortes!

Na delegacia, Onório fora conduzido pelo delegado Benjamin Marques e o policial Sérgio Trajano até a sala de interrogatório, onde havia nada mais do que uma mesa de madeira, duas cadeiras, uma luminária pendente de onde provinha a luz que iluminava o lugar claustrofóbico e intimidador, uma câmera de segurança que certamente gravaria toda a conversa e um espelho retangular na parede à esquerda, que Onório pressupôs tratar-se de um falso espelho, daqueles que permite a visão de quem está do lado de fora da sala. O típico ambiente para acuar e amedrontar quem estivesse sendo interrogado.

No caso do proprietário do *Babylon*, não seria necessária uma sala intimidadora, desde que deixara o *Night Club*, mostrava-se bastante assustado, o que provocava certa satisfação em Benjamin. Certamente não seria necessário muito esforço para arrancar dele toda a confissão. Era só questão de tempo, e da maneira com que conduziria o inquérito.

Benjamin sentou à sua frente e descansou sobre a mesa uma pasta de papelão que trazia debaixo do braço. Trajano permaneceu em pé, à porta.

— O senhor teve direito a uma ligação — Benjamin voltou a falar. — Solicitou a presença de um advogado, porém podemos facilitar as coisas nos adiantando.

— Por que não começa a nos contar o que aconteceu? A verdade, Sr. Ferman!

Onório tremia. Sabia que nada do que dissesse provaria a sua inocência. Depois daquela noite todos o culpariam. Ter o corpo de Alice escondido em seu estabelecimento era o mesmo que carregar uma seta de culpado apontada para a sua cabeça, escrita em neon reluzente, com letras garrafais chamativas.

— Por que ainda insiste que esse assassino sou eu? Por que não ocupa o seu tempo investigando outras pessoas?

— O senhor não precisa me ensinar a trabalhar, Sr. Ferman e retificando sua pergunta, não estamos insistindo em nada, tampouco o acusando de nada. Só queremos entender os fatos. Saber o que realmente aconteceu.

— Dando-me voz de prisão? — Levantou as mãos para deixar as algemas ao alcance da visão do delegado e do policial. — Mantendo-me desse jeito?

Benjamin fez sinal para que Trajano o soltasse.

— Se o que não o deixava falar eram as algemas, já foram removidas. Não há mais nada que o impeça.

— O que quer de mim, delegado?

— Uma confissão seria perfeito. Pouparia o meu tempo, o seu tempo... A verdade não fica obscura por muito tempo, Sr. Ferman. Pode levar horas, como pode levar anos, mas ela sempre vem à tona. Por que protelar? O senhor sabe que por lei pode obter benefícios em sua condenação por colaborar com a justiça, não sabe?

— Sei.

— E ainda assim não quer nos contar o que aconteceu?

— Eu não tenho nada a ver com essas mortes. Eu gostava daquelas garotas, tratava-as como se fossem da minha família. E uma delas era... — Deixou escapar, mas se interrompeu de imediato.

— O que disse?

— É... nada. — Onório odiou-se por ter cometido o deslize de falar além do necessário.

— Você ia dizer que uma delas era da sua família, não é mesmo? Agora me diga, qual? — Benjamin gritou assustando-o. — Se negar em cooperar, Sr. Ferman, eu mesmo vou providenciar que tenha uma noite inesquecível em uma de nossas celas.

— Amanda! — Onório respondeu abrupto, amedrontado. — Eu só fiquei sabendo disso há pouco tempo, mas ela era minha filha.

Benjamin recebeu a notícia como um soco na boca do estômago. Demorou certo tempo para se acostumar com ela e tecer uma conclusão.

“Meu Deus! Tudo faz sentido agora. O estupro, Vitória dançando naquele lugar, a filha que ela escondeu todos esses anos...” abriu a pasta

que estava sobre a mesa e retirou uma foto de dentro dela, arrastando-a sobre a mesa na direção de Onório.

— Essa é Vitória Maria Sá Marques, minha esposa, uma de suas dançarinas, a mulher de quem você abusou sexualmente no passado e também a mãe da sua filha. Acho que me deve algumas explicações, Sr. Ferman!

No mesmo instante, a porta da sala foi aberta e uma mulher de estatura baixa, porte físico mediano, usando calça e blazer azul marinho passou por ela. Trazia em uma das mãos uma pasta de couro que descansou no chão ao lado da cadeira de Onório Ferman.

— Boa noite, delegado... — desejou. — Ou devo dizer bom dia?

Benjamin consultou o relógio em seu pulso.

— A julgar pela hora, eu diria bom dia.

— Para o senhor também. Sou Regina Tavares, advogada criminal. Estou enganada ou o senhor estava interrogando o meu cliente sem a minha presença?

Benjamin sentiu a fúria queimando em seu rosto.

— Estávamos apenas conversando.

— O senhor tem um mandado judicial ou de prisão para realizar esta conversa?

— São somente algumas perguntas que poderão ajudar na elucidação das mortes dessas três dançarinas, que trabalhavam para o seu cliente.

Benjamin levantou e cedeu sua cadeira a ela. A mulher a posicionou ao lado de Onório e sentou-se.

— O senhor pode continuar com sua conversa, uma vez que fique ciente de que não tendo um mandado, fica certo que o meu cliente pode se abster de responder suas perguntas.

Benjamin caminhou pela sala, e parou atrás de Regina Tavares.

— Quando descobrimos sobre a USD, recebi algumas informações sobre cada um dos integrantes, inclusive sobre o seu cliente. A princípio não descobrimos muitas coisas, mas não demorou muito até que tomássemos conhecimento da prisão dele por estupro. No momento em que adentrou a esta sala, ele nos confessou ser o pai biológico de Amanda Fortes.

— Não vejo problema algum nisso, delegado. Essa filha foi fruto de um abuso sim, meu cliente já pagou por isso, está em dia com a justiça.

Benjamin pensou em toda a dor e sofrimento da esposa. “Mas não está em dia comigo.”

— O que está tentando fazer, Sr. Marques? — Regina perguntou confusa.

— Apenas quero entender toda essa história. Tudo o que temos até agora são pequenos fragmentos dispersos e descontraídos. Não acha estranho, que todos esses assassinatos tenham ligações com o *Night Club*? Ele está nos escondendo algo e eu não medirei esforços para o fazer falar.



Alberto Dillon entrou em casa na ponta dos pés. O dia já estava amanhecendo e a julgar pelo silêncio, a esposa e as filhas continuavam dormindo. Melhor assim. Não queria que o vissem naquele estado. Coberto de sangue da cabeça aos pés, fedendo a suor e bebida.

Foi direto para o banheiro, arrancando a roupa e lavando-a embaixo do chuveiro.

Deixou que a água quente escorresse por todo o seu corpo, lavando-o, aquecendo-o e limpando-o.

O sangue esvaia pelo ralo, como também, todos os sentimentos que o moveram durante aquela noite. A ira, o rancor, o desejo de vingança, todos eles escorreram de seu coração e desapareceram pelo encanamento.

Dera a Vitória aquilo que ela merecia. O troco por toda humilhação que o havia submetido. Agora era passado. Cometera erro o suficiente para se envergonhar enquanto vivesse. Agora queria paz. Queria deitar a cabeça no travesseiro e saber que teria uma noite tranquila de sono, sem ressentimentos, culpas e mágoas.

A partir daquela manhã, escreveria uma nova história em sua vida. Seria um novo homem. Responsável, solícito e principalmente fiel.

Desligou o chuveiro, enrolou-se na toalha e foi para o quarto. Encontrou a esposa, Roberta Dillon, sentada sobre a cama, o olhar vago, como se estivesse hipnotizada.

— Roberta! — chamou. — Está tudo bem?

Sem obter resposta, ele foi ao seu encontro e sentou-se ao seu lado.

— O que foi, meu amor, o que você tem?

Lentamente, Roberta girou o pescoço ficando frente a frente com o marido.

— Eu não tenho nada, Alberto! Literalmente não tenho nada... E não tenho você também. Eu quero me separar.



— Isso foi há muito tempo! — Onório começou a falar. O nervosismo em recordar o passado comprometendo suas palavras. — Não sei por qual motivo preciso falar sobre isso agora. Eu já disse que não sabia que a garota era minha filha. Não faz muito tempo que Vitória me contou. Logo depois ela morreu.

— Assassinada — Benjamin acrescentou. — Depois de se apresentar em seu clube. — Benjamin mexeu em sua pasta e tirou uma nova foto, agora de Angélica Campos. — Esta foi a segunda garota a ser assassinada. Jogada da sacada do seu prédio. E adivinhe quem esteve em seu quarto minutos antes do ocorrido, doutora? — Regina trocou olhares com Onório, como se buscasse uma explicação para aquela afirmativa. — Acertou se pensou no seu cliente.

— Mas eu não a matei! — Onório adiantou-se em responder. — Eu só queria conversar. Queria saber por que havia desaparecido do *Babylon*. Explicações, só isso. Mas quando cheguei ao quarto, não a encontrei. Estava vazio.

— Se não havia ninguém, como conseguiu entrar?

— O quê?

— Acabou de nos dizer que foi até lá para conversar com Angélica...

— Sim.

— Mas não a encontrou, o quarto estava vazio. Então se teve essa certeza, é porque entrou. Pelas imagens de segurança que obtivemos o senhor subiu e desceu sozinho. Como conseguiu entrar? Tem uma cópia da chave?

— Não! Eu não tenho...

— E então?

— Você não precisa responder se não quiser, Onório.

— Não, tudo bem, doutora. Eu quero responder... Eu toquei a campainha umas duas vezes...

— Três, Sr. Ferman. A moradora do apartamento ao lado ouviu e nos relatou.

— Três vezes, e já estava desistindo e deixando o lugar quando percebi que a porta estava aberta.

— Percebeu como? A porta estava entreaberta ou o senhor forçou a maçaneta?

— Estava entreaberta.

— Então o senhor entrou. Costuma invadir residências dessa maneira?

A advogada bateu o punho na mesa.

— Meu cliente não vai responder essa pergunta, delegado. É ofensiva e desprovida de respeito. Como o senhor mesmo disse, ele está aqui para ajudar na investigação, portanto não deve sofrer acusações.

Benjamin deu outra volta pela sala.

— O que aconteceu quando o senhor entrou no quarto? — refez a pergunta.

— Não a encontrei. Foi quando ouvi as sirenes da polícia soando lá embaixo, olhei pela sacada e vi uma multidão de pessoas em volta, do que parecia ser o corpo de uma mulher.

— O senhor estava no vigésimo terceiro andar, há mais ou menos setenta metros de altura e conseguiu identificar que o corpo lá embaixo era de uma mulher?

— E eu presumi — gaguejou. — Pelas roupas.

— E quanto ao que aconteceu hoje em seu clube? O que tem para nos dizer?

— Nada! Eu não sei como aquela garota foi parar lá.

Benjamin virou-se para o policial Trajano e pediu para que se retirasse da sala por um momento. Sabia que o quealaria a seguir só o deixaria ainda mais abalado.

— Sr. Ferman, Alice teve a ponta de quatro dedos arrancadas, provavelmente de onde sortiu todo aquele sangue que explodiu sobre nossas cabeças, estava com uma corda amarrada em seu pescoço, o que causou a sua morte, asfixia, e o senhor me diz que não sabe de nada?

Ninguém faz tudo isso sem ser notado. Sem ter tempo suficiente. Impossível que o responsável tenha passado despercebido.

Regina Tavares entrevistou mais uma vez:

— Por favor, delegado, já chega! Você prendeu o meu cliente sem nenhuma prova convicta, acusa-o insistentemente e sem nenhuma autorização para isso. O corpo desta garota ter sido achado no estabelecimento dele não o faz um assassino.

— Ele está mentindo.

— Você também me disse ao telefone que tinha provas contra ele. No entanto não me apresentou nada convincente até o momento. Quem está mentindo afinal?

Ela se levantou, recolhendo sua pasta.

— Vamos, Onório... — Passou por Benjamin com seu olhar superior. — Consiga uma ordem judicial, delegado e meu cliente estará a sua inteira disposição. Passar bem.



O Sol já havia nascido quando Benjamin entrou em casa, exausto e sobrecarregado de preocupações. Desde aquela manhã em que o corpo de Amanda Fortes fora encontrado boiando sobre o lago do Ibirapuera, parecia que sua vida havia saído do eixo, que todas as suas certezas foram viradas e reviradas de ponta cabeça, sacudidas e estendidas em um varal de incertezas e desconfianças.

Nada mais era como antes. Nem mesmo o seu casamento sobrevivera a isso. De repente se deu conta de que dividia o mesmo teto com uma estranha, com uma mulher a qual ele desconhecia. Como pôde se enganar tanto assim? Acreditar em suas palavras, não desconfiar de suas desculpas. Talvez a culpa não fosse somente de Vitória. Talvez uma parte dela se devesse a ele. Sempre alheio ao que acontecia com sua família, preocupando-se mais com o trabalho, ocupando-se com todos aqueles casos e tornando-se ausente.

A verdade é que não poderia mais conviver na mesma casa em que a esposa. Não enquanto aquela ferida cravada em seu coração não cicatrizasse.

Quanto tempo levaria? Um mês? Um ano? Uma vida? Era cedo demais para arriscar uma resposta; a julgar por seus sentimentos naquele momento, a demora seria muito além do que conseguia imaginar. Vitória não só mentiu sobre suas atividades no *Babylon*, como também o destruíra sentimentalmente, omitira informações que seriam relevantes à investigação, e principalmente, traiu sua confiança.

Nada do que dissesse, nenhuma explicação seria capaz de anular o seu erro.

Benjamin estava decidido. Só precisava subir até o quarto, fazer as malas e partir antes que a esposa acordasse. Não queria encontrá-la. Não se sentia preparado para uma conversa.

Subiu as escadas apressado e parou na porta do quarto da filha para se certificar de que estava tudo bem, quando algo chamou a atenção. A baba dormia na cama com a menina. O primeiro pensamento a tomar sua mente foi o de que a esposa chegara tarde em casa e não quis acordar a garota, deixando-a dormir com a filha, mas esse pensamento logo se esvaiu. Depois de procurar Vitória por todos os cômodos, Benjamin concluiu que ela não havia voltado para casa depois do ocorrido no *Babylon*.

Tirou o celular do bolso e fez uma ligação. A voz sonolenta do outro lado da linha deu a ele a certeza de que o havia acordado.

— Bom dia, Rômulo! É o Benjamin...

— Eu reconheci sua voz.

— Desculpe acordá-lo, é que eu estou preocupado com a Vitória — Benjamin pensou se deveria contar sobre a vida secreta da esposa, optou por não falar. — Ela saiu ontem à noite e não voltou até agora.

— Aconteceu alguma coisa, Benjamin?

— Não... Quer dizer, tivemos uma discussão, mas havíamos combinado de continuar a conversa aqui em casa e como ela não voltou eu pensei que pudesse estar aí.

Rômulo pareceu surpreso.

— Aqui? Não... Não está, e acredito ser o último lugar ao qual ela se esconderia. Você sabe o que ela pensa a meu respeito.

— Tudo bem então, Rômulo, eu vou continuar procurando.

— E me mantenha informado, por favor.



Benjamin já ia desligar quando a voz do sogro o deteve:

— E a menina? Está com você?

— Sim, está dormindo agora.

— Posso passar aí para pegá-la se quiser. Não posso ajudar em muita coisa, mas ao menos para tomar conta da minha neta eu sirvo.

— Eu agradeceria se pudesse fazer isso por mim. Assim posso dar uma folga para a babá.

— Certo. Logo mais eu passo para apanhá-la.



De volta à delegacia, Benjamin parecia desnortado. Andava de um lado a outro da sala e não sabia ao certo o que fazer. Avistou o policial Trajano passando do lado de fora e gritou por seu nome. A porta se abriu e o policial adentrou a sala.

— Você ainda não foi pra casa descansar, Trajano?

— Eu vou agora, chefe. Estava acompanhando o corpo da Alice até o *IML*. A autópsia deverá ser feita daqui algumas horas..., mas e você? Por que voltou tão cedo?

— Eu preciso de uma autorização do juiz para voltar ao *Babylon*. Com aquela advogada no calcanhar do Onório, vai ser impossível entrar lá outra vez sem esse papel.

— Eu posso solicitar, Benjamin. Mas o que aconteceu?

— Foi um erro o ter deixado sair daqui. A Vitória desapareceu.

Trajano mostrou-se surpreso.

— E você está achando que foi o Onório?

— Quem mais pode ser? Ele é o *Semideus* e ela a próxima vítima. Eu tenho que fazer alguma coisa para impedi-lo, Trajano.

— O que o faz ter a certeza de que a Vitória é a próxima?

Benjamin estendeu o saco de provas onde continha alguns pertences retirados do corpo de Alice Jardim.

— Olhe o relógio — sugeriu.

Trajano remexeu o objeto dentro do saco plástico. Um relógio simples, com pulseiras de couro gastas e o visor de vidro quebrado.

— Não está funcionando.

— Presta atenção na hora que os ponteiros estão informando.

Trajano voltou a observá-lo.

— Seis e dezoito.

— Agora leia esse texto que eu copiei da Bíblia. — Entregou um pedaço de papel a ele.

— “*E, libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça*”, Romanos 6,18.

— Caramba, você está ficando bom nisso, chefe! É a mensagem que ele costuma deixar junto ao corpo das vítimas.

— Isso... Parece que além de alienado, ele é metódico também. Os versos da Bíblia estão surgindo em sequência. O de Amanda Fortes 6-7; o de Angélica Campos 6-11 e agora o de Alice Jardim 6-18. E para as vítimas ele segue uma ordem alfabética; Amanda, Angélica, Alice e por último Vitória.

— Tem alguma coisa errada nessa sua observação, chefe.

— O quê?

— A ordem das mortes. Se fosse alfabética, Alice teria que ser a primeira, o “L” vem antes do “M”.

— Eu também cheguei a me questionar sobre isso, mas como sabemos, as garotas se apresentavam no *Babylon* com um pseudônimo. A única que usava o próprio nome era a Amanda. Angélica era Angel, a Alice era Linda Star e Vitória, a Maria. Sendo assim, a ordem está correta e a minha mulher realmente é a próxima... Eu preciso da sua ajuda, Trajano. Não posso deixar que mais uma vida seja ceifada.



— Pare esse carro! — Onório gritou, assustando a mulher ao volante.

Ao sair da delegacia, havia aceitado a carona oferecida pela advogada, mas depois de uns dez minutos ali dentro, sentia-se sufocado. Estava há

quatro quartos do *Night Club*, talvez seguir o restante do percurso a pé o ajudasse a se acalmar, a reorganizar suas ideias.

A passagem pela delegacia, somada às lembranças do show de horror vividos no *Babylon* durante a noite anterior, ainda o assombravam.

As coisas haviam saído do controle e o corpo daquela garota aparecer daquele jeito, dentro do clube, era o prenúncio de que sua carreira estava arruinada. Era o seu fim e o fim do *Babylon*.

Regina Tavares estacionou no meio fio, e no mesmo instante Onório soltou os cintos de segurança.

— Você tem papel e caneta, Regina? — perguntou Onório, de súbito.

— Sim, mas para que precisa disso?

— Não faça perguntas agora, por favor, só me empreste uma folha e uma caneta.

Em silêncio, a advogada desceu do carro e abriu a porta de trás, pegou sua maleta e estendeu um bloco de notas e uma caneta para Onório. O homem suave e frio e em questão de segundos passou a escrever. A mão rechonchuda estava trêmula enquanto rabiscava o papel.

Ao terminar, Onório o dobrou com cuidado e entregou a mulher.

— Só leia isso depois, Regina, e por hora, obrigado por tudo o que você fez.

Sem mais, ele desceu do carro, deixando para trás uma mulher completamente confusa. Enquanto caminhava pela calçada, Onório repassava em sua mente cada uma das palavras do delegado durante o interrogatório, sentindo a mesma surpresa, a mesma indignação de quando as escutara pela primeira vez.

Benjamin o acusou de assassinar aquelas três garotas, falou sobre Amanda Fortes ser sua filha, sobre Vitória ser a mãe, mas não dissera nada sobre o estupro ou até mesmo sobre a morte de seu pai no hospital Pérola Prado. De qualquer forma, Onório sabia que não demoraria muito tempo até que descobrissem toda a verdade. Agora era só uma questão de tempo para que todos os seus erros viessem à tona.

“A verdade não fica obscura por muito tempo, Sr. Ferman. Pode levar horas, como pode levar anos, mas ela sempre vem à tona.”

Há quantos anos o condenariam? Dez? Quinze? Vinte? O suficiente para perder o pouco tempo que ainda lhe restava para viver. O suficiente para arrancarem a única coisa que lhe pertencia.

“Eu não vou ser preso”, prometeu a si mesmo. “Juro que não vou... Não posso deixar que me separem do Babylon. Jamais conseguirão!”

Apressou os passos. Agora já não queria mais caminhar, respirar ar puro e pensar, queria voltar para o *Babylon*, para a sua sala, para seus planos.

Entrou pela porta dos fundos. Depois do ocorrido na noite anterior, seria sorte demais se não houvesse repórteres em frente à entrada principal, à espreita de que voltasse para sufocá-lo com perguntas e acusações. Sentiu-se satisfeito por conseguir despistá-los.

Sua primeira parada foi em sua sala. Abriu a primeira gaveta da sua mesa e retirou o maço de cigarros. Já estava pronto para acender um quando avistou as embalagens de doces que escondia. Bolos, rosquinhas, chocolates e *marshmallows*.

Seus olhos brilharam ao avistá-los.

Por um momento pensou em fechar a gaveta e os esquecer ali, mas sua avidez incoercível não permitiu. Sentou-se em sua cadeira e não parou enquanto não devorou o último doce.

Sorriu satisfeito. Comer ainda era um dos poucos prazeres que a vida lhe reservava.

Acendeu um cigarro e o tragou profundamente, deixando a fumaça invadir seus pulmões e saciar a sua vontade. Em seguida serviu-se de uma dose de conhaque, que acabou sendo reabastecida mais três ou quatro vezes.

“De volta ao lar!”, pensou. “Mas até quando?”

A advogada poderia ter vencido aquela primeira batalha e o colocado novamente em liberdade, mas quantas mais teria competência para vencer? O delegado não descansaria enquanto não o colocasse atrás das grades. Ainda mais agora quando todo o passado parecia ressurgir e todos os elos daquela corrente se atavam.

Não demoraria até que Benjamin concluísse que ele era o autor do estupro de Vitória, e isso seria apenas mais um motivo para o querer apodrecendo na prisão.

“Agora me diga, Sr. Ferman, quantas vezes já dormiu com a minha mulher?”

Onório foi capaz de reconhecer a fúria presente no olhar do delegado no momento em que fez a pergunta. Uma fúria que não desapareceria facilmente.

Percorreu o olhar por toda a sala, quantas emoções vividas ali dentro.

Desde o dia em que ainda menino, o pai o deixou acompanhar um dos seus dias de trabalho. A fascinação que sentira naquele momento permanecia até hoje. O mesmo entusiasmo, a mesma devoção pelo lugar. Isso ninguém seria capaz de arrancar. Poderiam trancá-lo em uma cela pelo resto dos seus dias, poderiam destruir todas aquelas paredes, mas o sonho, as lembranças, os momentos vividos naquele lugar nunca seriam atingidos. Permaneceriam inabaláveis no mais profundo de seu coração.

Abriu o armário onde guardava toda a documentação do *Night Club*. Retirou uma pasta Polionda e de dentro dela o contrato assinado e firmado com Vitória, onde se comprometia em passar o estabelecimento para o seu nome, em caso de não conseguir devolver o valor emprestado.

Folheou uma a uma as folhas, sem ler, apenas passando o olhar sobre o papel.

— Isso aqui nunca será seu, Vitória! — proferiu em voz alta, quase um deboche. — Nem você e nem ninguém vai me tirar o *Babylon*!

Encostou o cigarro na ponta do papel e em questão de segundos tudo virou cinzas.

Começou a rir compulsivamente.

— Pensou que fosse me passar a perna não é, Vitória? Mas não vai! Eu não vou deixar... — Mais risos. — Você é fraca demais para transpor o meu caminho... — Sacudiu no ar o último pedaço de papel que ainda restava em suas mãos. — Opa! Queimou... Há há, há há há! Não vai mais ter mais acordo, dinheiro, nada. Queimou tudo!

Jogou a “bituca” no chão e acendeu outro cigarro.

— Eu te venci, Vitória! Aliás, seu nome agora deveria ser derrota! — ele riu descontroladamente até quase perder o fôlego. — Porque a Vitória foi minha... Toda minha!

De repente o riso cessou. O semblante radiante desapareceu de seu rosto. Lembrou-se do acordo que haviam feito, que não conseguira o dinheiro para devolver a ela e agora existia a possibilidade de Vitória se tornar a dona do *Babylon*.

— QUE ÓDIOOOOOO! — Gritou enquanto partiu para cima da sua mesa e com os braços deslizando sobre o tampo de vidro jogou tudo o que estava sobre ela ao chão. — Eu odeio você, Vitória Maria Sá Marques.

Tomado pelo descontrole, começou a quebrar tudo o que via pela frente. Ventilador, lata de lixo, cafeteira, vasos e objetos decorativos. Nada

escapou de seu furor.

A sala começou a ser pouco para ele. Queria mais. Sua raiva transcendia, precisava ser cuspidada, jorrada, extravasada, e não havia nada mais ali dentro que pudesse quebrar. Abriu a porta e saiu para o estreito corredor de paredes sujas e pôsteres de personalidades famosas. Ficou por um tempo observando-os em silêncio. Como se decidisse o que fazer.

Pegou o primeiro, uma reprodução de Scarlet O'Hara do filme *E o vento levou*.

— *Oh! Rhett por favor, não vá, não pode me deixar!* — reproduziu uma das falas do filme. — Argh! Cafona... — Onório arremessou o pôster ao chão.

Pegou o segundo, o retrato de Audrey Hepburn em Bonequinha de Luxo.

— *"Moon river, wider than a mile..."* — cantarolou. — Aff! Meloooooosa! Chega até a dar dor de estômago.

O terceiro era o retrato da cantora francesa Edith Piaf.

— *"Ne me quitte pas, Ne me quitte pas, Ne me quitte pas."* — Fez uma careta. — Chata! Não é à toa que foi abandonada.

Arremessou ao chão como fizera com os outros dois.

Foi passando em frente a todos os pôsteres restantes e proferindo gracejos até chegar ao último. O que o fez assumir uma postura austera e sisuda.

A foto de seu pai, Roberto Sales.

— Foi você, não foi? — Tomou-o em suas mãos. — Foi você quem destruiu a minha vida! Sempre duvidou da minha capacidade, sempre praguejou tudo o que eu fazia, recriminava as minhas ações, os meus pensamentos, a minha vida. Nunca foi capaz de me amar de verdade. Aquele amor puro, natural que todo pai tem pelo filho, eu nunca tive de você. Eram somente gritos, gritos e mais gritos. Onório faça isso! Onório faça aquilo! Você é um inútil! Um vagabundo... São essas as lembranças que eu tenho de você, pai! — Enxugou uma lágrima que escorreu por seu rosto. — Eu vivi a minha vida inteira querendo chamar a sua atenção, desejando ouvir um elogio seu... Um único elogio, pai! Era tão difícil assim para você enxergar alguma coisa em mim que não fosse ruim, errada ou vergonhosa? Foi por isso que eu o matei... Eu precisava calar aquela voz que se repetia todos os dias em minha mente. Eu queria ser livre. Não ter mais que acordar e ir dormir ouvindo críticas..., Mas sabe,

pai, se na hora em que eu entrei naquele quarto de hospital, quando estava pronto para aplicar aquela medicação, você me chamasse de filho, segurasse em minhas mãos e dissesse que me amava, eu teria parado, porque não sou um assassino... Não sou, pai.

Onório beijou o retrato do pai, e ao contrário do que vinha fazendo, devolveu-o ao seu lugar na parede.

Seguiu pelo corredor e chegou ao salão principal. Olhou para o palco, a cortina fora do trilho, a corda que prendera o corpo de Alice sobre o chão, sangue manchando as mesas e cadeiras.

— Acabou! O *Babylon Night Club* está acabado!

Acendeu um terceiro cigarro e caminhou até o bar. Escolheu uma garrafa do melhor uísque e a deixou em cima do balcão. As demais garrafas de bebidas ele quebrou todas; arremessando uma por uma contra a parede.

Quando já não havia mais garrafas para quebrar e o cansaço havia tomado conta do seu corpo, pegou o uísque que havia separado, sentou no chão e começou a beber. O líquido das garrafas quebradas escorrendo pelo assoalho, espalhando-se.

— Sem rancor, sem ressentimento, sem amarguras... Tudo chegou ao fim.

Deu um último trago no cigarro e o arremessou às suas costas. A “bituca” saltou pelo ar fazendo movimentos de acrobacias que o fez sorrir e foi cair de encontro aos cacos de vidros e onde havia o líquido das bebidas, surgiu o fogo.

Onório ficou observando as chamas trepidarem, movimentando-se em uma dança ágil e atraente. Elas percorreram o rastro úmido sobre o chão, espalhando-se pelo salão.

O fogo começou a se multiplicar.

Seus olhos se fecharam, o sono havia chegado.

— Dormir! É tudo o que eu preciso agora. Quando eu acordar, nada mais será como antes!

Ainda pôde ouvir o som da sirene de polícia ao longe, ao mesmo tempo em que começava a se aproximar, passou a desaparecer, sumindo, cada vez mais fraca, até finalmente tudo ser apenas silêncio e escuridão.

E o que era vida, passou a ser morte.



Benjamin e Trajano entraram no carro de polícia no estacionamento da delegacia e já estavam prestes a deixar o lugar e seguir em direção ao Babylon à procura de Vitória, quando Agatha Manfred surgiu na janela do carro, assustando-os.

— Por Deus, Agatha! — Benjamin exclamou. — Eu poderia ter te dado um tiro, sabia?

— E eu morreria sem compartilhar com vocês uma informação importantíssima.

O policial Sérgio Trajano tomou a palavra:

— Nós estamos indo atrás do Onório Ferman! Parece que ele está com a Vitória. Por que não entra e no caminho nos conta essa informação importantíssima?

— Ótima ideia! Porque é justamente de Onório Ferman que eu quero falar.

A iridologista entrou e acomodou-se no banco traseiro. Benjamin deu partida no carro.

— Ontem à noite, enquanto a perícia trabalhava no corpo de Alice Jardim, eu aproveitei para dar uma inspecionada no local. Queria conhecer melhor o clube, o tipo de pessoas que o frequentam, os funcionários, essas coisas... Então eu encontrei o Onório Ferman, escondido atrás da cabine de som, sentado ao chão, os braços abraçando as pernas feito um garotinho acuado.

Benjamin se lembrou de tê-lo encontrado da mesma forma que a iridologista descrevera.

— Ele estava assustado, amedrontado, parecia que tinha visto um fantasma.

— Assassino desgraçado! — Trajano explodiu. — Ele deveria estar fingindo para se libertar da responsabilidade sobre a morte da Alice, mas por dentro, certamente estava se vangloriando pela autoria daquele espetáculo macabro.



— Não! O pior é que não, Trajano. Eu entendo que você esteja magoado, ferido, é normal, mas para mim que estava de fora, que não tinha sentimentos envolvidos, eu posso te garantir que o que vi ali foi medo, foi pavor... Então eu fui mais além, pedi que me deixasse fotografar seus olhos, e talvez pelo estado de transe em que se encontrava, ele não se negou.

Benjamin se lembrou que Onório havia falado a respeito do ocorrido e por isso ficou mais ansioso pelas palavras de Agatha.

— Passei horas trabalhando sobre a íris dele, analisando minuciosamente, tentando decifrar o máximo de informação possível.

— Isso quer dizer o quê? — O delegado não continha sua ansiedade.

— Que agora, depois de analisar a íris dele e compará-la à das duas garotas mortas, Amanda e Angélica, analisando aquele trauma do qual falei durante a conferência, eu posso afirmar com toda a certeza que cometemos um grande erro... Onório Ferman não é *o Semideus*!

## Capítulo Trinta e Nove



*Horas antes...*

A chuva forte e gélida caía incessantemente sobre o rosto lívido e deprimido de Vitória, que consumida por uma ansiedade que ultrapassava seu autocontrole, caminhava sozinha por ruas escuras e desertas. Sem direção e sem perspectiva.

Os cabelos encharcados, libertavam gotículas de água que escorriam por todo o corpo, causando-lhe calafrios.

Enquanto caminhava em efêmeros passos, as lembranças dos acontecimentos daquela noite, martelavam a sua mente, tornando-se cada vez mais presentes e sufocantes, ao mesmo tempo em que as lágrimas cerravam-lhe os olhos e a angústia corroíam o coração. Buscava um amparo, uma palavra de conforto, mas não havia ninguém em seu caminho que pudesse ajudá-la, as pessoas viravam-lhe as costas, ignoravam-na de tal maneira que conseguia sentir o asco, a repulsa que mantinham por ela.

Encontrava-se sozinha em meio à vastidão da noite obscura.

Havia apenas uma certeza enredada em seus pensamentos, a de que precisava fugir, se esconder, se proteger da chuva que a banhava naquele momento. Nada poderia ser mais importante do que a necessidade contundente de se desvencilhar daquela tempestade.

O estrondo de um trovão fez com que estremecesse de pavor. Através da claridade provocada por um relâmpago, tomou consciência do que, até então, não havia percebido. Estava sendo seguida.

Amedrontada, começou a correr desesperadamente, gritando por socorro, embora soubesse que não poderia ser ouvida. No ímpeto da fuga, tropeçou e caiu. Ainda tentou se levantar, mas a dor intensa que sentiu em um de seus calcanhares a jogou novamente de encontro ao chão. Certamente o havia fraturado com a queda.

Com dificuldade, pôs-se a rastejar pela sarjeta, agora tentando fugir da chuva e do desconhecido que a cada segundo aproximava-se ainda mais,

encarando-a com sagacidade e satisfação, dando a certeza de que poderia atacá-la a qualquer momento. Quanto mais esforço ela fazia, mais se sentia atada ao mesmo lugar, como se os pés tivessem criado raízes.

Gritou mais uma vez por socorro e ouviu sua voz trêmula ecoar pelo silêncio imutável, sem sucesso, sem resposta. Lembrou-se do celular no bolso da calça, rapidamente tentou fazer uma ligação, mas antes que discasse qualquer número, constatou que estava sem sinal, para o seu total desespero. Estava entregue à própria sorte.

O homem estava cada vez mais perto. Podia ouvir o som de sua respiração aumentando a cada passo que ele dava. Foi então que ele parou debaixo de um poste e seu rosto foi iluminado por um feixe de luz. Ela o reconheceu, e no mesmo instante desejou não o ter feito. A identidade daquele homem a perturbou e deixou a certeza de que era apenas uma questão de minutos para que tivesse a sua vida abreviada.

Em um movimento brusco, ele a segurou pelos cabelos e a colocou em pé novamente. Vitória soltou um grito de dor que feriu os ouvidos dele. O homem a contemplava suplicar por piedade e o prazer que isso lhe causava era grandioso. Foi então que, para o seu desespero, ele a esbofeteou, antes de tirar uma faca do bolso dianteiro da jaqueta e cravá-la em seu peito.

Vitória soltou um gemido angustiado. De repente tudo a sua volta começou a girar. A escuridão não somente consumia a noite como também começava a tomar conta de seus olhos. O sangue jorrava por entre os dedos das mãos que protegiam o ferimento. A chuva, o frio já não mais a incomodavam. Começavam a desaparecer junto com o seu agressor. A precedência agora era a vida esvaindo de seu corpo.

Foi então que a avistou, a figura feminina coberta por um manto negro que se estendia da cabeça aos pés, apresentando-se receptiva, acolhedora e sentenciada.

Sem receio, atendeu o seu chamado e descansou acalantada nos braços da morte.

Ofegante, Vitória despertou em meio à escuridão ainda mais opressiva do que a que enfrentara em seu sonho.

“Um pesadelo!”, pensou enquanto tentava se acalmar e reconhecer o lugar. “Tudo não se passou de um terrível pesadelo! Não há mais chuva, frio ou quem quer que seja me perseguindo.”

Vitória estava certa. A rua deserta, a fuga, o homem a seguindo, a faca e o ferimento estavam presentes apenas em seu sonho que dissiparam no

momento em que despertara.

“Estou salva agora.”

Não estava. Dessa vez, ela se enganara. Ao abrir os olhos e não reconhecer o lugar no qual se encontrava, teve a certeza de que o seu pesadelo estava apenas começando. Sentia-se confusa e desorientada. Não estava em casa como esperado, também não estava no *Babylon*, de onde vinham suas últimas lembranças. Estava presa em um quarto, um porão claustrofóbico, onde a pouca claridade existente derivava da fresta de uma janela de madeira velha e remendada, com as mãos e os pés amarrados por uma corda, a uma coluna de concreto.

No esforço de tentar se livrar das amarras, foi tomada por uma forte dor na cabeça e por uma tontura que a teria jogado de encontro ao chão, caso não estivesse presa à coluna. Esperou até sentir-se melhor e deitou a cabeça sobre o ombro, conseguindo forçar uma das mãos para tocá-la. Algo líquido e viscoso a encharcou.

“Sangue!”

Estava ferida. Quem quer que a prendera naquele lugar, certamente a golpeara na cabeça no momento em que deixava o *Night Club*, agindo pelas costas, em um ato de traição.

Aos poucos, seus olhos foram acostumando-se à escuridão e o lugar desconhecido passou a ganhar forma. Tratava-se realmente de um lugar abandonado, a julgar pela ausência de sons e por uma escada de madeira que terminava dando acesso a uma única porta, era um porão subterrâneo, daqueles encontrados em residências antigas, onde tudo o que não se usava mais era descartado e esquecido em seu interior.

Vitória encontrou todas essas coisas à sua volta, uma quantidade excessiva de móveis e objetos usados, caixas de papelão com livros e papéis, troféus, garrafas de vinhos que, a julgar pela quantidade de poeira sobre elas, estavam esquecidas ali e por fim algo que despertou a sua curiosidade: uma vitrola. Ao contrário de todas as outras coisas, essa se apresentava em um ótimo estado de conservação, como se ainda fosse utilizada.

“O que está acontecendo? Que lugar é esse?”

Assustada, começou a contorcer as mãos, tentando desatar os nós que as prendiam, mas quanto mais forçava, mais as estreitava, chegando a ferir seus pulsos.

“Eu tenho que conseguir! Só preciso de tempo e paciência, mas vou conseguir sair desse lugar!”

Foi então que ouviu o som da chave sendo girada na fechadura da porta ao fim da escada e o ranger das dobradiças enferrujadas ao ser aberta. Contra a claridade que vinha do andar de cima, avistou a silhueta de um homem. Seu corpo arrepiou-se da cabeça aos pés no mesmo instante.

“É o *Semideus*!”

Vitória sentiu o medo controlar todos os seus movimentos e o pouco de coragem e esperança que ainda existiam, desaparecer em questão de segundos.

“Então é isso!”, pensou desolada. “Foi aqui que tudo aconteceu... Foi aqui que a história começou e é aqui que vai terminar...”

O homem começou a descer os degraus da escada.

“Por Deus! Vou morrer exatamente como Amanda morreu!”

Ele tocou a parede em busca do interruptor e a luz se acendeu, rompendo a escuridão. No mesmo instante, Vitória soltou um gemido angustiante, não por dor, não por tristeza; mas por surpresa e indignação ao reconhecê-lo.

— Você!?

## Capítulo Quarenta



— SAIA DA MINHA FRENTE! — Benjamin gritava descontrolado. — EU VOU ENTRAR!

O homem que o impedia de ultrapassar a faixa amarela não se deixou intimidar com os gritos.

— Desculpe, senhor, mas não posso deixá-lo passar.

Benjamin direcionou o olhar além do bombeiro posto à sua frente e avistou mais uma vez o *Babylon Night Club* arder em chamas.

— É a minha mulher que está lá dentro! Eu tenho que entrar!

— Lamento, mas terá que confiar em nosso trabalho, senhor.

Ele não confiava. Na verdade, o que sentia era uma espécie de impotência, uma necessidade frustrada de poder fazer algo para salvar Vitória.

— Você sabe quem eu sou? — perguntou, enfiando a mão no bolso do blazer para retirar o distintivo.

— A menos que seja Jesus Cristo, não poderá entrar!

Trajano aproximou-se tentando conter os ânimos.

— Calma, chefe! É perigoso entrar lá no estado avançado em que o fogo se encontra. Tem que ter fé e paciência.

Benjamin agarrou o homem pelos ombros e o encarou com toda súplica e rogativa no olhar.

— Promete que vai encontrá-la? Que a trará com vida para mim? — Por um momento lembrou-se do ocorrido na noite anterior, a traição e o fim do casamento e refez o seu pedido.

— Para a minha filha!

— Farei o possível, senhor.

Benjamin voltou-se para o policial Sérgio Trajano:

— O que está acontecendo com a gente, meu amigo? — Os olhos faiscavam o choro que ele tentava conter. — Primeiro a sua garota, agora a minha esposa... Que droga de sina é essa a qual fomos destinados?

— Vai dar tudo certo, chefe. Com sorte, Vitória nem estava mais aqui quando o incêndio começou... Nessas horas temos que pensar positivo.

Não demorou muito até que a notícia de que realmente estavam com sorte chegasse. O fogo foi contido, o *Night Club* fora resumido a carvão e brasa. Apenas um corpo foi encontrado no rescaldo do incêndio, e embora ainda fosse necessário sucumbi-lo a um exame minucioso para a identificação, a julgar pela forma que fora encontrado, não houve dúvidas a Benjamin de que se tratava de Onório Ferman.

“Vitória ainda pode estar viva. Presa em algum lugar, necessitando de minha ajuda.”

Ele podia estar magoado, com o coração ferido por saber que a mulher a quem tanto amou mentia e escondia segredos, mas por outro lado Vitória era a mãe de sua filha. Não poderia deixar que Rosalie sofresse a dor da perda. Pela garota, ele precisava fazer algo.

— Vamos, Trajano. Não temos mais nada a fazer aqui. O *Babylon*, o Onório e todos os seus erros acabaram.

— E o que você pretende fazer?

— Encontrar o *Semideus*...

Se não foi Onório quem assassinou essas garotas, quem mais teria razões para fazer?

— Sinceramente? Não sei, chefe. Confesso que fiquei confuso.

— Só vejo mais uma pessoa capaz de tamanha monstruosidade. Alguém que deixou bem claro na noite de ontem o seu descontrole emocional e sua raiva...

Benjamin não precisou falar mais nada. Trajano entendera o seu raciocínio.

*Alberto Dillon!*



Benjamin tocava a campainha pela terceira vez quando a figura franzina e mal - cuidada de Roberta Dillon apareceu à porta. As mãos

estavam envolvidas em um pano de prato tentando enxugá-las. Em seu rosto trazia a surpresa causada pela visita dos policiais.

— Achei que já tivesse dito tudo o que sabia aos senhores! — adiantou-se na tentativa de despachá-los.

— Precisamos conversar, Sra. Dillon — Benjamin explicou. — Talvez se nos deixasse entrar...

— Os senhores não chegaram em boa hora. Estou lavando a louça do café e ainda tenho que preparar o almoço das minhas filhas.

Trajano entrou na conversa.

— Na verdade queremos falar com o seu marido, por que não o chama e acabamos logo com isso?

Roberta Dillon parecia incomodada com as palavras do policial.

— Eu sinto muito, mas não será possível. Nos separamos essa manhã e ele se mudou desta casa. Também não sei para onde foi. Simplesmente fez as malas e se despediu das nossas filhas como se nunca mais as fosse ver.



De volta à delegacia, Benjamin caminhava desanimado em direção à sua sala quando foi informado de que alguém o esperava na mesma. Fez sinal para que Trajano o acompanhasse e abriu a porta, avistando seu sogro sentado em frente à sua mesa. Ele tinha a cabeça baixa, e as mãos entrelaçadas sobre as pernas que balançavam compulsivamente. Vestia seu velho e surrado paletó xadrez com um lenço na lapela.

Ao avistá-lo, Benjamin encheu-se de esperança. Talvez ele estivesse ali para trazer notícias sobre Vitória. Quem sabe ela tivesse voltado para casa e toda a sua preocupação fora em vão.

— Rômulo! Não esperava encontrá-lo por aqui! Tem notícias de Vitória, é isso?

— Ao contrário, achei que você tivesse algo para me contar. Desde o seu telefone esta manhã eu não consigo parar de me preocupar. O que aconteceu a ela, Benjamin?

Benjamin gostaria de ter a resposta, mas infelizmente não tinha.



— Nós não sabemos ainda, mas estamos tentando descobrir. Há uma equipe lá fora procurando por ela.

Nem que seja preciso virar essa cidade de ponta cabeça, nós a encontraremos, Rômulo.

Rômulo baixou novamente a cabeça.

— Eu já perdi a mãe dela! Depois a minha neta, que eu nem tive a oportunidade de conhecer melhor... Não vou suportar mais uma perda.

— Por favor, Benjamin, com a Vitória não.

Benjamin aproximou-se e tocou-lhe o ombro. Como se pudesse assim tranquilizá-lo.

— Nada acontecerá a ela, eu prometo.

Rômulo levantou da cadeira, pronto para deixar a delegacia.

— A menina está lá dentro brincando com uma policial. Eu passei em sua casa e a trouxe comigo. Enquanto minha filha estiver desaparecida, você pode ficar tranquilo que Lílíe fica comigo. Cuidarei bem dela.

— Eu o agradeço, Rômulo.

Rômulo chegou até a porta, tocou na maçaneta, mas antes que a abrisse, a voz de Benjamin o segurou por mais alguns segundos dentro da sala:

— Eu prometo que depois que tudo isso acabar, que Vitória estiver de volta sã e salva, em casa, conversarei com ela sobre esse afastamento de vocês. O que depender de mim, o senhor, Vitória e nossa Lílíe serão uma família de verdade.

No mesmo instante a porta se abriu e a iridologista Agatha Manfred ficou frente a frente com Rômulo. Gentilmente ele deu passagem a ela, e só depois deixou o lugar.

A iridologista ficou observando Rômulo caminhar até o final do corredor, onde uma policial entregou-lhe sua neta e em seguida os dois saíram para a rua. A sensação era a de que já se conheciam de algum momento da vida.

Mas quando? Onde?

Ao mesmo tempo, tinha a certeza de que nunca haviam se visto antes.

— Quem é esse senhor gracioso? — perguntou intrigada.

— Meu sogro, veio saber notícias da filha.

— É um homem forte. — Ela acrescentou. — Vai superar tudo isso. Embora eu tenha identificado a presença de uma tristeza muito profunda em seus olhos... — De repente seus próprios olhos encheram-se de vida. — Eu já volto, Benjamin.

— O que foi, Agatha? Aonde você vai?

— Esqueci uma coisa no carro — mentiu. — Só um minuto.

Trajano balançou os ombros.

— Vai entender essas mulheres. — Fechou a porta e sentou-se à frente do delegado. — Tenho boas notícias para você, chefe. Fiz o que me pediu. Conversei com o assistente de produção do *Babylon*, ele estava responsável pelo canhão de papel picado, que acabou cuspidendo sangue, e pelo abrir e fechar das cortinas de onde caiu o corpo de Alice.

— E então?

— Dei uma prensa nele e o homem cantou feito um passarinho. Disse que foi procurado na noite anterior por um homem que ofereceu dinheiro em troca de sua ajuda. Disse que não o conhecia, também não imaginava o que ele faria, sua parte no acordo era apenas permitir a sua entrada no *Babylon* antes do show, parece que o tal homem alegou querer fazer uma brincadeira com Onório Ferman, e com isso teve acesso ao canhão que explodiu o sangue e também a todas as estruturas do clube. Como estava precisando de dinheiro, ele aceitou.

— Mas não sabe nos dizer quem é ele?

— Não, chefe, mas sabia descrevê-lo. Fiz todas as anotações e já passei para o desenhista...

Logo mais teremos um retrato falado do nosso *Semideus*.



Do lado de fora da sala, Agatha acelerou o passo deixando o corredor e passando pela porta de saída da delegacia, o caminho que Rômulo e a neta haviam percorrido segundos atrás. Alcançou-os no estacionamento, antes que entrassem no carro. Parou às costas dele, e sem que notassem sua presença, chamou:

— Cavalheiro Solitário!

Rômulo virou-se no mesmo instante, encarando-a surpreso.

— Ah, meu Deus! — Agatha exclamou, levando as mãos à boca, surpresa. — É você mesmo!

— Do que a senhorita me chamou? — Rômulo perguntou confuso.  
Assistindo a tudo curiosa, Rosalie não se conteve em perguntar:  
— Quem é ela, vovô?  
— O vovô não sabe, Lílie. — Abriu a porta do carro. — Mas espera lá dentro enquanto eu converso com a moça.  
A menina colocou as duas mãos na cintura e fez uma careta.  
— Ahhhhhh!  
— Eu deixo você escolher a rádio hoje.  
— Obaaaa! E não vai ficar falando que minhas músicas não são músicas de gente?  
— Não.  
— Nem que as do seu tempo eram melhores?  
— Lílie! — Rômulo censurou.  
— Tá bom... Tá bom, eu entro.  
Esperou que ela entrasse e trancasse a porta para voltar a falar.  
— Crianças... desculpe.  
— Ela é uma graça. Muito inteligente também.  
— Um pouco sem limites...  
Mas a senhorita havia me chamado, eu não entendi direito.  
Agatha sorriu gentilmente.  
— Cavalheiro Solitário... seu pseudônimo em um site de relacionamentos...  
— Rômulo corou de vergonha.  
— Foi há pouco mais que duas semanas, eu acho. Não pode ter se esquecido.  
Ele não esquecera. Nem se vivesse mil anos seria capaz de esquecer aquela noite, onde toda a sua expectativa, toda a sua ansiedade por encontrar uma companheira, transformou-se em decepção e humilhação quando ela o deixou esperando, e não apareceu.  
— Como sabe de tudo isso? — perguntou confuso.  
— Pode parecer absurdo, mas era eu!  
— O quê?  
— Enfermeira do Amor! Foi comigo que conversou.  
Rômulo observou a mulher, atônito, surpreso com tanta beleza.  
— É alguma brincadeira? Porque se for, senhorita...  
— Agatha... É o meu nome, Agatha Manfred.  
— Rômulo Candeias de Sá, mas continuo sem entender.

Pacientemente, a iridologista começou a explicar.

— Eu me interessei pelo seu perfil nesse site de relacionamento, achei você um homem atraente, gentil, um verdadeiro cavalheiro, totalmente diferente de todos os outros que já haviam passado pela minha vida... Então você marcou um encontro e sugeriu o Piazza Ristorante, achei tão romântico da sua parte.

— Mas não apareceu.

— Eu não pude.

— Deixou-me esperando a noite toda.

— Eu tentei me desculpar, mas você apagou o seu perfil no site. Eu não tinha um telefone, nada que pudesse me ajudar a encontrá-lo. Eu perdi o voo da Alemanha para o Brasil naquele dia. Só cheguei na manhã seguinte. Posso garantir que fiquei tão decepcionada quanto você.

Rômulo parecia não acreditar no que estava acontecendo. A mulher era jovem, linda, por que se interessaria por ele?

— Eu preciso ir... — fez sinal com a cabeça para a neta dentro do carro.

— Mas já sabe como me encontrar, caso ainda queira um amigo para conversar e dividir um vinho e uma boa massa.

Agatha aproximou-se dele e o beijou carinhosamente no rosto. Foi então que, estando mais próxima dele, seus olhos se prenderam ao dele, e no mesmo instante algo aconteceu. Seu coração começou a bater descompassadamente.

— Você talvez não acredite no que vou lhe falar, mas é você quem eu procurava.

Rômulo sorriu e caminhou até a porta do lado esquerdo do carro. Voltou a encará-la novamente e tentou saciar uma última curiosidade.

— Como sabia que era eu? Digo, o Cavalheiro Solitário!?

— Quem mais hoje em dia usa terno xadrez e lenço branco na lapela?

— Agatha sorriu. — O que acha de tomarmos um café? Moro a poucas quadras daqui... Tenho certeza que a garotinha — apontou para Rosalíe dentro do carro — vai adorar o *playground*. — Por um momento Rômulo pensou no convite e na filha desaparecida.

— Acho que estou precisando mesmo de uma xícara de café e uma boa conversa.



Passava da meia noite e Benjamin caminhava sozinho pela Rua Augusta. Durante todo o dia não tivera uma única notícia ou “pista”, que o levasse ao paradeiro da esposa. Caminhar pelas redondezas do *Night Club* trazia a ele a esperança de que a qualquer momento poderia encontrá-la sentada à mesa de algum bar, ou até mesmo caminhando como ele, assustada com tudo o que havia acontecido e sentindo-se desnorteada.

Para sua infelicidade, caminhava há mais de uma hora e não tinha encontrado nada. Sentia-se um fracassado, que da noite para o dia perdeu as rédeas de seu casamento, de sua investigação e até mesmo de sua própria vida. Não mantinha nenhuma pista sobre a identidade do Semideus, sobre o desaparecimento de Vitória, era como se seu trabalho tivesse se estagnado, voltado à estaca zero.

Recebera tantos elogios do detetive Mallony Brandão durante a conferência sobre suas descobertas e agora nada mais fazia sentido. Tudo havia desaparecido, virado cinza junto com o *Babylon*. Nem mesmo a esposa ele fora capaz de proteger. Que droga de delegado estava se saindo!

Benjamin não era acostumado a beber fora de casa, mas a ocasião pedia. A decepção e o desgosto que sentia só seriam afogados em um copo de cerveja. Entrou em um bar e acomodou-se em uma mesa. Não demorou muito até que o garçom viesse atendê-lo. Minutos depois o homem voltava à mesa com quatro garrafas de cervejas dispostas em um balde de gelo.

Benjamin já estava na segunda garrafa quando reconheceu o homem sentado há algumas mesas a sua frente. No mesmo instante pegou o balde com suas cervejas e foi até ele.

Sem notar a sua presença, Alberto Dilon mantinha-se de cabeça baixa, o olhar fixo em um ponto do chão. A mão que segurava o copo de uísque barato, girava-o sobre a mesa, em um movimento triste e solitário.

Benjamin descansou o balde sobre a mesa e se sentou, sobre o seu protesto.

— Está mesa está ocupada, não está vem...? — Levantou a cabeça e o reconheceu. — Ah, é o senhor delegado!

— Importa-se que eu me sente aqui?

— O senhor já está sentado.

Alberto voltou ao seu estado hipnótico. Benjamin reabasteceu o seu copo.

— Não imaginei que apreciasse esse tipo de lugar — Alberto observou sem emoção em seu tom de voz.

— E não aprecio.

— Pra tudo há uma primeira vez na vida, delegado.

Benjamin fez silêncio enquanto bebia. Tivera a sorte de encontrar o padraço de Amanda Fortes naquele bar, depois de procurá-lo por quase todo o dia, não comprometeria aquele encontro antecipando as coisas, deixaria que a conversa fluísse normalmente, no seu tempo, e por fim tentaria arrancar algo que pudesse incriminá-lo. Que pudesse ligá-lo a todas aquelas mortes e principalmente ao paradeiro de Vitória.

— Eu lhe devo desculpas, delegado! — Alberto rompeu o silêncio que havia se formado.

— Não entendi.

— Por ontem à noite. Fui um grande idiota subindo naquele palco e expondo a Vitória daquela maneira. Qualquer que seja o nosso problema, deveria ter sido resolvido apenas entre nós. Não daquela forma. O *Babylon* acabou virando um circo de horror.

— E qual é o problema de vocês? — Benjamin perguntou convincente de que havia encontrado o fio certo da meada.

— Eu pensei que soubesse!

— Como deve ter percebido, Vitória não era totalmente honesta comigo.

— Ela me procurou um dia. Logo após a morte da minha enteada. — Alberto sentia vergonha ao falar. — Eu havia solicitado uma das garotas do *Babylon*, o senhor sabe que Onório as agenciava, não sabe? — Benjamin balançou a cabeça. — Ela apareceu no hotel no lugar da garota, prendeu-me na cama com essas algemas de sexy shop, e açoitou-me com um chicote. — Abriu a camisa revelando suas cicatrizes.

Benjamin estava surpreso.

— Vitória fez isso?

— E não foi o que eu disse?

— Mas por quê? O que ela queria de você?

— A verdade. Infelizmente uma verdade que eu não sou capaz de oferecer. Ela acredita que eu sou o responsável pela morte de Amanda... — “Eu também acredito”, pensou Benjamin. — E queria uma confissão.

— Que você não deu... por isso os ferimentos.

— Como eu poderia confessar algo que não fiz? Eu estava tão indignado quanto ela. Com a mesma necessidade ou ainda maior de descobrir o responsável, mas ela não acreditou em minha inocência. — Alberto o encarou. — Eu não fiz isso, delegado. Acho que de todos, eu fui o que mais perdeu com essa morte...

Benjamin absolvía a todas aquelas palavras em silêncio. Estava surpreso demais para opinar.

— E olha como acabei, delegado? Sozinho em uma mesa de bar... Eu quis ter tudo e acabei sem a Amanda e sem a Roberta.

Benjamin tomou o último gole da sua cerveja sentindo-se ainda mais perdido do que quando entrara ali. Apenas uma certeza ele havia conseguido com aquele encontro; sem sombra de dúvida, Alberto Dillon não era o *Semideus*.

## Capítulo Quarenta e Um



As horas pareciam não passar no porão onde Vitória estava escondida. Essa lenta convivência com seus medos e seus receios era algo sufocante. Não sabia ao certo por quanto tempo estava ali, mas parecia uma eternidade. O corpo doía por inteiro. O ferimento em sua cabeça latejava. As pernas fraquejavam e resultavam em câimbras por permanecer tanto tempo em pé. O abatimento em seu rosto era a demonstração de que o cansaço a torturava ainda mais, do que a incerteza do seu destino.

Os pensamentos também a feriam.

Depois de conhecer a identidade do *Semideus*, quando ele apareceu à porta do porão e trouxe-lhe água, inúmeras perguntas brotavam de forma perturbadora e incisiva. Perguntas que por mais que se esforçasse, jamais encontraria as respostas.

Agora, novamente sozinha, voltava à sua tentativa de desatar os nós das cordas que mantinham seus pulsos presos à coluna de concreto. Depois de ficar frente a frente com o assassino de Amanda, Angélica e Alice, a necessidade de escapar tornara-se ainda mais latente. Precisava avisar o marido. Dizer que ele e a filha Rosalíe também corriam perigo. O assassino mantinha-se muito mais perto do que haviam imaginado.

“Que Deus me dê forças para resistir!”

Colocou firmeza em seus dedos. Concentrando-se em puxar os nós, até que o primeiro finalmente se soltou.

“Ah! Eu vou conseguir.”

Vitória relaxou os pulsos satisfeita, respirando fundo para recuperar-se do esforço exigido. Estava conseguindo. Só precisava de paciência e tempo. Duas coisas que, para uma condenada à morte, pareciam impraticáveis. Mas haveria de conseguir. Não por ela, mas por aquelas pessoas que deixara lá fora. Para aqueles a quem amava com toda devoção.

“O amor, o carinho, o respeito, tudo fica mais forte quando você se vê a um passo do fim.”



Esperou alguns minutos e repetiu o processo, usando de toda a sua força, centrando seus pensamentos em Benjamin e em, usando-os como motivação, como único ideal.

“Eu estou voltando para vocês! Só mais um pouco...”

Não demorou muito até que as cordas afrouxassem e caíssem ao chão. Havia conseguido. Em seguida desamarrou as cordas que prendiam seus tornozelos, para essas não precisou de tanto empenho.

“Finalmente livre!”

Livre para encontrar a filha e o marido. Livre para acabar de uma vez por todas com aquela loucura. Colocar o assassino das dançarinas do *Babylon* atrás das grades e o fazer pagar por todas as vidas inocentes que ele abreviou.



Trajano estava em sua sala realizando uma pesquisa na internet quando a porta se abriu e a iridologista Agatha Manfred entrou apressada. A julgar por seu rosto cansado e suas olheiras acentuadas, ainda não havia voltado para casa desde o ocorrido no *Babylon Night Club* na noite anterior.

— Você não dorme? — O policial perguntou, provocando-a. — Achei que já tivesse ido embora!

Ela puxou uma cadeira e deixou que o corpo caísse sobre ela, exausta.

— Eu estava em meu consultório até agora... Estou procurando o Benjamin, passei na sala dele e ele não estava. Também não está em casa, eu liguei e ninguém atendeu.

— Ele disse que precisava caminhar um pouco. Estava se sentindo sufocado aqui dentro. A esposa desaparecida e ele sem nenhuma pista do *Semideus*!

— É exatamente sobre isso que quero falar.

— Coitado! Saiu daqui de um jeito... Está se sentindo prescindível, porque tudo o que sabíamos sobre esse assassino, de repente virou nada. É como se uma onda forte viesse e destruísse todo o castelo de areia que

você levou horas para fazer. O sentimento é de discordância, de impotência, sei lá.

— Eu percebi que ele não estava bem — Agatha comentou. — Por isso não voltei para casa, Trajano. Estava em meu consultório analisando a íris de todos os suspeitos como eu havia prometido no dia da conferência.

— E?

— E eu confesso que não foi uma tarefa fácil! A todo momento cheguei a me questionar se o assassino seria mesmo um homem. Pensa comigo, se for uma mulher, ela teria total acessibilidade a todos os lugares onde os corpos foram encontrados sem que nos atentássemos a isso. Procurávamos por um homem, certo? Estávamos focados nisso.

— O que está querendo dizer?

— Que nossos olhos se acostumam a enxergar aquilo o que nosso cérebro processa. Por exemplo, nunca aconteceu com você de querer comprar um carro novo, o modelo do ano, aí quando você anda pelas ruas, o que acontece? Todos os carros que passam por você é o modelo que está desejando comprar? Aí você diz: nossa, é coincidência demais, ou então; é um sinal de que eu preciso comprar. Não é... É apenas o seu cérebro reconhecendo e processando as suas últimas informações, entendeu?

— Sim, mas o que isso tem a ver com o *Semideus*?

— Tudo! Você, o Benjamin, e até mesmo eu, estávamos muito focados em Onório Ferman como possível assassino que nos descuidamos de alguns detalhes. Você, por exemplo, o Benjamin me disse que foi você quem analisou as câmeras de segurança do Edifício Copam...

— Sim.

— E enquanto analisava, procurou por uma mulher? Por qualquer outra pessoa que não fosse o proprietário do *Babylon*?

Trajano mordeu os lábios.

— Não!

— Viu, isso quer dizer que o assassino pode ter passado diante de nossos olhos e não nos atentamos a isso. Precisamos começar tudo de novo, meu amigo. Devemos isso ao Benjamin...



Vitória percorreu o lugar no escuro, tateando as paredes em busca de uma saída. Tinha medo de ligar o interruptor de luz e a claridade, possivelmente visível pelas frestas da porta, chamar a atenção daquele que a mantinha presa.

Havia apenas a porta no final da escada e a janela velha onde pedaços de madeira foram repregados sobre ela, em uma tentativa de impedir que fosse aberta. A porta seria arriscada demais, um tiro em seu próprio pé. Só lhe restava a janela.

Remexeu entre os pertences do porão, procurando por algo que pudesse ajudá-la a remover as ripas de madeira. Encontrou uma barra de ferro que servia como pé para uma mesa e a tomou nas mãos. Aproximou-se da janela com ela em mãos e forçou a primeira ripa cuidadosamente. O ranger da madeira ecoando no silêncio, fez com que parasse no mesmo instante. O barulho podia chamar a atenção e colocar um fim a todos os seus planos.

“Calma, Vitória! Você precisa ter calma e pensar no que deve ser feito!”

Foi quando ouviu passos no andar de cima vindo em direção à porta do porão.

Voltou então ao lugar que ocupava minutos atrás, amarrou novamente as cordas em seus tornozelos e mantendo as mãos para cima, enrolou a segunda corda sobre elas de maneira que não ficasse evidente que haviam sido desatadas. Era necessário esperar pelo momento certo.

Ter paciência.

O silêncio do porão foi comprometido pelo girar da chave na maçaneta e no ranger das dobradiças.

Ele estava de volta.



— Então o *Semideus* é uma mulher? — Trajano perguntou ainda surpreso.

— Não foi isso o que eu disse!

— Meu Deus, Agatha! Você está me deixando confuso.

A iridologista levantou-se do lugar onde estava sentada e caminhou pela sala buscando esticar as pernas. O cansaço já começava a se transformar em dor física.

— Só quero que entenda que o tempo todo desviamos a nossa atenção — explicou. — Sabe aquele ditado, “você não pode plantar bananas e esperar colher morangos”? Era o que estávamos fazendo o tempo todo. Gastando nosso tempo vigiando o momento da colheita de morangos...

— ... Na plantação de banana. — Trajano acrescentou fazendo uma careta.

— Isso! Mas como não sei esperar, comprei os morangos na feira mesmo.

Os dois riram do gracejo. Pela primeira vez, Sérgio Trajano a viu como uma parceira profissional indispensável para aquele caso. Benjamin estava certo no momento em que a convidou para fazer parte da equipe. Agatha Manfred era destemida, inteligente, era o que eles precisavam.

— Deixando a brincadeira de lado, eu analisei minuciosamente a íris de Alberto Dilon, o padrasto de Amanda Fortes, Júlio Assunção, pastor e marido de Carmela e Pedro Gonçalves, assistente de produção do *Babylon*, e para ser sincera com você, até a da Carmela eu analisei.

— E o resultado?

— Tenho um nome!

Um breve silêncio se formou entre eles, até que o policial o rompeu:

— Você está querendo dizer que descobriu quem é o *Semideus*?

— Possivelmente sim.

— Então é um desses quatro?

— Deixe de ser apressado, Trajano. Não vou revelar ainda... Quero que refaça comigo toda a investigação e podemos chegar juntos a essa certeza.

— Eu aceito o desafio!

— Ótimo, você ainda tem as imagens de segurança do Edifício Copam?

— Tenho. Guardei na sala do Benjamin.

— Então já sabemos por onde começar.

Trajano levantou-se para acompanhar a iridologista até a sala do delegado. No corredor encontrou o policial Emerson Firmino carregando em uma das mãos um envelope de papel pardo.

— Tenho uma coisa para você, Trajano! — anunciou balançando o envelope. — Acho que vai gostar. É o retrato falado do *Semideus* que o desenhista terminou.

O rosto do policial encheu-se de satisfação.

— Ah, que ótimo!

Pegou o envelope das mãos do colega e o abriu. Sua surpresa foi tão grande que por todo o corredor ecoou-se o seu grito de espanto:

— MAS QUE MERDA! Eu conheço esse cara!



Ele desceu vagarosamente a escada do porão, acendeu a luz e a contemplou por um tempo com um sorriso no rosto, sentia-se satisfeito por aquele momento ter enfim chegado. Deus certamente estaria orgulhoso. Suas vontades seriam cumpridas com perfeição, como fizera com as outras três garotas.

Frente a frente com ele, Vitória começou a suar frio de nervoso. A forma com que ele a observava assustava. Era como se a qualquer momento pudesse decretar a sua sentença ou ainda pior, descobrir seus planos de fuga e colocar de uma vez por todas um fim a eles.

“Eu vou conseguir! Por você, Lílie... Por você, meu amor!”

Ele se aproximou, examinando-a atento da cabeça aos pés, sem pronunciar uma única palavra, apenas aumentando ainda mais o seu desassossego.

“Ele vai descobrir que desatei os nós! Vai me matar!”

Olhou para as cordas em volta dos tornozelos, e sussurrou em seu ouvido.

— Boa menina! Submissa! É assim que eu gosto, é assim que agradamos a Deus!

— Por favor! — implorou. — Você não precisa fazer isso!

— Não questione as vontades do Senhor, Vitória. Aceite e os seus pecados serão todos perdoados.

Segurou as cordas que prendiam os tornozelos e a puxou para se certificar de que estavam presas. Sentiu-se satisfeito, continuavam firmes e atadas.

“Não! Não faça isso! Deus me ajude!”

Quando segurou as cordas que prendiam as mãos, repetindo a conferência, o coração de Vitória disparou. Ele descobriria que estavam soltas e a sua tentativa de fuga seria impedida.

“Eu estou perdida!”

— LOUCURA! — gritou, tentando distraí-lo.

Sua reação, ainda que espontânea e impensada, acabou funcionando. Ele afastou-se e a encarou surpreso.

— Do que você está falando?

— O que você está fazendo é loucura, e não Divino.

A resposta veio em forma de um tapa, forte e sonoro.

Vitória sentiu o rosto arder, no momento em que os dedos dele a acertaram.

— Já vi que você não está preparada para o arrependimento — anunciou. — É uma pena, poderíamos resolver isso o quanto antes. É sua a escolha de permanecer mais tempo aqui... Volto quando você estiver pronta.



— Eu não posso acreditar no que estou vendo! — Trajano estava perplexo. — Esse era o seu suspeito?

A iridologista balançou a cabeça consentindo.

— Isso é absurdo. — O policial insistiu. — Pode ser engano, não pode?  
— Dificilmente, Trajano. Mas temos como tirar essa sua dúvida...  
— As imagens de segurança do prédio da Angélica. — Ele completou.

Sérgio Trajano foi até a sala do delegado buscar os HD's, onde havia guardado as gravações e minutos depois preparava-se para exibi-las em seu computador.

Sentaram-se em frente à tela e ficaram durante horas analisando, procuravam encontrar em todas aquelas pessoas que transitavam constantemente de um lado a outro do saguão um rosto em comum: o rosto do *Semideus*.

— Não vamos encontrar nada aqui. — Trajano afirmou fechando e pressionando os olhos para livrar-se da ardência que sentia. — É bobeira insistir.

Já estava se levantando para se espreguiçar quando Agatha o puxou de volta à cadeira.

— Senta aí, homem! Roma não se fez em um dia.

— Você está cheia de provérbios e citações hoje, não é?

— Eu pesquisei no *Google* antes de vir — brincou. — Adianta um pouco a imagem, Trajano, pois pensa comigo, o assassino fez aqui neste caso, algo fora do seu *modus operandi*. Ele não arrastou a vítima até o seu local, ele foi até ela.

— Verdade, não havíamos pensado nisso.

— Então ele entrou e saiu desse prédio. Também não deve ter demorado muito tempo lá em cima, ele não ia correr o risco de chegar alguém e ser impedido ou descoberto. O corpo caiu por volta das vinte e três horas e trinta e dois minutos, não foi? Adianta as imagens para esse horário e deixa rodar, tenho certeza que encontraremos o que estamos procurando.

— E por que não antes desse horário?

— Porque vamos apostar nossas fichas no momento da saída dele do prédio e não na entrada como você estava fazendo. Eu entrei nesse hall naquela noite, consigo me localizar agora através das imagens de segurança. Essa câmera está filmando de cima da porta principal, caso ele não tenha se virado para uma última olhada para a rua, o máximo que vamos conseguir é o ver de costas. Agora se encontrarmos o momento da saída, aí sim, não haverá escapatória. Nós vamos vê-lo de frente para a câmera.

Trajano a encarou fascinado.

— Meu Deus! O Benjamin deveria contratá-la como investigadora.

— Eu aceitaria com o maior prazer.

As imagens na tela do computador avançavam, um agitar de pessoas gesticulando, movimentando-se rapidamente que seria cômico se não estivessem à procura de um assassino.

— PARA! — Agatha gritou, assustando-o.

Com o susto, Trajano não conseguiu pausar a imagem exatamente aonde ela queria.

— Volta alguns minutos e deixa transcorrer normalmente, eu aviso quando chegar ao ponto certo.

— Tudo bem, mas tente não me assustar dessa vez.

Trajano voltou a imagem e a deixou transcorrer. Não demorou muito até que chegasse ao ponto exato em que Agatha queria.

— PAUSA! — gritou novamente.

Dessa vez, Trajano conseguiu pausar no ponto certo. Os dois se aproximaram da tela para ver melhor, e lá estava ele. Em meio a um aglomerado de crianças, estava o homem que procuravam.

O mesmo do retrato falado.



Sozinha, Vitória chorou. Deixou que o medo, o descontrole, a decepção e a mágoa fluíssem com as lágrimas. Não entendia o porquê de tudo aquilo estar acontecendo, mas também não era o momento de buscar respostas, era o momento de agir. Se realmente tivesse que morrer, que fosse ao menos lutando e que fosse lembrada por sua coragem e nunca por sua covardia.

Não podia mais esperar. Com barulho ou sem barulho, teria que arrancar as ripas da janela e a abrir. Sem hesitar, desamarrou novamente as cordas e se concentrou na porta no fim da escada. A qualquer momento ela poderia ser aberta, principalmente se fizesse barulho para retirar as ripas da janela e com isso sua fuga seria descoberta. Precisava ganhar tempo. Olhou a sua volta, em um reconhecimento do lugar. Havia caixas de



papelão, móveis velhos e objetos sem utilidades, que lhe deram a certeza do que deveria ser feito.

Tentando ser rápida, mas ao mesmo tempo sorrateira para não despertar a atenção do seu sequestrador, começou a arrastá-los, empilhando-os, e pouco tempo depois havia construído uma barricada que comprometia o acesso da escada para o porão e que certamente lhe daria alguns minutos de vantagem.

Então Vitória se concentrou na janela. Pegou a barra de ferro e começou a arrancar as ripas de madeira sem se preocupar tanto assim em ser discreta. Fez tudo aquilo o mais rápido possível e viu uma pequena luz através da janela agora aberta. Um sorriso esperançoso se atreveu a apossar-se de seus lábios.

Ela passou pela janela e sentiu o ar frio chocando-se contra seu rosto. Aquele desejo de liberdade somado ao medo e ao nervosismo serviu de combustível e força para continuar.

Sem olhar para trás, correu.

Correu pela noite escura e silenciosa.

Correu pensando apenas no que precisava ser feito, na necessidade desmesurada de ficar longe daquela casa isolada e principalmente de se livrar daquele homem. Correu o máximo que pôde, o máximo que seu corpo permitiu, embrenhando-se por ruas estreitas e desertas. “Eu vou conseguir! Falta pouco para que eu consiga chegar até um posto policial. Benjamin saberá o que fazer... Vai acabar tudo bem!”

Foi então que de relance ela viu algo que gelou sua alma. Um homem. O mesmo que a mantivera presa naquele porão vinha correndo em sua direção. Sua tentativa com as barricadas não foram o suficiente para atrasá-lo.

O *Semideus* a estava seguindo.

No ímpeto de fugir, tropeçou e caiu de encontro ao chão.

Ofegante, prostrada e vencida.



Sérgio e Agatha permaneciam sentados um ao lado do outro em silêncio por mais de cinco minutos. A surpresa que os havia tomado no momento em que identificaram o *Semideus* em meio a todas aquelas crianças no saguão do Edifício Copam era tanta, que havia lhes roubado as palavras. Não sabiam o que dizer. Mantinham apenas o olhar preso à tela do computador, ao ponto crucial da filmagem.

— Ele foi esperto! — Trajano por fim conseguiu falar.

— Usou o grupo de crianças para não chamar a atenção. Conseguiu passar despercebido.

— Ou não, porque graças a você, nós o encontramos.

Agatha levou um braço às costas e o outro à frente da barriga, curvando-se para frente em um gesto de reverência.

— Agradecida, mas o que fazer agora?

— Tem mais uma coisa que precisamos fazer antes de finalmente apontar o culpado.

Trajano fez algumas reproduções da imagem pausada na tela do computador, entre elas a que o rosto do *Semideus* estava evidenciado e a enviou para a impressão. Esperou até que ficasse pronto e pediu para que a iridologista o acompanhasse até a sala de interrogatórios.

Não demorou muito até que o policial Emerson Firmino entrou na sala, trazendo com ele Pedro Gonçalves, o assistente de produção do *Babylon*.

O homem parecia assustado. Encarou o policial e sua companheira com o olhar arregalado, como se estivesse esperando uma notícia que certamente não o agradaria.

— Sente-se — Trajano ofereceu.

— Eu já disse tudo o que sabia, Sr. Trajano. Não tive nada a ver com essas mortes. — Suas palavras soavam quase que em tom de súplica. — Esse homem que eu não conheço, o qual eu descrevi chegou ao *Babylon* naquela manhã, eu estava sozinho preparando toda a produção para o show da noite e ele me disse que era muito amigo de Onório Ferman, que queria fazer uma surpresa para ele. — Pedro baixou a cabeça envergonhado. — Tirou algumas notas do bolso que me convenceram na mesma hora. Não fiz nenhuma pergunta sobre que brincadeira seria essa, só peguei o dinheiro e o deixei trabalhar. Ele me pediu explicação sobre o canhão de papel picado, eu expliquei como funcionava e fui almoçar. Não sabia sobre o corpo da garota. Também não o vi colocar lá... Eu juro que sou

inocente... Só quero voltar para casa e poder esquecer tudo o que aconteceu.

— Você vai, assim que terminarmos aqui. Antes eu preciso de uma confirmação.

Pedro olhou para Agatha e depois voltou a olhar o policial à sua frente.

— Mas eu confirmei tudo o que contei a vocês, tudo o que me perguntaram...

Trajano colocou a foto do retrato falado na mesa e deslizou em direção a ele.

— O retrato falado ficou pronto, queria que olhasse com calma e me dissesse se está fiel ao que você nos descreveu.

O homem pegou o papel e o observou durante um tempo.

— Ficou idêntico. O cabelo, os olhos...

Sérgio Trajano espalhou sobre a mesa as imagens impressas com a foto de quatro homens registrados nas imagens de segurança do Edifício Copan. Entre eles estava o *Semideus*.

— Agora eu preciso que você me diga se o homem deste retrato falado está entre essas fotos. Isso é muito importante, Pedro. Sua resposta deve ser dada com toda a certeza. Eu sugiro que analise as fotos com calma, minuciosamente, porque nós não estamos com pressa...

— Não precisa — deliberou. — Posso afirmar com toda a certeza que é esse terceiro, da esquerda para a direita.

Agatha e Trajano entreolharam-se.

Mais uma confirmação.

— Temos que encontrar o Benjamin. — Trajano anunciou. — Ele precisa saber que já desvendamos o mistério.



Caída ao chão, Vitória o observava com desespero estampado no olhar. Não era só a visão daquele homem que a atormentava, Era a lembrança que teimava em ocupar sua mente no momento em que tropeçou e caiu. O sonho que tivera horas antes, estava acontecendo exatamente como havia sonhado. A fuga, as ruas desertas, o tombo. Sentiu a mão dele fechando-se no emaranhado de seus cabelos, puxando-a com tanta violência que foi capaz de colocá-la em pé no mesmo instante.

Os dois se encararam, frente a frente e olho no olho. Então recebeu o tapa, exatamente como no sonho.

Ele sorriu satisfeito. Deus realmente estava do seu lado.

— Perdeu o seu tempo fugindo, minha querida! — concluiu. — Mas vou ser generoso com você, vou deixar que escolha o seu próprio destino, para não pensar que nunca a amei... Você pode voltar comigo, Vitória, e continuamos nosso acerto de contas, ou então, você volta agora para a sua casa, para o seu marido, mas não para a sua filha. Eu dou a Rosalie o destino que deveria ser seu.

A escolha já estava feita. Vitória não precisou de tempo para pensar.

— Eu volto com você... pai!

## Capítulo Quarenta e Dois



A menina escutou o momento em que o avô bateu a porta da sala e em seguida o portão da rua. Não precisou ir até lá para ter a certeza de que ele havia saído e a deixado sozinha àquela hora da noite. Para qualquer outra criança com a sua idade, poderia ser assustador, mas para ela não. Rosalie não era qualquer criança.

— Uhuuuuu! — gritou saltando da cama. — Não vou precisar mais dormir.

Correu acender a luz do quarto. Dançando e cantarolando feliz:

— O vovô saiu, iu, iu, iu... E eu fiquei sozinha, inha, inha, inha. — Pegou o seu urso de pelúcia que estava na cama e o arremessou ao alto. — Vamos “tocar o terror amiguinho”, inho, inho, inho...

Jogou o urso novamente na cama.

— Ah, mas é tão sem graça aqui! O vovô não tem *Disney Chanel*, não tem *Netflix*!

Caminhou pelo quarto tentando encontrar algo que pudesse distraí-la, mas não havia nada naquele pequeno cômodo de móveis velhos e ultrapassados, que pudesse interessar a uma garotinha tão interativa e dinâmica.

Abriu a gaveta do criado mudo, se não havia nada para fazer, ela inventaria. Remexendo nos pertences do avô, quem sabe pudesse encontrar alguma foto, livro, ou qualquer outra coisa que a mantivesse ocupada. Contudo, não encontrou nada mais do que lenços, remédios e documentos.

— Aí, como é difícil ser criança! Eu só queria brincar.

Direcionou sua busca para o roupeiro. Na primeira porta encontrou jaquetas, blazers e o paletó xadrez com o lenço na lapela que o avô usava naquela manhã, quando estivera na delegacia.

— Que coisa mais horrível! Vou ter que pedir para o papai ensinar o vovô a se vestir, coitadinho.

Na segunda porta encontrou camisas, calças e roupas de cama, nada interessante. Passou então para a terceira e última porta, onde havia cobertores e uma sacola de papelão que a deixou tentada a descobrir o que havia em seu interior.

Levou a sacola até a cama, onde voltou a se acomodar e esparramou o conteúdo sobre o cobertor. Havia apenas roupas. Roupas que passariam despercebidas como todas as outras que já havia encontrado, não fosse por dois motivos, o primeiro por se tratar de roupas femininas e o segundo porque uma das peças lhe pareceu familiar: uma camiseta estampada com a personagem de uma ratinha, usando vestido vermelho e sapatos amarelo.

No mesmo instante, Rosalíe se lembrou de quando a viu pela primeira vez.

“Eu não gosto dela... Uma ratinha de vestido vermelho e sapato amarelo? Além de chata não sabe nem se vestir. Eu prefiro as princesas que são muito mais bem vestidas.”

— A amiga da mamãe! A Amanda... Ela adorava essa camiseta, e eu disse que não gostava! Mas o que ela está fazendo aqui?

A menina remexeu as roupas tentando entender porque o avô as guardava em seu roupeiro. Não sabia que ele e Amanda se conheciam. Não conseguia entender o que realmente estava acontecendo. Em sua cabecinha inocente e desprovida de malícia, a maldade era uma característica que não existia. A maldade das pessoas passava despercebida a seus olhos, a frieza e a loucura também se tornavam imperceptível.

— O que está acontecendo?

Antes que pudesse encontrar a resposta, ouviu o barulho da porta da sala se abrindo. O avô estava de volta. Saltou da cama, juntou todas as roupas novamente dentro da sacola e as escondeu embaixo da cama. Correu até a porta e pelo buraco da fechadura, conseguiu ver o avô entrando na sala enquanto sussurrava: “eu vou ver a garota, você espera aqui!”.

Havia mais alguém com ele, concluiu, mas não conseguiu descobrir de quem se tratava. Se esperasse para ver quem entraria atrás do avô, certamente ele a surpreenderia fora da cama, e não queria ouvir sermões.

Deixou a porta e correu para a cama, enfiando-se embaixo do cobertor. Ouviu os passos se aproximando cada vez mais, do lado de dentro do quarto, ao lado da cama onde fingia dormir profundamente. Sentiu a

coberta sendo esticada sobre seus ombros e um beijo carinhoso em sua testa.

A luz apagou e a porta voltou a se fechar.

“Hora de aventura”, pensou ao sair novamente da cama carregando o urso de pelúcia.

— Eu já sei do que vamos brincar, de investigação! Igual o papai e o amigo dele...

Vem, Bolota, vamos descobrir o que o vovô está aprontando.

De volta ao buraco da fechadura, conseguiu ver dois vultos passando em frente à porta do quarto em direção à cozinha. Esperou alguns segundos e com todo o cuidado, destrancou a porta, abrindo uma fresta por onde passou apenas a cabeça do urso.

— Vê alguma coisa, Bolota? — sussurrou. — Você nunca vê nada mesmo. Deixa-me tentar.

Abriu um pouco mais a porta e passou a cabeça. O avô estava na cozinha, de costas para ela, em frente à porta que dava acesso ao porão, onde ele nunca a deixava entrar. Viu quando enfiou a mão no bolso da calça retirando a chave e em seguida a destrancou.

— O que você acha que ele vai fazer lá embaixo numa hora dessas, Bolota? — Encarou o urso como se ele fosse proferir uma resposta. — Ai! Claro que não. Se fosse xixi ele faria no banheiro.

O avô desceu as escadas, e para sua surpresa, avistou a mãe o seguindo.

— A mamãe está aqui!

E não parecia estar bem. Rosalíe percebeu seu semblante triste e suas roupas rasgadas.

— Vamos, Bolota, deixa de preguiça! Vamos ver o que está acontecendo com a mamãe.

Saiu do quarto para o corredor, caminhando vagarosamente em direção à cozinha, arrastando o urso, receosa de que o avô voltasse e a surpreendesse naquele momento de desobediência. Ficaria furioso se a visse fora da cama, mas a mãe não estava bem e ela precisava ajudá-la.

“Por que ela não foi ao quarto me ver junto com o vovô?”

Parou à porta do porão, inclinou a cabeça para tentar enxergar lá embaixo, mas a escuridão não permitiu que os visse. Só conseguiu ouvir a voz do avô, altiva, ríspida e firme: “Não vou perder meu tempo amarrando-a porque sei que não vai cometer a loucura de fugir novamente, não é?”.

“FUGIR?”, surpreendeu-se Lílie.

“Não dificulte as coisas, Vitória... Por que não aceita como a garota aceitou? Com Amanda foi tão mais fácil. Ela entendeu de imediato a minha missão e aceitou morrer...”

“MORRER!”, a menina arregalou os olhos e começou a tremer. Podia não entender o mundo confuso e perigoso dos adultos, mas aquelas duas palavras, fugir e morrer, conseguiram assustá-la. Abandonou o ursinho de pelúcia. O interesse pela brincadeira havia desaparecido.

Voltou apressada para o quarto, pegou sua mochila de cima da poltrona, abriu-a enfiando dentro dela a sacola de roupa que havia escondido debaixo da cama. Colocou a mochila nas costas e sorrateiramente deixou o quarto, a sala e a casa. Cruzou o quintal e chegou até o portão de madeira que media pouco mais de um metro. Agarrou-se a ele e com cuidado foi escalando, até conseguir passar para o lado de fora.

Estava na rua.

“Eu preciso encontrar ajuda! A mamãe precisa de mim!”



## Capítulo Quarenta e Três



Rosalie estava perdida e assustada, andando pela noite. Havia caminhado tanto por ruas que ela desconhecia, que o cansaço e a dor nos pés começavam a incomodá-la. O medo de não conseguir ajuda, também era algo que não lhe deixava sossegar.

“A mamãe... Eu tenho que conseguir!”

Juntou toda a força que ainda restava, enchendo-se de coragem e determinação e continuou. Passou por uma praça, um parquinho onde teria parado para brincar em outra ocasião e parou em frente à uma banca de jornal. Tudo parecia novo e assustador ao mesmo tempo. As pessoas transitavam de um lado a outro com seus celulares, seus pensamentos e problemas e acabavam ignorando-a. Mostravam-se tão absortas em seu mundo particular que sua presença não era notada.

Aproximou de uma mulher que se mantinha distraída lendo as manchetes de uma revista de fofoca e deu dois puxões em sua saia, tentando chamar a sua atenção.

A mulher desviou o olhar da revista para a garota por alguns segundos e voltou novamente à leitura, ignorando-a.

Rosalie insistiu:

— Ei, moça... Eu estou te chamando!

— Eu já percebi.

A menina fez uma careta.

— Então me ajuda, né?

A mulher voltou a encará-la. Dessa vez não só com desdém, mas com uma certa irritabilidade no olhar.

— Eu não tenho dinheiro. Agora vá, me deixe ler sossegada.

— Mas eu não quero o seu dinheiro... — Rosalie ainda tentou se explicar, mas a mulher havia dado as costas deixando claro que não haveria mais conversa.

A menina seguiu em frente, contrariada e resmungando desaforos. Andou por mais um quarteirão e encontrou um casal a quem repetiu o pedido de ajuda. Dessa vez teve mais sorte e eles não só se mostraram atenciosos em lhe ouvir, como estavam dispostos a ajudá-la:

— Mas você está sozinha? — perguntou a esposa, surpresa. — É muito perigoso. Onde estão os seus pais?

Rosalie pensou se deveria contar o que havia descoberto, sobre o avô e a mãe presa no porão, mas achou melhor não falar nada; mesmo porque ela não sabia onde estava, não sabia o endereço da casa do avô e certamente não conseguiria voltar até lá. Precisava entrar em contato com o pai. Ele sim poderia fazer alguma coisa.

— Você só precisa me levar até a polícia moça, o resto eu faço.

Não muito longe dali, encontraram uma base da polícia. Rosalie correu em direção a um policial, sentindo que a chance de salvar a mãe estava cada vez mais próxima.

— Você precisa me levar até o meu pai.

— Fique calma, ok? E me conta o que foi que aconteceu. Você se perdeu dele, foi isso?

— Não. Eu só preciso chegar na delegacia dele, entendeu?

O policial pareceu confuso.

— Delegacia dele? Seu pai é policial também?

— Você não sabe com quem está falando, né? Eu sou Rosalie, a filha do delegado Benjamin Marques.

A informação não mudou em nada a expressão do policial, que foi até a viatura e chamou a central pelo rádio. Minutos depois, voltou sorridente.

— Parece que você não está mentindo, garotinha. Há mesmo um delegado chamado Benjamin Marques no distrito de Vila Mariana. Vou levá-la até ele.



No claustrofóbico e sufocante porão, resguardados por um silêncio assolador, permaneciam frente a frente, Rômulo e Vitória. Pai e filha. Caça

e Caçador.

Havia centenas de perguntas prontas para serem proferidas, milhares de porquês a serem indagados, mas apenas o silêncio reinava. A surpresa de saber que seu próprio pai era o Semideus, era algo que não desapareceria tão cedo. Algo que demorasse o tempo que fosse, não seria capaz de entender.

Aquele era um lado dele que ela desconhecia. É certo que não compartilhavam dos mesmos ideais, que a cada reencontro um duelo era travado, que suas diferenças só cresciam a cada dia, mas tirar a vida de alguém, assassinar inocentes por uma crença, uma convicção questionável, soava absurdo demais para que pudesse aceitar.

Por um momento, chegou a pensar que estivesse de frente com um desconhecido. Aquele homem carregado de ressentimento e rancor não era o mesmo que a pegava no colo quando criança e cantava canções de ninar para que pudesse dormir. Aquele homem brutal e atroz que a agarrara pelos cabelos minutos atrás e fizera promessas de morte, não era o mesmo que durante anos acompanhou com carinho e devoção a doença da esposa, assistindo impotente seu corpo definhando, segurando suas mãos quando as crises de dores pareciam intensificar e acariciando seu rosto quando a vida se esvaía dele.

Até suas palavras haviam mudado. Agora eram cuspidas com furor, carregadas de ameaças e de intimidação.

— Eu fiz tudo o que você pediu — Vitória rompeu o silêncio, o tom de voz desolado. — Voltei e não ofereci nenhum tipo de resistência. Agora eu quero ver a minha filha.

— Só se eu fosse louco eu deixaria que a menina soubesse que você está aqui.

— Eu preciso saber se ela está bem, pai.

Por favor, me deixe ao menos...

— Terá que confiar em mim, Vitória. A menina está lá em cima e está ótima.

Ela não confiava. Mas que alternativa teria? Na situação em que se encontrava, era obrigada a aceitar o pouco que ele oferecia. Havia desistido de fugir, de resistir ou lutar. Estava em suas mãos, entregue a sua própria sorte.

Não sentia mais medo. A morte não era mais temida. Sabia que fizera a escolha certa. Se teria que escolher entre a sua vida e a de Rosalie, então

que se cumprisse logo à vontade dele.

Isso ela não ia permitir. Ele já havia lhe roubado uma filha antes, não deixaria que fizesse outra vez. Na verdade, Rômulo tinha tirado Amanda de seus braços duas vezes; a primeira vez logo após o nascimento e a segunda-vez quando a assassinou.

— Promete que nada acontecerá a Lílíe, pai?

— Tudo vai depender de você. Se for uma boa menina e fizer tudo o que eu pedir, sua filha sai dessa sã e salva.

— Eu já disse que não vou resistir, só quero que deixe a minha família em paz.

— Família? — Rômulo riu. — Que família? Aquela que você desprezou todas as noites enquanto se enfiava naquele antro de promiscuidade e safadeza? Você por acaso pensou em cada um deles enquanto subia naquele palco e despia-se vergonhosamente? Enquanto mentia descaradamente? Claro que não, porque o pecado já havia se entranhado em seu corpo, já a comia por dentro feito a doença que matou a sua mãe... Eu esperei muito por esse momento. Quando ficaríamos só nós dois, cada um portando como arma apenas as suas mágoas, os seus ressentimentos, cumprindo uma predestinação que vai muito além do que eu ou você possa escolher. Acho que chegou a nossa hora, Vitória.



Quando Benjamin deixou o bar na Rua Augusta, o dia já havia amanhecido. Sentia a cabeça pesar e o coração partir-se em pedaços a cada vez em que se lembrava de tudo o que havia acontecido nas últimas horas. O sentimento era de fracasso. Havia fracassado com o seu trabalho, levando a investigação a um ponto em que nada mais fazia sentido. Não tinha uma pista concreta que pudesse levá-los ao responsável por todas aquelas mortes; e fracassado com Vitória. Talvez não tivesse sido um ótimo marido a ponto de despertar confiança e segurança, para que confiasse os seus segredos. Talvez a culpa por todas aquelas mentiras também fosse sua.

Havia entrado naquele bar com o propósito único de beber e esquecer tudo o que o atormentava, mas saía com a cabeça explodindo e com os pensamentos muito mais latejantes do que quando entrara. Benjamin e bebida nunca fora uma combinação perfeita. Não estava acostumado a beber, e quando o fazia, bastava um ou dois copos para que aquela dor incômoda aparecesse e somada a todas as decepções e descobertas dos últimos dias, tornava-se algo insuportável.

Abriu a porta do carro, pegou o celular e a chave de casa, que havia esquecido no porta-luvas por estar fora de si e voltou a trancá-lo. Não iria dirigir naquele estado. A solução seria pegar um táxi. O carro poderia esperar até que estivesse em ótimas condições de voltar para buscá-lo.

Nada que um banho quente, um analgésico e uma xícara de café forte não resolvesse.

Fez sinal para o táxi, entrou e enquanto era conduzido, consultou o celular para saber se havia alguma mensagem. Havia dezessete ligações não atendidas do policial Sérgio Trajano. No mesmo instante, retornou-o.

A julgar pela insistência, algo havia acontecido.

“Será que ele encontrou Vitória? Ou ao menos conseguiu alguma informação sobre o paradeiro dela?”

— Trajano!? Sou eu, Benjamin...

— Cara, por onde você andou? Eu e a Agatha estamos tentando falar com você faz horas.

— Só vi as ligações agora..., mas o que aconteceu?

Por um segundo, Benjamin se arrependeu da pergunta que fez, sentiu medo da possível resposta. Não sabia se estava preparado para receber uma notícia da esposa, que não fosse a certeza de que estava sã e salva.

— Você precisa vir para a delegacia agora! — O seu tom de voz não deixou ao delegado dúvidas sobre a gravidade do assunto. — Cara, nós achamos o *Semideus*!

Minutos depois, Benjamin entrava em sua sala na delegacia, onde o policial Sérgio Trajano e a iridologista Agatha Manfred o aguardavam.

— Você disse no telefone que encontraram o *Semideus*? Você não está brincando, está?

— Jamais, chefe. Aliás, você deveria agradecer a sua amiga — Trajano apontou para a iridologista e ela sorriu acanhada. — Foi ela quem chegou aqui com a desconfiança que resultou na certeza. Ela trouxe o fio principal desse novelo, daí foi só ir puxando que tudo veio à tona.

— Quando saí daqui ontem à noite — Agatha tomou a palavra. —, fui para o meu consultório e fiquei analisando a íris de todos os suspeitos. Não foi nada fácil, mas cheguei à conclusão de que nenhum deles havia cometido o assassinato dessas três garotas. Não encontrei nenhum trauma que os conduzissem ao ódio e a psicopatia. No caso de Onório Ferman, encontrei até algo canalizado que o remetia ao sexo, à promiscuidade, mas psicopatia não. Não era o perfil dele. Então me lembrei de um encontro que tive horas antes, um homem que me chamou a atenção no mesmo momento em que nossos olhos se cruzaram nestes corredores. Eu confesso que não foi fácil conseguir tirar uma foto da íris dele, mas você conhece meu poder de persuasão, não conhece? Convidei-o para um café e depois de uma longa apresentação sobre o meu trabalho, só precisei elogiar seus olhos, dizer que a íris dele era de uma coloração pouco comum e então ele me deixou tirar a foto sem qualquer impedimento. Para minha surpresa, encontrei ali o trauma psicológico que eu estava procurando. O fanatismo religioso.

— Agatha veio correndo contar o que havia descoberto a você. — Trajano retomou. — Como não o encontrou, contou a mim. No mesmo instante, eu recebi o resultado do retrato falado que o assistente de produção do *Babylon* fez do homem que o pagou para deixar preparar o seu show de horror, e adivinha? Tanto eu quanto a Agatha nos surpreendemos com o resultado. Conhecíamos aquele homem, era o mesmo que ela havia analisado a íris.

— Mas ainda precisávamos de algo mais que comprovasse nossas suspeitas. Não podíamos acusá-lo apenas pela minha análise ou por achar que se parecia com o homem do retrato. Sugeri ao Trajano que assistíssemos novamente as gravações do edifício Copam, da noite em que Angélica Campos morreu.

— E o que foi que encontramos? O mesmo homem saindo do edifício minutos após a queda do corpo, escondendo-se em meio a um grupo de criança, o que acabou passando despercebido da primeira vez que as examinamos. Eu então imprimi uma imagem capturada da gravação, do momento em que ele aparecia, juntei com o retrato falado e levei até o assistente de produção, e ele no mesmo instante o reconheceu.

— Quanto suspense!

— Calma, Benjamin — Agatha pediu, tocando seu ombro. — Já vai entender tudo.

— Eu então liguei para aquele meu amigo nerd, o gênio da informática que descobriu sobre a *USD* e alguns de seus membros. Pedi que fizesse uma nova filtragem agora buscando um nome em comum e então ele o encontrou. O nosso suspeito também era membro da *USD*. Não há mais dúvida, chefe. Temos provas suficientes de que encontramos o *Semideus*.

— E quem é ele? — Benjamin perguntou impaciente.

Antes que pudesse ouvir a resposta, a porta da sala se abriu e um policial entrou acompanhado de uma garotinha.

— Rosalíe! — Benjamin exclamou surpreso ao avistar a filha. — O que está acontecendo aqui?

O policial respondeu.

— Essa garotinha estava perdida andando sozinha pelas ruas do centro, um casal a levou até um dos nossos policiais. Ela diz ser sua filha, delegado.

— E sou mesmo! — a menina respondeu rispidamente.

O pai aproximou-se tentando entender o porquê dela estar sozinha se a havia deixado com o avô.

— O que você faz aqui, meu amor? Por que não está com o seu...?

— O vovô, papai... — a menina o interrompeu, nervosa. — Ele é o bruxo mal que prende as princesas em sua torre. Não... Na torre não, é no porão.

— Do que você está falando, Lílie?

— Foi o vovô quem levou a mamãe... Ele disse que vai matá-la se ela fugir!

— Que loucura é essa?

— É verdade... olha isso, papai!

A menina abriu a mochila e tirou a sacola com as roupas de Amanda, que havia encontrado na casa do avô e entregou ao pai.

— Eu me lembro de ter visto a Amanda usando essa camiseta e eu a encontrei no armário no quarto do vovô.

Confuso, Benjamin encarou o policial e a iridologista, que balançaram a cabeça ao mesmo tempo, confirmando.

Trajano esticou o desenho do retrato falado na direção dele.

— Era isso o que íamos te falar, Benjamin. Veja se o conhece.

— Sim, é o...

Trajano mostrou agora a foto capturada das imagens de gravação do Edifício Copam.

— O *Semideus* é o Rômulo, seu sogro, e como acabamos de descobrir, ele está com a Vitória.



Rômulo caminhou até o móvel onde estava disposta uma vitrola antiga, levantou a base de acrílico, arrastou o braço pivotante sobre o disco e no mesmo instante o silêncio opressivo do porão foi substituído pelo *Noturno op. 9 N.º 2* de Chopin.

Fechou os olhos e respirou fundo, não somente para encher os pulmões de ar como também para encher a alma de satisfação.

— Ouça a música, Vitória! Sinta a melodia e deixe que ela toque o seu coração... Que ela se aposse do seu corpo contaminado pelo pecado.

Vitória estremeceu da cabeça aos pés, imaginando se fora essas mesmas palavras que o pai havia usado com Amanda, se havia tocado a mesma música e a mesma forma de intimidação.

Era assustador pensar que em questão de minutos, teria seu destino cumprido. O mesmo destino da filha e de todas as outras garotas. O mesmo destino que a mente doentia dele se achava no direito de predestinar.

Ele se aproximou, percebendo o medo estampado no rosto da filha.

— Você não imagina o quanto estou feliz por poder contemplá-la aqui, sobre os meus cuidados, nesse estado... O medo estampado no rosto de uma mulher é o espetáculo mais natural e fantástico que se pode ver. É belo, puro, chega a ser divino!

— Pai, por favor...

Rômulo ignorou a súplica da filha.

— Você se lembra dessa música, Vitória? — Ela lembrava. — Nós a tocamos aquele dia em que você bateu à minha porta desolada, porque tinha enterrado a sua filha. Você sentou ao meu lado, colocou suas mãos sobre as teclas do piano e tocamos juntos. Eu me senti tão feliz por ainda se lembrar de como tocá-la. Era sinal de que você não havia se esquecido



de tudo o que vivemos juntos. Das vezes em que tocávamos para a sua mãe.

— Lembra do quanto ela gostava? Ainda consigo ver a emoção em seus olhos cada vez que nos ouvia... Então, naquele dia em que você me procurou, foi essa mesma emoção que eu senti por recordar de uma época que havia ficado perdida no passado. Aquele dia eu tive a certeza de que por maior que fosse nossas diferenças, você ainda me amava. Você poderia até não vir me visitar, não querer saber de mim, mas não fora capaz de apagar o que representei em sua vida.

Vitória se lembrou daquele dia. Voltava do cemitério com o coração transbordando de dor e arrependimentos. Não podia voltar para casa naquele estado, não sabia a quem recorrer senão ao pai. Ele era o único que conhecia a sua verdade. Quando ele tocou, naquele momento toda a sua dor esvaiu-se do peito, trazendo um misto de euforia e saudade.

No entanto agora morreria ao som da música que a acompanhou por toda a sua vida.

— Por que tudo isso, pai?

Rômulo foi até o móvel onde estava a vitrola e do lado dela pegou uma Bíblia. A abriu no local marcado por um pedaço de papel.

— Eu escolhi um trecho para você que responderá a sua pergunta. É Romanos seis, versículo vinte e três; *“porque o salário do pecado é a morte”*.

Vitória lembrou-se da mensagem encontrada nas genitálias de Amanda Fortes, a mensagem em seu celular após a morte de Angélica, o enigma deixado no relógio de Alice, e agora ouvia a sua. Sem que tomasse conhecimento, começou a chorar. Não só por Amanda, pelas outras garotas do *Night Club* ou até mesmo por sua morte. Chorava pelo pai, por aquilo o que ele havia se tornado, e por sua falta de sanidade.

— Isso é loucura. Você não tem o direito de tirar a vida de uma pessoa porque aos seus olhos ela comete pecado... — A voz soou trêmula, comprometida pela emoção. — Que Deus é esse o seu que não o condena por tudo o que você está fazendo? Não vê que está pecando também? Você matou sua neta! O Deus que eu conheço jamais permitiria uma coisa dessas, jamais daria a quem quer que fosse essa incumbência, você está pecando muito mais que todas elas.

— Não, minha filha, você não entendeu. Não sou eu agindo contra essas garotas, é o Senhor usando-me a seu favor. — Rômulo parou de falar e

ficou escutando a música, ao fundo o chiado da agulha deslizando sobre o vinil. — É como se eu fosse apenas o seu instrumento, usado contra a Amanda, Angélica e Alice!

Meu Deus, que pecado essas meninas cometeram? Ao contrário de mim, não mentiram, não enganaram, apenas conduziram suas vidas da maneira que achavam certo, nada mais que isso.

Rômulo balançava a cabeça repetidamente, negando.

— Não... Não sou eu que escolho quem receberá a salvação. Eu apenas ouço a Sua vontade e a obedeço.

— Você está louco! Não pode estar falando sério... Você precisa de ajuda, pai, e eu posso providenciar isso para você. Vamos esquecer tudo o que aconteceu, você me deixa ir e eu prometo que não conto nada ao Benjamin sobre o que você fez. — Mentiu na tentativa desesperada de salvar sua vida.

Rômulo acariciou o rosto da filha como fizera tantas outras vezes quando ainda era uma menina.

— Não precisa ter medo, Vitória. Tem que ter fé, confiar que você terá a absolvição, de que encontrará a paz para a sua alma e me oferecer os seus pecados. É só isso o que precisa fazer, me oferecer os seus pecados.

Vitória desistiu de argumentar, de tentar fazê-lo entender, a loucura que estava cometendo. Sua mente já estava corrompida. Nada do que dissesse mudaria sua maneira de pensar. Naquele momento, a certeza de que morreria tornou-se tão clara e tão inquestionável que todas as suas defesas desapareceram. Poderia ficar horas naquele duelo de palavras, mas jamais conseguiria levá-lo a uma conclusão através do raciocínio lógico.

Sua crença e seu fanatismo equivocados sobrepujavam qualquer preceito ou regra que controlassem suas ações. Estavam acima até mesmo da sua honestidade e da moralidade. Havia construído uma personalidade que ela desconhecia. Estava de frente com um estranho que usava o nome de Deus para justificar sua necessidade de matar.

Não havia razão ou motivo plausível para ter escolhido essa ou aquela garota. Nada! Era apenas a necessidade de saciar sua loucura.

E ele não iria parar.

— Eu posso oferecer tudo o que você quer, mas antes quero que tenha a decência de compartilhar os seus pecados também. Quero que me conte tudo o que você fez, cada uma daquelas mortes...

Rômulo puxou uma cadeira e sentou-se de frente para a filha.

— Tem certeza de que quer saber? Talvez não seja aprazível de se ouvir.

— Toda a verdade, pai!

Ele encheu-se de coragem e começou a falar:

— Há uma frase de um escritor inglês que diz que “a solidão é a sala de audiência de Deus”.

Quando sua mãe morreu e você por suas razões virou-me as costas, eu praticamente afundei-me em um mar de solidão. Em meu último suspiro, quando estava perdendo a vida, eu o encontrei, fui conduzido a essa sala e tive a minha audiência com Deus... Ele estendeu-me a mão e evitou que eu me afogasse. — Vitória pôde perceber as lágrimas jorrando dos olhos dele. — Eu me sentia muito mal, me sentia culpado por tudo o que havia acontecido a você. Aquele estupro, a decisão inicialmente tomada por mim de entregar a criança para a adoção, a privação de notícias todos esses anos. Tudo isso me fazia muito mal. Eu precisava fazer algo para amenizar esse sofrimento. Então eu comecei a buscar conforto na internet, em sites de relacionamento, redes sociais, até que encontrei a USD. Você já deve saber o que isso significa — Vitória balançou a cabeça consentindo. — Lá eu encontrei tudo o que precisava, encontrei palavras de ânimo, de incentivo e me tornei o escolhido de Deus. Fiz amizades também, e um dia uma delas deixou de ser apenas virtual e passou a ser real. Carmela veio me visitar um dia. — Rômulo percebeu a surpresa no rosto da filha. — Sim, a mesma Carmela que trabalha em sua casa. Eu estava me sentindo péssimo naquele dia, tinha inúmeras perguntas martelando a minha mente e não encontrava respostas, então ela veio me trazer uma palavra de Deus. Desde então nos tornamos amigos. Pouco tempo depois, durante uma de nossas conversas, ela me contou que estava trabalhando em sua casa e nem pude acreditar no quanto o mundo é pequeno. Eu não pensei duas vezes, pedi para que fosse uma espécie de informante, que sondasse todos os seus passos e me mantivesse informado.

Vitória sentiu uma pontada de fúria invadindo seu coração.

— Quando ela me contou que você e Amanda haviam se reencontrado — Rômulo continuou. —, eu me senti traído, desprezado, como um sapato velho deixado de lado. Você e sua filha felizes juntas e eu esquecido, terminando meus dias infeliz nesta casa velha e solitária.

— E por causa disso você a matou! — A surpresa anuviava o semblante de Vitória. — Mesmo sabendo que ela era a sua neta!

— Não! Claro que não... Você não entendeu, minha filha. As razões pela qual Amanda deixou esse mundo foram outras, ainda vou explicar, mas eu não sabia que ela era a minha neta. Juro que eu não sabia. Foi você, no dia em que me procurou após o enterro, que me deu essa certeza. Carmela só me contou que você reencontrou a garota, não disse nada além disso. Nem uma foto sequer eu recebi dela. Eu só sabia que estava bem, nada mais..., mas então, tudo começou. Como eu te disse, eu vivia nas sombras, consumido pela solidão e pelos fantasmas do passado. Isso fez com que me tornasse cada vez mais dependente da USD. Nessa comunidade senti-me amparado, querido, reconfortado. Eu tinha pessoas que me ouviam, que dividiam as suas dores também, ou seja, eu não estava mais sozinho. Aquelas pessoas, ainda que anônimas, estavam me ajudando a seguir em frente. Me reanimavam, me reerguiam. Eram como sopro de vida. — Viu Vitória chorando e no mesmo instante perguntou. — Tem certeza que quer que eu continue? Porque eu nem cheguei na pior parte ainda!

O seu silêncio fez com que ele continuasse a falar:

— Com o passar do tempo, eu estava tão familiarizado com eles que já conseguia ouvir a voz de Deus e entender e aceitar as suas vontades. Começou com uma oferta aqui, uma caridade ali, até que ele me fez merecedor e digno de ser a sua mão aqui na terra. Estávamos tão ligados e íntimos que eu podia dizer que éramos um só, carne e espírito. Então veio a primeira missão; oferecer o perdão e a purificação a alma de Amanda Fortes. Eu juro a você que não sabia que ela era a sua filha. A minha missão era cobrar o pecado de uma dançarina de um *Night Club* que se encontrava perdida. Seu corpo estava contaminado, mas a alma eu havia sido incumbido de salvar. Eu não sabia nada mais sobre ela... Então eu a trouxe para cá e neste mesmo lugar em que você está agora, ela recebeu a salvação.

— Isso é loucura! Eu não consigo aceitar!

— Depois que ela morreu, Carmela trouxe-me uma caixa com um diário que você pediu para destruir. Ali havia uma foto de vocês duas e algumas descrições onde ela contava sobre o reencontro, mas não mencionava nada sobre ser sua filha. Eu só soube mesmo, quando você contou, aí o meu mundo desabou. Voltei a ler o diário, página por página até as últimas descrições e encontrei um trecho em que ela citava o reencontro de vocês. Tem ideia de como me senti? Então eu reproduzi a

foto com o celular da Amanda e fiz com que chegasse aos cuidados do Benjamin. Eu queria que ele começasse a desconfiar de você, que suspeitasse do que você estava fazendo, porque mesmo eu não sabendo o que você era, nem sobre seu envolvimento com o *Babylon*, alguma coisa aqui dentro me dizia que estava afundada no pecado. Eu queria que o seu marido cobrasse isso de você, mas ele parecia te amar tanto, que acabou ficando cego.

— Você arrancou as digitais de todos os dedos e desfigurou o rosto dela, foi frio e mordaz.

— Eu só fiz isso porque queria que o corpo nunca fosse identificado, como se ao passar pela purificação e salvação, tudo o que ela foi nessa vida deixasse de existir. Mas hoje em dia as coisas estão tão avançadas que com um único fio de cabelo pode-se encontrar informações genéticas que comprovarão a identidade do corpo. Eu não pensei nisso, não entendia dessas coisas, afinal de contas era a primeira vez que eu o fazia. E não por mim, mas por ele — apontou para o céu.

— Mas fique tranquila, ela já não estava mais aqui quando fiz as mutilações. Não sofreu.

Vitória sentiu vontade de pular em cima dele, de o agarrar pelo pescoço e o fazer sofrer com as suas próprias mãos, mas por dois motivos não o fez: primeiro porque pensou em Rosalie, temia a segurança da filha e segundo porque se o fizesse, estaria igualando-se a ele, transformando-se no mesmo monstro que ele havia se transformado.

— Então veio a segunda missão...

— Angélica Campos. — Vitória completou.

— Isso. Essa foi um pouco mais difícil. Ela havia parado de se apresentar no *Babylon*, estava tomada por uma depressão profunda que não a deixava mais sair de casa. Eu fui obrigado a ir até o apartamento dela. Usei o nome de Onório Ferman para entrar, e quando estávamos conversando, quando ela estava prestes a me contar seus pecados, a campainha tocou. Eu não podia deixar que me vissem ali. Não podia correr o risco de ser descoberto, então eu a arrastei até a sacada e a empurrei lá de cima. A campainha não parava de tocar, o que me deu a certeza de que quem estivesse do lado de fora não iria desistir tão facilmente. Minha única saída foi me esconder no banheiro e rezar para que ninguém entrasse no quarto. Ouvi quando a porta foi aberta, ouvi a voz de Onório Ferman chamando por ela, mas o alvoroço que se formou ao redor do corpo lá

embaixo, fez com que se assustasse e deixasse o quarto sem vistoriar o banheiro. Sai imediatamente de lá, desci as escadas, não havia tempo para esperar o elevador e no saguão do hotel misturei-me a um grupo de crianças tentando não chamar a atenção.

— Isso tudo é absurdo! É doentio.

Sem hesitar, Rômulo a esbofeteou.

— Não conteste a vontade do Senhor, sua herege!

Vitória alisou o rosto para suavizar a dor. Estava absorta com tudo o que acabara de ouvir. O pai não estava em seu juízo perfeito e isso a deixava ainda mais assustada.

— Você acha que eu faço tudo isso por que eu quero? Só estou obedecendo a Ele. Para mim também não é nada fácil, essa terceira missão então foi a mais difícil, havia tanta doçura em seu olhar, tanta delicadeza que eu cheguei a hesitar algumas vezes, mas eu não podia falhar. Eu tinha que provar que era capaz de honrar o privilégio de ter sido o escolhido. Então eu cheguei cedo ao *Babylon*, enquanto ela ainda estava ensaiando, foi tudo muito rápido. Depois só precisei dar um dinheiro para o rapaz que cuidava da produção do show para armar todo aquele espetáculo que você mesmo presenciou.

— E agora eu sou a próxima. — Vitória finalizou com o tom de voz pesaroso.

— A quarta e última missão! Desculpe, Vitória, mas entre o meu amor por você e o meu amor a Deus, o segundo prevalece.

Rômulo levantou e caminhou até ela. A música na vitrola havia parado. Estava na hora de acabar com tudo aquilo.

Posicionou-se às costas dela, passou o braço esquerdo por seu pescoço, a mão direita sobre a sua boca e sussurrou em seu ouvido:

— É a sua vez de contar os seus pecados. Esperei todo esse tempo por isso.

— Não contarei nada — afrontou-o. — Se quiser ir adiante com essa loucura, que eu morra em silêncio. Que todos os meus erros e arrependimentos sejam sepultados comigo.

— Que seja então! — Rômulo pressionou a mão sobre a boca e o nariz de Vitória. — Eu te amo, minha filha... descanse em paz.

Vitória começou a se debater. Os olhos arregalados expeliam suas últimas lágrimas. Sentiu a vida começar a esvaír de seu corpo. Toda a sua existência, todas as suas lembranças passando em frente aos seus olhos

como se fosse um filme. Uma reprodução dos melhores e dos piores momentos.

Aos poucos, o corpo deixou de se debater, o cansaço começava a vencer a vontade de lutar, de vencer. Havia perdido a batalha. O pai e sua alienação a haviam vencido.

Foi então que em meio à escuridão a qual estava sendo transportada, ouviu algo se rompendo, um estrondo forte que ecoou em seus ouvidos.

Com o estrondo, o pai soltou a mão que pressionava sobre seu rosto, Vitória respirou fundo buscando recuperar o fôlego e se refazer da experiência de quase morte. Ao recobrar a consciência, percebeu que o estrondo que salvou a sua vida surtiu do momento em que a porta do porão fora estourada.

Benjamin, Trajano e mais dois policiais invadiram o lugar.

Estava salva.

A voz do marido ecoou pelo cômodo de paredes rústicas.

— Rômulo Candeias de Sá, o senhor está preso!



Do lado de fora da casa, dentro da viatura estava Rosalíe e a iridologista Agatha Manfred. Depois de tanta insistência da menina em acompanhá-los e em ver a mãe, Benjamin concordou, desde que ela ficasse protegida até que conseguissem controlar a situação. A menina estava sentada no banco traseiro, impaciente, enquanto que a iridologista ao volante não tirava o olhar do retrovisor, como se quisesse se certificar de que ela estava mesmo ali.

— Eles estão demorando, né? — Rosalíe perguntou angustiada.

— Eles acabaram de entrar lá, meu bem. Fique tranquila que vai dar tudo certo.

— O papai disse que vai salvar a mamãe, mas ele não vai machucar o vovô, vai?

— Claro que não. Ele só vai levá-lo até a delegacia para eles conversarem um pouco.

Por um minuto a menina ficou examinando a mulher.

— Você acredita em Deus? — Rosalíe perguntou.

— Acredito sim, por quê?

Rosalíe juntou as mãozinhas em sinal de prece e fechou os olhos.

— Reza comigo então? Vamos pedir para ele proteger a minha mãe!

Agatha cruzou os dedos e fechou os olhos também.

Rosalíe abriu um único olho e ao constatar que a mulher havia caído no seu truque, destrancou a porta do carro e saiu correndo para o interior da casa.



Benjamin correu até a esposa para se certificar de que estava bem, enquanto o policial Trajano fechava as algemas nos pulsos de Rômulo com os braços em frente ao corpo. Vitória chorava incontrolavelmente.

— Fica calma, minha querida. — Benjamin a abraçou. — Vai ficar tudo bem.

— Foi horrível, Ben! Ele pretendia me matar, como fez com as outras garotas.

— Eu sei... Já sabemos de tudo. Mas já acabou. — E virando-se para o colega, ordenou. — Pode leva-lo para a viatura, Trajano. Só não deixe que Rosalíe o veja.

— Sim, senhor.

— Mas como? Meu Deus, ele me disse que estava com ela.

— E não mentiu. Só que a nossa garotinha é inteligente demais e acabou fugindo.

Trajano agarrou Rômulo pelo braço e já estavam subindo a escada quando, em um movimento brusco e imprevisto, Rômulo arrancou a arma do coldre em sua cintura e o empurrou de grau abaixo com um chute na perna no policial.

— Ninguém se mexe ou eu atiro! — Rômulo gritou, segurando a arma com as duas mãos unidas pela algema. — Não vai ser quatro policiais que vão me impedir de cumprir a vontade de Deus.



Apontou a arma para Vitória, mas ela não percebeu. Seu olhar estava fixado à porta no final da escada, Rosalie estava ali. As duas se olharam com amor e devoção no olhar, sorriram, um último sorriso.

Vitória então percebeu a arma apontada em sua direção, e escutou o gatilho sendo disparado duas vezes.

— De todas as pessoas que me odeiam, eu nunca pensei que seria você quem apertaria o gatilho!

Um tiro acertou-lhe o peito e o outro o ombro, jogando-a de encontro ao chão.

Por todo o porão ouviu-se o grito de desespero de Rosalie ao presenciar aquilo.

— NÃOOOOOOOO! MAMÃEEEEEEEEEEEEEEEEEEEE!!!!

Agatha apareceu à porta e segurou a garota para que não fosse de encontro à Vitória, arrastando-a novamente para fora.

Trajano e os dois policiais agarraram Rômulo pelo braço, arrancando-lhe a arma das mãos. Ele sorria satisfeito. Não precisava mais da arma. Conseguiu mais uma vez concluir sua missão.

Benjamin ajoelhou-se à frente da esposa e a colocou sobre suas pernas enquanto ligava para a emergência e solicitava o socorro.

— Você vai ficar bem, meu amor... Seja forte e fica comigo.

Mas tudo o que ele ouviu em resposta, fora o último pedido de Vitória:

— Cuide da nossa filha!

— Vitória! — Benjamin começou a chorar. — Não!

O corpo desfalecido tombou em seus braços.

## Capítulo Quarenta e Quatro



*Semanas depois...*

Benjamin consultou pela terceira vez o relógio em seu pulso para se certificar de que não estava atrasado. Havia prometido fazer um passeio com a filha e não queria atrasar. Desde o acontecido com Vitória, ele vinha tentando ser um pai mais presente. Não queria ocupar o lugar da mãe, mas apenas suprir a necessidade que a ausência havia deixado. De todas as pessoas envolvidas, certamente Rosalie era a que mais havia sofrido com tudo o que acontecera. Não era fácil para uma garotinha de seis anos esquecer o que havia presenciado. O avô enfurecido. O tiro. A mãe agonizando. A vida esvaindo de seu corpo enquanto tombava sobre seus braços.

Aquela lembrança jamais seria apagada.

Rômulo não havia apenas atacado a filha, de certa forma aquele tiro havia atingido a todos à sua volta. Destruído muito mais que uma vida.

Consultou novamente o relógio e decidiu deixar a delegacia e voltar para casa. Estava vestindo sua jaqueta quando três batidas na porta ecoaram pela sala.

— Pode entrar, Trajano — anunciou presumindo ser o seu parceiro.

A porta se abriu e pode constatar o seu engano.

— Alberto? — perguntou confuso por revê-lo.

— Perguntei por você, Benjamin, e me disseram que o encontraria aqui.

— Na verdade quase não me encontra. Eu estou de saída.

O padraсто de Amanda Fortes entrou na sala.

— Eu prometo que não vou demorar.

Benjamin estudou o homem à sua frente. Sujo, malvestido, a aparência muito mais deturpada do que da última vez em que se viram naquele bar da Rua Augusta. Era impressionante a maneira em que vinha se definhando com o passar dos dias.

— Eu pensei muito se deveria ou não vir até aqui — começou a falar.

— Relutei por alguns dias, mas cheguei à conclusão de que é o melhor que tenho a fazer. É só olhar para mim que vai me dar razão, não tenho mais nada a perder. Além do mais, ainda me sinto em dívida com você, delegado, por aquela humilhação a qual o submeti certa noite no *Babylon*.

— Já conversamos sobre isso, Alberto, ficou no passado.

— Ainda assim, há uma coisa que não posso mais esconder. Eu preciso compartilhar um segredo com você, delegado.

Benjamin consultou o relógio pela quinta vez, iria se atrasar, mas também não podia ir embora e não ouvir o que Alberto tinha para contar.

— De que segredo ele estava falando?

— É sobre o assassinato das garotas do *Babylon* — respondeu como se tivesse ouvido a pergunta proferida nos pensamentos do delegado. — Tenho uma informação sobre ele.

— Eu receio que tenha chegado um pouco tarde. Esse caso já foi encerrado e o responsável já está atrás das grades pagando por seus erros.

— Não! Eu não estou falando do Rômulo. Esse foi um pobre coitado, completamente persuadido e manipulado o tempo todo. Estou falando de outra pessoa que você precisa saber, delegado!



Alberto deixou a delegacia bastante satisfeito. Havia cumprido sua vingança. Ele tinha contado tudo o que sabia ao delegado e não importava que não tivesse para onde ir, nem o que fazer a partir daquele momento, o importante era que mais alguém teria a vida destruída também. Exatamente como acontecera com ele.

Andou pela calçada, em meio a todas aquelas pessoas que caminhavam apressadas, ignorando sua presença, como se pudessem pressupor o fracasso a qual ele havia se transformado. Deitou no banco de uma praça, respirou e expirou profundamente na expectativa de que o ar entrasse através de seus pulmões e aliviassem aquela dor da culpa.

“Não há castigo maior do que o arrependimento”, pensou antes de adormecer.



Benjamin encontrou Trajano do lado de fora da delegacia.

— Temos uma coisa a fazer! — anunciou.

— Está tudo bem, chefe?

Benjamin seguiu em direção à viatura, Trajano o seguiu.

— Ví que o Alberto esteve te procurando, aconteceu alguma coisa? — insistiu.

— Entra no carro, no caminho eu explico, mas antes, enquanto eu dirijo, você liga para a babá da Lílie e avisa que vou atrasar.

Trajano nem contestou, fez o que Benjamin pedia. Depois de desligar o telefone, ficou à espera de que o delegado explicasse o que estava acontecendo e para aonde estavam seguindo.

— Houve uma reviravolta no caso do *Semideus*, Trajano. Na verdade, Rômulo não passou de um mau-caráter, fanático religioso psicologicamente manipulado. Ele foi usado por outra pessoa, alguém a quem podemos atribuir a autoria das mensagens postadas na comunidade USD, as mesmas que Rômulo interpretou como uma ordem Divina.

— Caramba, isso não acaba nunca. É uma surpresa atrás da outra.

— Agora acabou, Trajano. Pode ter certeza que acabou.



Carmela terminou de fechar a última mala. No chão do quarto havia outras três esperando para serem levadas para o carro. Percorreu o olhar por todo o lugar. Sentiria falta da vida que levava ali, mas era hora de partir.

Ao mesmo tempo em que se despedia, lembrou-se das palavras do delegado durante a última vez em que estivera na delegacia: “Você entende que está sob investigação, não é? Então vou te pedir que não deixe a cidade sem antes nos comunicar.”.

Mentalmente, pensou que infelizmente teria que fazer o contrário do que lhe fora mandado. Ela não podia mais ficar ali. Não depois do que havia acontecido a Vitória. Não depois de ter seu nome de certa forma ligado a todas aquelas mortes.

O marido apareceu à porta do quarto. Viera buscar as malas.

— Tem certeza de que quer fazer isso, Carmela? É como se estivéssemos fugindo, e pior, fugindo de fantasmas que nos acompanharão para sempre.

Ela foi até ele e o abraçou.

— Nunca estive tão certa. Nem que o resto de nossas vidas seja mudar de lugar em lugar, de cidade em cidade, uma hora esses fantasmas deixarão de nos seguir.



A mulher estendeu a última peça de roupa no varal, enxugou a mão no avental e abaixou-se para pegar a bacia de roupa vazia e o cesto de pregador quando ouviu aquele som agudo e estridente que tanto a atormentava. Levantou-se apressada, e quando se deu conta, lá estavam eles à sua frente: o delegado Benjamin e seu fiel companheiro, o policial Trajano.

Antes que pudesse dizer algo, a deliberação do delegado a fez entrar em desespero.

— Desculpe invadirmos a sua casa desse jeito, mas terá que nos acompanhar até a delegacia, a senhora está presa pela participação, ainda que indiretamente, nas mortes de Amanda Forte e das demais dançarinas do *Babylon Night Club*.



Rômulo estava em sua cela. Sobre o colo havia um caderno onde por horas fazia anotações. Ouviu o som de cadeados sendo destrancados e em seguida passos em sua direção. À primeira vista, enxergou o genro, e só depois conseguiu ver quem ele conduzia.

Benjamin abriu a cela em frente à sua e trancou a mulher. Por um momento, Rômulo se viu confuso, sem entender ao certo o que estava acontecendo, mas o genro fez questão de dissipar sua confusão.

— Parece que terá companhia hoje, Rômulo. Ao menos até que a sua transferência seja feita, terá com quem conversar. Sabe quem ela é, não sabe? E sabe também por que ela está aqui? Esta é Roberta Dilon, a mulher a quem você entregou a sua neta quando ainda bebê e...

— Ela era minha filha! Só minha. — Roberta o interrompeu. — Mas a sua mulher, delegado, estragou tudo. Tínhamos um acordo, ela nunca deveria ter chegado perto da minha menina. Era assim que tinha que ser.

— Foi por isso, não foi? — Benjamin, tomado pela fúria, não se conteve e começou a interrogá-la ali mesmo. — Vitória reencontrou Amanda, aproximou-se dela e você não suportou a ideia de que pudesse perdê-la. Então você criou aquela comunidade, usou o nome de Deus para manipular, para convencer o Rômulo de que algo precisava ser feito.

— Você está errado, delegado! A USD foi criada antes de tudo isso começar. E seu intuito era único, ajudar a quem precisasse. Quando pedi a Amanda que a criasse para mim, porque eu não entendia muito bem dessas coisas, eu só queria fazer o bem para as pessoas.

— Mas então as coisas tomaram outro rumo. — Benjamin retomou sua dedução. — Amanda encontrou sua mãe biológica e você então não se importava mais em perder a sua filha se Vitória também a perdesse. Afinal de contas, ela havia cruzado o seu caminho, destruído a sua tão querida família... E você escolhe quem para executar seus planos? Rômulo, enviando um convite da comunidade para ele, que, sentindo-se sozinho e infeliz, aceitou no mesmo instante.

— Errou mais uma vez. Eu ainda não tinha planos quando enviei o convite. Era só uma maneira de o ter por perto, de tentar descobrir o que estava acontecendo. Quando eu finalmente sabia o que fazer, eu mandei Carmela, a sua empregada, o procurar e se aproximar não só dele, como de Vitória também, oferecendo-se para trabalhar em sua casa. Depois disso foi tudo um jogo de persuasão para conseguir o que eu queria.

— E Angélica e Alice? — Benjamin perguntou. — Morreram gratuitamente, apenas para despistar a verdade, não foi? Criava um assassino em série, fanático religioso e com isso desviava a atenção de que a sua raiva, o seu rancor estavam por traz de tudo isso. O que você queria na verdade era Amanda e Vitória mortas, mas não tinha coragem de fazer.

Rômulo viu a verdade aparecendo diante de seus olhos. Era como se só agora passasse a enxergá-la. Como se só agora as coisas fizessem sentido. Sentiu em suas mãos o peso das mortes, a culpa pelo sangue derramado. A ausência do Deus que havia criado.

Esperou que Benjamin deixasse a sela de Roberta para então ficar frente a frente com a mulher. Apenas algumas barras de ferro e um corredor estreito os separavam.

— Então foi isso? — perguntou, o tom de voz cerrado pelo choro. — Não havia mensagem, missão, ou pedido de Deus, não é? Aliás, não houve Deus. O tempo todo era você... Apenas você e o seu rancor.

Roberta o ouvia em silêncio.

— Como fui cego! Tolo! Você me usou da maneira mais sórdida que se pode imaginar... Eu matei três garotas, sendo uma delas minha neta, atirei em minha própria filha, abreviei sua vida porque acreditei haver um Deus. Um Deus que eu temia... e tudo foi uma mentira.

Desolado, voltou para o seu catre. Tomou o caderno novamente em seu colo e entre as lágrimas que jorravam de seus olhos e os soluços que contorciam seu corpo, voltou a escrever:

*“Finalmente estou no lugar que mereço. E que aqui termine os meus dias, porque se tem algo que não mereço mais é ser livre. Não sei viver, não sei ser humano, não sei conviver com as consequências de todos os meus atos. Não consigo mais me olhar no espelho sem enxergar aquilo em que me transformei, sem se assustar com as feridas que sangrarão eternamente.*

*De todos, o maior pecado cometido foi o meu. Cometido e tatuado em meu peito, marcado feito ferro em brasa, chagas que jamais cicatrizarão.*

*Às vezes me pergunto porque razão eu estou vivo até hoje. Não é por vontade própria ou satisfação. Certamente não é. É apenas por uma sucessão de ações que me movem todo dia e me ocupam de tal maneira que eu vou deixando as coisas acontecerem, vou deixando a vida passar enquanto eu continuo sentado na janela apenas observando-a.”*



Benjamin entrou em casa apressado. A filha o esperava sentada no sofá, vestindo seu melhor vestido, com laços nos cabelos e sapatos cor de rosa.

— Oi, meu amor, desculpa a demora, mas o papai veio o mais rápido que pôde.

— E nós vamos aonde?

— Hummm, não posso falar ainda. É surpresa, fadinha! Mas eu posso dizer que você vai adorar e que precisa estar bem bonita também.

Rosalie desceu do sofá e começou a arrumar o vestido.

— Como estou?

— Está linda. — Ele a abraçou.

Agora vamos, que já estamos atrasados.

Dentro do carro, Benjamin colocou o cinto e observou a filha no banco traseiro pelo retrovisor.

— Eu te amo, Lillie!



Sérgio Trajano desceu da viatura de polícia em frente à floricultura. Entrou no estabelecimento e ficou observando a vitrine.

— Posso ajudá-lo? — A atendente ofereceu.

— Estou procurando um buquê de rosas vermelhas, as mais bonitas que você tiver.



— Hum... Que romântico! Tenho as colombianas, não são as mais baratas, mas são as mais bonitas com certeza.

— Levarei essas então.

A jovem foi até o fundo da floricultura e voltou com as rosas.

— Ela vai adorar.

— O quê?

— A mulher que as receber, eu disse que ela vai adorar.

— Ah, sim! Claro.

Trajano esperou que ela terminasse o embrulho, pagou e saiu apressado. Atravessou a rua, cruzou o imenso portão de ferro preto e caminhou até o seu destino.

Beijou carinhosamente as rosas e as descansou sobre o túmulo de Alice Jardim.



Benjamin parou com a filha em frente à porta do quarto trinta e três no hospital Pérola Prado. Ajoelhou-se para ficar a sua altura e poder olhá-la diretamente nos olhos enquanto falava.

— Lembra que o papai disse que tinha uma surpresa para você? Daqui pra frente você vai sozinha, meu amor, mas eu vou ficar te esperando aqui fora. Está preparada?

— Estou... O que está acontecendo, papai?

— Você já vai entender. Agora, entre.

Rosalie não fez mais perguntas. Obedecendo as ordens do pai, destrancou a porta e entrou. No mesmo instante a felicidade tomou conta da menina. Seus olhinhos brilharam. O sorriso rasgou seu rosto de um lado a outro. A excitação de ver a mãe viva, sentada sobre a cama de hospital era incontrolável.

Vitória começou a chorar.

— Lílie, meu amor!

— Mamãe! — A menina correu para abraçá-la. — Mamãe, mamãe!

— Oh, meu amor! Como é bom te ver.

— Eu pensei que você tivesse...

— O papai do céu deu outra chance para a mamãe.

No mesmo instante, Rosalíe ajoelhou-se ao lado da cama, juntou as mãozinhas em forma de prece e agradeceu pela vida da mãe.

— Obrigada, papaizinho! O senhor devolveu a minha mãe. Obrigada, Deus!

Levantou e correu beijá-la.

— Está tudo bem, meu amor. A mamãe vai voltar para casa e tudo vai ser esquecido. Vamos fazer muitas coisas juntas, viu?

A porta abriu novamente, e desta vez Benjamin entrou.

— Eu quis deixá-la entrar primeiro e receber a surpresa...

— Como você está? — perguntou, aproximando-se da esposa.

— Viva!

— Que bom. Eu escondi isso de todo mundo, porque não queria que nada mais te acontecesse.

— Mesmo depois de tudo o que eu fiz, você ainda me protegeu!

— Não poderia ser diferente, Vitória. Você é a mulher por quem eu me apaixonei perdidamente, é a mãe da minha filha. Além do mais, faz parte da minha profissão, proteger... Eu deixei que pensassem que você havia morrido, parecia que eu estava adivinhando que o caso não havia acabado, mas agora com o Rômulo e a Roberta presos, acho que já está na hora de você reaparecer. Não há mais perigo.

— Roberta? A mãe adotiva da Amanda?

— Sim, mas isso eu te conto no carro, a caminho de casa. Você já está de alta...

Vitória o observava pensativa.

— Ben, Amanda tinha mais três irmãs pequenas, se Roberta foi presa, o que aconteceu a elas? Não posso pensar na possibilidade de ficarem sobre os cuidados do Alberto. Aquele homem...

— Não! Elas estão sobre os cuidados do Conselho Tutelar.

— Eu preciso fazer alguma coisa por essas meninas, Ben! Devo isso a Amanda. Por favor, me ajude?

— Claro, vou ver o que posso fazer... agora vamos?

Ela sorriu satisfeita.

— Vamos.

Vitória desceu da cama e ajeitou cuidadosamente, com a ajuda da filha, a blusa sobre a tipoia em seu braço esquerdo. Dos dois tiros, um acertou o

ombro e o outro o tórax, centímetros abaixo do peito. Um pouco mais acima e não teria sobrevivido.

Mas a vida oferecera uma segunda chance.

Só restava saber se Benjamin também estava disposto a oferecer.



Do lado de fora do quarto, Vitória encontrou a Dra. Louise Bulgari, dona do Hospital Pérola Prado, esperando por ela com um ramalhete de rosas brancas nos braços. Ao avistá-la, Vitória teve todas as lembranças da última vez em que estiveram juntas reavivadas em sua memória. As desconfianças, as acusações e o pedido de demissão forçado.

— Eu acho que devo um pedido de desculpas a você. — Louise adiantou-se, entregando as rosas. — Sei que nada do que eu falar vai minimizar o meu erro, mas eu só queria que soubesse que já conheço toda a verdade e estou bastante envergonhada por minha atitude.

Vitória a encarou por um tempo e depois sorriu. Nesta sua nova vida não haveria espaço para ressentimentos.

— Desculpas aceitas. — Deliberou.

— Também quero que saiba que não há mais nenhuma acusação contra você. Como o seu marido já deve ter contado... — Benjamin a interrompeu.

— Ainda não contei. Não queria estragar a surpresa deste momento... Regina Tavares, a advogada do Onório, apresentou esta manhã uma confissão escrita à mão e assinada por ele, onde assume total responsabilidade pela morte de seu pai.

Vitória estava surpresa, parecia não acreditar no que estava acontecendo. — Ele deixou com a advogada antes de voltar ao *Babylon* e tirar a própria vida. — Completou Benjamin.

— Você é inocente Vitória! — Louise acrescentou. — Sempre foi. Por isso, como forma de me retratar, gostaria que aceitasse voltar a trabalhar em nosso hospital.

Vitória e Benjamin trocaram olhares. Ele balançou a cabeça consentindo e encorajando-a a decidir.

— Eu volto!



Benjamin acompanhou Vitória e Rosalíe até o interior da casa para se certificar de que ficariam bem.

— De verdade, Vitória, estou muito feliz que esteja viva — comentou.

— Não me perdoaria se algo tivesse acontecido.

— E quanto a mim?

— O que tem?

— Não é capaz de perdoar também?

Benjamin pareceu encabulado.

— Talvez não seja o momento apropriado...

— Quando você fica frente a frente com a morte, como eu fiquei, você percebe que não existe momento apropriado para as coisas, Ben! O momento é o agora... É engraçado que eu quase perdi a vida e perto de perdê-la foi que eu a encontrei de verdade... Nesses anos todos, eu amei e odiei como toda a gente, fui intensa como poucas delas conseguem ser, eu vivi. E o que é viver se não mentir, omitir e colecionar pecados? A minha coleção você sabe, é imensa. — Riram juntos. — Eu estive perdida, Ben. Vinte anos vivendo na escuridão, remoendo dores que só aumentavam com o tempo.

— E que ficaram no passado. Você não tem mais que pensar nisso. Só repense a sua vida, os seus erros, para que não os repita novamente. Não afaste mais as pessoas de você com as suas mentiras. A mentira separa as pessoas. Não queira nunca ficar sozinha. Não há castigo maior do que a solidão, Vitória.

— Nunca mais! Aprendi com o meu erro.

— Ótimo. Agora o que tem que fazer é seguir em frente, viver em paz.

— Você falou a palavra certa: paz. Foi só isso o que tentei buscar esse tempo todo. Porque eu tinha um casamento feliz — olhou para Rosalíe e

sorriu. — Uma filha maravilhosa, uma família perfeita, mas eu não tinha paz.

Benjamin segurou sua mão.

— Uma vez ouvi alguém dizer que as maiores histórias são contadas através das cicatrizes da alma. Acho que teremos uma bela história para contar. É como diz o refrão daquela música que você sempre cantava: “às vezes o amor dura, mas às vezes ele machuca.”

Vitória começou a chorar.

— O nosso amor durou o tempo dele e agora nos machucou.

— Mas eu preciso saber que não há mais ressentimentos, Benjamin. Preciso que me perdoe de coração aberto.

— Quem sou eu para negar o perdão, Vitória? Acho até que entendo tudo o que você fez, afinal todo errado é um certo visto por outro ângulo, não é mesmo? É claro que perdoo. — Entre as lágrimas, ela soltou um sorriso. — Mas isso não quer dizer que será como antes.

— O que quer dizer?

— Eu estou indo embora desta casa. Vou procurar um apartamento ou um hotel, mas eu saio ainda hoje... O perdão eu posso oferecer, mas o meu amor, não mais. — Beijou sua mão. — Mas prometo que jamais deixará de ocupar um lugar especial em meu coração. Um lugar só seu.

— E eu prometo que você ainda terá muito orgulho de mim. Aos meus olhos, aos seus, o meu futuro é sim uma tela em branco, mas uma tela na qual eu prometo utilizar as tintas mais coloridas e alegres possíveis. Eu mudei, Benjamin, e você vai perceber isso.

— Acredito, mas a minha decisão está tomada. Será melhor a todos nós. Eu não ia conseguir manter o nosso casamento depois de tantas mentiras. A confiança se rompeu e quando isso acontece, não há mais o que ser feito. Depois da primeira mentira, toda verdade se torna uma dúvida.

Vitória o abraçou aos prantos e o acompanhou até o lado de fora da casa.

— Seja feliz, Ben!

— Seremos... Agora eu preciso ir, vou mandar alguém depois para pegar as minhas coisas, tudo bem?

Vitória não conseguiu responder, a dor da separação havia formado um nó em sua garganta.

Benjamin ajoelhou-se para despedir-se da filha.

— Oh, minha fadinha! Tantas coisas aconteceram e eu ainda não tive tempo para dizer isso, mas eu estou muito orgulhoso de você, viu? Foi muito corajosa ajudando a encontrar a mamãe.

— Por que você tem que ir, papai?

Benjamin olhou para a esposa antes de responder.

— É coisa de gente grande, fadinha. Um dia você vai entender.

— Você não ama mais a gente?

Vitória sentiu as lágrimas queimarem seus olhos.

— Eu nunca deixarei de amar vocês, minha querida... Nunca.

Beijou a filha e seguiu em direção ao carro. Pegou algo no banco de trás e voltou à varanda onde as duas, mãe e filha, observavam-no em silêncio. Apenas a tristeza refletida em seus olhos.

— Encontramos isso na casa do seu pai. — Entregou um caderno à Vitória. — É o diário de Amanda Fortes, achei que deveria ficar com ele... adeus.

Vitória e Rosalie permaneceram paradas à porta, em silêncio, sentindo o coração se contrair à medida que o carro desaparecia no final da rua; receosas de entrar e de recomeçar aquela nova história.

Não sabiam se iriam se acostumar com a vida que as esperava do lado de dentro.

# EPI LOGO

# Epílogo



*Um ano depois...*

*“O Perdão é a chave da liberdade. Hoje, de posse desta chave, eu destranquei todas as portas que eu insistia em manter trancadas e me permiti ser livre. Hoje eu ofereci o perdão. Conheci a minha mãe biológica. A mulher que um dia me entregou a adoção. Desde o dia em que toda a verdade veio à tona, quando por descuido durante uma conversa acabei descobrindo que sou adotiva, eu a condenei. Não fui capaz de tentar entender os seus motivos. Concentrei-me apenas em minha dor; a pobre menina rejeitada. Mas o que eu vi hoje, a mulher que eu tive a oportunidade de conhecer, derreteu o gelo que petrificava meu coração. Conheci suas razões, seus motivos e todo aquele ressentimento transformou-se em admiração e orgulho.*

*Hoje certamente vivenciei o dia mais feliz da minha vida. O primeiro de muitos que ainda virão. Hoje a minha vida ficou completa... Vitória Maria Sá Marques, minha mãe!”*

Vitória estava sentada no sofá com o diário de Amanda em seu colo. Enxugou uma lágrima que escorria em seu rosto e olhou para a filha Rosalie brincando com Angelita, Ana e Anabel, as três irmãs de Amanda no chão à sua frente.

Benjamin havia conseguido que as meninas passassem as festas de fim de ano com ela, até que o pedido de adoção bilateral fosse aprovado pelo juiz.

Foi tomada por um sentimento de orgulho e satisfação. Tudo o que não pudera fazer por Amanda, faria por suas irmãs. Então sorriu.

Não havia mais motivos para tristezas. Recebera uma nova chance da vida. Era certo que ao longo do seu caminho sofrera algumas perdas, mas ter a oportunidade de um recomeço era algo reconfortante.

— Meninas, o que acham de guardar os brinquedos e ir tomar banho enquanto termino de arrumar a nossa ceia de natal?



Angelita, Ana e Anabel correram escada acima, em direção ao quarto. Rosalíe permaneceu no mesmo lugar.

— O papai também vem?

— Não, meu bem.

Rosalíe pensou antes de proferir a próxima pergunta.

— Por que o papai não está aqui com a gente?

— Ah, filha! Já conversamos sobre isso, lembra? A mamãe fez muita coisa errada, magoou muito o papai e ele está chateado.

— Mas ele não poderia perdoar? Eu já fiz bastante coisa que deixou você triste e magoada, mas você sempre me perdoou, não foi?

— Perdoei sim, minha pequena. Só que cada pessoa tem o seu tempo...

— Se nem mesmo os dedos da nossa mão são iguais, como podemos querer que as pessoas sejam? Cada um tem à sua maneira de aceitar as coisas, de entender ou não.

A mágoa e o ressentimento são bichinhos bem pequeninhos, que acabam grudando no peito da gente e não querem sair de jeito nenhum.

— Igual piolho?

Vitória riu.

— Isso, meu bem, igual piolho! E cada dia que passa ele vai crescendo, vai se alimentando da nossa felicidade, vai nos distanciando das pessoas, vai nos deixando infelizes, deprimidos e só há um remédio que pode acabar com tudo isso e matar, de uma vez por todas, esses bichinhos; o amor. Só o amor consegue vencer a mágoa e o ressentimento. Mas infelizmente algumas pessoas demoram a perceber isso. A gente tem que entender essa necessidade de tempo.

A menina levantou do chão e foi sentar ao lado da mãe.

— E se o papai não quiser mais me ver?

— Não, meu amor, ele jamais faria isso! Ele apenas deixou de ser casado com a mamãe, de morar na mesma casa que a gente, mas nunca deixará de ser o seu pai. E sabe por quê? Porque ele não quer de jeito nenhum perder a oportunidade de conviver ao seu lado, de acompanhar as suas conquistas, de presenciar a lagarta se transformando em borboleta. — A fadinha virando mulher.

Novamente a menina fez uma rápida reflexão.

— Você ama o papai, mamãe?

— Muito, minha querida! Você, o papai e a Amanda foram as melhores coisas que já aconteceram na minha vida.

— E o papai? Ele ainda ama a gente?

— Claro que ama, fadinha! Os bichinhos que a mamãe falou, ele só consegue deixar as pessoas tristes umas com as outras, mas ele não consegue destruir o amor. O papai sempre vai nos amar, ainda que viva em outra casa ou quem sabe até conheça outra mulher, construa uma nova família. — Vitória sentiu o coração comprimir. — Entendeu?

— Sim. Tenho medo que ele não goste mais de mim!

— Isso jamais acontecerá. Pensa que você terá tudo em dobro, duas casas, dois quartos e conseqüentemente duas vezes mais amor.

— Tá bom, mamãe. — Fez menção de voltar aos seus brinquedos, mas deteve-se. — E você? Está feliz?

— Eu tenho uma filha que vive lá no céu ao lado de Deus e tenho outra que vive comigo, que é a coisa mais linda desse mundo. Como não ser feliz?

Rosalie abraçou a mãe.

— Eu também te amo, mamãe! Por mim e por Amanda.

A campainha tocou, rompendo o momento fraterno.

— Deve ser a Pietra, amiga da mamãe. Ela disse que passaria para nos dar um abraço.

Vitória deixou a filha e caminhou em direção à porta. Ao abrir, seu coração encheu-se de satisfação e felicidade. Não era Pietra, quem estava do lado de fora com uma caixa de presente sobre as mãos.

A surpresa congelou seus movimentos e a manteve inerte em frente a ele. Por alguns minutos, apenas os olhares conversaram. Entenderam-se. Aceitaram-se.

— Ben! — Foi tudo o que ela conseguiu proferir.

Seu coração explodia feito fogos de artifícios. Estava radiante de felicidade.

Felicidade que escancarava o sorriso mais sincero e encantador que já fora capaz de ofertar, que se liquidificava e escorria de seus olhos através de seu rosto, que provocava aquele frio na barriga como se borboletas esvoaçantes se agitassem dentro dela.

Felicidade plena, completa, eterna.

— Quando alguém nos magoa profundamente, Vitória — Benjamin rompeu o silêncio. — Temos três opções: magoar também, ignorar ou amar ainda mais.

As lágrimas escorreram dos olhos dela e acabaram amparadas nas curvas de seu sorriso.

De onde estava, Rosalie dava pulinhos e batia palmas freneticamente. Tão feliz quanto a mãe.

— *Uuuuuu!* — gritou. — Eu sou a criança mais feliz do *mundoooooooo!*

E não era a visita do pai ou o presente em suas mãos que a deixava feliz, era o que havia ao lado dele, no chão aos seus pés.

Duas malas.

# Agradecimentos



Por incrível que pareça, não é tão fácil agradecer. A memória às vezes nos prega peças e resulta no medo de que alguma injustiça seja cometida. Espero ser o mais justo possível com aqueles que de alguma forma acreditaram, contribuíram ou torceram pela realização deste sonho.

Começo agradecendo primeiramente a Deus, que sempre esteve ao meu lado durante todo esse percurso e ao final me deu muito mais do que eu havia esperado.

Em segundo, duas pessoas muito importantes em minha vida, responsáveis por toda a bagagem de conhecimento que carrego comigo, duas pessoas que sempre me apoiaram e que me ensinaram o verdadeiro significado da palavra família; mãe e pai, amo vocês.

*Teu Pecado* é a junção de sonho, criatividade, histórias reais colhidas ao longo do caminho e principalmente de troca de ideias e conhecimentos. Sendo assim, não poderia deixar de agradecer minhas duas leitoras betas:

Rosely Budim, você foi a primeira a ler esse livro, leu e releu todas as vezes que o reescrevi e esperou todos esses anos para conhecer o final. Obrigado por sua paciência, por sua cumplicidade e por muitas vezes dar voz aos meus personagens, por embarcar comigo nesta viagem. Foram quatro anos vivendo, respirando e sonhando essa história. E se um livro carrega um pouco do seu autor, *Teu Pecado* carrega um pouco de você também; das suas críticas, das suas ideias e sugestões.

Solange Santos, posso dizer que você foi a raiz dessa árvore. Eu não teria me sustentado nesta jornada se não fosse pela força e pela motivação que você incansavelmente me ofereceu, durante todo o processo de criação. Obrigado por abrir um espaço entre suas inúmeras leituras e ler o meu livro, por acreditar nele e me empurrar para frente quando os obstáculos me faziam fraquejar. Você é a amiga que todos querem ter.

Todo processo de escrita exige conhecimento e pesquisas.

Ricardo Budim, sem a sua ajuda técnica eu jamais teria dado vida a uma personagem tão sensível, determinada e sagaz quanto Agatha Manfred. Obrigado por dividir comigo seus conhecimentos profissionais em iridologia e por não hesitar em responder todas as vezes que recebia uma mensagem com uma nova dúvida. A presença dessa personagem é uma simples homenagem a você e ao seu trabalho. Sucesso sempre.

Um livro não se faz sozinho. Foi necessária a ajuda de alguns profissionais que acabaram se tornando verdadeiros amigos.

Quero agradecer a excelente revisão da “Vasconcellos Revisa”, por Célia Regina de Vasconcellos Oliveira que não só se mostrou uma excelente profissional como também uma amiga querida.

À editora Skull, por acreditar nesta história e entender que ela merecia uma segunda chance, tornando-a ainda mais bonita. Fernando Luiz obrigado não somente pela amizade como, pelo excelente trabalho profissional e por toda a dedicação comigo e com o meu livro.

Aos amigos, Renata Maggessi pelo excelente e emocionante prefácio, Eudes C. Cruz do Blog Tomo Literário e Fernando Siqueira Francisco do Blog sábio leitor pelos comentários incríveis na orelha desta edição. Amizade como a de vocês são as melhores conquistas que a escrita me proporcionou.

Tatiana Leonardi, obrigado por me aguentar horas e horas falando sobre o livro e pelos indescritíveis *books teaser* e *book trailer*. Você tornou visual a minha obra.

Quero agradecer também à *Horus RM Auditoria e Consultoria* por patrocinar e embarcar comigo nessa viagem. Em especial a Miguel Affonso Gentile por toda a confiança e dedicação comigo, por abraçar esse projeto e me presentear com a sua amizade; e a Renata Velozo por todas as longas conversas, por tantos planos e ideais, por toda força, determinação e cumplicidade. Sou eternamente grato a vocês.

Aos leitores que dedicaram um instante de seu tempo lendo *Teu pecado*, que votaram e permitiram que ele recebesse o primeiro lugar no prêmio “Belas Artes da Literatura de 2018”, a todos os elogios recebidos, resenhas, comentários, o meu mais sincero agradecimento!

**Wellington Budim**

